

# Itaytera

N.º 30

1986

## O POÇO DA ESCADA

Acima do Crato, nas encostas da Serra do Araripe, encontram-se as nascentes dos rios Grangeiro e Batateira. Essas duas correntes, que nunca secaram, vão se reunir no Buriti; refrescam as terras escuras dos brejos do Cariri. Venho me referir ao primeiro, que me foi muito familiar na meninice. Em sua saída vem regando diversos sítios, distribuído em levadas. Uma dessas levadas, correndo em bicas de madeira, aciona os degraus da roda do engenho-d'água de "Seu" Nelson (Nelson da Franca Alencar), no Lameiro.

Ao cortar a estrada, já próximo ao Crato, no sítio Sossego, tomava o nome de Rio das Piabas, onde havia uma cerca de pedra que d'ziam ter servido de trincheira nos encontros dos cabras de Pinto Madeira com as forças que defendiam a cidade. Em seguida, coleava pelos fundos da Casa de Caridade, refrescando os imbuzeiros do quintal da casa de Felismino Peixoto, homem irracioso, que dava carreira nos meninos, pegados de surpresa, tirando os doces frutos.

Logo adiante, por debaixo dos altos e sombrios ingazeiros, entre as pedras, um pequeno poço, onde os homens se banhavam nus, à vontade. Corria encostado aos talhados vermelhos e altos, resultantes de um corte brusco da Serra da Misericórdia. Mais embaixo, o banheiro das mulheres, oculto pelas saias-de-cunhã, unha-de-gato e outros arbustos de folhagem densa.

O caminho do banheiro dos homens passava perto. Mas aí daquele que fosse pegado olhando as banhistas, por entre a espessa folhagem das moitas fechadas. Continuando o seu curso, o Rio das Piabas banhava os fundos dos quintais da Rua da Pedra-Lavrada, até a sua passagem por baixo da ponte do Seminário. O Crato tomava banho, das cinco às oito horas da manhã, quando as lavadeiras iam chegando para tomar conta das pedras, onde batiam roupa. Ao meio-dia, já ninguém se entendia mais, com a falaria e os batecuns dos panos nas pedras, realizados por centenas de braços. Durante a semana, as águas diminuíam. Eram desviadas para regar os sítios. Aos sábados, subiam soldados e abriam as represas. O lugar do banheiro dos homens se chamava Poço da Escada.

(Crônica de Paulo Elpidio de Menezes, em seu livro O CRATO DE MEU TEMPO, Coleção Alagadiço Novo, Imprensa Universitária do Ceará, em 1985. O autor relembra o Crato de 1896 — há 90 anos, quando o deixou. A casa de seu Felismino Peixoto, citada, é, hoje, o Abrigo da Velhice Abandonada. O poço da Escada fica em frente ao atual quartel do Tiro de Guerra do Crato).

Instituto Cultural do Cariri  
CRATO • CEARÁ

# Prefeitura Municipal de Assaré

Ao circular mais um número da  
vitoriosa revista ITAYTERA, o  
maior veículo de difusão cultural  
do Cariri,

O Governo e o Povo de Assaré trazem  
a sua calorosa saudação de amizade  
e de apoio ao ICC, manifestando a  
sua admiração pela obra que ele vem  
realizando há 3 décadas.

Administração :

## Pedro Gonçalves de Oliveira





# ITAYTERA

Órgão do Instituto Cultural do Cariri  
N.º 30 — CRATO - CEARÁ — 1986

## Presidente do ICC:

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

## Diretor de ITAYTERA:

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

Redação:

Praça Juarez Távora Nº 950

CEP: 63.100 — CRATO - CEARÁ

Os artigos, estudos e conceitos aqui publicados são de responsabilidade dos autores.

Aceita-se permuta com publicações congêneres.

Os originais não serão devolvidos.

## Diretoria do ICC

Período de Dezembro de 1983  
a dezembro de 1985

### Presidente:

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

### Vice Presidente:

JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA

### Secretário Geral:

FRANCISCO HUBERTO E. CABRAL

### Secretário:

JURANDY TEMÓTEO DE SOUZA

### Tesoureiro:

ANTONIO CORREIA COELHO

### Comissão da Revista ITAYTERA

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA

FRANCISCO HUBERTO E. CABRAL

JOSÉ PEIXOTO DE ALENCAR CORTÉZ

### Comissão de Ciências, Letras e Artes

JÉFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUZA

PLÁCIDO CIDADE NUVENS

FRANCISCO DE ASSIS BRITO

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

### Comissão de Sindicâncias

ELOI TELES DE MORAIS

JÓSIÓ DE ALENCAR ARARIPE

ANTÔNIO NIRSON MONTEIRO

PE. ANTÔNIO TEODÓSIO NUNES

# Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri

## SECÇÃO DE LETRAS

- 1 - PATRONO - Pe. Dr. José Antonio Maria Ibiapina  
OCUPANTE: João Lindemberg de Aquino
  - 2 - PATRONO - Bruno de Menezes  
OCUPANTE: Dr. Raimundo de Oliveira Borges
  - 3 - PATRONO - José Alves de Figueiredo  
OCUPANTE: Pe. Neri Feitosa
  - 4 - PATRONO - Alexandre Arraes de Alencar  
OCUPANTE: Edméia Arraes de Alencar
  - 5 - PATRONO - Mons. Pedro Esmeraldo da Silva  
OCUPANTE: Vaga
  - 6 - PATRONO - Dr. Irineu Nogueira Pinheiro  
OCUPANTE: Pe. Antônio Gomes de Araujo
  - 7 - PATRONO - Antônio Barbosa de Freitas  
OCUPANTE: Vaga
  - 8 - PATRONO - Álvaro Bomilcar da Cunha  
OCUPANTE: Dr. José Newton Alves de Sousa
  - 9 - PATRONO - Dom Francisco de Assis Pires  
OCUPANTE: Prof. Rubens Gondim Lóssio
  - 10 - PATRONO - Pe. Emídio Leite Cabral  
OCUPANTE: Thomé Cabral dos Santos
  - 11 - PATRONO - Raimundo Gomes de Matos  
OCUPANTE: Pedro Gomes de Matos
  - 12 - PATRONO - Leandro Bezerra Montelero  
OCUPANTE: General Raimundo Teles Pinheiro
  - 13 - PATRONO - Dr. Otacilio Macedo  
OCUPANTE: Cláudio Martins
  - 14 - PATRONO - Manoel Rodrigues Monteiro  
OCUPANTE: F. S. Nascimento
  - 15 - PATRONO - Dr. Leandro Chaves Ratisbona  
OCUPANTE: Vaga
  - 16 - PATRONO - Pe. Francisco Pitta  
OCUPANTE: Aécio Feitosa
  - 17 - PATRONO - João Brígido dos Santos  
OCUPANTE: Nertan Macedo de Alcântara
  - 18 - PATRONO - Raimundo Monte Arraes  
OCUPANTE: Vaga
  - 19 - PATRONO - José Alves de Figueiredo Filho  
OCUPANTE: Mozart Soriano Aderaldo
  - 20 - PATRONO - Senador José Martiniano de Alencar  
OCUPANTE: Vaga
- ## SECÇÃO DE CIÊNCIAS
- 1 - PATRONO - Dr. Barreto Sampaio  
OCUPANTE: Dr. Napoleão Tavares Neves

# Meio Século em Impressos

A Tipografia e Papelaria do Cariri, antes denominada Tipografia Cariri, teve seu início em 22 de janeiro de 1937, adquirida por compra ao Sr. Raimundo Maia Lima, conhecido por *Mainha*, funcionando na rua Santos Dumont nº 61 (antiga rua Formosa).

Os adquirentes foram os irmãos Antônio e Pedro de Carvalho Maia. Anos depois, Antônio vendeu sua parte a Pedro, que ficou à frente da mesma até 1944, quando faleceu, a 6 de fevereiro desse ano, continuando a firma sempre em atividade, dirigida pela viúva, a Sra. Conceição Romão Maia.

Em 1941, a Tipografia passou a funcionar na Rua Dr. João Pessoa, 112, ainda com a administração de D. Conceição, até maio de 1945, pois a 31 desse mesmo mês, casou-se com o sobrinho do seu falecido esposo, o Sr. Raimundo Pires Maia, ficando então ambos na direção da Empresa.

O Sr. Raimundo Pires Maia deu novo impulso à firma, conseguindo a aquisição de equipamentos importados, por intermédio do Banco do Brasil, sendo portanto a pioneira nesse setor no interior do Estado.

Novamente voltou d. Conceição a administrar a Tipografia, por motivo da morte do Sr. Raimundo, seu marido, em 31 de novembro de 1979.

Convém salientar que muitos operários que ainda hoje militam nas oficinas, iniciaram suas atividades desde sua fundação, entre eles, Vicente Feitosa, Adebalo Carvalho e José Veloso.

Com a evolução dos tempos, o maquinismo antigo foi cedido a outras empresas, aliás em bom estado de conservação, inclusive ao Círculo Operário de Barbalha.

O Sr. Raimundo Pires Maia, ao desaparecer do nosso meio, deixou um sólido patrimônio, hoje administrado com esforço e eficiência pelas filhas Maria Lúcia Maia Landim e Maria Aglaêda Maia Serra e Silva que, ao lado da mãe, prosseguem levando avante a tradição de muitos anos de luta e sacrifícios.

Era o Sr. Raimundo Pires Maia um empresário estimado por todos os que o conheciam, particularmente pelos seus operários, com os quais partilhava de seu sucesso.

A Tipografia e Papelaria do Cariri dispõe hoje de selecionado corpo de empregados, acrescida com um setor de livros para escritórios, artigos escolares, revistas, e continuando com a seção de impressos atendendo a toda região do sul do Estado e vizinhanças.

## OUTRA ETAPA VENCIDA

A revista ITAYTERA, órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri, vence, com o presente número 30, que ora se lança à circulação, outra importante etapa de sua existência. Para tanto, foram necessários mais sacrifícios, mais descobrimentos de ação, mais esforço, mais tenacidade.

É sempre assim.

O panorama de apoio à cultura, neste país, ainda sofre o percalços de vícios antigos, de uma mentalidade que ainda não assimilou a necessidade de apoiar-se as atividades culturais. Isso tem sido há gerações, e somente agora, com os incentivos criados pelo governo federal, para investimentos em cultura, vislumbra-se uma luz no fim do tunel.

ITAYTERA não poderia escapar às contingências das dificuldades materiais que pairam sobre todas as publicações culturais desta Nação.

Lutando com dificuldades, vencendo percalços, chegando, inclusive, a implorar anúncios — triste realidade! — só assim pode circular todos os anos.

No ano de 85, por uma larga visão do Secretário de Cultura, Joaryvar Macedo, teve sua edição impressa na Imprensa Oficial do Estado do Ceará, com o patrocínio daquela Secretária. Foi uma ajuda, que proclamamos alto e bom som.

Mas tecnicamente é impossível que essa ajuda se repita amiudadamente, sabidas as precárias condições das finanças do Estado.

Por isso, no presente número 30, voltamos ao sistema antigo: publicar em Crato mesmo, arrostando todas as dificuldades.

A bancada federal do Ceará quase não nos tem contemplado com recursos, os poucos destinados têm aplicação programadas, para bolsas de estudos, setor ainda não exercitado pelo Instituto Cultural do Cariri. Por isso, nem sequer foram requeridas, pois além de não termos esse tipo de intercâmbio, os recursos destinados a ele foram muito minguados.

O Instituto Cultural do Cariri pode vangloriar-se de estar vencendo, ou melhor, sobrevivendo, em meio a tantas dificuldades. Não somos pessimistas — se assim o fôssemos, de há muito teríamos deixado de lado uma luta que envolve tanta teimosia, abnegação e dedicação. Mas também não somos triunfalistas.

Enxergamos e proclamamos o rol imenso de dificuldades que temos encontrado, para palmilhar tão dura estrada, que escolhemos em 1953, quando fundamos esta entidade. O ICC tem 36 anos

A ITAYTERA, vinda depois, completa 30 anos. 30 publicações anuais. Um tanto madura na cidade, ela tem, todavia, o viço da mocidade e a esperança de um futuro melhor na sua caminhada. Para usar um termo hoje muito em voga, repetimos: "Tem de dar certo". É a nossa esperança.



## Correspondência Recebida

---

Meu caro Lindemberg:

Apesar de me ter desgarrado, na aurora da vida, desse solo sagrado do Crato, onde nasci, a sua lembrança me tem acompanhado, indelével, vida e mundo afora, pelas sendas sem fim aonde me tem levado o munus da vocação que abraçou. Lembrança emoldurada pelas figuras históricas que aí viveram suas gestas; modulada pelos ecos das sagas dos seus heróis e mártires, que vincaram profundamente o perfil da nossa pátria; e esmeraldada pelo vulto inconfundível da sempre verdejante Chapada — molde e componente essencial da psique de todo o Cratense — e que o não seria autenticamente sem êle.

Entre as memórias da minha meninice fugaz, que já começam a se adensar com a idade, está a da sua pessoa e do seu nome, que ouvia repetido a miúdo no seio da família, devido à amizade que o ligava aos meus irmãos.

Aproveitando o ensejo da sua correspondência com a minha veneranda e ainda bem alerta progenitora, quero dirigir-lhe palavras de encômio e de incentivo à sua sacrificada tarefa de promover o desenvolvimento regional da nossa terra. Missão esta tão descuidada no Brasil de hoje, com vezos de grande potência — agora revelada temporã e falida — que não soube primeiro atacar com decisão a base essencialmente local de toda grandeza nacional de como se desenvolveu a nossa civilização ocidental à base da autêntica. Foi esquecida a evidência histórica mais elementar, autonomia e crescimento locais, balizas da Europa feudal.

Esperamos que a Nova República se conscientize desta filosofia; e depois do fracasso do Brasil-Grande, enverede resolutamente pelo modelo dos Mini-Brasís, que formam, em todo este quase-continente, a alma da nossa pátria.

Por coincidência, ontem mesmo o Presidente Sarney assinou o ambicioso decreto que talvez marque o início da redenção do Nordeste, sob o signo do desenvolvimento local: este que foi, incidentalmente, uma das preocupações constantes do seu ilustre e inesquecível filho, Raimundo de Monte Arraes.

Oxalá nesta nova fase de esperança que se inicia para o Nordeste, o seu nome, Lindemberg, constitua uma peça importante no plano de conjunto, lembrado que certamente será (e como todos nós aqui o desejamos), pelas autoridades responsáveis pela sua implantação.

Achei extremamente interessante as Armas da Cidade, bem como o hino do Crato. Gostaria muitíssimo se pudesse conseguir-me a partitura do mesmo.

Virgílio manda lembranças. E com um grande abraço vão o afeto e a admiração deste Cratense, de raízes e de coração,



# Teatro cearense perde o ensaísta Waldemar Garcia

Marco da moderna dramaturgia cearense, espírito inovador, personalidade irrequieta e ensaiador de expressivos nomes de teatro que despontaram no cenário artístico nacional, Waldemar Garcia morreu no Hospital Geral de Fortaleza, às 21 h 30 min, da noite de segunda feira de uma doença cardíaca em estado evolutivo. Nascido na cidade do Crato, em 24 de dezembro de 1910, Waldemar Garcia inicia a sua trajetória artística com a direção da peça "Amor e Pátria", de Joaquim M. de Macedo. Ainda na sua cidade natal ele encena "Iaiá Boneca", de Ernani Fornari, "Maria Cachucha", de Joraci Camargo, "Vila Rica" de R. Magalhães Jr., e pela primeira vez "O Mártir do Calvário", de Eduardo Garrido, espetáculo por ele encenado até a década de sessenta, considerado pelo ensaísta como o seu recreio espiritual.

No final dos anos quarenta, o artista se transfere para a capital fundando em 1949, o primeiro Teatro Universitário na Universidade Federal do Ceará. Antes de Waldemar Garcia o teatro que se fazia em Fortaleza era oriundo da periferia e dos Círculos Operários. O ensaísta consegue trazer a arte cênica para o âmbito da universidade e formar novos elencos compostos de estudantes da instituição. Ao mesmo tempo, ele consegue dar uma nova força expressiva ao repertório teatral quando ele enriquece a cena até então composta de burlescas e comédias leves, inserindo uma dramaturgia brasileira e cearense de teor mais marcante e de características mais psicológicas.

Exímio ensaiador, ele conseguia arrancar dos atores uma total expressividade vocal, e aqueles que trabalharam com o ensaísta tinham uma grande variação e versatilidade na transmissão da literatura teatral. Nomes de significativa expressão no cenário artístico nacional, como B. de Paiva, Emiliano Queiroz, Aderbal Júnior, e outros que prefeririam continuar a enriquecer a cena cearense como Edilson Soares, Ricardo Guilherme, Ary Sherlock, Lourdinha Falcão, Zulene Martins, João Falcão passaram pela garra e nível de exigência de Waldemar. No movimento de teatro Amador nacional o ator cearense é reconhecidamente de boa dicção. Muito se deve a Waldemar, diz Ricardo Guilherme, pois para ele o bom ator tinha que falar bem articulado e em tão bom tom que o surdo da última fila deveria ouvi-lo muito bem.

---

forçado pela vida a um inconformado exílio, na esperança sempre provisório.

*Pe. Francisco Arraes*

## "LAPIDAVA NA BASE DO CINZEL"

O atual diretor do Curso de Arte Dramática da UFC, Edilson Soares, também começou, como muitos outros com Waldemar. E segundo ele, o artista arrancava o trabalho do ator na base do cinzel. Waldemar no entanto, fazia uma direção marcada com características muito pessoais. Manoel Eduardo Pinheiro Campos, diz entretanto que Waldemar Garcia foi uma figura curiosa, e ao mesmo tempo interessada pela vida do teatro do Ceará. O escritor fez a sua primeira experiência com a direção de Waldemar na peça "Os Deserdados". Afirma o dramaturgo ser o diretor muito exigente em relação a marca do espetáculo, porém acessível em aceitas idéias ou sugestões que lhe parecessem razoáveis.

Ele era preciso, a palavra é exatamente essa, segundo Ricardo Guilherme, no que tange à perfeição do seu trabalho, principalmente, no sentido dos recursos vocais. Porém, sua personalidade era forte e mordaz. Extremamente crítico da sua força de análise pessoal dos que compõem o teatro cearense, vários foram aqueles que não escaparam do humor de Waldemar. Quando ele gostava de uma peça era capaz de assistir a toda temporada marcando lugar numa das primeiras filas. Se o espetáculo não caísse no seu agrado ele era da mesma forma sistematicamente impiedoso.

## PINTOR, PIANISTA E CARICATURISTA

Tudo nele era forte e muito pessoal, segundo o amigo Evaldo Costa Barreto, que o acompanhava há uns 15 anos, principalmente, quando Waldemar passou a residir no Edifício Jalcy. A amizade veio dos laços familiares no Crato, "Waldemar tinha uma personalidade muito depressiva. E depois da primeira trombose, há uns três anos, quando ele foi forçado a deixar de tocar piano, ficou cada vez mais recluso, não querendo saber de nada que se relacionasse com arte".

Para um músico contratado pela UFC para acompanhar os exercícios de expressão corporal do CAD e considerado um exímio pianista, deixar de dominar o instrumento lhe deu uma amarga frustração. A trombose também levou-o a abandonar os pincéis que lhe serviram de companhia durante boa parte da sua vida. Tanto que, na cidade natal o afresco pintado na cúpula da Matriz do Crato é de sua autoria.

No teatro sua contribuição atinge diversos limites na concepção cênica. Pois, além de ensaísta, revelou-se como um dos bons caricaturistas da ribalta cearense. "O autodidata morre, mas deixa como legado uma experiência de profundas marcas que orientarão os novos atores no fazer teatral do Ceará", finaliza Graças Freitas, presidente da Federação Estadual de Teatro Amador.

"O POVO", 27 de fevereiro de 1985

# Mons. Edmilson Macedo

---

## Fala Sobre a ITAYTERA

---

O conhecido sacerdote caririense, Mons. Edmilson Macedo, vigário de Brotas, Salvador, professor em colégios católicos daquela capital e secretário e assessor especial do Cardeal Primaz, D. Avelar Brandão Vilela, escreveu a seguinte carta, dirigida ao Jornalista J. Lindemberg de Aquino, Presidente do Instituto Cultural do Cariri:

"Prezado Lindemberg. Paz!

Ainda em São Paulo, depois de tomar parte na Assembléia Geral da CNBB, mando-lhe um abraço de felicitações pela edição do último número da nossa apreciada revista ITAYTERA. Li, com atenção e sempre renovada alegria, as crônicas e artigos, poesias e comentários que enriquecem a revista, dando-lhe um caráter marcadamente regional.

A Família Saraiva, nos estudos genealógicos do Professor Joaryvar Macedo e em sua alocução, ao ensejo da convenção realizada em Crato, mereceu, de minha parte, maior interesse.

Sempre leio ITAYTERA com a satisfação de quem retorna às fontes e se reencontra com nossa terra e nossa gente, de que o órgão oficial do Instituto é a mais representativa expressão cultural.

Tenho vindo a Itaiçi nestes últimos 4 anos, período que compreende o desempenho de minha missão como Presidente da Comissão Regional do Clero junto à C.N.B.B. E tem sido, ao mesmo tempo, preciosa ocasião de estar, demoradamente, com o Sr. Bispo Diocesano do Crato, Dom Vicente Matos, e com nosso antigo Reitor, Dom Newton Gurgel, pastores a quem muito devem a Diocese do Crato e a região do Cariri.

Voltando a ITAYTERA: a Presidência do ICC está de parabéns.

Um abraço fraternal do Pe. José Edimilson de Macedo".

# PE. FRANCISCO LIMEIRA DA SILVA

## NOTAS BIOGRÁFICAS

Natural da cidade de Icó, Estado do Ceará. Nasceu aos 27 de Novembro de 1913. Filho legítimo de Sebastião Custódio da Silva e Maria Niná Limeira da Silva.

Ordenou-se em S. Pedro do Cariri (hoje Caririagú), em 30 de Outubro de 1938, tendo celebrado sua 1ª. missa em 1º. de Novembro do mesmo ano.

Fez seu Seminário Menor na cidade do Crato e o Maior em Fortaleza.

Foi nomeado Vigário de sua cidade Natal (Icó), por Dom Francisco de Assis Pires, segundo Bispo do Crato, em 18 de Julho de 1952. Tomou posse aos 27 de Julho de 1952, por ocasião da missa Dominical.

Com um espaço de tempo muito curto (1952-1955), ainda realizou grandes melhoramentos nas Igrejas. Cuidava também com carinho do rebanho que lhe fora confiado. Foi, durante o seu exercício como Vigário, que Icó recebeu a visita de Nossa Senhora de Fátima de Portugal, em 20 de novembro de 1953. Este evento deixou no coração dos paroquianos uma demonstração de como ele era cheio de fé. Com entusiasmo e brilhantismo, preparou uma festa que emocionou a todos que a assistiram. Para recepção houve uma magna preparação nos municípios e na cidade, a imagem era recebida com a celebração de um terço em família, cinco meses consecutivos.

Como seminarista, sempre era convidado no período de férias pelo Pe. Francisco das Chagas Barros, seu conterrâneo, Vigário naquela época em S. Pedro do Cariri, para ajudar nos serviços pastorais.

Na cidade de Crato foi onde mais se salientou sua ação: economista e professor das cadeiras de: Latim, Grego, Matemática, História Universal e outras no Seminário S. José. Em prol do desenvolvimento do Seminário, sacrificou muitas vezes suas férias. Com o intuito de favorecer um melhor bem estar aos Seminaristas, fazia até criações de porcos, galinhas, pombos...

Na parte de construções, também se dedicou, edificando casas da (O. V. S.) Obra das Vocações Sacerdotais localizadas no bairro do Seminário do Crato, Vila Jubilar, Rua Dom Quintino e outros.

Com estes feitos, mostrou-nos que foi um sacerdote dinâmico e realmente vocacionado.

Sua vida foi muito curta, pois, Deus o chamou com apenas 41 anos de idade, sendo 16 a serviço da Igreja. Faleceu em 02 de Maio de 1955, em sua Terra Natal...

# GOVERNO CRIA INCENTIVOS PARA INVESTIMENTOS NA CULTURA

Foi bem recebida, por toda a Nação, a medida do Presidente José Sarney, criando o "pacote cultural" em que se instituem incentivos diversos para empresas, empresários e instituições que queiram investir no setor da Cultura.

Incentivos especiais serão concedidos, no Imposto de Renda, para todo aquele que ajuda a instituições culturais, ajudar a adquirir obras de arte, publicações de livros e revistas de arte e cultura, manter museus, instituições científicas, ajudar no folclore, etc.

O reflexo imediato dessas providências vai surgir logo e esperamos que o empresariado local se habilite a esses incentivos, ajudando o Instituto Cultural do Cariri.

Temos no ICC a mais antiga instituição de caráter eminentemente cultural, funcionando em Crato. Instituição que tem amargado anos a fio de dificuldades, com a falta de verbas e injeção de recursos para que ela possa cumprir suas finalidades.

Setores que mantemos como o CLUBE DOS AMIGOS DO FOLCLORE vivem praticamente paralisados, à falta de recursos. O CAF precisa de estantes, de guarda-roupas para armazenar documentários e roupa folclórica, instrumentais folclóricos, etc. Precisa de aparelhagem para documentação audio-visual do que que resta do nosso folclore. Precisa de verbas para ajudar a manutenção dos conjuntos folclóricos, antes que se extingam. Precisa de dinheiro para ampliar sua Biblioteca especializada em folclore e continuar a coleção de literatura de cordel e promover encontros, debates, publicações, tudo sobre a atividade folclórica.

A Biblioteca Antonio de Alencar Araripe, mantida pelo ICC, mais de 3 mil volumes, não tem atendimento adequado, à falta de recursos para treinamento e manutenção de bibliotecária diplomada, catalogação correta dos livros e publicações, atualização do fichário e funcionamento inclusive à noite, dentro dos moldes das Bibliotecas modernas. Faltam recursos para tanto.

Os Museus da cidade vivem em estado de precariedade, à falta de maiores incentivos. Até uma publicação, como a ITAY-TERA, tem de se valer de favores de anúncios comerciais, publicados em suas páginas, para sobreviver.

Esperamos que agora, com o novo pacote cultural, possa essa situação ser revertida, em benefício do crescimento cultural da Nação. Por isso que aplaudimos a iniciativa do Presidente José Sarney, tornada realidade em 4 de Junho último, quando sancionou importante lei, disciplinando as ajudas à Cultura e os incentivos do governo, que elas terão.

Juazeiro Industrial  
de Alumínios  
JOYAL Ltda.

INDÚSTRIA PIONEIRA NO CARIRI NA  
FABRICAÇÃO DE PEÇAS DE ALUMÍNIO  
PARA UTILIDADE DOMÉSTICA

---

Juazeiro Industrial  
de Alumínios  
JOYAL Ltda.

**RUA PADRE PEDRO RIBEIRO Nº 517/521 (Centro)**

TELEFONE : 511-4329

JUAZEIRO DO NORTE

—

CEARÁ





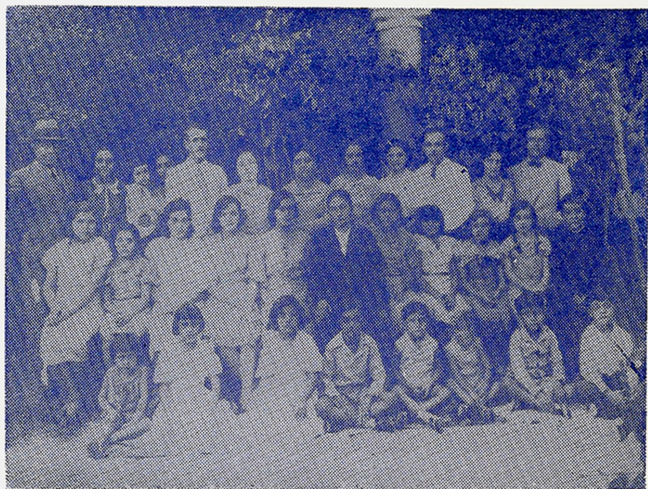
Família Arraes de Alencar - ARARIPE, 1900  
Edite - D. Silvinha (Centro) Alexandre, Lia e Benigna. Os





8 - Da esquerda para a direita. Alice, Antonio, José (Du)  
filhos de D. Silvinha, faltando o mais moço, Miguel.





FAMÍLIA ARRAES DE ALENCAR - CRATO, 1934 - Em pé, da esquerda para a direita : Alexandre Arraes, Noemi Arraes, Teresinha com Maria, José Almino, Benigna, Lia, Alice, Elizabeth, Miguel, Edite e José Alencar Albuquerque. Sentados em cadeiras: Alda, Eldenora, Aline, Maria Alice, Anilda, D. Silvinha, Edméia, Silvinha, Lais, Ivone e Antônio Almino. Sentados no chão: Emanuel, Almina, Violeta, José Almino, Miguel Newton, Murilo, Miguel Edson e Antoni Arraes.



# GENEALOGIA DE PARTE DA FAMILIA ARRAES

DESDE AS ORIGENS MEDIEVAIS ATÉ ALFREDO  
PEQUENO DE ARRAES ALENCAR, DE NOSSOS DIAS

"A Genealogia é algo muito sério, em que a verdade não deve, a serviço de pueris interesses ou vaidades, permanecer encoberta".

*Francisco de Paula Mayrink Lessa*

"Nenhuma Genealogia no mundo pode ser completa".

Idem.

Desde os princípios da humanidade, a família cultuou seus mortos, considerando-os divindades tutelares.

## P R E Â M B U L O

Tem origem este pequeno trabalho em informações deixadas por meu pai, José Arraes de Alencar.

Amou meu pai, em extremo, à família (no sentido mais amplo), o que mostrou, não só por palavras, mas, sobretudo, com atos. Embora cedo apartado da terra natal, conservou, toda a vida, o orgulho de suas raízes.

Animado deste sentimento, empenhou-se, anos a fio, em coligir dados sobre a genealogia da família. Obtinha-os, pacientemente, através de correspondência, cuja resposta, as mais das vezes, chegava-lhe em manuscrito. Logo datilografava as cartas, por extensas que fossem, para melhor conservá-las. É um portador expressivo de meticulosidade e ordem com que se havia em todos os seus trabalhos. Infelizmente, a doença não lhe permitiu concluir a tarefa a que se entregava com tanto desvelo.

Do manuseio desse pequeno acervo genealógico, ocorreu-me que devia aproveitá-lo, de algum modo, para que não resultasse inútil todo o trabalho que meu pai nele empregou.

Não me propuz fazer genealogia completa, mas, tão somente, utilizando parte do material, procurar minha ascendência direta, pelo ramo de meu avô paterno, Miguel Sobrinho, com ligeiras incursões em alguns ramos colaterais. Nada obstante, poderão os parentes interessados procurar, com um pouco de esforço, a junção de suas linhas ascendentes ou descendentes com os ramos aqui postos em realce, e, destarte, localizar-se no emaranhado de vetusta árvore. Muito menos, cogitei, por ora, da ascendência "Alencar", de minha avó paterna, Maria Silvinha de Alencar Arraes, genealogia sobre a qual há dados mais completos e muito mais numerosos, o que a torna mais complexa.

Temos aqui apenas um núcleo compacto, uma primeira aproximação. Pede maior desenvolvimento. Poderá fazê-lo parente de maior capacidade e disposição. Não será em vão o trabalho. Será bom para os mais jovens, não vão crer que o mundo nasceu com eles e que flutuem desligados de quaisquer raízes. Para a formação do caráter, apontar-lhes-á a genealogia o modelo das figuras mais respeitáveis da crônica familiar e mesmo das mais simples, desde que foram o melhor que puderam ser, dentro das limitações do seu meio.

x x x x x

Destina-se este pequeno trabalho aos parentes que se interessam pelas tradições da família.

Quanto a erros e omissões, peço-lhes que m'os apontem.

Rio de Janeiro, 8 / 11 / 84

*Alfredo Pequeno de Arraes Alencar*

## I N T R O D U Ç Ã O

Tem a família Arraes suas origens conhecidas em Portugal, século XIV, com Fernão Arrais de Mendonça. Já existia a família antes desse remotíssimo ancestral, mas era lendária a sua genealogia. A partir de Fernão, registram-se muitos outros Arraes ilustres em Portugal.

Apareceu o nome Arraes na Bahia, em 1630, com Bernardo Cruz Arraes. Sabe-se, depois, de um Francisco da Cruz Arrais e seus três filhos formados em Coimbra, o último em 1661. Certamente eram parentes próximos, pela coincidência dos sobrenomes. Em 1695 encontramos Cristovão Mendonça Arraes em Pernambuco.

Mas deles não se conhece a descendência.

Finalmente, na segunda metade do século XVIII, aparece na Bahia o primeiro Arraes com descendência conhecida até nós, geração por geração: Inácio Ricardo Arraes.

Seus filhos, entre outros, Gonçalo Ricardo Arraes e Joana Soares Arraes passaram para o Ceará (região do Cariri) e ali foram o tronco, respectivamente, de dois ramos da família: o primeiro, que veio até José Arraes de Alencar (meu pai) e descendentes; o segundo, até Edmilson Moreira Arraes e descendentes.

A terra-mãe, portanto, raiz próxima, da família Arraes, é o sul do Ceará, mais propriamente o Cariri.

## I

### ORIGEM DO NOME "ARRAES"

Provém do árabe RAHS (também RAS, RAHÇ ou RAIÇ), com forma ulterior de RAIZ e, nessa língua, significa o *chefe*, o *príncipe*. Com a anteposição do artigo árabe "al", tivemos AL-RAIZ. A incorporação do artigo ao nome, com a assimilação regressiva do L ao R, gerou ARRAIZ, que passou ao português como ARRAIS.

Prossigamos. O árabe RAIZ deriva do hebraico ROSH, nome de semântica muito rica, pois, designando de início a *cabeça*, passou a significar o chefe, o principal, o patriarca, o ponto culminante, a capital, o princípio e tudo o que está em posição preeminente (na hierarquia, no espaço, no tempo), tal como a cabeça em relação ao corpo.

Logo, ARRAES, segundo o seu ancestral hebraico, é o *príncipe*, o *principal*.

Conforme o árabe, mais próximo, é o *chefe*, o *príncipe*.

Na passagem do árabe para o português ocorreu uma translação de sentido. Por serem os portugueses povo navegador, ARRAIS passou a significar o comandante do navio. Com o correr do tempo, como a acompanhar a progressiva decadência do poderio naval lusitano, passou a palavra "arrais" a significar "aquele que comanda um barco, patrão de lancha", como consigna Cândido de Figueiredo. O nome, pois, é Arrais (com "i"). Não sabemos como se operou a passagem de Arais para Arraes, como usa atualmente a maioria da família. Não há voltar ao modo primitivo, de vez que a grafia Arraes já está consagrada nos livros de registro de nascimentos.

A origem de nosso nome aprendemo-la na magistral lição que nos dá José Arraes de Alencar, no seu "Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem — Distribuição da Livraria Acadêmica, Rio, 1964, pag. 53" e que se encontra, também, no "Vocabulário Latino — por famílias etimológicas — Filosofia e Poesia da Linguagem", 2ª. edição, Editor Borsoi, Rio, 1961, pag. 373.



E prossegue o eminentíssimo mestre da filologia, ensinando-nos que ao nome ARRAES foi reservada a alta dignidade de ser o primeiro da Bíblia, que assim se inicia:

"BERESHIT barah Elohim eth ha shamaim v eth ha arets"

"No *princípio* fez Deus o céu e a terra"

A palavra BERESHIT contém três elementos: be (em); resh (modificação eufônica de ROSH, a cabeça); e it (desinência do gênero feminino). No contexto da frase, BERESHIT significa "o princípio", sentido polissêmico do radical RESH, ou ROSH.

E por ser o hebraico ROSH, através do árabe RAIZ, a origem de ARRAES, foi este nome o primeiro que Deus escreveu, pela mão dos agiógrafos.

## II

### GENEALOGIA

Existe a família ARRAES pelo menos desde o século XIV, reinando em Castela D. Afonso XII e em Portugal, D. Afonso IV.

O bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gaio, dedicou à família Arrais os seguintes versos:

"Nove corações a par  
no que vale o preço mais  
são as armas dos Arrais  
valorosos pelo mar  
de África são naturais".

Tinham braço, que assim se descrevia: "As suas armas são: de vermelho, nove folhas de golfão de ouro. Timbre: meio selvagem de carnação, com um remo de ouro às costas".

São sugestivos os versos de D. Gaio:

"valorosos pelo mar,  
de África são naturais"

Realmente, membros da família Arrais "prestaram serviços em África" sabidamente desde o reinado de D. Afonso IV até o de D. João III (1325 a 1557).

É pois aceitável que a família tenha adotado o nome ARRAIS após lutas vitoriosas contra os mouros da África. Seria uma forma de anunciar aos árabes, na própria língua destes, que eles eram os ARRAIS, os *chefes*, a quem deviam submissão. Da África, portanto, proviria o nome. Cabe cogitar-se, também, que lá tivessem combatido por mais de uma geração, voltando, pois, como "naturais".

O mais antigo Arraes a aparecer em um registro histórico foi Fernão Arrais de Mendonça, que figura na "Crônica de D. Afonso IV", de Rui de Pina.

A família, todavia, é mais antiga ainda, apenas sendo lendária a genealogia anterior aos registros do cronista.

Vejamos alguns nomes de Arraes ilustres em Portugal, desde inícios do século XIV.

— FERNÃO ARRAIS DE MENDONÇA — Era "fronteiro de Castela contra o Algarve", parecendo entender-se com isto que proviria da Espanha. O mais antigo Arrais, com registo histórico. Ver Rui de Pina, "Crônica de D. Afonso IV". Em 1337, tempo de Afonso IV em Portugal (1325 a 1357) e Afonso XII em Castela, penetrou Fernão no Algarve, estabelecendo-se em Castro Marim, após sangrenta luta com seus defensores.

Depois desse Arraes. Ignora-se quando a família passou-se para Portugal, mas sabe-se que ainda exercia influência no Algarve no tempo de D. João I (1385 a 1433).

Vários de seus membros foram fidalgos da Casa de D. Manoel I (1495 a 1521) e de D. João III (1521 a 1557).

— GONÇALO ARRAIS — Ainda no tempo de D. Manoel. Fez parte da esquadra que, em 1503, ficou estacionada no mar da Índia, sob o comando de Duarte Pacheco (o Pacheco fortíssimo, de Camões) — Lus. 1 — 14). Era nascido, vê-se, no século XV.

—Frei AMADOR ARRAIS (1530-1600) — Carmelita calçado, Bispo de Portalegre (Portugal). Conhecido clássico da literatura portuguesa, autor dos famosos "Diálogos". Orador sacro de elevada eloquência, foi tão grande a sua fama, que o rei D. Sebastião, depois de tê-lo ouvido, concedeu-lhe as honras de "pregador régio". Foi dos que contribuíram de sua fazenda para o resgate de prisioneiros de Alcácer-Quibir.

— DUARTE MADEIRA ARRAIS — Notável médico português. Publicou, em 1642, o célebre "Método de conhecer e curar o morbo gálico".

— LUIZ PINTO DE MENDONÇA ARRAIS — Primeiro Visconde de Valongo (1787-1859) Bacharel pela Universidade de Coimbra e Tenente-General. Tomou parte na Guerra Peninsular e nas lutas de D. Pedro I (Pedro IV, de Portugal), contra o regente D. Miguel (seu irmão), que lhe usurpara o trono (1831 e 1832). Exerceu altos cargos durante o reinado de D. Maria da Glória, inclusive o de governador dos Açores. Na sua qualidade de militar, esteve no Brasil, 1817 a 1823.

---

Sobre os Arrais em Portugal, dados na Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira — 3º volume. Outra fonte: Anuário Genealógico Latino, por Salvador de Moya — Vol. IX, Penúltimo, 1947, pag. 217.

— Suplemento da Revista Genealógica Latina,  
editados pelo Instituto Genealógico Brasileiro  
Rua Conselheiro Crispiniano 105, 6º and. conj. 61  
CEP 01037 — Tel. : 37-6210 — São Paulo

x x x x x

Muitos outros ilustres Arrais de Portugal poderiam ser citados. Não o fazemos, em obséquio à brevidade.

Desses Arrais de Portugal desconhecemos a descendência, geração por geração, tornando-se destarte impossível estabelecer-se a sua linhagem até nós.

Da mesma forma, isto é, sem conhecimento de suas linhagens, quer ascendentes, quer descendentes, temos notícia dos seguintes:

## A R R A E S

na Bahia, século XVII

— BERNARDO DA CRUZ ARRAES — Há em Salvador, Igreja da Palma (situada na ladeira da Palma), uma lápide, onde se lê que a capela de N. S. da Palma teve início por voto do Alferes Bernardo da Cruz Arracs, "que se achava enfermo no ano de 1630".

— Na lista dos estudantes brasileiros formados em Coimbra estão os três filhos de um FRANCISCO DA CRUZ ARRAIS:

— JERÔNIMO DA CRUZ ARRAIS — formado em 10/5/1650;

— TOMÉ DA CRUZ ARRAIS — formado em 3/10/1653; e

— VENTURA DA CRUZ ARRAIS — formado em 4/6/1661.

x x x x x

— CRISTÓVÃO DE MENDONÇA ARRAES — Foi guerreiro impávido. Como Sargento-Mor esteve combatendo nos Palmares, juntamente com Domingos Jorge Velho, a quem ajudou na vitória final, de 1695, contra o quilombo do zumbi *Gangazuma*. Em 1711 fez parte da junta governativa de Olinda. No posto de Mestre de Campo, foi um dos comandantes dos olindenses contra os "mascates", de Recife.

x x x x x

Ver : Hist. do Brasil, do Pe. Galanti — Ed. Duprat & Cia.,  
1902, S. Paulo, pags. 42 a 46 e 154 a 156 do 3º vol.  
Hist. do Brasil de A. Souto Mayer, pags. 162 e 163.  
Dic. de Hist. do Brasil, da Ed. Melhoramentos, pag. 59.

Tudo o que dissemos até o momento o foi sobre ARRAES dispersos pelos séculos, sem que possamos estabelecer os elos da corrente que os ligam até nós.

Referir-nos-emos adiante ao primeiro ARRAES de que se têm notícia com descendência conhecida até o autor destas notas, geração por geração.

Poderão os parentes observar, inclusive pela árvore genealógica anexa, que só tratei de minha linha ascendente direta, omitindo os colaterais. É que a extensão mínima que pretendi dar a este trabalho não me permitiu fazê-lo de outra maneira. Aos parentes que estiverem nos galhos colaterais, não lhes será difícil procurar o ponto de junção de suas linhas e completar o trabalho com suas próprias ramificações.

---

Como já vimos, a atual família Arraes tem suas raízes na Idade Média, no Algarve, com o remotíssimo ancestral, o belicoso Fernão Arrais de Mendonça, do início do século XIV.

Não conhecemos, é verdade, a linha contínua, espécie de elo perdido de uma família, a fazer o liame entre o bravo Fernão, o vitorioso de 1327, e a geração atual. E quimérico seria pretender descobrir laços encobertos pela desvanecedora passagem dos séculos. Mas eles existem, desde que ressurgem, tempos a tempos, na figura de avoengos ilustres, cujos nomes surgem à luz de registros esparsos, como ilhas emergentes, ligadas por cadeias submarinas, ocultas ao observador.

Temos notícia do primeiro ARRAES com descendência conhecida, na Bahia, em meados do séc. XVIII:

## INACIO RICARDO ARRAES

### O T R O N C O

É o primeiro que aparece depois do último formado em Coimbra, em 1661 (Ventura da Cruz Arraes). Por ser o primeiro com descendência conhecida é considerado o tronco da família.

Seu pai, cujo nome se desconhece, era piloto, na Bahia, em meados do século XVIII.

Com base na anexa árvore genealógica (ver folhas introdutórias), passo a mencionar a descendência direta dele, pelo meu ramo paterno, até a minha geração.

Meu pentavô — INÁCIO RICARDO ARRAES I (1)

— Bahia, meados do sec. XVIII.

Ignora-se o nome da mulher.

- tetravô — GONÇALO RICARDO ARRAES (5)  
 — Casou-se com Isabel Barrocas (6)  
 Veio para o Ceará, Saboeiro, sítio Caiçara do Rio Conceição, e, depois, para o sítio Macambira.
- trisavô — MANOEL RAIMUNDO ARRAES (11)  
 — Casou-se com Inácia Brasilina do Amor Divino, também chamada Inácia do Monte Alencar (12)
- bisavô — ISABEL BRASILINA ARRAES (14)  
 — Casou-se com José Inácio de Oliveira Maciel (13), da família Alencar Rodvalho.
- avô — MIGUEL ARRAES SOBRINHO (15)  
 — 1866 - 1908  
 Casou-se com Maria Silvinha de Alencar Arraes (16), 1869 - 1955.
- pai — JOSÉ ARRAES DE ALENCAR  
 — 1896 - 1978  
 Casou-se com Alda Pequeno de Arraes Alencar.
- ALFREDO PEQUENO DE ARRAES ALENCAR  
 — Autor destas notas.  
 Nascido em 1924.

Passemos a dizer o que se sabe sobre cada componente da árvore genealógica. Todos os dados foram colhidos do dossiê "Genealogia", composto de várias pastas, organizado por meu pai José Arraes de Alencar, após longa e paciente pesquisa que fez, baseada, sobretudo, em respostas a cartas dirigidas a parentes. De sua perseverança em tudo o que empreendia, meticulosidade e capacidade de trabalho, resultaram os elementos que me permitiram o presente levantamento.

x x x x x

## INÁCIO RICARDO ARRAES I (1)

### O T R O N C O

Meu pentavô.

Bahia, meados do sec. XVIII.

Seu pai, cujo nome se ignora, era piloto na Bahia.

Certamente, tinha *Inácio Ricardo Arraes* ligações de parentesco com outros Arraes encontrados na Bahia no século XVII (Bernardo da Cruz Arraes e Francisco da Cruz Arraes e seus filhos) e em Pernambuco (Cristovão Mendonça Arraes), focalizados linhas atrás.

E estes, por força, tinham suas raízes em Portugal, onde, através dos séculos (XIV ao XVII), localizamos Arraes ilustres, mencionados no início deste trabalho e que aqui repassamos à ligeira:

- Século XIV: Fernão, o "fronteiro contra o Algarve";  
e os influentes do Algarve.
- " XV: Outros, do Algarve;  
os fidalgos da casa de D. Manoel; e  
Gonçalo, o da esquadra de Duarte Pacheco.
- " XVI: Outros fidalgos de D. Manoel;  
fidalgos de D. João III; e  
frei Amador Arrais.
- " XVII: Duarte Madeira Arraes, o médico;  
e muitos outros.

Podemos afirmar, pois, que a atual família ARRAES, do Brasil, é a mesma que, em Portugal, aparece, documentadamente ("Crônica de D. Afonso IV", de Rui de Pina), no século XIV, com Fernão Arrais de Mendonça.

Isto estabelecido, voltemos a

#### *Inácio Ricardo Arraes*

As vezes aparece como Inácio Soares Arraes, que é, também, o nome de um neto seu (filho de Gonçalo Ricardo Arraes).  
Ignora-se o nome de sua mulher.

Teve cinco filhos:

- 1 — *Gonçalo Ricardo Arraes* (nº 5 da árvore genealógica).  
Tronco cearense, de quem descendem (através de três filhos),  
meu pai José Arraes de Alencar (de quem é trisavô),  
Virgílio de Albuquerque Arraes (de quem é trisavô também)  
e Raimundo de Monte Arraes (de quem é bisavô).
- 2 — *Joana Soares Arraes*, tronco feminino do Ceará, trisavô do  
Edmilson Moreira Arraes.
- 3 — *Antônio Soares Arraes*
- 4 — *Rita*
- 5 — *Joaquina*

Nada mais se sabe sobre Inácio, a não ser que morreu assassinado na Bahia.

## MANOEL DO MONTE FURTADO (2)

Meu pentavô  
pela linha de minha bisavó paterna (Isabel Brasilina Arraes (14)). Era êle, portanto, bisavô desta.

Meados do sec. XVIII. Coevo de meu outro pentavô — Inácio Ricardo Arraes (1), o tronco.

Ignora-se o nome dos pais.

Casou-se com Matilde Barbosa de Mesquita (3).

Foi pai de *Joaquim do Monte Furtado* (7).

Ergueu a fazenda Marçal, em Patrocínio, Piauí.

Ergueu a fazenda Marçal, em Patrocínio, Piauí. Há referências (de fonte desconhecida) a outros filhos do casal:

José do Monte, de Carnaúba;

Pe. Antonio do Monte, que foi para Minas;

Matilde: sobre esta (haveria esta filha?) ver registro nº 4. Não confundir com Matilde Barbosa de Mesquita (3), que seria sua mãe.

x x x x x

## MATILDE BARBOSA DE MESQUITA (3)

Minha pentavó.

Mulher do precedente. Nenhuma informação.

x x x x

## ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA ALENCAR (4)

O VELHO. Era português. Estabelecido em Jaguaribe (ou ele ou um descendente homônimo).

Outro pentavô.

Ignora-se o nome dos pais.

Pai de *Teresa Brasilina de Alencar* (8), minha tetravó pela linha paterna.

Seria casado com uma Matilde, que seria filha de seu contemporâneo Manoel do Monte Furtado. Ver registro nº 2.

Do casal nasceu certamente Teresa Brasilina de Alencar e, também, segundo nota existente (não sabemos se fidedigna), Inácio Caetano de Alencar Rodovalho (o tio) (10).



## MATILDE (4-A)

A mesma do nº 9.

Ver registros nos. 4 e 2.

Não confundir com Matilde Barbosa de Mesquita (3).

Seria filha de Manoel do Monte Furtado (2) e de

Matilde Barbosa de Mesquita (3)?

## GONÇALO RICARDO ARRAES (5)

Tronco cearense (porque, filho do tronco da Bahia, *Inácio Ricardo Arraes*, passou-se ao Ceará, aos 16 anos).

É ascendente comum de José Arraes de Alencar (meu pai), de Raimundo de Monte Arraes e de Virgílio de Albuquerque Arraes, como veremos adiante. Sua irmã, *Joana Soares Arraes*, foi ascendente (trisavó) de Edmilson Moreira Arraes, como veremos, em nota especial.

Meu tetravô.

Casou-se com Isabel Barrocas. (Há dúvidas sobre se este nome é mesmo da mulher deste 1º Gonçalo ou de algum descendente seu, homônimo).

Segundo a tradição, aos 12 anos perdeu o pai, assassinado na Bahia (por invejosos políticos). Aos 16 anos passou-se ao Ceará com seus quatro irmãos. Localizou-se no sítio Caiçara do Rio Conceição, no Saboeiro. Daí saiu Gonçalo para o sítio Macambira e, depois, para São Mateus, e, ainda, para Inhamuns, em 1809.

Teve 9 filhos (não estão por ordem de nascimento):

- Manoel Raimundo Arraes, meu *trisavó*, bisavô de meu pai José Arraes de Alencar;
- Alexandre José Arraes, bisavô de Virgílio de Albuquerque Arraes e avô de Raimundo de Monte Arraes;
- Gonçalo Ricardo Arraes (filho), também bisavô de Virgílio de Albuquerque Arraes;
- Raimundo de Barros Arraes
- Rita do Carmo Arraes
- Joaquina do Carmo Arraes
- Inácio Soares Arraes
- João Ricardo Arraes
- Antônio do Carmo Arraes.

Não relacionarei todos os filhos dos nove filhos, ou seja, todos os netos de Gonçalo Ricardo Arraes. É que não tenho intenção de fazer genealogia exaustiva. Seria trabalho longo demais, que não está em meus planos. Só me ocuparei de alguns filhos dos três primeiros filhos de Gonçalo, aqueles que são ascendentes diretos nossos e de nossos primos mais chegados.

x x x x x

— *Manoel Raimundo Arraes*, meu ascendente direto, bisavô de meu pai, José Arraes de Alencar;

— Ver o registro nº 11.

— *Alexandre José Arraes* casou-se, em primeiras núpcias, em São Mateus, hoje Jucá, na família Leite, havendo deste matrimônio, entre outros filhos, *Salvador de Albuquerque Arraes*, avô de VIRGÍLIO DE ALBUQUERQUE ARRAES (pai do padre Francisco e do violonista Virgílio — ver páginas atrás. Casou-se, pela segunda vez, com Rita Maria do Bonfim, da família Umbuzeiro, havendo deste segundo casamento, entre outros, *Nicolau Albuquerque Arraes*, pai de RAIMUNDO DE MONTE ARRAES. Foi Alexandre, pois, bisavô de Virgílio de Albuquerque Arraes e avô de Raimundo de Monte Arraes.

— *Gonçalo Ricardo Arraes* (Filho), casou-se, em primeiras núpcias, com Rita (só se conhece este nome), havendo, entre outros filhos, *Gonçalo Arraes Neto*, também avô de VIRGÍLIO DE ALBUQUERQUE ARRAES.

x x x x

Após a "Introdução", dei chave demonstrativa do entrelaçamento dos descendentes dos irmãos Manoel Raimundo, Alexandre José e Gonçalo Ricardo.

x x x x

### ISABEL BARROCAS (6)

Casada com o precedente, Gonçalo Ricardo Arraes (5), que foi o tronco cearense (proveniente da Bahia).

Minha tetravó.

Do casal houve, entre outros, meu trisavô, Manoel Raimundo Arraes, avô materno de meu avô Miguel Arraes Sobrinho e bisavô de meu pai, José Arraes de Alencar.

Nada mais se sabe sobre ela.

### JOAQUIM DO MONTE FURTADO (7)

Filho de Manoel do Monte Furtado e de Matilde Barbosa de Mesquita.

Meu tetravô. Contemporâneo do tronco cearense.

Foi trisavô de meu pai e trisavô, também, de Raimundo de Monte Arraes. Vejamos. Foi pai de Inácia (12). Esta foi mulher de Manoel Raimundo Arraes (filho de Gonçalves). Este Manoel foi pai de Isabel Brasileira Arraes (14) e esta foi mãe de Miguel Arraes Sobrinho, pai de meu pai (José Arraes de Alencar) e mãe de Maria Brasileira Arraes, mãe de Raimundo.

Foi casado com Teresa Brasileira de Alencar.

x x x x

### TERESA BRASILEIRA DE ALENCAR (8)

Mulher do precedente

x x x x

### M A T I L D E (?) (9)

Seria este o nome da mulher de Antônio Carlos de Oliveira Alencar (4)? E se foi ela mãe de Inácio Caetano de Alencar Rodovalho (Tio) (10), então este foi filho do Antônio supra.

x x x x

### INÁCIO CAETANO DE ALENCAR RODOVALHO (10)

O T I O

Meu trisavô, pela linha masculina.

Ignora-se o nome do pai, casado com Francisca de Alencar Rodovalho.

Sua mãe seria Matilde (Ver nota no final deste registro).

Residia no Crato.

Tomou parte na Revolução Pernambucana de 1817. Acompanhou D. Bárbara de Alencar (avó de José de Alencar), também revolucionária e irmã de minha tetravó Inácia Pereira de Alencar, em sua fuga do Crato para o Piauí. Neste transe, fornecia-lhe alimentação, através da escrava Crescência, mãe das escravas Clemência e Angélica, de Nicolau Albuquerque Arraes (pai de Raimundo de Monte Arraes). Este último chegou a conhecer estas duas escravas (ex-escravas). Por ter se desentendido com um sobrinho homônimo (da Taboca), riscou o nome "Alencar" de sua descendência. Esta é a explicação por que meu bisavô paterno e avô de meu pai, José Inácio de Oliveira Maciel (10), filho de Rodovalho, não tem Alencar no nome. O "Alencar" de meu pai e meu provém da mãe de meu pai, minha avó Maria Silvinha Alencar, que acrescentou Arraes, pelo casamento com Miguel Arraes Sobrinho.

Uma fonte cita-o como filho de Antônio Carlos de Oliveira Alencar (4). Neste caso, sua mãe seria Matilde, a mesma, evidentemente, indicada como mulher de Antônio Carlos.

x x x x

### MANOEL RAIMUNDO ARRAES (11)

Um dos nove filhos do tronco cearense (por ter vindo da Bahia para o Ceará) Gonçalo Ricardo Arraes (5).

Meu trisavô.

Contemporâneo do precedente.

Casou-se com Inácia Brasilina do Amor Divino, também chamada Inácia do Monte Alencar, de Pio Nono, Piauí. Referida também como de Patrocínio.

Sua filha *Isabel Brasilina Arraes* (14) casou-se com *José Inácio de Oliveira Maciel* (13), filho de Inácio Rodovalho (10)

Outra filha, Eudoxia Brasilina Arraes foi a primeira mulher de Nicolau Albuquerque Arraes.

Esse casal (Isabel Brasilina e José Inácio) teve: Miguel Arraes Sobrinho, pai de meu pai, e Maria Brasilina Arraes, 2ª. mulher de Nicolau, e mãe de Raimundo de Monte Arraes.

Foi irmão de *Alexandre José Arraes*, este pai de Nicolau Albuquerque Arraes e este, pai de Raimundo de Monte Arraes.

Foi irmão de *Gonçalo Ricardo Arraes (Filho)*, este pai de Gonçalo Arraes Neto, este pai de Vicente Andrade Arraes, pai de Virgílio de Albuquerque Arraes (pai do violinista).

Nota: O irmão Alexandre José Arraes foi pai também de Salvador de Albuquerque Arraes, este pai de Abigail Andrade Arraes, mãe de Virgílio de Albuquerque Arraes.

Nota: Manoel Raimundo era primo em 1º grau de Manoel José Borborema Arraes, bisavô de Edmilson.

x x x x

### INÁCIA BRASILINA DO AMOR DIVINO, que é a mesma INÁCIA DO MONTE ALENCAR (12)

Mulher do precedente Manoel Raimundo Arraes (11).

Minha trisavó. Era de Pio Nono, Piauí, e também do Patrocínio.

Era filha de Joaquim do Monte Furtado (7) e de Teresa Brasilina de Alencar (8), contemporâneos de Gonçalo Ricardo Arraes.

Foi mãe de *Isabel Brasilina Arraes* (14), minha bisavó paterna.

## JOSÉ INÁCIO DE OLIVEIRA MACIEL (13)

Do Crato.

Meu bisavô paterno.

Casou-se com *Isabel Brasilina Arraes* (14).

Era filho de Inácio Caetano de Alencar Rodovalho o Tio (10).

Ignora-se o nome da mãe.

Não herdou o nome Alencar por motivos explicados no registro nº 10.

Foi pai de Miguel Arraes Sobrinho (15) — 1866/1908 — pai de meu pai José Arraes de Alencar (1896-1978).

Foi avô de Raimundo de Monte Arraes (1888-1965), desde que foi pai de Maria Brasilina Arraes, mãe de Raimundo (ver registro 11).

x x x x

## ISABEL BRASILINA ARRAES (14)

Mulher do precedente (13).

Minha bisavó paterna.

Filha de Manoel Raimundo Arraes (11) e de Inácia Brasilina do Amor Divino (Inácia do Monte Alencar) (12).

Foi, portanto, neta de Gonçalo Ricardo Arraes (5), o tronco cearense.

Mãe de meu avô Miguel Arraes Sobrinho, avô de meu pai José Arraes de Alencar e também avô de Raimundo de Monte Arraes (ver registro nºs 13 e 11).

Foi prima, em 1º grau, de Nicolau Albuquerque Arraes (de quem foi, também, cunhada, e, depois, sogra).

Foi prima, em 1º grau, de Salvador de Albuquerque Arraes e de Gonçalo Arraes Neto, ambos avôs de Virgílio de Albuquerque Arraes (pai do violinista Virgílio, do padre Francisco Ney e de uma plêiade de outros irmãos, de reconhecida cultura e inteligência, vitoriosos em suas profissões).

Nota: sabido que Nicolau, acima citado, foi pai de Raimundo de Monte Arraes.

Isabel, sendo neta de Gonçalo Ricardo Arraes, foi sobrinha-neta de Joana Soares Arraes (tronco feminino no Ceará — pelo ramo do Edmilson) e, portanto, primo, em 2º grau, de Raimundo Nonato de Brito Arraes, avô de Edmilson Moreira Arraes. (Ver a "árvore" do Edmilson, anexada a este relato).

Filhos do casal anterior,

*José Inácio de Oliveira Maciel* (13)  
e *Isabel Brasilina Arraes* (14):

x x x x

- José Inácio Arraes (tio Zuza)
- Luiz Carlos Saldanha Arraes
- Isabel Brasilina Arraes II (tia Belinha)
- Teresa Brasilina Arraes (tia Sinhá)
- Maria Brasilina Arraes (tia Zica) — Nota 1.
- Miguel Arraes Sobrinho — Nota 2.  
Do 2º casamento de Isabel Brasilina Arraes (com Saturnino de Alencar, de Barbalha), houve
- Maria Nenen Arraes.
  - Nota 1 — Maria Brasilina Arraes foi a segunda mulher de Nicolau Albuquerque Arraes (pai de Raimundo de Monte Arraes).
  - Nota 2 — Miguel Arraes Sobrinho foi meu avô paterno — Ver registro seguinte, nº 15.

x x x x

#### MIGUEL ARRAES SOBRINHO (15)

Araripe — 1866-1908

Meu avô.

Pai de meu pai, José Arraes de Alencar.

Filho de José Inácio de Oliveira Maciel e Isabel Brasilina Arraes.

Observe-se que não herdou o nome do pai, mas sim de algum tio materno, como é fácil de ver-se. Assim, ganhou o nome Arraes pela ascendência materna. O nosso nome Arraes, contudo, provém, em último grau, da ascendência masculina, pois passou de Inácio, o tronco, para Gonçalo, deste para Manoel Raimundo e deste para Isabel, avó materna de meu pai e minha bisavó, de quem herdei o "Arraes".

Casado com *Maria Silvinha de Alencar Arraes*.

Foi meu avô coronel, prefeito de Araripe e chefe político da região. Foi homem afável e sereno, porém de grande energia quando se tratava de restabelecer a ordem e punir criminosos. "Coronel" é o tratamento que se dava, inicialmente, aos membros da Guarda Nacional e que se estendeu a todo o cidadão de algumas posses, que detivesse algum poder. Foi compreensível o surgimento do "coronelismo", hoje em fase de extinção, com algumas raras sobrevivências, extinção que se deve, sobretudo, ao melhoramento das comunicações.

É que em regiões mais ou menos isoladas do País, aonde não chegava o braço da autoridade, fez-se necessário que aquelas pequenas sociedades se organizassem em torno dos poderosos locais, que, em troca da hegemonia política, lhes proporcionavam ordem e segurança. Assim é que a tão malsinada figura do "coronel" foi de imensa utilidade para aquelas populações, que, de outra forma, estariam entregues à sanha dos bandidos que vagavam pelo sertão em criminosas tropelias. Houve abusos, é certo, e não há negar houve coronéis que trataram mais de si próprios do que daqueles que a tradição lhes mandava defender.

Miguel Arraes Sobrinho não se contava entre esses. Ainda hoje, passando de uma geração a outra, é viva a lembrança de seu acendrado espírito de justiça a par de sua bravura. Porque coragem só é virtude quando a serviço da Justiça e esta a possuía meu avô

x x x x

### MARIA SILVINHA DE ALENCAR ARRAES (16)

Nasceu em 2-12-1869. Falecida em 2-12-1955 ao completar 86 anos de idade.

Casada com o precedente, Miguel Arraes Sobrinho.

Minha avó.

Mãe de meu pai, José Arraes de Alencar.

Viveu na cidade do Crato.

Faleceu-lhe o marido aos 42 anos de idade, estando ela com 39. Teve 8 filhos, sendo um póstumo. Os recursos que herdou foi obrigada a consumi-los na sobrevivência da família. Vivia-se em uma região onde não havia a prática dos seguros, por pouco conhecida. Julgavam-se os chefes de família suficientemente longevos e nesta ilusão tinham as famílias por amparadas. Com zelo e determinação, entregando-se a trabalhos de agulha, conseguiu minha avó o necessário para alimentar e educar os filhos. Estes, tão logo o puderam, deram-lhe, até o fim da vida, todo o conforto de que necessitava para continuar sua obra de amparo e educação, que se estendeu a netos atingidos pela orfandade. Foi modelo de equilíbrio, sobriedade e firmeza, virtudes que, a par de extraordinário bom senso e fino discernimento, permitiram-lhe orientar para a vida numerosos descendentes. Por isso viveu cercada do carinho e respeito de todos os seus. Essa era a "mater familias", que dava firmeza aos laços familiares, sentido e ordem à vida doméstica e social. Imagem que se esvaiu da mente dos jovens de hoje, por entre os fumos de uma frouxidão, onde lhes sobressai a idéia, inculcada por alguns perversos, de que o mandar e o aconselhar maternos são insofrível opressão.



Eram pais de minha avó:

Alexandre da Silva Pereira II (neto do I) e Alexandrina Benigna de Alencar.

Esta era prima, em 2º grau, do escritor  
José de Alencar (1829-1877).

Vejamos. O escritor e senador era filho do também senador José Martiniano de Alencar (que foi seminarista e não se sabe se foi padre; mas, em seu testamento, referiu-se ao seu "estado sacerdotal"). Este era filho de Bárbara Pereira de Alencar, que residiu no Crato e tomou parte na Revolução Pernambucana de 1817. Esta era irmã de Inácia Pereira de Alencar, nossa ancestral direta (minha tetravó). Esta foi mãe de Joaquim Pereira de Alencar II, que foi pai de Alexandrina Benigna de Alencar, acima referida, mãe de minha avó.

x x x x

Relacionaremos, a seguir, os filhos de meus bisavós acima Alexandre da Silva Pereira II e Alexandrina Benigna de Alencar, irmãos, pois, de minha avó.

(Não estão em ordem cronológica de nascimento).

— Este é um ramo da família Alencar, diretamente ligado à família Arraes pelo casamento de meus avós Miguel e Maria Silvinha.

1 — *Maria Silvinha de Alencar Arraes*

Minha avó, já referida, nº 16 da árvore genealógica (ver linhas atrás.

— Casada com Miguel Arraes Sobrinho (nº 15).

Tiveram 8 filhos, que mencionarei depois desta relação.

2 — *Teresa Alexandrina de Alencar*

Casou-se com José Inácio Arraes, seu primo, irmão de Miguel Arraes Sobrinho, sendo ela irmã da mulher deste.

Tiveram 7 filhos, entre eles:

— Marcionília de Alencar Arraes, mãe do Pe. Francisco, do Virgílio e irmãos;

— Dr. José de Alencar, que foi conceituado médico no Rio de Janeiro;

— Godofredo Alexandrino de Alencar, comerciante no Crato.

3 — *Joana Alexandrina de Alencar*

Casou-se com Inácio de Loiola Pereira da Silva.

Entre seus filhos, Inácio de Loiola Alencar, de Crato, pai de Heron Loiola de Alencar, que foi professor na Sorbonne, Haidé, freira beneditina, e outros.

4 — *José Alexandrino de Alencar*

Casou-se com Maria Ascensão Alves Barreira, de Quixadá. Tiveram 7 filhos, entre os quais,

Mauro Barreira de Alencar, que, ainda criança, foi com a família para Salvador. Mauro é ilustre médico em Salvador e Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

5 — *Monsenhor Antonio Alexandrino de Alencar*

Nasceu em 1843. Foi vigário em Lavras, Araripe, Crato, Quixadá e Picos, onde morreu, em 1903, quando estava prestes a ser nomeado bispo. Em 1889/91 opôs-se à propalada taumatúrgia da beata Maria Araujo, do Juazeiro. Foi homem culto, inteligente, sensato e espirituoso.

6 — *Padre Francisco Alexandrino de Alencar*

Nasceu em 1854. Vigário de Araripe, morreu em 1908.

7 — *Matilde Alexandrina de Alencar*

Nasceu em 1846 e faleceu em 1932. Solteira.

8 — *Maria Alexandrina de Castro Alencar (tia Liquinha)*

Casou-se, em 1873, com Vicente Pereira de Castro Alencar. Tiveram 7 filhos, entre os quais, Clotilde Nunes de Castro, mãe de Felinto Nunes de Castro Alencar, o popular Carnera, músico em Recife, autor de muitos frevos. Figura na Enciclopédia Barsa, verbete "frevo". Atividade musical na década de 30.

9 — *Alexandre Alexandrino de Alencar*

Casou-se com Leonila Onofre de Farias.

10 — *Ana Alexandrina de Alencar*

Casada com José da Silva, descendente do Visconde de Icó. Morreu de febre amarela, em Araripe, em 1899.

11 — *João Alexandrino de Alencar*

Casou-se com Ana Pereira da Silva. Enviuvou em 1891, casou-se com Vicentina de Castro Alencar, filha de Maria Alexandrina de Castro Alencar (nº 8 desta lista), sua sobrinha, portanto. (Os Pereira da Silva ou Silva Pereira eram primos dos Alencar). Foi pai de Maria Alexandrina de Alencar, que foi mãe do João Gonçalves de Alencar.

12 — *Cecília Alexandrina de Alencar*

Casou-se com Alfredo Cavalcante. Tiveram 4 filhos.

13 — *Maria Benigna de Alencar*

Solteira.

Passamos a enumerar os filhos de  
*Miguel Arraes Sobrinho* (15) e

*Maria Silvinha de Alencar Arraes* (16),

Nº 1 da lista acima.

Retomamos, assim, a genealogia dos Arraes.

1 — *Alexandre Arraes de Alencar*

Nasceu em Araripe, em 1895 e faleceu no Crato, em 1943. Estudou no Seminário, fonte de cultura humanística, que, desenvolvida, depois, autodidaticamente, deu-lhe ampla visão dos homens e do mundo. Esta formação e o desejo do bem comum levaram-no à política e à prefeitura do Crato, em 1937. Não fosse a morte prematura, em 1943, certamente teria sido chamado a posições mais eminentes.

2 — *José Arraes de Alencar* — meu pai.

Nasceu no Araripe, em 20-11-1896 e faleceu no Rio de Janeiro, em 6-12-1978.

Foi homem de caráter austero e nobilíssimo, bondoso e generoso ao extremo. O primado da moral e da honra era de tal ordem em sua vida que lhe repugnava acumular bens materiais. De fato nunca os teve, pois sua maior alegria era dividí-los com os mais necessitados, mesmo com sacrifício de suas comodidades.

Estudou humanidades no Seminário Diocesano do Ceará, onde aprendeu a conhecer e amar o nosso idioma, desde as suas raízes.

Certo das limitações de seu meio, partiu, muito jovem, para o Sul, sem contar com ninguém e sem outros recursos que não o seu caráter, força de vontade e preparo intelectual. Trinta anos (1918 a 1948) dedicou exclusivamente ao Banco do Brasil, onde ocupou cargos de alta confiança e responsabilidade e onde, por vezes, foi incumbido de missões penosas e arriscadas. Pois conhecidos eram a inteligência, o empenho, o desprendimento que aplicava em seus trabalhos. Perseguiu-o o ideal da perfeição. Seu espírito de lealdade não lhe permitiu desviar a atenção do grande Estabelecimento que o empregava e a quem amou e serviu em prejuízo mesmo de sua saúde e com risco de vida.

Inda assim, encontrou tempo para formar-se em Direito (Manaus-1927) e para aprofundar-se no conhecimento da filologia, em que atingiu elevadíssimo grau.

Foi dedicado aos parentes e amigos, a tal ponto que alguns deles defendeu contra injustiças, desassombradamente, mesmo certo das represálias que sobre ele efetivamente caíram. Homem de coragem, aos poderosos jamais temeu e nunca esperou deles recompensa alguma, pois bastava-lhe a consciência do dever cumprido.

Falava vários idiomas dos ramos latino e anglo-germânico e fez suas incursões pelo ramo eslavo. O latim, o grego, o sânscrito, o hebraico não lhe tinham segredos. Publicou o "Vocabulário Latino por Famílias Etimológicas — Filosofia e Poesia da Linguagem" e outros trabalhos a que se dedicava de cotio. Comparecia, assiduamente, às páginas da revista "Ocidente", de Lisboa, com artigos de alta erudição filológica. Essa colaboração, lá consagrada, não lograria acolhida em nosso meio, onde vicejam alguns que, por desamor ao estudo, se empenham em rebaixar o idioma pátrio ao nível de suas escassas exigências intelectuais. Amigo foi meu pai de políticos de renome e de conhecidos intelectuais, que o admiravam. Correspondendo-se com todos eles, mal deixavam transparecer essas relações, graças à modesta discreção, que era mais um traço do seu caráter.

— Ver "Últimas Palavras" citadas linhas atrás.

— *Nota*: — Referimo-nos acima (1 e 2) aos varões já falecidos. A eles exalcei-lhes as virtudes, para edificação das novas gerações de Arraes, que não os conheceram.

Passemos aos demais.

3 — *Maria Benigna Arraes de Alencar*

Nossa tia, que houve um filho Governador.

Faremos referência a esse primo,

Miguel Arraes de Alencar,

linhas adiante.

4 — *Alexandrina Alice Arraes de Alencar*

5 — *Lia Arraes de Alencar*

6 — *Antônio Arraes de Alencar*

7 — *Edith Arraes de Alencar*

8 — *Miguel Arraes Filho*  
Filho póstumo.

- Embora, por método, tenha limitado as referências biográficas desta página aos parentes já falecidos, devo registrar aqui o que disse meu pai de seus irmãos Antônio (6) e Miguel (8), que, por mais próximos, deram-lhe, especialmente a partir de certa época, ajuda moral e financeira em vários embates de sua vida: "Deram muito mais do que receberam. Honram a espécie humana".

x x x x

*Miguel Arraes de Alencar*

Filho de Maria Benigna Arraes de Alencar (nº 3, acima) e de José Almino de Alencar. — Meu primo em 1º grau. Dedicado à política, ganhou notoriedade, elevado que foi ao alto cargo de governador de um Estado da Federação.

— Nasceu em Araripe, em 15-12-1916.

Atualmente, Deputado Federal por Pernambuco e vice-presidente nacional do PMDB.

Foi Prefeito de Recife, e, de 31-1-63 a 1-4-64, Governador de Pernambuco. Figura na Enciclopédia Barsa.

x x x x

TERMINA aqui o registro daqueles que receberam números na árvore genealógica (1 a 16) e de parte de seus descendentes e de alguns de seus colaterais.

x x x x

Consultando os mapas genealógicos anexos, vemos que do grande tronco da Bahia, INÁCIO RICARDO ARRAES provêm, entre outros, dois filhos, que se estabeleceram no Ceará:

Gonçalo Ricardo Arraes

e

Joana Soares Arraes

= De *Joana Soares Arraes*

descende

— EDMILSON MOREIRA ARRAES — Ver mapa 3  
seu trineto;

filho de Raymundo Mendes de Brito Arraes e  
Luiza Morcira Arraes, cearenses, de Assaré;  
nascido no Acre, em 25-7-1915.

Grande cultura e inteligência.

Advogado militante.

Preclaro Procurador Geral da Fazenda Nacional, cargo em que emitiu brilhantes pareceres, publicados em revistas especializadas e reunidos em volume, em 1939, pelo D. I. N. Membro de várias comissões governamentais incumbidas da solução de problemas financeiros. Chefiou, por diversas vezes, delegações do Governo ao Exterior, na defesa de interesses financeiros do Brasil. Professor de matérias de Direito na PUC e na Fundação Getúlio Vargas. Tem merecido citações de ilustres autores em livros e revistas especializadas.

x x x x

= De *Gonçalo Ricardo Arraes*

são filhos, entre outros, como já vimos:

- Manoel Raimundo Arraes
- Alexandre José Arraes
- Gonçalo Ricardo Arraes (Filho).

Já examinamos, em parte, a descendência deles. Detenhamo-nos mais um pouco ao nível da 4ª. geração desses três avoengos, onde vamos encontrar

- José Arraes de Alencar
- Raimundo de Monte Arraes
- Virgílio de Albuquerque Arraes.

Verificamos que seus ramos ascendentes se entrelaçam. Estudemo-los.

x x x x

**JOSÉ ARRAES DE ALENCAR**

1896 - 1978

— Ver linhas atrás

x x x x

**RAIMUNDO DE MONTE ARRAES**

1888 - 1965

Descende, igualmente, dos irmãos Manoel Raimundo Arraes e Alexandre José Arraes, como veremos.

Filho de Nicolau Albuquerque Arraes e de Maria Brasilina Arraes.

De altíssimo porte intelectual, foi jornalista e político. Deputado Federal pelo Estado do Ceará, posição que perdeu em 1937, quando foi o Congresso dissolvido pelo ditador Getúlio Vargas. Notável pensador político, foi autor de numerosas obras, entre as quais "O Rio Grande do Sul e suas Instituições Governamentais", de 1925; "O Estado Novo e suas Diretrizes"; "O Brasil e os Regimes Ocidentais" e o magistral "Rui Barbosa — Cidadão de Dois Mundos", de 1952.

Seu pai, Nicolau de Albuquerque Arraes, casou-se duas vezes: a primeira com *Eudóxia Brasileira Arraes* e a segunda, com uma sobrinha desta, *Maria Brasileira Arraes*.

Prossigamos:

— *Eudoxia Brasileira Arraes* era irmã de Isabel Brasileira Arraes (12), minha bisavó paterna e ambas primas de Nicolau, pois eram filhas de Manoel Raimundo Arraes (9), meu trisavô, irmão de Alexandre José Arraes, pai de Nicolau.

— *Maria Brasileira Arraes* era filha de Isabel Brasileira Arraes e, portanto, sobrinha de Eudoxia, a primeira mulher.

Logo, Isabel Brasileira Arraes, além de prima de Nicolau Albuquerque Arraes, foi cunhada e depois sogra dele.

A segunda mulher de Nicolau, *Maria Brasileira Arraes*, era irmã de meu avô Miguel Arraes Sobrinho, pai de José Arraes de Alencar e estes dois eram primos em 1º grau.

Para maior clareza, façamos um gráfico (com os nomes abreviados):

Manoel Raimundo Arraes (5) irmão Alex. José Arraes  
Is. Br. Arraes (12) irmãs Eud. Br. Arraes.

Mig. Ab. Sobr. — irmãos — Mar. Br. Arraes

casado com Mig. Alb. Arraes

José Arraes de Alencar

Raimundo de Monte Arraes

Alfredo Pequeno de Arraes Alencar

Obs: : Vê-se que meu avô Miguel era tio de Raimundo.

— Nicolau Albuquerque Arraes teve morte trágica, assassinado por Luiz de Matos Ferreira (o Carcará), seu tio por afinidade, casado com Rita do Carmo Arraes, irmã do pai dele, Alexandre José Arraes. Este crime ocorreu no encontro de dois grupos, quando Nicolau buscava a paz que puzesse fim a antigas pendências políticas. Não mancha a crônica da família Arraes, que foi vítima, perdendo um seu pacífico e honrado membro e apenas desonra a quem o cometeu, de sangue estranho aos Arraes.

x x x x x

## VIRGÍLIO DE ALBUQUERQUE ARRAES

1890 - 1970

Filho de Vicente Andrade Arraes e de Abigail Andrade Arraes.

Notável conhecedor das tradições da família e da história do Cariri. Foi homem afável e bondoso, de agradabilíssima palestra. Foi prefeito de Araripe.

Descende igualmente dos irmãos Alexandre José Arraes e Gonçalo Ricardo Arraes (Filho).



Seu pai Vicente era filho de Gonçalo Arraes Neto, filho de Gonçalo Ricardo Arraes (Filho). Sua mãe Abigail era filha de Salvador de Albuquerque Arraes, filho de Alexandre José Arraes. E seu avô materno, Salvador de Albuquerque Arraes era irmão de Nicolau Albuquerque Arraes, pai de Raimundo de Monte Arraes. Sua mãe Abigail, pois, era prima em 1º grau de Raimundo.

— Casado com *Marcionília de Alencar Arraes*, filha de José Inácio Arraes e de Teresa Alexandrina de Alencar.

Marcionília e meu pai José Arraes de Alencar são primos (primos-irmãos), filhos de dois irmãos e de duas irmãs.

O pai de Marcionília, José Inácio Arraes, era irmão do pai de José Arraes de Alencar, Miguel Arraes Sobrinho. E a mãe de Marcionília, Teresa Alexandrina de Alencar, era irmã da mãe de José Arraes de Alencar, Maria Silvinha de Alencar Arraes. (Ver a parte da genealogia Alencar, inserida neste trabalho).

— *Virgílio de Albuquerque Arraes e Marcionília de Alencar Arraes* tiveram 10 filhos.

Vejamos.

*Pe. Francisco Ney de Alencar Arraes*

— Nasceu no Crato, em 1927.

Sacerdote piedoso, de extraordinários dotes de inteligência e cultura. Para comprová-lo, basta citar o fato de ter sido professor de Direito Constitucional Americano no Saint Peter's College, de Jersey City — U. S. A., de 1968 a 1972. Além do exercício do magistério, pronunciou ali várias conferências. Atividade realmente extraordinária, que supõe perfeito domínio do inglês e especializados conhecimentos da História e das tradições políticas americanas. Foi pároco em Washington, de 1964 a 1971. Atualmente é pároco na Igreja de Santo Antônio dos Pobres e celebra missas na Igreja de São José, templos para aonde acorrem os fiéis, em busca de sua palavra inspirada.

*Virgílio Arraes Filho*

— Do Crato, 1932.

Notável virtuose do violino. Em meio sem nenhum recurso para o aprendizado de sua arte, desenvolveu seus dotes artísticos contra toda a expectativa de bom êxito. Mas sua real vocação, sua grande força de vontade e seu valor levaram-no ao triunfo.

É violinista concertino da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, admitido por concurso em que logrou o 1º lugar.

x x x x

FIM DOS REGISTROS GENEALÓGICOS

## ILUSTRES ARRAES DO CONHECIMENTO PÚBLICO EM NOSSO SÉCULO

— Algum realce foi dado aos parentes que exerceram ou exercem atividades de:

- Políticos: Alexandre Arraes de Alencar (falecido em 1943)  
Raimundo de Monte Arraes (falecido em 1965)  
Miguel Arraes de Alencar
- Ensaistas: Raimundo de Monte Arraes (falec.)
- Lexicógrafos: José Arraes de Alencar (falecido em 1978)
- Pareceristas a serviço da União: Edmilson Moreira Arraes
- Religiosos: Pe. Francisco Ney de Alencar Arraes
- Músicos: Virgílio Arraes Filho

— Cito, também, Virgílio de Albuquerque Arraes, que, juntamente com Raimundo de Monte Arraes e José Arraes de Alencar, mantinha acesa, no Rio de Janeiro, a memória da família ARRAES.

x x x x

- Impossível, numa genealogia limitadíssima, como esta, dar excertos biográficos de todos os parentes. Em todos admiro suas partes de virtude moral e intelectual. Não é muito que os chegados a nós afirmem — que saia de cena a modéstia — que já se tornaram pleonásticas as expressões "Arraes inteligente", "Arraes honrado", e outras do mesmo teor...

x x x x

- Há-de ter este trabalho falhas, não só quanto a apreciações e julgamentos, também quanto a dados concretos. Aos parentes que se interessarem por sua leitura peço que m'as apontem.
- Para estas notas, recorremos a:
- a) informações coletadas por meu pai, José Arraes de Alencar;
  - b) esclarecimentos verbais de parentes;
  - c) "Vocabulário Latino" e "Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem", de José Arraes de Alencar (Sobre a origem do nome Arraes);
  - d) "Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira — 3º volume" — pertencente a Lívio de Alencar Arraes, irmão do Pe. Francisco e do violinista Virgílio o grande sabedor das tradições da família (Sobre os Arraes em Portugal);
  - e) "História do Brasil" de A. Souto Mayor; "História do Brasil" do Pe. Galanti — 3º volume; e Dicionário de História do Brasil, da Editora Melhoramentos (Sobre os Arraes em Pernambuco);
  - f) Enciclopédia Barsa — Miguel Arraes de Alencar e Francisco Nunes de Castro Alencar, o Carnera (Frevo).

ORIGEM DO NOME "ALENCAR"

Podemos admitir duas origens para o nome Alencar.

*Primeira: D. Filipa de Lancaster, filha do Duque de Lancaster*

Era o Duque de Lancaster, filho de Eduardo III, da Inglaterra, e casado com D. Constança, filha de Pedro I, de Castela. Este foi morto, em 1369, por seu irmão natural, que lhe sucedeu, Henrique II. Intentou o Duque de Lancaster vingar seu sogro e fazer sua mulher rainha de Castela. Para isto fez aliança com D. João I, de Portugal, oferecendo-lhe em casamento sua filha Filipa. Entraram os dois exércitos, português e inglês, em Castela, em 1387. Terminou a guerra com um tratado de paz, pelo qual outra filha do duque, Catarina, casava-se com o herdeiro do trono de Castela. Não terminam aí as relações de Lancaster com Portugal. É o duque figura importante no episódio d'"Os doze de Inglaterra", narrado por Camões, *Lusíadas*, canto VI, estr. 42 a 67. Doze damas inglesas, insultadas por nobres cortezãos (que não lhes reconheciam nobreza), não encontram quem lhes assuma a defesa, tão temidos eram os ofensores. Dirigem-se ao Duque, que, para evitar discórdias internas, não pode ele próprio defendê-las. Lembra-se, então, dos portugueses:

"Este, que socorrer-lhe não queria,  
 Por não causar discórdias intestinas,  
 Lhe diz: "quando o direito pretendia  
 Do reino lá nas terras iberinas,  
 Nos lusitanos vi tanta ousadia,  
 Tanto primor, e partes tão divinas,  
 Que eles sós poderiam, se não erro,  
 Sustentar vossa parte a fogo e ferro".

Estrofe VI, canto 48.

E sugere às damas inglesas que escrevam cada uma a um cavaleiro português, que venham eles combater em seu desagravo, "que ali tereis socorro e forte esteio".

Termina a lide com a vitória dos portugueses e maior prestígio do nome Lancaster. Do casamento da princesa inglesa Filipa de Lancaster com D. João I, de Portugal, nasceram, entre outros, quatro notáveis príncipes, a inclita Geração, escritores e guerreiros, conquistadores de Ceuta e iniciadores da prosa portuguesa: D. Duarte, o herdeiro, autor do "Leal Conselheiro" e "Arte de cavalgar toda sela"; D. Pedro, da "Virtuosa Benfeitoria"; D. Henrique, o Infante de Sagres, das Navegações; D. Fernando, o Infante Santo, que morreu cativo em Argel.

Grande foi a influência da mãe na formação do caráter desses nobres. Era o seu nome respeitado e certamente foi adotado por um ou outro descendente. Não foi usado pelos herdeiros, pois só adotavam estes o nome de dinastia, pela linha masculina. Mas, pelos ramos colaterais, introduzia-se em Portugal, traduzido para Lancaster, Lencastre e Alencastre, como está nos Lusíadas (Canto VI, estrofe 46). A língua estava em fase de formação, compreensível, pois, a variedade de formas, como ainda Alanquar, Alancar, Alenquer, e, finalmente, Alencar. Uma das fixações da forma Alenquer seria a vila portuguesa do mesmo nome.

*Segunda hipótese : a vida de Alenquer*

Esta versão opõe-se à primeira. A primeira dá o nome Alencar como preexistente ao nome da vila, a que teria dado origem, sob a forma Alenquer. Esta segunda versão, pelo contrário, considera o nome da vila anterior ao nome Alencar e fonte dele. A vila de Alenquer é cabeça de comarca e encontra-se a 15 quilômetros de Lisboa, de que é um distrito. Teria sido fundada pelos *alanos*, povo de origem indo-européia, proveniente da Ásia Central (atual Geórgia), que, em 409, invadiram a Península Ibérica. Na sua língua, *kerk* era o templo e *alankerk*, o templo dos alanos, que deu nome à povoação. Mas pouco se mantiveram os alanos na região, sendo expulsos pelos suevos que, emobra sob o domínio visigodo, ali ficaram até 711, ano da invasão árabe. É difícil aceitar que, em tão dilatados anos e tão convulsos, tenha sobrevivido até nossos dias, com o mesmo nome bárbaro, a primitiva povoação dos remotíssimos e fugazes alanos. Mais aceitável seria que o nome de vila de Alenquer tivesse alguma relação com o nome da rainha Philipa de Lancaster, ou Filipa de Lencastre, seu nome português.

x x x x

Mas importam registrar, seja qual for a origem do nome da vila de Alenquer (Lencastre ou Alencastre, do duque inglês; ou "alankerk" dos alanos), que em Portugal têm-se o nome da família Alencar, como procedente daquela vila. Tanto assim que são encontradas, em registros antigos, as formas Alenquer, Alenquar e Alancar, resultantes da indecisão ortográfica da língua.

Como curiosidade, lembremo-nos de que a ligação entre a família e a vila portuguesa aparece explicitamente n' "Os Maias", de Eça de Queiroz, com o bizarro personagem "Alencar, de Alenquer".

x x x x

P. S. — Em abono da origem Lancaster, consignamos, em tempo, que a História de Portugal guardou o nome de *Mariana de Lencastre*, uma das mulheres que abraçou, ativamente, a causa da revolução de 1640, contra o domínio espanhol. Poderia ser Mariana de Alencastro, desde que Camões traduziu Lancaster para Alencastro.

## B I B L I O G R A F I A :

- *Sobre Filipa de Lencastre e o Duque de Alencastro*
- Os Lusíadas, Canto VI, estrofes 42 a 67.
- Comentários aos Lusíadas, de A. Epifânio da Silva Dias, C. Editora Portuguesa, 2ª. ed. melhorada, Porto, 1918, tomo II, pags. 26 e 27.
- Pequeno Tratado de História de Portugal, de Fernando Falcão Machado, pags. 52, 53 e 86, Editor Manuel Barreira, Livrarias Simões Lopes, Porto, e H. Antunes, Rio.  
*Sobre a versão dos alanos*  
Pags. 139 e 140  
da revista do Instituto Cultural do Cariri,  
Ano VIII, nº VIII, Crato, 1962.

## A P Ê N D I C E II

### PALAVRAS PARA SEREM LIDAS DEPOIS DE MINHA MORTE

(de meu pai, José Arraes de Alencar  
1896 - 1978)

1. Honrei Pai e Mãe. Concedeu-me Deus a graça de satisfazer todos os desejos de minha santa Mãe, que cedo enviuvou.

2. Eduquei meus quatro filhos, da maneira que me pareceu a melhor, de acordo com as concepções morais de meu tempo e dei-lhes o exemplo de retidão, honradez e dignidade. Amei-os de maneira completa. Daria, cem vezes, a vida por qualquer um deles. Felizes os pais que possuem tais filhos.

3. Morreu meu grande Pai, quando contava eu apenas onze anos de idade. Aos dezoito, assumi os encargos da família (minha Mãe e seis irmãos) e, mais tarde, o da família de duas irmãs viúvas (nove pessoas, ao todo), providenciando sua subsistência, bem como a instrução e educação dos sobrinhos. Mereceram o auxílio recebido.

4. Ao meu irmão mais velho, Alexandre, nobre e extraordinária figura humana, prestei assistência completa, durante toda a sua existência. Seus filhos foram como meus filhos, mas alguns deles pagaram com negra ingratidão, o bem que fiz a seu nobre Pai e a eles próprios. A ingratidão mata. Mas, perdão-ihes.

5. Amigo fui de meus amigos. Fiz o que pude por muitos deles, interessando-me por suas vidas e pela vida de seus filhos. Quando injustiçados, solidarizei-me com eles e defendi-os, sem temer represálias que sobre mim caíram.

6. Fui grato. Dois homens dignos e bondosos auxiliaram-me, na juventude, quando tinha eu menos de vinte anos, conseguindo-me os dois primeiros empregos que ocupei, antes de fazer concurso para admissão ao serviço do Banco do Brasil. Foram eles Pedro Silvinho de Alencar, meu primo, e Júlio Abreu, admirável cearense. Quanto ao primeiro, tive a grata oportunidade de, mais tarde, colocar, no Banco do Brasil, filho, genro e neto seus. Quanto ao segundo, de quem, infelizmente, cedo me separei, por mudança de domicílio, fui seu amigo até que morreu e transferi minha gratidão a seus filhos e netos, embora afastado d'êles, a vida inteira. Farta é a correspondência que mantivemos, pela qual se vê o grau a que chegou nossa amizade, e a imorredoura gratidão que lhe dediquei. Peço a meus filhos que preservem essa correspondência. Foi êle um varão de excepcionais virtudes. Desejo prestar-lhe esta última homenagem.

7. Rendo um preito de gratidão ao honrado sertanejo José Pinto da Silva, que, em 1922, me emprestou a importância necessária à constituição de minha fiança como gerente do Banco do Brasil e que paguei antecipadamente. Não poderia, entretanto, pagar jamais o obséquio. Coube-me, muitos anos após, o auspicioso ensêjo de obter a admissão de dois de seus filhos ao serviço do Banco do Brasil.

8. A êste grande Estabelecimento dediquei-me integralmente, durante os trinta anos em que estive a seu serviço. Sempre o considerei uma projeção de meu lar. Peço a meus filhos publiquem o que, em ocasiões várias, escrevi a respeito dessa magnífica Instituição.

9. Financeiramente, tive uma vida de grandes sacrifícios, pois tudo dediquei a minha família, criando numerosos sobrinhos e consagrando, na verdade, tôda minha vida aos meus. Foi isso uma bênção dos céus, porquanto me tornou feliz, então, com fazer o bem e, agora, no declínio, ainda é uma das poucas felicidades que me restam.

10. Muito grato sou a meus irmãos Antônio e Miguel, por tudo o que fizeram, para o meu bem estar, retribuindo, em dôbro, o meu devotamento na época em que, jôvens, necessitavam de minha assistência. Honram, dessarte, a espécie humana.

11. Amei minha espôsa, com todo o afeto, de que possa ser capaz o coração humano. Ela o tem merecido, nestes breves cincoenta anos de feliz convívio. Foi Mãe, não apenas de meus filhos, senão também, de certa forma, foi Mãe de meus dois irmãos e de muitos sobrinhos que recebemos em nossa Casa, pelo carinho que a todos êles dispensou. Depois que a adversidade a atingiu, há vinte anos, consagrei-me totalmente a ela. Minha vida não é minha: é sua. Choro por ela, todos os dias e o meu maior martírio é ter de ocultar, sempre, êsse sofrimento,



em seu benefício. Talvez, por êsse motivo, lhe tenha, algum dia, parecido, embora fugazmente, que seu sofrimento me era indifferente. Mas, se sobreviver a mim, como peço a Deus, lerá esta declaração, que faço solenemente, nesta hora suprema: "Amei-a, de todo o meu coração, e mulher alguma terá sido mais amada do que ela. Amei-a, por todos os motivos: porque, por ela me apaixonei; porque foi espôsa e mãe exemplar; porque foi mãe de meus dois irmãos Antonio e Miguel; de meus sobrinhos Miguel, Miguel Édison, Antonio e José, de minha sobrinha Iací. Amei-a, também, porque é uma grande mulher, como se viu. Bendita seja" !

Rio de Janeiro, 12 de abril de 1971.

*José Arraes de Alencar*

### A P Ê N D I C E III

#### HISTÓRIA NAO ESCRITA DO BANCO DO BRASIL

Recife, outubro de 1930

O episódio ilustra a fibra, o caráter e a noção de cumprimento do dever presentes no funcionário do Banco do Brasil, por mais adversas que sejam as circunstâncias. Aconteceu no Recife, durante a revolução de outubro de 1930, quando meu falecido pai, *José Arraes de Alencar*, era agente naquela cidade.

Eclodido o movimento, Arraes de Alencar sabia que os revolucionários não tardariam a tentar apoderar-se do dinheiro da agência, mesmo que, para isso, tivessem que usar de violência.

Enfrentou a agitação que dominava a cidade, entrou na agência e, de lá, retirou o numerário do cofre. Remeter a "reserva" para a Sede, no Rio de Janeiro, ele só conseguiu com muita insistência, pois o comandante do navio relutava em aceitar a valiosa carga.

Com o dinheiro fora de alcance dos revolucionários, Arraes de Alencar determinou que não abrissem as portas do Banco e foi, com a mulher e os quatro filhos, para a pequena cidade de São Lourenço, próxima a Recife.

A noite avançava, quando chegou a patrulha, intimando Arraes de Alencar a comparecer imediatamente ao Palácio. A ordem era do novo governador, Carlos de Lima Cavalcanti, empossado pela revolução vitoriosa. Arraes de Alencar, sem se intimidar, só compareceu na manhã do dia seguinte, acompanhado do colega José Casemiro Borges (hoje falecido). Ali, na presença de oficiais e civis adeptos do movimento, o governador quis saber por que o Banco estava fechado. Respondeu-lhe Arraes de Alencar que o motivo era a violência reinante na cidade, em poder de



revoltosos. Retrucou-lhe Lima Cavalcanti, elevando a voz: "A esta altura dos acontecimentos, temos o movimento por vitorioso e, para levar a termo nosso intento, usaremos de violências, se for preciso". O gerente do BB, mais alto ainda: "Dr. Lima Cavalcanti, há homens que não temem violências; e eu sou um deles". O governador, diante da enérgica resposta, acalmou-se e disse que não se referia a violências físicas. E, em nome do general Juarez Távora, exigiu lhe fosse entregue o dinheiro existente na agência. Arraes foi taxativo: "Não é mais possível, Dr. Lima Cavalcanti, já o remeti para o Rio de Janeiro".

Descrendo da palavra do gerente, o governador despachou uma patrulha ao Banco. Momentos depois, soldados arrombavam a porta da agência a bala — atitude totalmente desnecessária — e abriam o cofre-forte. Estava vazio. Decepcionado, o general Távora nada mais podia fazer, senão liberar Arraes de Alencar, que voltou para casa, onde, já noite, esperava repousar do dia agitado que enfrentara.

Mas eis, pela madrugada, uma nova patrulha a sua porta; desta vez, comandada por um sargento. Bastante nervoso, o militar exigia que meu pai desse conta do dinheiro do Banco, sob pena de fuzilamento sumário. E lá se foi, mais uma vez, o nosso Arraes, levado à força, sem tempo sequer de mudar de roupa.

Não demorou, pequena multidão assistia, espantada, à estranha e dramática cena: encostado na parede da agência do Banco do Brasil, um homem de pijama estava prestes a ser fuzilado pelo exaltado sargento, que se dizia responsável pela guarda do dinheiro (posteriormente, constatou-se que o militar sofria de "neurose de guerra").

Quis a Providência que o tumulto levasse até lá um oficial do Exército. Inteirado do que ocorria, percebeu, de imediato, tratar-se de gesto inteiramente injustificável: a remessa do dinheiro já era fato consumado e aceito pela cúpula revolucionária. Prendeu, então, o tresloucado sargento e, com pedidos de desculpas, liberou Arraes de Alencar para sua merecida noite de sono.

Ainda hoje consigo ver, bem nítido, o menino de seis anos contemplando aquela figura de pijama, calma e sorridente, fazendo a barba naquela quase trágica manhã de outubro de 1930.

---

Autor:

*Alfredo Pequeno de Arraes Alencar.*

Tomou posse na agência de São Paulo (SP), em 31-08-45. Aposentou-se em 06-01-75, no posto de subchefe de seção, na metr. Praça Mauá-Rio (RJ).

# **Lojas**

# **AZTECA**

*Tavares & Andrade Ltda.*

HONRANDO O PRESTÍGIO QUE  
DEFRUTA APRESENTA AOS  
SEUS CLIENTES E AMIGOS UM  
COMPLETO SORTIMENTO DE



•

CALÇADOS  
BOLSAS  
CINTOS  
ARTIGOS PARA PRESENTES

•

P R E Ç O S   S E M   C O M P E T I Ç Õ E S

**RUA DR. JOÃO PESSOA Nº 359**

TELEFONE : 521 - 1411

CRATO - CE.

# *F. J. Pierre e Irmãos*

---

---

VARIADO SORTIMENTO DE MÓVEIS E  
ELETRODOMÉSTICOS



ONDE A TRADIÇÃO SE CASA COM A  
QUALIDADE DOS PRODUTOS



EXCELENTES PREÇOS E CONDIÇÕES  
DE PAGAMENTO



**R U A S A N T O S D U M O N T N º 6 0**

TELEFONE : 521 - 0014

C R A T O - C E A R Á

## ORIGENS E FUNDAÇÃO DA CIDADE DE MILAGRES - (ESTADO DO CEARÁ)

*VERSAO LENDARIA* : Havia às margens do Riacho dos Porcos, nos meados do século XVII, um sítio denominado Pilar, onde conquistadores brancos se instalaram.

Relata Antônio Bezerra, que: Tendo aparecido ali, um senhor Sousa Preza, com outros companheiros, foram apanhados pelos índios tapuias e logo devorados, sendo, dito Preza, reservado para outra ocasião, em virtude de sua magreza. Partindo os mesmos tapuias para uma caçada, deixaram Preza convenientemente amarrado, aos cuidados de uma índia a quem fizeram as mais enérgicas recomendações. Sós, por sinais, se entenderam e índia moça formosa, condoendo-se da sorte de seu prisioneiro, jovem elegante também, deu-lhe a liberdade, e fugiram do lugar.

Preza, em hora de extrema agonia, havia feito uma promessa de, se escapasse, erigir uma igreja a Nossa Senhora dos Milagres. E, assim desaparecidos os tapuias daquelas paragens, anos depois, voltou ao lugar, e, em 1760 fundou a igreja que tem hoje a invocação de Nossa Senhora dos Milagres. Entretanto, esta versão, de caráter lendário, foi contestada pelo próprio Antônio Bezerra, baseada em documentos extraídos da Sé de Olinda, relativos à Igrejas e Capelas.

Tais documentos afirmam que a igreja de Nossa Senhora dos Milagres fora erigida em 1735 — mais de um século antes — pelo capitão Bento Correia Lima, e, por escritura de 16 de Agosto de 1746, os seus filhos Sebastião Correia Lima e José Correia Lima, doaram à mesma igreja, 10 braças de terra para cada parte da dita igreja, e justamente lugar para a casa do capelão que a houvesse de assistir.

*ORIGEM DO TOPÔNIMO* : O nome do município tem origem no da padroeira. De vila de Nossa Senhora dos Milagres, resultou Vila de Milagres e finalmente cidade de Milagres.

Está situada à margem direita do Riacho dos Porcos, primitivamente Quimami, vocábulo tapuia de impossível análise etimológica. O município é limitado pelos de Aurora e Barro, ao norte; Mauriti, à leste; Brejo Santo e Abaiara, ao sul; e Missão Velha, a oeste.

Milagres está na Microrregião do Sertão do Cariri, e, pela sua posição geográfica privilegiada, é conhecido como "a porta de entrada do Cariri".

Distante da Capital 459 Km e fica à margem de uma das principais rodovias asfaltadas do país a B. R. 116.

*AREA TOTAL* : 768 Km<sup>2</sup>. *ALTITUDE* : Atinge 334,13m, na sede do município.

*CLIMA* : quente na zona sertaneja e fresco nas regiões mais elevadas. A temperatura varia de 21 à 26 °C. *LATITUDE* : 7° 18'56"S. *LONGITUDE* : 38°56'43"W.

*DISTRITOS* : Milagres (sede) e Podimirim (anteriormente Rosário), criado pela Lei nº 1184, de 30 de Dezembro de 1943. Ali existe a famosa e bonita barragem do Rosário.

*POPULAÇÃO* : Urbana: 8.128 habitantes. Rural: 15.464 habitantes. Total: 23.592 habitantes.

*PRINCIPAIS ACIDENTES GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO*: Serra do Ouricuri, Riachos, Água Branca, Brejinho, Genipapeiro e Oitis.

*FORMAÇÃO POLÍTICA* : O município foi instituído pela Lei nº 374 de 1846, e foi erigido à cabeça de Comarca, desmembrando Milagres, então elevada à vila. Elevou-se à categoria de cidade em virtude do Dec. nº 31, de 25 de Julho de 1890.

*FORMAÇÃO JUDICIÁRIA* : O Termo judiciário data da Lei nº 374 de 1846, e foi erigida à cabeça de Comarca, desmembrando-se da de Jardim, pelo decreto nº 26 A, de 08 de Julho de 1890.

Após algumas extinções e restaurações e vice-versa, e, em face do que preceitua o art. 10 da Lei de Organização Judiciária do Estado, foi instalada em sessão solene, para todos os efeitos jurídicos, a Comarca de Milagres, do Estado do Ceará, criada e erigida em Comarca, em data de 13 de Abril de 1940, provida de Juiz de Direito, pelo Dec. Lei nº 690 do mesmo mês e ano, Tabela B. Presidiu à solenidade, o Dr. José Correia Lima, na qualidade de Juiz Substituto da 4ª Zona com sede na Comarca de Crato, Estado do Ceará. A ata foi lavrada pelo 1º Escrivão, Antônio Bezerra de Menezes e assinaram-na: José Correia Lima, Valdetário Pinheiro Mota (Juiz Municipal que vinha sendo deste Termo), Pe. Joaquim Alves, Cícero Leite Dantas, Raimundo Alves Pereira, Izaias Bezerra Leite, Aldenor Gomes Coêlho, José Xavier Dantas, Marcelino Leite de Araujo Lima, Prudêncio Piancó, Abílio Gomes da Silva, Amâncio Leite Furtado, João Evangelista Esmeraldo, Manoel Rodrigues Lima, Henoch Serafim Ferreira, Antônio Soares de Oliveira, José Lacerda de Figueiredo.

*Juizes que foram Titulares desta Comarca, depois de sua instalação, até Agosto de 1976 :*

José Correia Lima, Valdetário Pinheiro Mota, José Agostinho Filho, Valdemar Alves Pereira, Nilo Carleal, Solon Ferreira, José Rodrigues Silva, Humberto Carvalho Aragão, Colombo Dantas Bacelar, Antônio Cândido da Fonseca, Raimundo Bastos de Oliveira, Francisco Diógenes Sampaio e Francisca Valquíria Sobreira Dantas.

*Juizes que responderam pela Comarca, depois de sua instalação, até Agosto de 1976 :*

Francisco Augusto de Oliveira, José Augusto Ribeiro, José Evandro Nogueira Lima, José Ósimo da Silva Câmara, Pedro Regnoberto Duarte, Leônidas Ferreira de Sousa, Marcos Aurélio Rodrigues e Antônio Rubens Chagas. (Informações colhidas do "Esboço Histórico das Comarcas do Ceará".

DIÁRIO DA JUSTIÇA Imprensa Oficial do Ceará, de 18 de Agosto de 1976).

*Poder Judiciário atual (1985) :* Dra. Francisca Adelineide Viana (juiza)

Francisca Alves Felix Dantas (escrevente substituta)

Maria Luzimar dos Santos Braga Castro (escrevente)

*Poder executivo (1985) :* Francisco Gilvan Morais (prefeito municipal)

Djalma Sobreira Dantas (vice-prefeito)

*Poder Legislativo (1985) :* Francisco Edilzo dos Santos (presidente)

Raimundo Alves dos Santos (vice-presidente)

Sérgio Tavares (1º secretário)

Joaquina Neuzina G. Rodrigues — 2ª Secretária.

Vereadores: José Morais, João Sadoch de Albuquerque, Raimundo Sampaio de Lacerda, Antônio Joaquim Barbosa e Hevano Cruz Macedo.

**FORMAÇÃO RELIGIOSA :** A freguesia de Nossa Senhora dos Milagres foi criada no dia 03 de Dezembro de 1842, por Lei nº 263. Esta Lei foi revogada por uma outra sancionada em 04 de Dezembro de 1850, pelo presidente Inácio Francisco Silveira Mota.

*VIGÁRIOS DA PARÓQUIA DE MILAGRES* : O 1º Vigário foi o Pe. João Batista da Silva (1852)

2º) Pe. Manoel Gonçalves Dantas Rothéia (1852) novembro, até junho de 1853.

3º) Pe. Cesário Claudino de Oliveira e Araujo, em duas etapas : agosto de 1853 aos meados de 1854. Nesta fase teve como Coadjutor, o Pe. Antônio Castriciano Lima. A segunda fase foi de Setembro de 1857 a agosto de 1872. Desta vez teve como Coadjutor, até fins de 1860, o Pe. Manoel Lins de Albuquerque.

4º) Pe. José Antônio Castriciano Lima.

5º) Pe. Antônio Bezerra de Menezes (1872) setembro, até 1874.

6º) Pe. Joaquim Manoel de Sampaio (1875). Vários sacerdotes deram a sua colaboração nos seus serviços ministeriais: Pe. Inácio de Sousa Rolim, Pe. Manoel Antônio de Jesus, Pe. Manoel Mariano de Albuquerque, Pe. Vicente Pinto Teixeira, Pe. José Alves da Costa Gadelha, Pe. José Silvino Ferreira Lima e Pe. Manoel Vieira da Costa e Sá.

7º) Pe. Manoel Rodrigues Lima, (1885 a 1896).

8º) Pe. José Fernando de Medeiros, novembro de 1896 a 1902.

9º) Pe. Luis Furtado Maranhão, novembro de 1902 a 1914.

10º) Pe. Pedro Esmeraldo da Silva, fevereiro de 1914 até setembro de 1915

11º) Pe. Francisco Ferreira Lobo, de janeiro a maio de 1916

12º) Pe. Plácido Alves de Oliveira, de junho de 1916 a janeiro de 1919

13º) Pe. Manoel Francisco de Alcântara, de março de 1919 a janeiro de 1921

14º) Pe. Manoel Duarte de Queiroz, de fevereiro de 1921 até seu falecimento, a 20 de abril (1927)

15º) Mons. Miguel Tavares Campos, de maio de 1927 a fevereiro de 1933

16º) Pe. Azarias Sobreira Lobo, de fevereiro de 1933 a outubro de 1935

17º) Pe. Joaquim Alves de Oliveira, de novembro de 1935 a novembro de 1979

19º) Pe. José Sampaio (1985)

O município possui oito Igrejas.



**SETOR DE SAÚDE :** Casa de Saúde Nossa Senhora dos Milagres e mais duas Unidades de Saúde.

Farmácias: 02 — Médicos: 03 — Dentistas: 03 — Auxiliar de Enfermagem: 03.

**SETOR DE EDUCAÇÃO :** Instituições de Ensino: Patronato e Escola Normal D. Zefinha Gomes, dirigido pela Congregação das Filhas de Santana. Escolas: Antenor Lins, Pe. Joaquim Alves, W. Gonçalves. Colégio Estadual Antônia Lindalva de Moraes.

Frequentam os 90 estabelecimentos de ensino do 1º e 2º Graus existentes em toda a área do Município, cerca de 4.000 alunos. Bons professores integram o quadro do magistério municipal e estadual. Na sede (Milagres), só professores regentes de classe, há: 129 (afora os demais).

**CULTURA POPULAR :** Milagres mantém ainda hoje, embora em pequena escala, um modesto e interessante folclore, repleto de atrações, como: Reizado, Côco, Maneiopáu, Congadas, Lapinhas e Pastoris, Congos e Penitentes. "Folclore é um elo que no tempo e no espaço une e entrelaça os povos".

**PRINCIPAIS FESTAS DO ANO :** Nossa Senhora dos Milagres (padroeira), — 15 de Agosto — Natal e Ano Novo. Vaquejada — Dia do Município — 7 de Setembro.

**ASSISTÊNCIA SOCIAL :** Em Milagres, o Clube Social e o Lions, têm vida muito ativa. A Creche D. Eneida Pereira Leite presta relevantes serviços às crianças carentes.

Clubes esportivos, há cerca de 19, sendo os principais: o Flamengo, o América, Bahia, Corinthians e o C. F. CHESF. O clube Social da cidade tem o nome de "PALACIM". Palmares Atlético Clube Milagrense. "ACOM", é uma Entidade Filantrópica que dá assistência a 1.144 crianças e 700 famílias.

**ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA :** Unidades de Administração Sediadas no Município: Federal e Estadual. *Federal :* DNER — ECT — FUNRURAL — INCRA — J. S. M., MOBRAL — TELECEARÁ.

*Estadual :* CAGECE — CODAGRO — COELCE — DETRAN — EMATERCE — EPACE — COLETORIA ESTADUAL.

Assistência Previdenciária do Servidor da Prefeitura. INPS.

Há também a CHESF (estação abaixadora), responsável pela distribuição da energia de Paulo Afonso para todo o Ceará. Atendem aos seus serviços, cerca de 60 funcionários.

SEMTEL — Serviço Municipal de Telecomunicações.

**INDÚSTRIA** : Os principais ramos industriais, são: o beneficiamento de algodão, fabricação de rapadura, farinha de mandioca, também tijolos, telhas, vasos de barro (artesanato), etc.

Indústria de madeira, moageira "café Paloma" e de outros produtos alimentares.

O estabelecimento industrial mais importante, é a usina "Colins", de beneficiamento de algodão.

**ECONOMIA — COMÉRCIO — MEIOS DE TRANSPORTE** : Em Milagres, a agricultura — atividade de maior importância — tem um campo propício. As terras são férteis e dadas, prestando-se admiravelmente a todas as culturas. A sua economia, na realidade, se baseia essencialmente na sua pujante agropecuária. O município possui apreciável número de boas fazendas do melhor padrão entre suas congêneres da região. Avulta entre as propriedades milagrenses, a fazenda "Carnaúba", de propriedade do agropecuarista José Ascênio Araruna.

O comércio no município de Milagres transaciona com as praças de Juazeiro do Norte, Crato, Brejo Santo, Campina Grande (na Paraíba), Fortaleza, Recife (Pernambuco), e outras cidades.

Importa: tecidos e miudezas em geral, combustíveis, óleos e lubrificantes, máquinas e implementos agrícolas. Exporta: algodão em pluma, mamona, peles, couro, rapadura, etc.

Tem a cooperação do Banco do Estado do Ceará S. A. e da Cooperativa dos Rodoviários Ltda.

Liga-se aos municípios vizinhos, à capital do Estado e aos demais estados, por linhas rodoviárias. Milagres é uma cidade amável e hospitaleira, fidalga e acolhedora, com empresas de Transporte que facilitam o intercâmbio comercial do município: Itapemirim S. A. — Ipú-Brasília — Rápido-Juazeiro — Viação Rio Negro — Viação S. José — Princesa-Seridó — Viação Brasília. O CEP (código postal) de Milagres, é: 63.250.

**OUTRAS ATIVIDADES** : Milagres possui, em toda a sua área territorial, 266 firmas comerciais, 14 indústrias de pequeno, médio e grande porte. Possui 1.800 propriedades rurais, 4.000 prédios, em todo o município. Possui 03 hotéis, 03 churrascarias e 04 postos de gasolina.

Dentre as firmas comerciais, destacam-se: Irmãos Mendonça Ltda. (Supermercado) — Marconi (eletrodomésticos, tintas, móveis, etc; tudo para o conforto dos lares, inclusive distribuição da "Norte Gás Butano"). Sadoch Alves Xavier (bar e mercearia) — Furtado Moraes & Cia. (compra e venda de cereais) — Organização F. A. B. Tavares & Irmãos, etc.

O Cooperativismo é representado no município, pela Cooperativa Agropecuária de Milagres, para financiamento aos agricultores e criadores.

*PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS CULTURAS PERMANENTES* : Algodão arbóreo, banana, cajú, côco, laranja, manga, tangerina, limão.

*CULTURAS TEMPORÁRIAS* : algodão herbáceo, arroz, cana de açúcar, feijão, mamona, mandioca e milho.

*ARTE E LITERATURA* : No seu artigo "Milagres e a sua música popular brasileira", J. Belém refere-se ao cantor e compositor Chico Xavier, que é também produtor artístico ( ) três gravadoras das mais conhecidas do Brasil: a C. B. S., a Continental e Som Livre, sendo esta pertencente a T. V. Globo do Grupo Roberto Marinho, e é autor de mais de duzentas músicas gravadas por diversos cantores de renome". J. Belém refere-se ainda a Jonas Andrade (nome artístico), autor e intérprete de "A Velha debaixo da Cama." "Outros filhos de Milagres têm lugar de destaque no panorama da música popular brasileira".

Na literatura, destaca-se: desembargador Valdemar Alves Pereira (formado em Direito em 1929, no Ceará), homem de letras, filólogo, crítico literário, poeta e escritor; autor de "Ângulos e Horizontes (1980), "Entre Excelências e Majestades" (1981). É de sua autoria o soneto: "Milagres". Deve-se ressaltar o nome do Cônego (general e doutor em cânones) Misael Gomes da Silva, poliglota que publicou livros e folhetos diversos.

O poeta Alves de Oliveira (Sebastião), também publicou soneto glorificando Milagres.

#### *HOMENS E MULHERES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A GRANDIOSIDADE DA HISTÓRIA DE MILAGRES :*

Falecidos: Cel. Domingos Leite Furtado, Cel. Antônio Gomes de Lacerda, Manoel Furtado de Figueiredo, Cel. Raimundo Alves Pereira, Cícero Leite Dantas, Júlio Leite Sampaio, Pedro Furtado de Lacerda, Cônego Misael Gomes da Silva, Marechal Odilon Gomes da Silva, Cel. Antônio Leite Furtado, Amâncio Leite Furtado, Pe. Aldemir Queiroz, José Nicodemos de Figueiredo, Luis Nicodemos de Figueiredo, Clícério Martins, Isaias Bezerra Leite, Júlio Coêlho, Dr. Antônio Galeno da Costa e Silva (juiz de Direito), Dr. Hiderval Gomes Leite (médico, ex-reitor da UFC.) Marciano Leite A. Lima, D. Maria Ventura Gomes Alves (esposa do Cel. Raimundo Alves Pereira, primeira dama por mais de 12 anos, mãe de 22 filhos, dos quais 12 são vivos). Josefa Maria do Espírito Santo (o Patronato e Escola Normal de Milagres "D. Zefinha Gomes", foi erigido em sua homenagem). D. Enedina Pereira Leite (a caridade foi o seu lema).

*Do presente, destacam-se* : Desembargador Valdemar Alves Pereira, Celso Gomes Alves (coletor Federal aposentado e ex-prefeito), Amair Leite Varcla (grande incentivadora dos movimentos sócio-religiosos de Milagres), Madre Betisa Gomes Alves (superiora de vários colégios da ordem das Irmãs Dorotéias),

Elizio Leite de Araujo, Edmilson Coêlho Pereira, Djalma Sobreira Dantas, Francisco Gilvan Moraes, Dr. José Roosevelt Cavalcante, Dr. Francisco Coêlho, Dra. Ruth Coêlho, Dr. Rômulo Coêlho Figueiredo, José Osmar Coêlho, José Martins, Dr. José Carlos Allan Sobreira, Dr. Hellosman Sampaio de Lacerda, professora Maroly Sobreira Dantas e Cira Sobreira Coêlho, Dr. Tarsio Sobreira Dantas, Manoel Grangeiro, Dr. Aloísio Franklin, Aldenor Coêlho.

*HOMENAGEM ESPECIAL*, ao Dr. General e Cônego Misael Gomes da Silva. A revista "Realização", de Março de 1982 (Milagres), diz o seguinte: "Depois de Santo Antônio de Lisboa, que foi general honorário do Exército brasileiro até a proclamação da República (e a separação entre Igreja e Estado), o Brasil ficou quase cinquenta anos sem um sacerdote oficial superior de suas Forças Armadas. Quem reatou a tradição — que vem da Idade Média em Portugal com o bispo de Opas (Eurico, o Presbítero) e dos cardeais de Lorena, de Richelieu e de la Valette — foi um cabeça chata do vale do Cariri: padre Misael Gomes da Silva, uma das mais admiráveis figuras humanas do Ceará".

Cônego Misael Gomes da Silva, concluiu o curso superior em Roma e atingiu o generalato pelo ensino militar. Fundador de colégios como o "Cearense Sagrado Coração" (Fortaleza), a "Escola Normal e Patronato D. Zefinha Gomes" (sua genitora). Foi um dos fundadores da Associação Cultural Franco-Brasileira. Sócio da Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira nº 14. Fundou a Igreja de S. Gerardo (Fortaleza). Diretor de vários colégios e associações. Representou o Brasil no Congresso Interamericano de História e Arte Religiosas em Buenos Aires. Muitas foram as condecorações e honrarias recebidas pelo ilustre milagrense, filho do Cel. Antônio Gomes de Lacerda e de Josefa Maria do Espírito Santo (D. Zefinha). Nasceu a 21 de Setembro de 1885 e faleceu a 20 de Agosto de 1984.

*EM DESTAQUE O CENTENÁRIO DE MILAGRES*: O centenário da criação do município de Milagres, foi comemorado a 17 de Agosto de 1946. "Compareceram às solenidades comemorativas: General Onofre Muniz Gomes de Lima, D. D. Comandante da 10ª Região Militar, Pe. dr. gal. Misael Gomes da Silva, professor da Escola preparatória de Fortaleza, Te. Coronel Pinto Magalhães, chefe dos Serviços de Intendência do Exército junto à 10ª Região Militar, com quartel general na capital, Dr. Walter de Sá Cavalcante, diretor de "O Estado" e professor da Escola de Agronomia, e jornalistas Alencar Monteiro de "O Estado" e Felizardo Montalverne, dos "Diários Associados de Fortaleza". Estiveram também presentes: Celso Gomes Alves (prefeito), Dr. Aloísio Franklin, Januário Feitosa, Antenor Lins, Pe. Joaquim Alves, Dr. José Napoleão de Araujo, Justino Feitosa, Amâncio Leite e Cícero Leite, dentre outros.

Na oportunidade, foi prestada uma homenagem a um dos mais ilustres filhos de Milagres, Coronel Raimundo Alves Pereira, grande benfeitor de saudosa memória. A vida desse homem exemplar está ligada aos fatos históricos e públicos da cidade. Como preito de gratidão do povo milagrense, foi erguido na praça por ele construída, o seu busto artisticamente esculpido, para perpetuar a memória do inolvidável batalhador, como tributo moral do reconhecimento dos seus compatriotas, a ele que foi uma "Consciência e um Carater". Agradeceu o magistral discurso do Dr. Wilson Gonçalves proferido no ato da inauguração da herma do Cel. Raimundo Alves Pereira, o seu filho Dr. Valdemar Alves Pereira, em nome da família.

*TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE:* Raimundo Alves Pereira : Filho legítimo de Antônio Alves Pereira (falecido em 8-1-1918) e Raimunda Maria da Conceição (faleceu à 22-3-1922). Nasceu em Milaíres no dia 14 de Maio de 1832. Batizou-o vigário Joaquim Manuel de Sampaio. Padrinhos: Luis Inácio de Oliveira Rocha e sua mulher Joaquina Maria do Amor Divino.

Casou em 1905 com Maria Ventura Gomes, filha do Cel. Antônio Gomes Lacerda e Josefa Maria do Espírito Santo. Faleceu à 15 de Março de 1943, exercendo ainda o cargo de prefeito, que já ocupava há mais de 12 anos. Milagres jamais o esquecerá.

---

APOLOGIA DA BELEZA DE :

## MILAGRES

Margeando o palmeiral que rumoreja,  
Cidade amiga dos meus idos dias,  
Surges-me ao longo de áureas fantasias,  
Em meio à tarde azul a tua igreja!

Nossa Senhora dos Milagres veja  
Maternalmente tudo que tu crias:  
A gente amada, as verdes pradarias,  
O rebanho que pasta, a ave que adeja!

Não sou teu filho, não, mas são teus filhos,  
Meus primeiros ideais de fama e brilhos,  
Pelo que te deixei por outros ares...

Hoje, saudoso desses tempos belos,  
Quero-te grande — para meus anelos,  
Quero-te bela — para meus cismares!

*Alves de Oliveira*

(Do livro "Visões", 1962, pag. 106)

# MILAGRES DO AMOR

Sol,  
Luz,  
Encanto no canto das aves,  
Perfume silvestre.

O vem-vem anuncia, ainda para esse dia  
Gente nova nas paragens  
Conhecidas só por selvagens.  
O mato seco estala.  
O coração dele se abala...  
De susto?  
De medo?  
De curiosidade?  
Perspectivas diversas,  
Pés estranhos rastejam por dentro do mato.  
Piauienses audazes conduzem  
Souza Preza a Recife

em cumprimento da sentença criminal  
pelo crime cometido.

— O eterno problema social.

Bravo moço, destemido, pela escolta conduzido  
é preso e amarrado,  
outra vez condenado,  
agora pelos tapuias ferozes.  
Os índios vão à caça,  
deixando-o bem amarrado  
ao tronco do Juazeiro,  
muito bem recomendado aos cuidados  
da selvagem mais bonita do lugar.  
Magro, embora, é garboso  
pobre moço inditoso.

Meio dia...

O sol brilha entre o cascalho bruto.  
A paisagem colorida grita violentamente.  
As águas paradas estudam qualquer coisa...  
O pensamento do moço bate as asas rápido.  
Súplica ardente e aflita esvaia-se  
num grito mudo pela amplidão do infinito:

"Construirei aqui uma capelinha  
sob a invocação de Nossa Senhora dos Milagres  
Se ela me acudir,  
Se ela me ajudar  
a sair com vida deste lugar".

Geme e ninguém ouve.  
Soluça e ninguém vê.

Duas raças se aproximam.

Dois seres se amam, mas não se cruzam desta vez.

A mais bela ilusão da tapuia dura um minuto só,  
porque tudo na vida é assim mesmo

“O que é bom dura pouco”...

A índia jovem solta-lhe os laços,  
liberta-o da prisão.

O Juazeiro canta soberbo e solta ao vento  
a basta cabeleira verde.

O canto da cigarra enche as matas de  
festa entre pedras polidas.

O pé ligeiro de Souza Preza  
rasga o matagal fechado  
e risca mais veloz a faixa branca do caminho  
cintilante de faíscas e cisalhos de prata.

Entra na mata ao sol do meio dia

E, quando a tarde estende a longa  
mão nervosa, Souza Preza

vai longe rompendo a solidão do Cariri  
do século XVIII, para voltar depois,  
em cumprimento da promessa feita  
em hora de extremo temor.

Voltou e cumpriu, reza a lenda,

e a cidade de Milagres

surgiu por entre a moldura do  
coqueiral que a aperta

num abraço amigo

como seu povo o é.

*Maria Eunice Sobreira*

(Da revista “Realização”, de Março de 1982, pag. 15)

## MILAGRES

---

No meio dos sertões, entre coqueiros mil,  
Demora a minha terra, ativa e hospitaleira,

Bela nesga do Céu em terra brasileira

Milagres — berço meu, jardim primaveril.

De seu formoso altar, a noivinha gentil,

A — Filha do Sertão — vaidosa e sobranceira,

Aos quatro ventos solta a verde cabeleira,

Domina a vastidão dos campos do Brasil.

Seu leito virginal — um chão de frescas rosas

Colhidas aos rosais em cada alvorecer

E esparsas pelo chão por meigas mãos formosas...

Dos infinitos céus ao meu torrão natal,

Ó divinal Maria, ó Mãe, fazei verter

Fontes de bençãos mil em túmida caudal.

VALDEMAR ALVES PEREIRA

Fortaleza, 15 de Setembro de 1985



**VALDELICE ALVES LEITE** — Nasceu em Milagres (Ceará), filha de Raimundo Alves Pereira e Maria Ventura Gomes Alves (ambos falecidos).

Casada com Emílio Moura Leite (médico), de cujo consórcio tem os seguintes filhos:

Valdêlio Alves Leite (médico), Valmílio Alves Leite (ex-gerente do Turismo Bradesco (falecido), Valdelice Maria Leite Calvet (professora; funcionária da UFC) e Valdemílio Alves Leite (funcionário da UFC).

Professora diplomada com distinção, pelo Colégio das Dorotéias de Fortaleza.

Pertencendo ao 2º Grau da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, registro D — nº 3354 (Trabalhos Manuais e Artes Integradas no Lar), leciona no Colégio Estadual Estudante João Nogueira Jucá, tendo atuado como vice-diretora do Colégio Estadual Justiniano de Serpa, em 1963.

Associada da ACI — matrícula 145.

Tem vários cursos de especialização dentro de sua área de ensino, como também os cursos: Inglês (Cultura Britânica e Fisk), e de Literatura (UFC).

Ocupa a Cadeira 49 da "ALA FEMININA" da "Casa Juvenal Galeno", tendo como patrona a reiiigiosa ANA COUTO (fundadora da Congregação das "Filhas de Santa Teresa").

A tese defendida com o título "O DESTINO PREDESTINADO DE ANA COUTO", teve como relator o Rvdo. Mons. André Camurça, que no seu parecer deu nota 10. Subscreveram-no o escritor Joaryvar Macedo (Secretário de Cultura), a escritora Cândida Maria Santiago Galeno, Madre Paula A. S. A. Bezerra (Madre Geral das Filhas de Santa Teresa), e Claudio Sampaio Costa.

É Membro Titular da Academia de Letras Municipais do Brasil (S. Paulo).

Publicou pela Imprensa Universitária do Ceará:

CONCEITOS DE EDUCAÇÃO E SAÚDE (1970)

AO CORRER DA PENA (1974)

CONTRASTES E DETALHES (1978)

MENSAGENS E ACONTECÊNCIAS (1983), pela Editora Henriqueta Galeno

Em preparo: CHAMAS QUE NÃO SE APAGAM.

*Valdelice Alves Leite*

Fortaleza - Ceará.

## FONTES DE INFORMAÇÃO: \_\_\_\_\_

IBGE (Dados até 1985)

Revista "REALIZAÇÃO", das Bodas de Prata do Patronato e Escola Normal Da. Zefinha Gomes (Milagres — Ceará) 1982.

Revista "REGIÃO", do Crato (20 de Julho de 1980).

Imprensa Oficial do Ceará, "DIÁRIO DA JUSTIÇA" (18 de Agosto de 1976).

"OS MUNICÍPIOS CEARENSES E SEUS DISTRITOS" (de Raimundo Girão).

Informações Locais.

*Valdelice Alves Leite*

Fortaleza, 15/09/1985.

### Certidão de Óbito de LEONEL PEREIRA DE ALENCAR, Mártir da Revolução de Pinto Madeira

"No dia 28 de Setembro de 1824, nesta Matriz, de grade abaixo, se deu sepultura a Leonel Pereira de Alencar casado com Maria Xavier da Silva, assassinado e encomendado por mim, e para constar fiz este assento em que me assinarei.

No mesmo dia e ano, nesta Matriz, de grade abaixo, se deu sepultura a Raimundo Pereira de Alencar, casado com Carlota Alencar, assassinado e encomendado por mim e para constar fiz este assento em que me assinarei".

**Padre Inácio da Cunha Serqueira**  
Pró-Pároco

Obs.: Este precioso e histórico documento foi colhido em fonte limpa: livro de registros da Paróquia de Jardim.

Leonel Pereira de Alencar era irmão da heroína republicana, Dona Bárbara Pereira de Alencar e sôgro do Senador Martiniano de Alencar. O assassinato de Leonel e seu filho Raimundo aconteceu no seu Sítio Engenho Velho, nos arredores de Jardim e hoje pertencente aos herdeiros do Sr. Urias Novais.

# *Farmácia Vasconcelos*

---

A MAIOR E MAIS COMPLETA FARMÁCIA  
DA CIDADE

---

AMBULATÓRIO COMPLETO  
COM ATENDIMENTO  
DIA E NOITE

---

GRANDE SORTIMENTO  
MEDICAMENTOS SEMPRE NOVOS

---

# *Farmácia Vasconcelos*

---

15% de DESCONTOS em qualquer nota de sua compra  
Entrega também seus MEDICAMENTOS a Domicílio

**RUA BÁRBARA DE ALENCAR Nº 901**

FONES: 521-1717 e 521-2016 – CRATO - CEARÁ

# Um Abolicionista do Cariri

O infortunado poeta ANTONIO BARBOSA DE FREITAS, glória imorredoura da poesia nacional, cuja produção poética, do estilo condoreiro, se perfila ante e em igualdade à de Castro Alves — foi um dos grandes vultos do abolicionismo no Ceará.

Barbosa de Freitas morreu moço, ainda, pouco mais de 23 anos.

Todavia, deixou vasta obra poética, que seus amigos teem encontrado esparsa em jornais e revistas, e até em pedaços de papéis e escritos avulsos — inclusive, o último poema, épico, de filigranas de beleza, escrito no alvissimo lençol de linho que o encobria arfante, e que o envolveria depois da morte, na Santa Casa de Misericórdia, em Fortaleza.

Vulto notável, o desse moço que desprezou a fortuna e a glória, jogou fora as oportunidades de vida, estudos, relações — e se entregou ao vício do álcool até morrer minado por uma galopante tuberculose !

Era o poeta — na mais lídima expressão do termo — a se embriagar com a vida, a conviver com as estrelas, o sol, a natureza, os animais, a exaltar o amor e a ternura, bebendo em tascas imundas pela Fortaleza provinciana do século passado, até consumir o último sôpro de vida, pobre, esquecido e incompreendido.

Filho de Antonio Nogueira de Carvalho, advogado rábula, no Jardim, e de sua legítima esposa, nasceu Barbosa de Freitas naquela terra encantadora de palmeirais virentes e formosas fontes e regatos, em 1858. Sua mãe, Maria Barbosa da Silva, cedo ficou viúva, pois o marido foi assassinado no Mercado Público de Jardim — e consentiu que o Dr. Américo Militão de Freitas Guimarães, Desembargador do Tribunal da Relação no Ceará, levasse o filho tenro de idade, para criar em Fortaleza.

Barbosa de Freitas foi seminarista, mas deixou o Seminário por não sentir pender para a carreira religiosa — e "arrastado lá fora no turbilhão da vida — di-lo Ribeiro Ramos, em bela biografia que escreveu sobre o poeta — e em obediência, talvez, às leis atávicas, não resistiu à tentação do álcool, que o levou ao túmulo aos 23 anos e 2 dias, quando, ainda na aurora da vida, lhe poderia sorrir um grande futuro, não fôra tão cruel o destino".

# Antônio Duarte Júnior

Em meio ao torvelinho da vida moderna, uma pequena pausa para as amenidades desta casa que, sendo uma casa de cultura, é necessariamente uma casa de amenidades.

Sim, amenidades advindas da poesia, da prosa elegante, do texto bem posto com zelo pelo vernáculo e cinzelado pelo cuidado estilístico, não porque aqui se saiba tudo, mas porque se procura saber um mínimo, pelo menos, para bem representar culturalmente esta terra onde o Nordeste se encontra no telurismo místico das romarias, fruto do magnífico caldeamento de raças, religiões, credos políticos e classes sociais, cadinho que funde uma matéria muito especial que se chama **HOMEM NORDESTINO**, "Cor das tardes sem sol", na lapidar expressão do jurista Afonso Arinos de Melo Franco!

Aqui estou porque por vós fui convidado, por lembrança do amigo, vizinho e irmão pelo coração, Dr. Antônio Marchet Calou, vosso mui digno confrade e marco humano da história da Odontologia do Ceará, já que foi o primeiro Odontólogo formado que veio ter a estas amplas plagas há quase meio século passado, um pioneiro, portanto.

E a vossa escolha, fruto da benignidade do vosso coração generoso, trouxe o sêlo da unanimidade que significa irrecusabilidade!

---

Poeta da mesma estirpe de Castro Alves, embora Ribeiro Ramos ache que "nem poderia excedê-lo, nem poderia igualá-lo", embora "tenha sido um discípulo digno do Mestre" — Barbosa de Freitas integrou-se às lutas abolicionistas do Ceará, prestigiando o movimento que ganhava todos os segmentos da nossa sociedade.

Fz versos e exaltou as Sociedades Libertadoras, e deu o seu formidável contributo à libertação, que viria a eclodir oficialmente a 25 de Março de 1884 — após atos isolados de libertação em alguns municípios provinciais.

Dele é esse trecho "Maldito o que sustenta e o que protege/a causa infame e vil dos tais senhores/que dardejам seu látego infamante/fazendo ao pobre irmão sofrer mil dores/".

Barbosa de Freitas não viu a libertação dos escravos no Ceará, pois faleceu a 24 de Janeiro de 1883 — em Fortaleza.

Vim sem vaidades vãs, mas como quem recebe uma ordem a cumprir, consciente, embora, das minhas notórias limitações.

De vossas mãos recebi um encargo e estou disposto a cumpri-lo fielmente na medida do possível com zêlo e assiduidade permitidos pela vida azafamada de um Médico de aldeia, sem o brilho das estrelas mas com a objetividade e o pragmatismo de um homem mediocre, todavia, de bom senso, permiti-vos a imodéstia.

Aceitei a vossa escolha, não sem antes fazer uma meticolosa reflexão que me deu o aval da minha vinda aqui e agora.

Merecerei, de fato, a honrosa láurea ?

Valerá a pena para mim e para vós, sobretudo ?

Terei, por ventura, alguma identidade com a terra que não é meu berço e onde não resido ?

Alguma coisa de útil poderei oferecer ao Instituto Cultural do Vale Cariense que me abre suas portas tão generosamente ?

Existirá, de fato, alguma afinidade entre mim e vós, que permita um convívio ameno e salutar com recíproco deleite mental? Haverá proveitos bilaterais ?

Tudo isto foi pesado, pensado e medido e a resposta do meu íntimo foi afirmativa e só por isto é que aqui me tendes de corpo inteiro, grato por vossa escolha, certo de que vos não decepcionarei porque não costumo fazer as coisas só por fazer, mas procuro fazê-las obedecendo a uma planificação interior com metas a serem atingidas.

É por isto que aqui estou !

Ao fitar as fisionomias que me rodeiam vejo gente amiga, amigos que tão bem conheço e que me conhecem bem, entre outros companheiros que mal conheço e que pouco ou nada sabem de mim, apesar dos meus já alentados 25 anos de ininterrupta atividade médica cotidiana nesta terra, altar da religiosidade popular nordestina, oratório onde o sertão aprende a rezar na grandeza maravilhosa de sua fé um tanto cega, determinista e obscura, cujas raízes não se nutrem nas águas límpidas de uma verdadeira consciência religiosa dogmática, mas buscam energia e vida no tradicionalismo místico que a conjuntura social impõe talvez até como fuga de uma realidade que é dura demais para ser enfrentada sem o alentador patrocínio dos céus, na simplista concepção do sertanêjo. A isto se chama religiosidade popular, objeto de merecidas atenções da Igreja de hoje.

Meu quase anonimato profissional aqui como alhures ocorre por conta de uma vida modesta e sem estrelismo, de quem vive mais na penumbra de um apertado e humilde consultório médico da Assistência Médica da Previdência Social tão cheia de mazelas, mas ainda assim tão útil ao povo, apesar disto.

Vivo receitando gente humilde cuja dor ninguém ouve porque dos pobres até a dor é muda, até o gemido é silencioso na consciente inutilidade de gritar para não ser ouvido, para não ser escutado !

Dos humildes a vida e a morte quase se confundem na horizontalidade da massificação coletiva !

É assim que vivo profissionalmente, no entanto sou feliz, da precária felicidade terrena e me sinto plenamente realizado profissionalmente, com a consciência tranquila de quem faz alguma coisa de útil pelo povo desta terra, sem demagogia, sem querer aparecer, na sombra do anonimato, é bem verdade, mas onde existe uma tênue claridade do idealismo a iluminar o pouco que faço dizendo baixinho ao meu ouvido: "isto é vocação" e alguém já disse olhures que "A felicidade humana é a vocação satisfeita"!

Meus Amigos !

Juazeiro é o maior eixo comercial e empresarial do Cariri e talvez por isto mesmo aqui predomine a mentalidade mercantilista da maioria que enxerga o lucro fácil sem vêr a beleza, tendo a cultura como coisa secundária !

Por isto mesmo esta casa é tão necessária, mas tão pouco frequentada !

A ela cabe defender, pelos séculos sem conta, a identidade cultural de Juazeiro, preservando-lhe a memória em todos os campos da cultura.

Como a cultura não rende dividendos pessoais imediatos para ninguém, poucos aqui comparecem, comprovando que o imediatismo, comanda as ações do homem hodierno que não é tão moderno quanto se pensa porque é violento como os trogloditas, apesar da Cibernética e da Eletrônica, da informática e do amplo domínio sideral !

Os que aqui vêm com regularidade, sacrificando o convívio familiar, mostram amor pelas coisas da mente e só por isto já merecem a nossa melhor admiração !

Meus Amigos !

Nos institutos culturais e nas academias de letras é praxe o recipiendário fazer o elogio do seu patrono, bem como do seu antecessor imediato na cadeira a ser ocupada. Aqui a cadeira que ocuparei, a de número 37, estava vaga desde sua criação



porque nunca fôra ocupada por ninguém e assim só me compete tecer considerações sobre o meu patrono que escolhi por mera afinidade barbalhense: ANTÔNIO DUARTE JUNIOR !

Dele bem poucos se lembram porque a memória humana é muito fraca e curta, sobretudo quando o véu da morte desce sobre as pessoas, alienando lembranças e apagando imagens !

Na década de 1940 Antônio Duarte Junior, "Padre Duarte", como era mais conhecido, sobretudo profissionalmente, era um dos mais solicitados Advogados do Cariri, embora nunca houvesse frequentado uma Faculdade de Direito !

Apenas estudou no Colégio do Dr. Soriano, em Barbalha, depois no Seminário de Canindé onde alicerçou sua cultura humanística e onde foi amigo e contemporâneo de Quintino Cunha, fixando-se posteriormente em Fortaleza após estada no Rio trabalhando em jornais, experiência também muito válida para sua vida política. Sua fixação temporária em Fortaleza foi providencial para sua movimentada carreira de Advogado, pois residiu com o notável criminalista da época, Dr. Gomes de Matos, com quem deu os primeiros passos na Ciência Jurídica sob bases de inteligência invulgar, prodigiosa memória e excelente capacidade oratória.

Assim tornou-se Rábula provisionado na OAB, Ordem dos Advogados do Brasil, Secção do Ceará, desde 05-11-1921, sob o número 7.

Segundo judiciosa opinião do Jornalista J. de Figueiredo Filho, de imorredoura memória, "Duarte Junior tinha uma inteligência acima do normal, era excelente Jornalista e tinha conhecimentos jurídicos muito sólidos para um autodidata".

Tomou parte na Revolução de 1930 e foi político militante, tendo sido Prefeito de sua terra natal, Barbalha, como interventor, com operosa gestão e posteriormente Deputado Estadual de destacada atuação, com mandato iniciado em 24-05-1935; Constituinte, como vice-líder de uma numerosa bancada liderada pelo saudoso Paulo Sarazate Ferreira Lopes que chegou a ser Governador do Estado em memorável disputa com o Dr. Armando Ribeiro Falcão, Deputado Federal de renome nacional, Senador da República e escritor.

Nesta época Duarte Junior assumiu a liderança de sua bancada por várias vezes nos impedimentos do seu brilhante titular.

Ora, se o líder era tão qualificado assim, o seu substituto eventual, o vice-líder, devia-lhe andar por perto em qualificação, logicamente.

Duarte Junior foi também Delegado Regional do Ensino, função em que se aposentou como funcionário público estadual.

Na campanha pela redemocratização do País, em 1945, Duarte Junior foi um dos esteios da U.D.N. (União Democrática Nacional), em Crato, tendo saudado a numerosa caravana de políticos eminentes que veio de Fortaleza estruturar as oposições no Cariri. Aos 15 anos de idade eu ouvi esta vibrante saudação ao pé da Coluna da Hora, em Crato, em noite estival de muita vibração cívica quando o Cariri ratificava a sua irrefreável vocação libertária estravasando o seu público repúdio ao Estado Novo, de Vargas, que de 1930 a 1945, mandou e desmandou autoritariamente neste País, manietando o livre pensamento e amordaçando vozes, através do seu famigerado DIP, (Departamento de Imprensa e Propaganda) dirigido, infelizmente, por um intelectual da melhor cêpa, o Sr. Lourival Fontes, provando a quanto chega a força corruptora do poder !

Sócio do Instituto Cultural do Cariri, de Crato, Duarte Junior colaborou brilhantemente na revista "Itaytera" e nos jornais de Fortaleza, falecendo aos 67 anos de idade, em Crato onde estava morando, em 10 de julho de 1970, antes de assumir oficialmente sua cadeira naquele sodalício, na Secção de Letras, cujo patrono é Raimundo do Monte Arraes. Sua morte, após rebelde Febre Tifoide complicada por Distúrbios Coronarianos, foi comentada por J. de Figueiredo Filho em belo necrológio na revista "Itaytera". Depois da redemocratização do País em 1945 Duarte Junior ainda disputou a Prefeitura de Barbalha sendo, todavia, derrotado pelo sr. Alfredo Correia de Oliveira.

Após seu falecimento Duarte Junior passou a ser Patrono de uma das cadeiras do Instituto Cultural do Cariri, cadeira a ser ocupada pelo Tabelião Geraldo Lôbo, inicialmente.

Antônio Duarte Junior nasceu em 07-03-1903, filho de Antônio Duarte Grangeiro Primo e Ana Divina Duarte Grangeiro e está sepultado em Barbalha por desejo seu, "sendo hoje seu túmulo a única marca de sua passagem por sua terra natal onde foi Prefeito e seu representante na Assembléia Legislativa do Estado", segundo nostálgica afirmação que me fez o seu filho, Dr. Alênio Duarte.

Era casado com Dona Ális Ribeiro Duarte de cujo consórcio nasceram nove filhos, inclusive o Ex-Promotor Público desta Comarca, Dr. Alênio Duarte, bem como o festejado poeta-boêmio, Enéas Duarte, por sinal Patrono da cadeira número 17 deste Instituto.

Deixou vários trabalhos publicados, sendo "Apoteose do Banditismo" o de maior repercussão, análise crítica de Revolução de 1914 em Juazeiro, vista pelo prisma político-sociológico, afora várias obras de Direito de real valor, entre as quais: "Denúnciação Caluniosa, "Conflito Ocasional, Autoria Certa" etc.

Por tudo isto Antônio Duarte Junior merece a honra de patrocinar uma cadeira no Instituto Cultural do Cariri, de Crato, bem como no Instituto Cultural do Vale Caririense, em Juazeiro.

Nesta casa patrocina a cadeira de número 37 a ser por mim ocupada a partir de agora. Se foi sempre expoente onde atuou era porque tinha valor pessoal e os valores humanos precisam ser lembrados e reverenciados, sobretudo quando a morte já os tem imobilizados no determinismo biológico ao qual alguém jamais fugiu !

Se a vida é tão efêmera e a vida humana particularmente curta, paradoxalmente a morte é eterna e para minorar-lhe os efeitos só fica a reverência dos mortos na lembrança dos que ficam !

É o mínimo que se pode fazer e também a única coisa a fazer !

Meus Amigos !

Ao ocupar nesta casa a cadeira que tem o patrocínio de ANTÔNIO DUARTE JUNIOR, permito-me reverenciar a sua memória apontando-o às presentes e futuras gerações como um dos destaques da paisagem humana do Cariri no seu tempo e em todos os tempos !

Ao encerrar minha despreziosa oração com a qual apenas objetivo cumprir os Estatutos desta augusta casa, prefiro fazê-lo com o grande Coelho Neto cujas palavras lapidares serão a chave de ouro deste meu modesto trabalho:

"Não morre quem nos outros vive !

Não morre quem nos vivos vive !

Pois é na memória dos vivos

Que os mortos se eternizam" !

---

Discurso de posse na Cadeira 37, do Instituto Cultural do Vale Caririense, em Juazeiro do Norte, em 03-03-85.

**Tipografia e Papelaria do CARIRI**

onde a sua IMPRESSÃO  
causa uma boa impressão...

( ORGANIZAÇÃO RAIMUNDO PIRES MAIA LTDA. )  
Rua Dr. João Pessoa, 386 - FONE: 521-1223 - CRATO-Ce.

M. Dias Branco S. A.  
Comércio e Indústria

Fábrica



Fortaleza

DEPÓSITO REGIONAL DO CARIRI, EM CRATO

OS MELHORES PRODUTOS:

BISCOITOS, MACARRÕES E

MASSAS ALIMENTÍCIAS



AV. PADRE CÍCERO, Km 2 - MURITY

TELEFONES: 521 - 1616 - 521 - 1766

End. Teleg.: **DIBRANCO**

CRATO

—

CEARÁ

# Os Desequilíbrios Regionais e Seus Efeitos Sobre a Economia Nordestina

Somos um país com uma população de quase cento e trinta milhões de habitantes, que falam a mesma língua; o quarto em extensão territorial do mundo, cujo território está dividido em cinco regiões geo-econômicas: Sudeste, Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

Fazendo uma pequena análise, torna-se evidente as diferenças existentes entre estas regiões, não só no aspecto geográfico, mas sobretudo nos aspectos psico-social e econômico.

As causas dessa *desigualdade* estão inseridas no processo evolutivo de nossa formação econômica, e no descaso de nossos governantes no tocante a alocação dos recursos a distribuição da renda.

Vejamos o caso das regiões Norte e Nordeste: até parece que não fazem parte do "Brasil Centro-Sul". São duas regiões possuidoras dos planos e programas mais bem elaborados, cuja execução seria dos mais elevados níveis técnicos possíveis. Mas, que na verdade não passam do papel. Parece até ironia ou exagero. Citamos algum órgão ou programa que surtiu êxito nestas regiões!?. Basta tomar como ponto referencial os órgãos desenvolvimentistas SUDENE e SUDAM. É triste, mas são órgãos desvirtuados dos objetivos para os quais foram criados.

O Nordeste brasileiro é conhecido mundialmente como um "bolsão de miséria", comparável apenas com algumas regiões africanas. Segundo estudos do Professor Francisco Tarcísio Leite, o Nordeste possui um índice de natalidade de 3,1% ao ano, um dos maiores do mundo; uma renda per capita de apenas 127 dolares. Além disso esta região apresenta uma grande concentração de renda. Cerca de 20% da população detém 70% da renda. Esta região apresenta ainda um elevado índice de desemprego, o analfabetismo atinge a 30% da população, alto nível de carência alimentar, más condições de moradias, etc.

Diante deste quadro nebuloso, com tendências a piorar, os nordestinos e nortistas não encontram outra solução se não a de emigrar para os grandes centros urbanos, para se amontoarem nos mocambos e favelas e agravar ainda mais o quadro social do país.

Para as regiões Norte e Nordeste, não se faz mais necessário elaborar novos planos "redentores" nem criar novos órgãos. Bastaria apenas um pouco mais de atenção do governo federal e uma pitada de honestidade de nossos homens públicos para dar condições a execução dos planos já existentes.

O problema do desequilíbrio regional põe, de um certo modo, em risco a própria *segurança* e a *integridade nacional*. Vai se criando uma pressão social que poderá ressurgir numa deflagração em massa.

As regiões Norte e Nordeste são possuidoras de grandes recursos minerais, agrícolas e humanos. É preciso apenas serem explorados e a contento. E para isso se faz necessário que o governo volte suas atenções para essas regiões dando-lhes meios e recursos para promoverem seus desenvolvimentos.

Uma maneira segundo o Professor Francisco Tavares, seria dar melhores *condições ao homem do campo*, como também condições para que fossem criadas indústrias de beneficiamento, visando a industrialização dos produtos nativos da região como, o fumo, o algodão, o cacau e tantos outros. Assim se criaria mais emprego e daria melhores condições de vida a essa gente tão sofrida, como também abrandaria um grande problema que é o êxodo rural.

Boas idéias existem, o que falta são políticos de boa vontade.

---

## FALECEU A VIUVA DE J. DE FIGUEIREDO FILHO

À uma hora da manhã de domingo, dia 16 de Fevereiro de 1986, na residência de sua filha Eneida de Figueiredo Araripe, veio a falecer a Sra. Zuleica Pequeno de Figueiredo, viuva do nosso saudoso Presidente do ICC, dr. José Alves de Figueiredo Filho.

D. Zuleica, que era dona de privilegiada inteligência e aptidões artísticas, também foi colaboradora de ITAYTERA, vários anos.

Era filha de Pedro Augusto Pequeno, antigo Coletor Federal em Crato, e de D. Maria do Carmo Moreira Pequeno. Nascera a 16 de Agosto de 1903.

Conсорciou-se com J. de Figueiredo Filho em 27 de Novembro de 1926, e com ele conviveu numa perfeita simbiose, até o falecimento deste, em 29 de Agosto de 1973.

Deixou dona Zuleica dois filhos: dr. Cauby Pequeno de Figueiredo, farmacêutico, casado com D. Regina Costa Carvalho Figueiredo, 3 filhos; e D. Eneida, esposa do advogado Jósio de Alencar Araripe, 5 filhos.

# S A A E C

## SOCIEDADE ANÔNIMA DE ÁGUA E ESGOTOS DO CRATO

ESTAMOS RESOLVENDO, DEFINITIVAMENTE, O  
PROBLEMA DE ÁGUA EM NOSSA CIDADE

COM A SUA COLABORAÇÃO  
COM O SEU ESTÍMULO

NÃO DESPERDICE ÁGUA. AJUDE-NOS EM  
NOSSO GRANDE TRABALHO

NÃO DESPERDICE ÁGUA.  
AJUDE-NOS EM NOSSO GRANDE TRABALHO

---

# S A A E C

- NOVA MENTALIDADE
- NOVOS PROPÓSITOS

Presidente :

**MARCONDI JUSTO**

Administração :

**FRANCISCO WALTER PEIXOTO**



# Usina Bezerra

---

**IRMÃOS BEZERRA DE MENEZES S. A.**

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

COMPRA E BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO

---

End. Teleg. : **B E M E N E Z E S**

TELEFONES: 521-2722 e 521-2843

---

# Usina Bezerra

---

**29 ANOS**

A SERVIÇO DA COMERCIALIZAÇÃO  
ALGODOEIRA NO CARIRI

---

**AVENIDA TEODORICO TELES Nº 502**

CRATO

—

CEARÁ

# Centenário do Coronel JOÃO AUGUSTO

O ano de 1986 assinala, para a comunidade de Lavras da Mangabeira, o primeiro centenário de nascimento do Coronel João Augusto Lima, sem nenhuma dúvida um dos mais ilustres benfeitores e incontestavelmente um dos seus mais proeminentes rebentos

O seu nome é hoje como que presença quase obrigatória nas páginas da crônica sul-cearense, quer por ter ele revestido as características do mandonismo oligárquico vigente em sua época, quer por ter pactuado um dos documentos mais discutidos da história política caririense.

Neto, pelo lado paterno, de Fideralina Augusto Lima e do Major Ildefonso Correia Lima e, pelo lado materno, de Dulcélia Augusto de Oliveira e do Coronel Simplicio Carneiro de Oliveira, nasceu João Augusto Lima em Lavras da Mangabeira, aos 23 de junho de 1886, como primogênito da união matrimonial do Coronel Gustavo Augusto Lima e sua mulher Joana Augusto Lima, falecida em Lavras da Mangabeira, aos 09 de julho de 1930.

Não se tem notícia que na juventude tenha realizado maiores aprendizados humanísticos, senão que cresceu à sombra do domínio político dos seus ancestrais, e que, em 25 de dezembro de 1923, já exercia, em sua terra de berço, a chefia da edilidade municipal, cargo no qual permaneceu até 15 de novembro de 1928 e para o qual foi reconduzido em 05 de junho de 1935, bem como nas eleições municipais de 26 de março de 1936, permanecendo à frente da administração municipal lavrense até 14 de dezembro de 1937, oportunidade em que abandonou as suas atividades políticas, somente a elas retornando mais de uma década depois, para eleger-se Vereador à Câmara Municipal de sua terra, isto no período de 1951 a 1955.

Em Lavras, por volta de 1920, foi nomeado Coletor Estadual, sendo para este mesmo posto reconduzido em 1960, oportunidade nas quais prestou assinalados serviços ao erário do Estado.

Seu ingresso na vida política, entretanto, possui antecedentes remotos. Com efeito, aos 04 de outubro de 1911, já ostentando o título de Major, e com apenas 25 anos de idade, se fazia

signatário do memorável Pacto dos Coronéis, celebrado na então Vila de Juazeiro do Padre Cícero, sob os auspícios do famoso caudilho e sacerdote cariense. A esta importante assembléia, como se pode ler da sua ata de instalação, compareceu na qualidade de representante do seu genitor, o famigerado Coronel Gustavo Augusto Lima, então chefe político do município de Lavras da Mangabeira.

Salientou-se igualmente o Coronel João Augusto Lima pela contribuição que emprestou aos movimentos de combate à Coluna Prestes. A esse respeito, relata o jornalista Alberto Galeno, em "O Povo", edição de 04 de junho de 1982, que no auge da campanha de caça aos revoltosos prestistas, em terras do Ceará, apresentou-se ele em Missão Velha, ao lado do seu irmão Raimundo Augusto Lima, "frente a um exército de 500 cabras em armas"; assegurando ainda citado articulista que, em Lavras, além do seu enorme poder de barganha, o prestígio político do Coronel João Augusto, bem como de outros membros da sua família, costumava sempre ser aferido pela influência que ele nunca perdeu nas decisões do Tribunal do Juri.

Na opinião do também jornalista e Ex-Deputado Quintílio de Alencar Teixeira, o Coronel João Augusto "era um singular *gentleman* matuto, que impressionava pela lhanza do trato até com o mais rude peão da fazenda", isto conforme enunciado em artigo de sua autoria, estampado em "O Povo", edição de 09 de maio de 1984.

Já para o escritor e memorialista cearense Zecandrê, ex-combatente do grupo de Lampião, e que durante certo período de sua vida residiu na cidade de Lavras da Mangabeira, a serviço do mandonismo político ali imperante, o Coronel João Augusto Lima foi sempre um "homem de grande influência política, em seu Município como em todo o Estado do Ceará". Influência, aliás, que o fez protetor de relativo contingente de homens, com os quais, por exemplo, ajudou a garantir a defesa da sua cidade de berço ameaçada pela presença do famigerado Rei do Cangaço, bem como a tranquilidade dos seus amigos e correligionários, tanto nas cercanias de Lavras, como, principalmente, nos vizinhos municípios de Aurora e Ipaumirim.

Em 15 de setembro de 1926, assinala igualmente o memorialista atrás referido, o Coronel João Augusto organizou, em Lavras da Mangabeira, um expressivo comando de homens em armas, "devidamente preparado para qualquer emergência", com o fim específico de "destronar do poder", na vizinha cidade de Várzea Alegre, as famílias Costa e Carvalho Pimpim, "que no momento contavam com o prestígio do governo do Estado". E com efeito, as suas pretensões foram levadas às últimas consequências, com o completo sitiamento de toda a vizinha cidade, inclusive a Prefeitura Municipal, do Quartel da Polícia, da Igreja

Matriz e de todos os seus pontos estratégicos, que finalmente sucumbiram à fúria dos seus homens, os quais, de regresso à cidade de Lavras, foram lhe prestar as "contas da difícil incumbência", que lhes havia sido confiada, "anunciando na oportunidade, a morte de um dos seus homens", tudo como aparece minuciosamente relatado, por Zecandrê, no seu livro "Poeira do Meu Caminho", publicado em Fortaleza, em 1983. E também com relação ao assunto, do mesmo autor, examinar o livro "Capitão Januário, A Beata e os Cabras de Lampião", Fortaleza, Tipografia Progresso, 1979, onde, à página 93, desenha-se um perfil daquilo que era a influência do Coronel João Augusto em toda a região centro-sul do Ceará.

Entretanto, ainda que colocando a atividade política acima das suas demais preocupações, o Coronel João Augusto, mesmo assim, não deixou de, em Lavras, realizar uma das mais proficuas administrações municipais. E como bem assegura Joaryvar Macedo, "a cidade deve-lhe melhoramentos realizados ao tempo em que a governou". Entre estes melhoramentos, podem ser enumerados os seguintes: construção, em 1924, e reconstrução, em 1935, dos Jardins Gustavo Augusto Lima; edificação do antigo açougue municipal; calçamento de várias artérias da cidade; instalação da primeira rede elétrica do município, em 1927; rebaixamento de quase todas as calçadas das diversas ruas da cidade; reconstrução da barragem sobre o Rio Salgado, arrombada por forte erosão; aquisição e organização da Banda de Música municipal; criação de escolas municipais para alfabetização; e perfuração de um poço, equipado com bomba de sucção manual, para serventia pública, em frente à Igreja Matriz.

Autorizado pelo Sr. Bispo Diocesano, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, diga-se finalmente, participou ainda, como Presidente, de uma comissão para a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, cujos trabalhos, iniciados em 1819, seriam retomados em 1919, graças ao espírito de empreendimento do Padre Raimundo Augusto Bezerra.

A análise da sua trajetória política, nos permite observar que ele, atravessando as mais difíceis situações, mesmo assim nunca deixou de se amoldar ao novo figurino que se lhe ia descortinando. Na sua residência, em Lavras, tanto hospedou o Presidente Mattos Peixoto, de quem era amigo particular, quanto o comando do 23º Batalhão de Caçadores, que ocupou a cidade, com a revolução de 1930, de logo se posicionando ao lado das tropas legalistas. Em 1934, devido ainda à sua influência política, teve o seu nome cogitado para Deputado Classista, não aquiescendo, porém, à tentação de afastar-se da sua cidade natal, no seio da qual viria a falecer, a 01 de julho de 1965, sendo hoje nome de rua em João Pessoa, na Paraíba, e em Lavras da Mangabeira.

# *Cerâmica Noronha S/A*

A MAIOR EMPRESA INDUSTRIAL DO CRATO,  
FABRICANDO LADRILHOS CERÂMICOS PARA  
TODO O NORDESTE BRASILEIRO

---

NOSSOS PRODUTOS ESTÃO EM TODAS AS LOJAS  
DE CONSTRUÇÃO

UMA INDÚSTRIA GENUINAMENTE NOSSA

---

# *Cerâmica Noronha S/A*

UMA DEMONSTRAÇÃO DA CAPACIDADE  
EMPRESARIAL DO CARIRI

---

**AV. PADRE CÍCERO – BAIRRO MURITY**

C R A T O

—

C E A R Á

# Zuleika Pequeno de Figueiredo

Já confidenciei aos mais íntimos que pretendo escrever o derradeiro livro sob o título "Páginas da Minha Saudade".

Nele hei de retratar as figuras que ao longo de minha vida pude apreciar e que me passaram as mais otimistas e sadias mensagens de vida.

Hermengarda de Vasconcellos Passos, Maria Teodora Guimarães, Antonio Nascimento Vasconcellos, Luiz Gualda Junior, José de Figueiredo Filho, Paschoal Carlos Magno, Salomon Rubin, João Pereira de Medeiros, Sílvio Júlio, são entre outras personalidades, as que me deixaram além de profunda saudade, um legado, que ainda me permite ter algum respeito pela espécie humana.

Se me fosse dado viver as primeiras décadas deste século, certamente o meu temperamento já sincero e desinteressado, já quixotesco e independente, teria escolhido Ruy Barbosa e não Hermes da Fonseca, Nilo Peçanha e nunca Artur Bernardes.

Essas opções demonstram o quanto sou arredio às iniquidades, às mesquinhas, à falta de liberdade, de inteligência, de cultura, de sobranceira, de senso de humor, valorizando ipso facto os eleitos que hão de figurar no tomo final.

Zuleika Pequeno de Figueiredo é sem qualquer sombra de dúvida parte integrante dessa galeria de imortais, a quem, pretendo nesta oportunidade prestar homenagem, a qual não lhe pude tributar pessoalmente por ocasião de seu recente falecimento. Trata-se de "avant première" de manifestação futura, fato que não pode causar estranheza, pois da mesma forma tenho me conduzido em relação a Sílvio Júlio.

Conheci-a em janeiro de 1964, quando pisei pela primeira vez o chão de Crato. Viajando de ônibus do Rio ao Cariri cearense, conversei durante o longo trajeto com gente que retornava ao torrão natal. Sabedores dos motivos de minha excursão, meus interlocutores me recomendaram que procurasse José de Figueiredo Filho, uma espécie de secretário geral da cultura caririense.

Chegando ao destino, não pestanejei. Uma de minhas primeiras providências foi localizar o prédio nº 2 da rua Lima Verde, onde habitava meu recomendado. Encontrei-o em sua simplicidade costumeira, ao lado da senhora, sua companheira em qualquer terreno. Tornámo-nos íntimos, como se nos conhecessemos há

muito tempo. E foi ali, quase na soleira da porta de Figueiredo Filho que comecei a admirar D. Zuleika, admiração que jamais se desvaneceu, em mais de vinte anos de sólida amizade.

Discreta, reservada, sóbria, era o protótipo da mulher nordestina, pois não lhe faltavam coragem, abnegação, espírito de renúncia e até um certo conformismo.

Era o anjo da guarda de Figueiredo Filho e seu esteio maior. Deu-lhe respaldo físico e intelectual. Acompanhou-o em todas as suas aventuras intelectuais, no asfalto e na pizarra, no Brasil e até no exterior.

Jamais contracenou com o marido. Deixou-se ficar na condição de pano de fundo, para que avultasse a obra imorredoura de Figueiredo Filho, na cátedra, na imprensa, na política, nos estudos históricos e antropológicos, na presidência do Instituto Cultural do Cariri.

Se Figueiredo fazia suas investigações no campo ou no gabinete, D. Zuleika ajudava-o no alinhamento das notas e na ilustração dos textos. Depois que o diabetes provocou verdadeira devastação na saúde de Zé de Figueiredo, sua companheira passou a dar-lhe integral respaldo, de maneira que lhe não faltassem os condicionamentos necessários à sua luta em várias direções.

Morto Figueiredo Filho em agosto de 1973, ficou D. Zuleika firme no timão da família. Envelheceu sobranceira, tranquila, com a consciência do dever cumprido.

Levei dezesseis anos sem ir a Crato e igual tempo sem ver minha velha amiga. Finalmente em outubro de 1985, reencontrei-a em sua simplicidade tradicional, em anexo à casa de sua filha Eneida, numa aprazível e sossegada rua de Crato.

Recebeu-me com a mesma alegria de outras épocas. Trocamos lembranças e impressões do cotidiano. Ela recordou com saudade suas visitas ao sul e as tertúlias que eu procurara proporcionar ao casal. A memória claudicava um pouco, mas, não se lhe poderia adivinhar o fim tão próximo.

Mas um dia, chega-me a inesperada notícia em correspondência de João Lindemberg de Aquino. D. Zuleika morrera discretamente, sem incomodar ninguém em madrugada de fins de janeiro de 1986.

Finou-se uma das figuras mais representativas de mulher cariense neste século tão conturbado em que, cada vez mais escasseiam criaturas desse quilate.

Se é verdade que ninguém nasce mulher, segundo a sentença de Simone de Beauvoir, também é certo que raras mulheres se ombreiam à Zuleika Pequeno de Figueiredo nos dias que correm.

Petrópolis, 15 de abril de 1986



# Aliança de Ouro S/A

== MATERIAL DE CONSTRUÇÃO E MATERIAL ELÉTRICO ==

Distribuidores da: CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL

Chapas pretas e galvanizadas

CIA. GOODYEAR DO BRASIL

Produtos de Borracha: Correias e  
Mangueiras para todos os tipos

## Implementos agrícolas e industriais:

Motores AGRALE — Carretas — Arados — Sulcadores

POLICULTOR CEMAG — Um novo conceito em  
equipamentos de tração animal

# Aliança de Ouro S/A

MATRIZ: Rua São Pedro, 379 — Fones: 511-1888  
511-1470  
511-0344

FILIAIS: Rua São Pedro, 1405 — Fone: 511-2761  
Rua São Pedro, 839 — Fone: 511-1709  
Rua S. Francisco, 311 — Fone: 511-2753

Máquinas OLIVETTI - Mecânicas, Eletrônicas para  
escrever e calcular - Móveis para escritório, etc.

JUAZEIRO DO NORTE

—

CEARÁ

# Francisco Zelo Filho

---

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO EM GERAL

CANOS

CONEXÕES

TORNEIRAS

MATERIAL SANITÁRIO

AZULEJOS

CERÂMICA

CAIXAS D'ÁGUA

TINTAS EM GERAL

GRAMPOS

TELHAS DE AMIANTO

---

# Francisco Zelo Filho

---

TUDO PARA O BOM ACABAMENTO DE  
SUA CONSTRUÇÃO

**RUA SÃO PEDRO, 794 – FONE: 511 - 2224**

JUAZEIRO DO NORTE

—  
CEARÁ

# A GUARDA NACIONAL

## I — Introdução

A formação de um novo Estado traz consigo, naturalmente, diversos problemas e, por isso, o Primeiro Reinado — de 1822 a 1831 — foi um período fartamente agitado; D. Pedro I perdia dia a dia a simpatia popular; e todo acontecimento, político ou não, motivava a exacerbação popular contra o Imperador: quer fosse a guerra da Cisplatina, a morte da Imperatriz Leopoldina, ou a vacância do trono português com o falecimento D. João VI, ou ainda a revolução liberal deflagrada em 1830 na França.

A situação tornou-se mais tensa cada dia, e atingiu o ápice no início de abril de 1831: no dia 05 o Imperador demitiu o Ministério liberal formado por brasileiros natos — o que provocou uma grande reação: o povo e a tropa reunidos no Campo de Aclamação (atual de Santana), exigiram que D. Pedro revogasse o ato, entretanto o Imperador manifestou-se intransigente e não cedeu e, embora estando em condições de reagir violentamente, preferiu optar por uma terceira solução, entregando ao emissário dos rebeldes (maj. Miguel de Frias), na madrugada de 07 de abril de 1831, os decretos em que abdicava do trono em favor de seu filho D. Pedro de Alcântara, e conferia a tutela do mesmo a José Bonifácio. E surgiu um novo problema: contava ele apenas 05 anos e a Constituição estabelecia que o Rei, para ocupar o trono devia ter 18 anos, e em caso de menoridade a lei determinava que a regência fosse exercida por um príncipe da família imperial de 25 anos (no mínimo), e as três princesas — D. Januária, D. Paula e D. Francisca — tinham, respectivamente, apenas nove, oito e seis anos, estando, assim, impossibilitadas de ocupar o trono; e neste caso, pela lei, devia ser criada uma regência trina.

E foi eleita uma Regência Trina Provisória (Nicolau de Campos Vergueira, José Joaquim Carneiro de Campos — Marquês de Caravelas — e o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva).

No dia 09 de abril D. Pedro de Alcântara foi aclamado Imperador do Brasil, e recebeu as homenagens dos Regentes, das representações estrangeiras e do povo.

Terminadas as festas cabia aos Regentes restabelecer a ordem no País, pois, a indisciplina do Exército provocara a Abdicação, e acalmá-lo seria uma tarefa muito difícil, o mesmo ocorrendo com as facções políticas.

Os ânimos, de modo geral estavam extremamente agitados, necessitando, para o país voltar à rotina, usar a força de muita autoridade.

Nas Províncias da Bahia, Minas e Pernambuco, brasileiros exaltados maltratavam e assassinavam portugueses, devendo assinalar-se que, enquanto na Corte os problemas eram, acima de tudo, de ordem política, nas aludidas Províncias tiveram reflexos mais violentos.

Em 03 de junho de 1831 foram eleitos os membros da Regência Trina Permanente (José da Costa Carvalho, João Braulio Muniz e o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva), a qual tinha como meta inicial compor a ordem no país, e contava para isso com o concurso do Padre Diogo Antônio Feijó, escolhido para Ministro da Justiça, que exigiu da Regência lhe dessem total liberdade de ação, no cumprimento da sua missão (erradicar inúmeros distúrbios disseminados por toda parte).

A fim de controlar as sucessivas agitações, Feijó criara, em agosto de 1831, a Guarda Nacional, que muito o auxiliou daí por diante.

## II — Criação, missão e organização

A Guarda Nacional foi criada pela lei de 18 de agosto de 1831 — que extinguiu os corpos de Milícias, Guardas Municipais e Ordenanças — com a missão principal de defender a Liberdade, Independência e Integridade do Império, manter a Ordem e a Tranquilidade Pública e auxiliar o Exército de Primeira Linha na defesa das fronteiras terrestres e marítima.

Constituía-se das três armas de que então se compunha o Exército, e seus Batalhões podiam ter duas Companhias.

“De organização permanente, consistia seu serviço ordinário, dentro e fora do Município, em Destacamentos à disposição dos Juizes de Paz, criminaes, Presidente das Províncias e Ministros da Justiça, mediante requisição da autoridade civil.

O seu serviço era pessoal e obrigatório a todos os homens maiores de 18 anos, com exceção dos militares de terra e mar na ativa, senadores, deputados e conselheiros de Estado, clérigos, carcereiros, oficiais de justiça e da Política, os maiores de 50 anos, os reformados do Exército e da Armada, os empregados postais e os provavelmente inaptos para o serviço das Armas. As substituições eram permitidas entre próximos parentes; e as dispensas concedidas pelo conselho de qualificação composto de seis dos eleitores mais votados do distrito e presidido pelo Juiz de

Paz. Faziam parte da segunda linha de reserva os funcionários públicos, os advogados, cirurgiões, boticários, academicos e estudantes de seminários e escolas públicas e os empregados dos arsenais e oficinas do Estado.

"As Guardas Nacionais eram formadas por seções de companhias, batalhões e legiões. Cada companhia variava, em geral, de 60 a 140 praças, comandadas por um capitão, tendo mais um tenente, um alferes, um primeiro sargento, dois segundos sargentos, um furriel, seis cabos e um tambor ou corneta. Cada batalhão compunha-se de quatro companhias, no mínimo, e oito, no máximo. O Estado-Maior do Batalhão era formado por um Tenente Coronel chefe, um Major assistente, um Ajudante, um Alferes porta-bandeira, cirurgião ajudante e um tambor-mor ou corneteiro-mor.

"As companhias de Cavalaria formavam-se de 70 a 100 praças, com a mesma oficialidade, tendo cada Corpo dois a quatro esquadrões cada um com duas companhias.

"A nomeação de oficiais, inferiores e cabos era feita por eleição sob a presidência do Juiz de Paz; a dos Coroneis e Majores da Região pelo Governo da Regência, que também fazia as de instrutores e de quartel-mestre, mediante proposta do Chefe da Legião.

"Na Corte, as funções que cabiam por lei aos Juizes de Paz eram desempenhadas pelo Ministro da Justiça e nas províncias pelos respectivos Presidentes.

"A Guarda Nacional fornecia destacamentos para fora dos municípios em defesa das praças, costas e fronteiras, como auxiliar do Exército. Nos casos de insuficiência da tropa de linha, ou de Polícia, dava o número necessário de homens para a escolta das remessas de dinheiro ou de quaisquer efeitos pertencentes à Nação; condução de presos ou condenados; socorro aos municípios conflagrados ou em caso de incursão de malfetores. Só podia ser destacada em virtude de lei ou de ordem especial, fixando-se o número de homens e tempo de duração do serviço, no intervalo das sessões da Assembléia e no caso de invasão repentinas, por decreto da Regência, ou nas Províncias pelos Presidentes respectivos ou conselheiros, prestando contas à Assembléia Geral, logo que fosse reunida.

"As Câmaras municipais competiam a repartição das guardas e fixar as paradas. Os oficiais eram eleitos por quatro anos, com exceção do Major e do Chefe de Legião, que deviam ser conservados enquanto bem servissem. Cabia, igualmente, ao Governo a faculdade de suspender os oficiais, temporariamente, os exercícios e revistas, assim como suspender ou dissolver mesmo a Guarda Nacional se assim julgasse conveniente, como fez com os corpos de milícias e ordenanças, que anteriormente serviam. A despesa feita pela Nação com a Guarda constava de armas e munições, bandeiras, tambores, cornetas, papel, soldo para os trombetas,

vencimentos e soldos dos instrutores e fardamento, armamento e equipamento aos guardas sem recurso.

“Os oficiais deveriam apresentar-se fardados e prontos para o serviço, no prazo de quatro anos, sob pena de substituição. Uma vez mobilizados ficavam sujeitos à lei e a disciplina do Exército e recebiam os mesmos soldos, etapas e vencimentos da tropa de linha.

Os que se recusavam a servir eram punidos com pena de oito meses a dois anos de prisão.

“O decreto de 20 de dezembro de 1831 extinguiu os corpos de milícia e ordenanças à medida que nos respectivos municípios se organizassem Guardas Nacionais. O decreto de 25 de outubro de 1832 declarou que os oficiais desses corpos extintos, que não tivessem soldo, os de ordenança e os da Guarda de Honra, nas condições de serem eleitores e os que, segundo a lei, não tivessem perdido suas patentes, poderiam ser eleitos oficiais da Guarda Nacional” (Max Fleiuss, em História Administrativa do Brasil, citado por Eusébio de Souza).

### III — Conclusão

A Guarda Nacional prestou assinalados e relevantes serviços à ordem pública e foi um grande auxiliar do Exército durante as nossas guerras externas de 1851/1852 e na Guerra do Paraguai (1865/1870), bem como se bateu eficientemente nas lutas internas, após a sua acertada criação, inclusive sob o comando do grande Caxias.

Na Província do Ceará a Guarda Nacional prestou relevantes serviços, inclusive no período republicano, após 1889.

Na Guerra do Paraguai a Guarda Nacional do Ceará foi representada por um grande contingente (no todo, o governo Imperial mobilizou 29.138 homens, dos quais 3.096 são cearenses) e nele se distinguiram muitos oficiais cearenses, como o herói Cel. G. N. José Nunes de Melo, comandante do 1º. Corpo de Voluntários (466 praças), embarcado em Fortaleza aos 04 de abril de 1865.

Resumindo: A Guarda Nacional, a partir de 1831, prestou relevantes serviços, na paz e na guerra, no interior e além fronteiras, até que a conspurcou a politicalha, que a conduziu a fonte de renda (venda de patentes), à chacota e à extinção.

Fortaleza, 30 de outubro de 1985

### BIBLIOGRAFIA :

- História do Brasil — Bloch Editora — 1972
- História do Exército Brasileiro — ed. do IBGE — 1972
- História Militar do Ceará — Eusébio de Souza — Ed. 1950
- História da Guerra Entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — Gen. Tasso Fragoso — Ed. Bib. do Exército — 1958.

# Depósito N. S. Aparecida

≡ O Gigante do CRATO ≡

de: Valdemir Correia de Sousa

---

UMA GALERIA INTEIRA DE NOVIDADES...

Artigos para o Lar, Vidros, Cristais, Prataria,  
Geladeiras e Móveis de todos os estilos.

Rua Dr. João Pessoa, 246 à Rua Santos Dumont, 39

TELEFONE: 521-1413

CRATO

—

CEARÁ

---

# Depósito N. S. Aparecida

≡ AGORA COM FILIAIS EM ≡

JUAZEIRO DO NORTE E IGUATU



# Construtora LEIMO

---

O CONCEITO ALIADO AO ALTO

PADRÃO DE CONSTRUIR

---

# Construtora LEIMO

---

SENADOR POMPEU, 293

---

TELEFONE : 521-2754

CRATO

—

CEARÁ

# JONATHAS SERRANO, UM MESTRE

Durante o meu curso ginásial, o nome do Prof. Jonathas Serrano pairou sobre meu espírito como estrela de suave cintilar. Foram cinco anos de História da Civilização, com dois admiráveis mestres: o autor dos compêndios e o professor que os adotara. Este último era o Padre Antônio Gomes de Araújo, espírito forte, perspicaz, superior, que, no exercício de seu longo magistério, jamais deixou de preparar uma só aula, como o confessou a pessoa amiga. Utilizou cadernos de anotações, que recentemente compulsei, onde transcrevia tópicos substanciais e fazia observações reveladoras de muita argúcia mental e de alto sentido interpretativos dos fatos lidos, muitas vezes confrontados com a realidade mundial contemporânea, Padre Gomes, como era afetuosamente tratado, distinguia-se pela vivacidade da inteligência, fortaleza do caráter, sincera afeição e amizade a seus alunos, capacidade invulgar de orientar os moços para a verdade e para o ideal de vida.

Adotava Jonathas Serrano pela solidez de conhecimentos, inspiração filosófica e forma didática desse saudoso mestre. Uma vez entretanto, senti dificuldade no entendimento de certa parte do volume destinado a 2ª. série ginásial, e disso dei ciência, ao Padre Gomes, que levou na devida conta o meu problema.

Essa prática, de selecionar bem os livros a serem adotados, mantê-los durante largo espaço de tempo, mas sem prescindir de outros, que os complementem e, quando for o caso, os atualizem num que noutro ponto, é de inquestionável alcance cultural, ético e econômico.

O livro facilmente descartável contrapõe-se, muitas vezes, à seriedade e à segurança dos ensinamentos, além de trazer à bolsa das famílias um *onus* nem sempre suportável. Estão a faltar nos compêndios de conteúdo efetivamente seguro e forma didaticamente bem estruturada, enquanto as livrarias ostentam títulos, em capas e cores berrantes, por vezes de mau gosto; e no que tange ao conteúdo, não raro descaem para o raso ou tendencioso. A isto some-se o despreparo de não poucos docentes, despreparo sobretudo quanto à formação filosófica e à cultura geral — e ter-se-á um produto educacional qualitativamente pouco satisfatório.

O Padre Gomes, dotado de sólida cultura, lido, sempre muito bem informado, plasmou gerações de alunos que, hoje, lhe bendizem o nome e lhe agradecem os benefícios espirituais que copiosamente lhes distribuiu.

A História, que as aulas do Padre Gomes nos ensinavam, era uma história viva, cheia de lições e inspirações, uma história que nos fazia estudar homens, idéias e fatos de modo crítico, dinâmico e equidistante dos extremos viciosos, perseguindo a verdade explícita ou encoberta sob a aparência exterior do fato e despertando os nossos interesses para os valores basilares do homem e da civilização.

Foi um mestre assim que nos pôs nas mãos, durante anos e anos, os compêndios de História da Civilização, do Prof. Jonathas Serrano, publicados por F. Briguiet & Cia. Editores, Rua do Ouvidor, 109, Rio de Janeiro.

Lá estavam, sob o nome do autor, vinculações altamente honrosas: *Do Instituto Histórico-Catedrático do Colégio Pedro II — Professor no Instituto de Educação do Distrito Federal*. E, no lugar costumeiro, o título *História da Civilização*, com a menção do número do volume e do nível escolar a que se destinava: *Para o curso secundário*.

O primeiro da série apresenta uma "história biográfica e episódica" com os seguintes índices: geral, das biografias, das leituras, das ilustrações. Após, vem uma "Explicação Necessária", referindo-se aos usuários do livro:

"O presente volume destina-se aos alunos da primeira série do curso fundamental e representa uma iniciação ao estudo das grandes civilizações humanas pelo método biográfico e episódico". (p. XIV).

E no parágrafo seguinte:

"Sem vaidade nem falsa modéstia, ousamos afirmar que o nosso trabalho não copiou modelos nacionais nem estrangeiros".

E na página XV:

"Em cada um dos capítulos do presente volume encontrará o professor:

a) uma rápida visão geral do assunto em umas dez linhas; b) uma ou duas biografias dos vultos mais importantes e representativos; c) um quadro cronológico, em que figuram somente as datas mais notáveis relacionadas com o ponto; d) um resumo do que é essencial, na hipótese de ser desenvolvida a matéria além das simples biografias e dos episódios; e) umas duas ou três leituras curtas e sugestivas, que completam quase sempre as biografias, e servem para aumentar o interesse do aluno; f) um vocabulário dos termos empregados capazes de embaraçar os estudantes da primeira série, cujo cabedal de palavras é sabidamente restrito e não raro confuso".

Embora obediente aos programas oficiais expedidos pelo Ministério competente, não era o Prof. Jonathas Serrano, entretanto, dada a sua autoridade de homem de ciência e sua ética de educador, alguém demasiadamente submisso aos mesmos, quando julgava conveniente corrigir-lhes, acrescentar-lhes, reduzir-lhes ou suprimir-lhes alguma coisa. Assim, referindo-se às vantagens didáticas de cada um daqueles itens supramencionados, escreve:

"A vista geral do ponto, melhor e mais claramente que o título oficial ou não, do capítulo, permite a docentes e discentes aprender o que forma o centro principal da matéria tratada e como se integram nela as biografias apresentadas logo após. Dissemos "título oficial ou não" do ponto: efetivamente, alguns tivemos nós de modificar, por nos parecer menos conveniente o do programa oficial". E dá alguns exemplos (p. XV).

E já na p. XVI:

"O leitor verificará também que acrescentamos alguns capítulos ao programa oficial. É que não se compreendem omissões como a do período napoleônico; nem ainda a referência a explorações da África, sem uma palavra sequer a respeito das conquistas das regiões polares, fato de não menor importância geográfica e intensa dramaticidade em alguns de seus pormenores. Nem queremos insistir na evidente impropriedade, exageração ou tom pretencioso de alguns títulos...".

Quanto aos quadros cronológicos, adverte:

"... são destinados exclusivamente a dar pontos de referência e de modo nenhum deve constituir exercício de memória".

E fechando o parágrafo:

"O que se deve energeticamente prescrever é o absurdo da redução do curso de história à simples fixação na memória do aluno de certo número de datas e de nomes, sem maior significado nem proveito".

Aludindo aos sumários, com que se iniciam os diversos capítulos e que "permitem ao professor desenvolver a matéria constante das biografias, quadros cronológicos e leituras", oferece estes dois magistrais princípios, já grafados na p. 60 de sua preciosa Metodologia da História":

"17 — "É indispensável saber muito bem tudo quanto se ensina, mas não se deve ensinar tudo quanto se sabe.  
2º. — "Na verificação do aproveitamento do aluno, não se deve exigir tudo quanto se ensinou, mas se deve ter ensinado todo quanto se exige" (p. XVII).

Referindo-se à escolha das leituras, diz haver incluído "episódios rigorosamente históricos" e "alguns que são discutidos e mesmo lendários". E justifica:

"É que fora erro descobrir a necessidade que tem o aluno de conhecê-los, para sua cultura geral, literária e artística. Das constantes citações, referentes a tais episódios, não é razoável omiti-las sob pretexto de serem falsas ou inaceitáveis em rigorosa crítica. Acentuemos, porém, sempre que se trate de tais casos, o caráter lendário ou a natureza duvidosa do episódio narrado. É este, parece-me, um bom meio de ir habituando, os alunos, sem grande esforço, a distinguirem o certo, o provável e o inadmissível" (p. XVIII).

Quanto aos vocabulários, após explicar não se haver limitado "aos termos exclusivamente empregados em história", escreve, já naquele tempo !:

"... conhecemos, de longa observação, o nível mental e a inófia léxica dos estudantes das primeiras séries. (Não raro também das últimas)".

No final de cada volume, uma série de fotografias, evidentemente selecionadas sob os melhores critérios pedagógicos e científicos do tempo.

Este longo comentário a respeito do 1º. volume da "História da Civilização" do Prof. Jonathas Serrano visou a dar uma idéia mais ampla da qualidade dos compêndios, cuja linguagem ia acompanhando, adequadamente, as várias séries do curso ginásial. As leituras e notas ilustram e esclarecem. A cultura incipiente do aluno aos poucos se enriquece e desenvolve, à medida que também é conduzida sob a inspiração da Fé, sem colisão com a Ciência.

Ora, esse foi o autor adotado pelo Padre Gomes, durante meu curso ginásial. Ele não excluía nem repudiava outros autores de mérito! Fazia-nos ler e meditar outros livros. Mas o *adotar* Jonathas Serrano já implicava sintonia de princípios e convicções facilmente identificáveis, com salutar efeito sobre o ânimo dos alunos. Aprendemos a estudar seriamente a História, fora a Universal, fora a das Américas, fora a do Brasil. Para esta última, o Padre Gomes indicou Alfredo Gomes, volume correspondente à 5ª. série de ginásio.

Tamanha foi a admiração por Jonathas Serrano, nascida nas aulas de História, que passei a ler tudo de sua autoria a que pude ter acesso: "Deus o quer" (1), "Como se ensina História" (2), "A Escola Nova" (3), "História do Brasil" (4), "Cinema e Educação" (5), (escrito em colaboração com F. Venâncio Filho), "Júlio Maria" (6), "Farias Brito" (7), "História da Filosofia" (8), "Filosofia do Direito" (9).

Pelos livros, tirava-se o mestre. Por este, o homem ponderado, sereno e retíssimo, alma de educador cristão.

As fotografias do Prof. Jonathas Serrano refletem um admirável equilíbrio de feição, olhar firme e suave, postura digníssima, falando pelo harmonioso conjunto dos pormenores.

Seu magistério teve duas verticalidades interligadas: a da estrutura gradual do ensino, indo do nível fundamental ao universitário, e a da estrutura espiritual de sua Fé. Por isso, homem de ciência, homem de educação, homem da Pátria, homem da Igreja. Um educador completo, um educador-testemunho, um educador-presença, presença de ensino e presença de formação e elevação dos espíritos.

A Universidade também está reclamando homens assim, mestres assim, que os há sem dúvida, mas relativamente poucos.

Quanto à Universidade Católica, sabe-se que atravessa uma crise de educadores que vivam e testemunhem a sua fé exemplarmente. Formam-se e prosperam ideologias. Organizam-se grupos e anti-grupos. Atomizam-se doutrinas. Abandonam-se as fontes, substituídas que são pela leveza e inconsistência de apostilas e opúsculos alguma vez cientificamente duvidosos e doutrinariamente heterodóxicos.

Uma Universidade Católica tem a obrigação de ser Católica em tudo, inclusive no cuidado quanto à escolha de seus professores. Não pode jamais descurar a fidelidade à confissão que a define, nem deformar a verdade de qualquer natureza, e, por isso mesmo, não pode tolerar que se não respeite, pelo ensinar e pelo proceder, essa mesma verdade. O ideal seria que a Universidade Católica fosse uma comunidade de Fé, ou que, pelo menos, girasse e crescesse verdadeiramente em torno d'Aquele que, com absoluta autoridade e direito, Se proclamou o Caminho, a Verdade e a Vida.

O exemplo do Prof. Jonathas Serrano é altamente inspirador. Nunca fez concessão em matéria de Fé, procurando sempre ser fiel à Verdade, à Justiça e à Caridade.

De sensibilidade delicadíssima e alta inspiração poética, de pensamento lógico e bem fundamentado como orador, de combativo ânimo como jornalista sempre submisso ao real; de irreprensível procedimento como cidadão, de esclarecida e culta piedade como católico, aberto às legítimas conquistas do engenho humano como sábio, seguia o que ensinava como professor, sublimado na experiência como mestre, constituindo, inequivocamente, um espelho para quantos almejem consagrar-se ao magistério. Pertencendo a várias associações, a todas procurava atender com elevado senso de responsabilidade. Ensinou e educou falando e escrevendo. A palavra, usou-a como instrumento do Bem, da Verdade e da Beleza, dela fazendo a projeção de seu espírito, superiormente dotado de talento e de lucidez.

# **Codema**

**Comércio de Madeiras Ltda.**

---

- TÁBUAS
  - COMPENSADOS
  - FÓRMICA
  - CIMENTO
  - FÓRRO
  - FERRO
  - ARAME FARPADO
- 

## **M A T R I Z :**

RUA BÁRBARA DE ALENCAR, 661/683

Caixa Postal, 84

FONES: 521 - 2544

521 - 2645

521 - 2948

521 - 2949

CRATO - Ceará

---

## **F I L I A I S :**

RUA SÃO PEDRO, 869

FONES: 511-1311

511-0773

511-0058

JUAZEIRO DO NORTE - Ceará

---

PRAÇA FRANCISCO SÁ, 171

FONES: 711-1140

711-1859

IGUATU - Ceará



# REVISTA ITAYTERA:

## Ressonância Nacional do Crato

A conceituada revista ITAYTERA, órgão do Instituto Cultural do Cariri, sediado em Crato, é uma excelente fonte de pesquisa e é a ressonância nacional da voz do Crato, pelo gabarito de seus inúmeros colaboradores e pela magnífica variedade de matérias que apresenta em cada número.

Para provar o que afirmo, citarei apenas dois exemplos:

O atual Governador de Minas Gerais, Dr. Hélio Garcia, recentemente, através do Deputado Estadual da Frente Liberal de Pernambuco, Cantalício Barreto Cabral, pediu números de ITAYTERA para se inteirar de alguma cousa sobre o nosso rico folclore político!

Por outro lado, certa vez, em conversa de família, o conhecido causídico barbalhense, Dr. Manoel Florêncio de Alencar, disse ao seu genro, Joaquim Cruz Sampaio (Senhô Sampaio) uma frase, que só agora me foi convenientemente esclarecida por "ITAYTERA":

— Você Senhô Sampaio, é mais Alencar do que eu!

Pois bem. A frase ficou diluída no tempo, sem uma explicação convincente e recentemente, nos feriados do Carnaval de 1985, ao folhear toda a minha coleção de ITAYTERA, deparei-me com o inventário de João Gonçalves Pereira de Alencar, através do qual fiquei sabendo que os irmãos Cruz Sampaio do Cariri e sertões de Pernambuco, são trinetos da conhecida heroína de 1817 — dona Bárbara de Alencar.

Portanto, a frase do Dr. Alencar tinha sua forte razão de ser e está, assim, devidamente decifrada.

A linha sucessória, a partir de D. Bárbara de Alencar, é esta conforme o referido inventário: Bárbara Pereira de Alencar casou com José Gonçalves dos Santos; entre os seus filhos figura José Gonçalves Pereira de Alencar, que casou com Luiza Xavier da Silva, entre cujos filhos há uma de nome Alexandrina Xavier da Silva, ou Alexandrina Auta de Alencar, que casou com Antonio da Cruz Neves Neto, ou "Toinho do Ouro Preto", genitores de João da Cruz Neves.

Por sua vez o referido João da Cruz Neves casou com Maria da Conceição Sampaio e são os genitores dos comerciantes Joaquim Pedro, José e Otávio Cruz Sampaio, entre muitos outros. →→

# Faleceu em CRATO o

---

## Sr. Hermógenes Martins

---

Em sua residência, na Rua Cel. Secundo, cercado com o carinho de sua família e o conforto de todos os sacramentos cristãos, faleceu, às duas horas da tarde do dia 28 de Fevereiro de 1986, o sr. Hermógenes Martins.

Era um dos mais cultos e prestimosos cidadãos de nossa comunidade. Profundo conhecedor da geografia, da hidrogeologia do Vale do Cariri e da Serra do Araripe, foi, por mais de 50 anos, investigador de nossa formação geológica, sabendo classificar animais, plantas, pássaros, fósseis e árvores. Localizou e mapeou fontes e a estrutura meneralógica do sul do Estado, com rara paciência e método beneditino.

Hermógenes Martins era fonte permanente de consulta de todos os geólogos e geógrafos que visitavam o Cariri, fonte inesgotável de saber sobre a região. Colaborador do Instituto Cultural do Cariri desde o seu nascedouro. Em sua casa, recebia sempre, com permanente bom humor, todas as caravanas estudentis ou de técnicos que vinham à busca de informações sobre a região.

Nascera em Crateús, a 22-06-1908, filho de Francisco Avelino Araujo e Maria Gonçalves Araujo. Ali fizera seus estudos iniciais. Era um autodidata. Casara-se em 14-06-40 com D. Aracy do Prado Martins, que lhe sobrevive, e desse casamento nasceram Ruth, Fátima, Norma e Célia, as 3 primeiras casadas. Ficaram-lhe 7 netos. Hermógenes Martins era pedaço bem significativo de nossa terra e da nossa gente, onde conviveu por mais de 40 anos. Era um homem profundamente correto no seu procedimento e na sua vivência. Foi sepultado em 1º. de Março de 86, no cemitério local, às 9 da manhã.

---

Está assim totalmente decifrada aquela frase do Dr. Alencar, ex-Deputado Provincial, ex-aluno do Jurista Clovis Bevilacqua e atuante político barbalhense, já falecido.

Na verdade, ele tinha razão. Senhor Sampaio é também Alencar talvez mais ainda do que o próprio Dr. Alencar, de saudosa memória.

Portanto, basta a citação destes dois fatos em epígrafe para comprovar que ITAYTERA é, realmente, uma magnífica fonte de pesquisas, uma excelente publicação que honra a cultura cearense, merecendo, na verdade, o nome que já ostenta no cenário cultural do Nordeste e mesmo do Brasil !

# SOBRIL

Sociedade Bringel Irmãos Ltda.

---

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO E AGRÍCOLA

**M A T R I Z: RUA MONS. EMERALDO, 785/801**

Caixa Postal, 46 — Teleg.: SOBRIL

FONES: 521-2416 — 521-2352 — 521-1422

C R A T O — C E A R Á



**F I L I A L: PRAÇA FRANCISCO SÁ, 171/175**

TELEFONE: 7-11-1160

I G U A T U — C E A R Á



# SOBRIL

A SUA MELHOR OPÇÃO

# CAFÉ ITAYTERA

S Ó T E M G O S T O D E C A F É

PREFIRA-O EMPACOTADO A VÁCUO  
COMPENSADO

S E U S A B O R É T O T A L

---

# CAFÉ ITAYTERA

Organização Leonor Lima Costa S/A

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

AVENIDA PADRE CÍCERO, S/N — Km 2

D I S T R I T O D O M U R I T I

---

TELEFONES: 521-1511 e 521-2629

C R A T O

—

C E A R Á

# ADERSON SIEBRA: Outro Poeta Bissexto

Aderson Siebra de Oliveira nasceu no sítio Malhada, município do Crato, em 29 de maio de 1921, e faleceu também em Crato, em 20 de novembro de 1947, com apenas 26 anos de idade.

Foram seus pais Celso Pedroso de Oliveira e Maria Siebra de Oliveira.

Fez seus estudos, primário e secundário, na Escola Técnica de Comércio do Crato, tendo participação ativa na vida estudantil através dos grêmios literários.

Aderson Siebra foi jornalista, orador exímio e poeta de grande inspiração.

Fundou, juntamente com alguns companheiros, o Grupo de Teatro Castro Alves, para o qual compôs a peça "Mensageiro do Perdão", encenada com grande sucesso, contribuindo, assim, para incentivar a arte cênica em nosso meio e revelar atores, como foi o caso de José Correia Filho, que a partir daquela data entrosou-se no meio artístico, participando de outras peças, sendo, hoje, um dos melhores atores da região.

Aderson Siebra era admirador e leitor das obras de Castro Alves, Pe. Antônio Tomás, Fagundes Varela, Olegário Mariano, Aldemar Tavares, Cassimiro de Abreu, entre outros.

Wlisses Viana, contemporâneo e amigo do poeta, em artigo publicado na revista Itaytera, página 99 — edição 1958, escreveu: "...Das amizades duradouras, posso classificar a do saudoso poeta Aderson Siebra, cuja inteligência, no imenso campo da musa, patenteou-se admiravelmente, no conceito dos seus inúmeros leitores. Recordar, com saudades, alguns ângulos da existência do vale caririense é voltar ao passado magnífico, onde se divisa cenário meio tumultuado pelas querelas de cunho político ou ideológico. O ambiente, no campo partidário, era meio hostil e todos sentiam os efeitos perniciosos e agudos da ditadura que inoculou no cérebro da mocidade e germe do totalitarismo, escravizando inteligências, liberdades dos que sentiam ansias de evoluir. Por isso o bardo modesto e inspirado viveu sob o peso dessa atmosfera, bebendo, comigo, o vinho amargo das revoltas..."

Pelo visto, podemos avaliar que Aderson Siebra viveu numa época que não era a sua, que não correspondia com seu espírito liberal e humanitário. "Ao Ceará", poesia escrita em exaltação à libertação dos escravos no Ceará, diz bem do sentimento de

amor do poeta ao homem, à sua terra natal e expressa claramente sua revolta contra os regimes totalitários e escravistas.

Ao analisarmos a poesia de Aderson Siebra notamos que ele, além de versejar a serviço das causas sociais do seu tempo, legou-nos ricas poesias de feição lírica, como nos poemas "Nas Plagas do Ceará", "Definha", "Manhã Brasileira", "Saudade", todos contidos nesta revista.

Para a publicação de seus versos, o Instituto Cultural do Cariri, através de sua diretoria, manteve diversos contatos com os irmãos do poeta, Francisco Siebra de Oliveira e José Siebra de Oliveira, este último responsável pela coleta e organização das poesias. Lamentavelmente a família não conseguiu reunir todos os poemas, pois muitos foram extraviados pelo tempo.

Eis, então, o que restou da obra poética desse magnífico cratense que notabilizou as rodas literárias de sua época, através de sua palavra fácil de grande orador e com o seu verso forte, belo e bem estruturado.

---

### NAS PLAGAS DO CEARÁ

---

*Aderson Siebra*

Como é doce, como é belo  
Ver-se aqui na minha terra,  
Surgir lá por trás da serra  
Tão formosa lua cheia,  
Com sua luz prateada  
Ir penetrando nas matas,  
Beijando as alvas cascatas  
E as brancas faces da areia;

Beijando as gotas mimosas  
E cintilantes do orvalho,  
No verde cimo do galho,  
No cálix branco da flor,  
Lá onde a brisa campestre  
Das noites em seus retiros,  
Vai desprender seus suspiros,  
Suspiros longos de dor;

O murmurar das cascatas  
Em plena noite, ao clarão,  
Unir-se ao forte tufão  
Que passa ali soluçando;  
Longe, bem longe das praças,  
Lá pelas matas sombrias,  
Ouvir-se as vozes bravias  
Na serra em peso ecoando;

O farfalhar nas palmeiras,  
Do vento em ternos soluços,  
Como a prostrar-se de braços  
Seu próprio amor implorando;  
O vento que de além traz  
O aroma das açucenas,  
Nas suas asas serenas,  
Da terra o manto rasgando;

E nas longínquas estradas  
Em serenatas tardias,  
O som das cordas esguias  
E rijos do violão;  
Que pelo espaço se expande  
Com o perfume das flores  
Acalentando os amores,  
Da lua cheia ao clarão.

Se existe mágoas e dores,  
Suspiros, queixas, lamentos,  
Vão se acabando os tormentos,  
Se aniquilando por cá.  
Ó gente estranha fitai,  
As maravilhas da serra  
Os mil encantos da terra,  
Das plagas do Ceará.

---

Crato(CE), 7-12-1944

## O S O N H A D O R

Morena linda morena	Deixa morena faceira
De lábios cor de açucena	Nesta manhã tão fagueira
Que neles tem um perfume,	Que só meus versos te falem,
Desperta, escuta o meu canto	Embora além o visgueiro,
Por sobre as águas do pranto,	O pinho, o cedro altaneiro,
No barco dêste queixume.	Lá pelos morros se abalem.
Volte-me cá neste momento,	Que só os duros penedos
Nas asas do pensamento,	Escutem os nossos segredos
Fulgores dos tempos idos,	Da ventania aos rugidos.
Abafem-se os desenganos	Os maus espíritos se amansem
Ligeiros, fujam sorrindo,	E destas plagas se cansem
Como os suspiros fingidos.	E ao longe sejam tangidos.
Embora bebendo os licores	Morena linda morena
Da taça dos meus amores,	De lábios cor de açucena
Entre as arcadas dum sonho,	Mimoso lírio sem par,
Quero volver nos meus versos	Escuta a lira sonora,
Aqueles tempos dispersos,	Que as mágoas minhas devora
Passado belo e risonho.	Por ti agora a vibrar.

*Aderson Siebra* Crato(CE), 27-junho de 1944  
Jacuipe,

## D E F I N H A

*Aderson Siebra*

Insetos parasitas vão zumbindo  
Nesses jardins imensamente vastos,  
Deixando os cílios dessas flores gastos,  
O doce aroma vão lhes extraindo.

Depois de verem pétalas caindo,  
Deixam as flores, saem fazendo rastos  
Nos verdejantes jasmineiros castos  
Inda tão novos que não estão florindo.

Outros insetos deixam estragados  
Nestes jardins dos nossos pensamentos,  
Formosos ideais engrinaldados;

Em lindos galhos, com além distância  
De nossa idade, os corações sangrentos  
Danificando vão a casta infância...

Crato(CE), 11-9-1942



## MANHÃ BRASILEIRA

*Aderson Siebra*

Sob o pálido da barra purpurina  
Surgindo vai o sol lá no levante,  
Do caudaloso rio murmurante  
Beijando a grácil face cristalina.

Dos campos o tapete verdejante,  
Vai percorrendo a brisa campesina  
Que assobia na crista da colina,  
Erguendo aos céus um brado de gigante.

Desperta o homem para a imensa luta  
E ruga a fera na profunda gruta,  
Além... Além, no coração da serra.

Fica o poeta a meditar, suspenso,  
Vendo a neve subindo como incenso,  
Como incensário ir ficando a terra.

Crato(CE), 17-12-1943

## S A U D A D E

*Aderson Siebra*

Quando no véu azul do firmamento  
Contemplo a branca e solitária lua,  
Vem a excelsa formosura tua  
Vagar no céu, sem luz, do pensamento.

E sobre o barco que na dor flutua  
Se desenrola com maior tormento  
A triste cena deste sentimento  
Que trago n'alma solitária e nua.

Saudade é como disfarçada dor,  
Como mimosa engrinaldada flor,  
Virgem formosa, namorada crente,

Deixando n'alma, no vigor da vida,  
Recordações de nosso amor, querida,  
Ferindo sempre o coração da gente.

Crato(CE), 7-4-1944

## A O C E A R Á

*Aderson Siebra*

Eu te saúdo meu rincão bendito  
Berço de Heróis que não temeram a morte  
Erguendo um brado, um retumbante grito,  
Quebraram os jugos da tirana sorte.

Um forte grito que morreu bem longe,  
Foi nas quebradas em estranha serra  
Aonde a brisa festejando o monge  
Passa beijando o coração da terra.

Se tu passaste pedestal de bravos,  
Por duras lutas, por cruentas dores,  
Foste o primeiro a libertar escravos  
E sobre eles tu lançaste flores.

Tuas espadas, cintilantes, nuas,  
Como donzelas tão gentis despidas,  
Ao sol brilhavam nas desertas ruas  
De onde fugiram delicadas vidas;

Onde tombaram lutadores teus  
Nessas batalhas pelo solo ardente,  
E suas almas, murmurando, Deus,  
Quebraram o jugo desta pobre gente.

Onde os perversos fuzilaram nobre  
Partindo ao meio corações maternos  
E os bronzes velhos com seus tristes dobres  
Rompiam fúrias, parecendo eternos.

E criancinhas, lamentando a sorte,  
Buscavam sempre desfazer o pranto,  
Mas eles viam, enfrentando a morte,  
Seus irmãozinhos, soluçando a um canto.

Viam seus manos, soluçando embora,  
Se despedirem do seu ninho amigo,  
E relembrando o que se foi outrora,  
Abandonarem seu primeiro abrigo;

E penetrarem nos cenários vastos  
De duras lutas, nas remotas brigas,  
Com seus heróicos pensamentos castos  
Volvendo sempre às ilusões antigas.

Ao chão tombaram resistindo às dores,  
Esses guerreiros deste solo bravo,  
Pedindo ao povo que lançasse flores,  
Na sepultura do primeiro escravo.

Longos murmúrios em prisões recentes,  
De sofredores, inocentes réus,  
Foram queixumes, orações ferventes,  
Que o mensageiro conduziu aos céus.

Da multidão, o derradeiro brado,  
Levou o vento, percorrendo espaços,  
E o teu caboclo como herói soldado  
Da escravidão arrebitou os laços.

Nos horizontes, logo foi surgindo,  
Saudando a raça que cantou vitórias  
O sol radioso lá dos céus cingindo  
Os teus martírios com punhais de glórias.

Ó terra minha, relicário santo,  
Torrão de crentes, que, de paz suspira,  
Deixa teu filho desprender um canto  
Quebrando as cordas da sonora lira.

Eu te saúdo meu ricão bendito  
Berço de heróis que não temeram a morte  
Erguendo um brado, um retumbante grito,  
Quebrando os jugos da tirana sorte.

Um forte grito que morreu bem longe,  
Foi nas quebradas em estranha serra  
Aonde a brisa festejando o monge  
Passa beijando o coração da terra.

*Aderson Siebra*

Crato, 1º de junho de 1944

## T R A N S F O R M A Ç Ã O

Criança pobre, em berço de humildade,  
habitaste choupanas e taperas,  
Em tua infância só reinava treva,  
Porque luz não existia, e  
No céu longínquo estrelas cintilavam,  
Indicando o teu futuro  
Ornados de pompas e de galas.

Sangue em tuas veias pouco havia,  
Reinava o perfume em macias pétalas,  
No jardim de tuas vestes.  
Hoje és rica, a luz já te alumia  
E em tuas veias corre o rubro sangue  
De valentes que honram teus antepassados,  
Mas ainda és criança, minha terra.

Alimentas-te com as águas dos teus rios  
que do seio materno brotam do Araripe,  
cantando a história dos teus bravos ancestrais.

Cantas a grandeza e a beleza do teu presente,  
a sublimidade de tuas gerações,  
e com a glória de teu futuro sonhos  
repousando com a cabeça na alcantilada cordilheira verde.

Vês desmaiarem pétalas ensanguentadas de crimes,  
de crimes e de vícios  
que alguns dos teus filhos praticaram,  
Ao desabrocharem flores da aveludada cor da esperança.

Criança que sempre dormiste em berço esplêndido  
Ao canto suave do poeta,  
ao sopro da brisa vagarosa,  
na dobra da bandeira dos teus campos.  
És grande, és rica, és forte minha terra.

*Aderson Siebra*

Crato, 15 - 5 - de 1942

## A SURPRESA DO POETA

*Aderson Siebra*

Dizem eu ser ébrio, talvez por ser poeta,  
Talvez por ser tangido pelo destino cruel  
Ou pela dor que me persegue e me maltrata.  
Ah..mas se alguém soubesse que este fel  
que me tolda a razão, que esta seta  
que perpassa o coração deste poeta  
é uma estranha mulher que me arrebatou,  
é a saudade que o passado no meu coração retrata.

Ah..se alguém disto soubesse de mim teria pena  
e faria desta saudade uma saudade amena.  
É uma mulher estranha que se mira  
no espelho de um coração magoado,  
de um coração que chorou porque sentira  
vir ao presente a imagem do passado.

E expande-se a voz terrível da censura  
e a passos lentos na estrada vou seguindo,  
E de tristeza a minha alma se emoldura  
por dor tamanha que já vou carpindo.  
Enquanto a lua vagando na amplidão  
vagarosa se distancia do nascente  
a cena se desenrola lentamente.

E o poeta em lamentações,  
trazendo já em ânsias o peito dolorido,  
recordando as suas ilusões de outrora,  
amedrontado pelo martírio e comovido,  
longe do bêrço onde a felicidade mora;  
rola uma gota de lágrima... eis que ele chora  
diz fitando o firmamento;  
Ó Deus..., aniquilai terrível sofrimento.

Dizem que sou ébrio talvez por ser poeta,  
talvez pelos sonhos que no viver sonhei,  
Mas se alguém soubesse que minha vida  
é o coração da mulher que além deixei  
e que talvez, como eu, esteja comovida,  
então este alguém conheceria estes meus prantos  
e levaria a minha voz a todos os recantos.

## A C R Ó S T I C O

H oje repito o teu nome  
I nstante a instante a sorrir  
L evando ao peito que sente  
D este amor a chama ardente,  
A chama do meu porvir.

*Aderson Siebra*

Crato, 18 de julho de 1946

---

## E S C U T A

Não chores linda morena  
Não chores que a noite é bela  
A brisa vem à janela  
Teus cabelos uluar.  
E a branca lua formosa  
Ouvindo tua voz queixosa  
Vem tuas faces beijar.

*Aderson Siebra*

Crato, 9 de outubro de 1946

---

## O ADEUS DOS AMADORES

Adeus, Maria, a hora da partida  
Já se aproxima vagarosamente  
Vem em macios passos, lentamente  
Nos deixar numa quadra dolorida.

No albor da aurora, no sorrir da vida,  
Já vem pousar no coração da gente,  
Como a querer nos esmagar a mente,  
Enorme a dor de tua despedida.

Vê, Maria; são estas cicatrizes  
Que viverão em corações gravadas,  
De martírios profundos, as raízes.

Nos relembrando as noites teatrais,  
Alegrias e glórias já passadas  
De horas felizes que não voltam mais...

*Aderson Siebra*

Crato(CE), 23 de setembro de 1944

## QUEIXAS

A meu irmão Raimundo Siebra

Bem sei que és um pobre caminheiro,  
Como o sou também aqui distante,  
Se buscas o teu pão a todo instante,  
Buscando vivo o meu o dia inteiro.

Deixaste o nosso lar, bom companheiro,  
Partiste para as lutas, és gigante,  
Bem sei, fiquei mas caminheiro errante  
Não deixo de ser, sou caminheiro.

Pois, aqui, a lutar vivo também,  
Como lutando estás continuamente  
Noutras plagas formosas, mais além:

Se dos teus, ó meu irmão, estás ausente,  
Ausente também vivo, Realmente,  
Presente não sou tido por ninguém.

*Aderson Siebra*

Crato(CE), 21 de maio de 1944

---

## ESTÁTUA DA DOR

Vê-se da serra ao cimo desfraldado  
De Deus eterno pela mão, sem custo,  
Verde o VISGUEIRO, bem frondoso, augusto,  
Contando fatos tristes do passado.

Em busca de outras terras, desolado,  
Desamparado por governo injusto,  
O chapadão galgando a grande custo,  
Morre, à sua sombra amiga, o flagelado.

O frondoso VISGUEIRO, hoje falando  
Do flagelado que morreu lutando,  
Morreu lutando, grande herói sem nome,

Ao povo pede que os seus feitos cante,  
Condene tal governo e se alevante  
Um monumento a quem morreu de fome.

*Aderson Siebra*

Crato(CE), 14 de março de 1944



## A O C E A R Á

És tu GIGANTE pelos céus bendito,  
Terra da luz e sangue de guerreiro!  
Quando em tua gente e em teu valor medito,  
Enobrecendo o povo brasileiro,

Me sinto tão mesquinho e pequenino,  
Nos céus de nossa Pátria és tu luzeiro.  
O teu nome, feliz, sempre repito,  
No Brasil, sempre em tudo, és o primeiro.

Entre os Estados tu és o mais forte.  
De risos e de lágrimas és poema.  
Com galhardia, enfrentas a tua sorte.

A tua mulher é sempre Iracema,  
Ardente e bela, com tão meigo porte,  
Que de tão crua faz a dor amena.

*Aderson Siebra*

Crato(Ce), maio de 1944

---

## TIO LIMA, A GELZA PINHEIRO LIMA

Longe de ti, do teto hospitaleiro  
Onde vivia sempre alegremente,  
Longe de ti, do teu olhar ausente  
Morreu teu velho esposo e companheiro.

Partindo ainda prematuramente  
Desta estação terrestre, o passageiro  
Exalando o suspiro derradeiro,  
Além foi habitar eternamente.

Quando volveres, Gelza, ao lar querido,  
Levando o coração teu dolorido,  
Retransmite este canto aos teus filhinhos,

Pois bem sei que as lágrimas roladadas  
Dos seus olhos, às tuas irmanadas,  
Vão orvalhando mil curvas de caminhos...

*Aderson Siebra*

Crato, 13 de fevereiro de 1945

## L U A R

Tão vagarosa a lua vem surgindo,  
Tão vagarosa como a brisa mansa  
Que a flôr do prado tão gentil balança  
Aos céus longínquos seu perfume unindo.

E se desprende pelo chão, tingindo,  
Na mata virgem, da palmeira a trança,  
Onde o poeta sentindo esta bonança  
Grava seus versos com prazer sorrindo.

Este poeta que, cantando agora,  
Relembra a vida que se foi de outrora  
Nas lindas noites desta mesma lua,

Aqui, sentado nesta praça ornada  
De tantas flores, bem enluarada  
Fitando vive a formosura sua.

*Aderson Siebra*

Crato(CE), 13 de maio de 1944

---

## L A M P E J O S D' A L M A

NÓS que fomos felizes namorados  
No silêncio da noite, conversando,  
De esperanças um livro desfolhando,  
Deixando muitos outros desfolhados.

Agora já vivemos separados  
Tu distante de mim vives cantando  
Eu distante de ti vivo chorando,  
Nestes versos, os dias já passados.

Eu quisera sentir neste momento  
Teu perfume trazido pelo vento,  
Pois com teu rosto, aqui sonhando vivo.

Vem tu aniquilar a tempestade,  
Rasgar o véu enorme da saudade  
E libertar um coração cativo.

*Aderson Siebra*

Crato, 7 de janeiro de 1944

*Antonio*

*Barreto*

*Couto,*

PREFEITO MUNICIPAL DE JATI-CEARÁ, SAÚDA A  
INTELECTUALIDADE CARIRIENSE, PELA  
CIRCULAÇÃO DE MAIS UM NÚMERO DA REVISTA  
**ITAYTERA**, VERDADEIRO SÍMBOLO DA  
CAPACIDADE INTELCTUAL DA GENTE  
SUL-CEARENSE.

# *Hercílio Peixoto & Cia.*

==BOSCH Serviço Autorizado==

REPAROS GERAL DE MOTORES DIESEL,  
Mercedes Benz, Perkins e MWM

---

AUTO ELÉTRICA E REPAROS DE BOMBAS  
INJETORAS DE QUALQUER TIPO

M A T R I Z :

CRATO – Tristão Gonçalves Nº 43/53

TELEFONES : 521-2421 - 521-1643

F I L I A I S :

Juazeiro do Norte, Av. Leão Sampaio S/N

TELEFONES : 511-0880 - 511-0884

# O Sangue do Caramuru no CARIRI Cearense

## NOVOS SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DOS BEZERRA DE MENEZES

### 1. *Em torno do Caramuru e Sua Esposa na Bahia*

Tenho lido alguns historiadores baianos, no afã de saber, através de seus estudos, algo mais a respeito da fundação da primeira capital brasileira. Como também sobre Diogo Álvares Correia, o célebre Caramuru da história pátria, o tão conhecido *Homem do Fogo*, o *Filho do Trovão*, conforme aprendemos no curso primário, visceralmente ligado à gênese daquela cidade, e primeiro povoador branco da Bahia. Esse afã se fundamenta no fato de que descendo de primitivos colonizadores baianos, inclusive do Caramuru.

Dos trabalhos lidos, sobre o assunto, destacaria os de Alberto Silva, Thales de Azevedo e Frederico Edelweiss, onde se podem colher preciosos informes acerca do tema.

Chegado a terras baianas, entre 1509 e 1611, náufrago de um navio quiçá francês, o português Diogo Álvares Correia, natural da vila de Viana, província de Entre Douro e Minho, começou então a viver no meio dos índios, que lhe deram o nome de Caramuru pelo qual se tornou inconfundível na história do Brasil. Moço ainda, passou a viver com uma índia tupinambá, que, batizada, recebeu o nome de Catarina. Era a celebrada Paraguaçu. De ambos escreveu Afonso Costa:

"Foi o primeiro povoador do Brasil e o patriarca da colonização nacional. Na sua ignorância e da própria selvageria a que se habituou, muito produziu para a civilização... Sua mulher, espírito que se afeiçoou pelo amor do companheiro à obra de civilização." (*Achegas Genealógicas segundo Jaboatão...*).

Contemplado, em 1536, com data de sesmaria, Diogo Álvares Correia lançou, ali, os fundamentos da futura cidade do Salvador. E erigiu, com a mulher, uma capela em honra à Virgem da Graça. Sobre o fato assim discorreu Thales de Azevedo:

“Primeira povoação em que habitaram permanentemente os portugueses nas terras da Bahia, e na qual teve sede oficial a capital da donataria da Bahia de Todos os Santos, a aldeia de Diogo Álvares é bem o núcleo humano e urbano de que nasceu a Cidade do Salvador, muito embora Tomé de Souza viesse a preferir outro sítio para implantação da povoação e fortaleza que seria a cabeça do governo geral do Brasil. Todavia esse mesmo governo geral foi exercido, ao menos durante um mês, na antiga aldeia luso-tupinambá”. (*Povoamento da Cidade do Salvador*, p. 108).

A propósito da primitiva ermida da Virgem da Graça, em cujo local se ergue, atualmente, a Igreja da Graça, na metrópole da Bahia, vale a pena transcrever um artigo do cronista baiano Salvador de Ávila, intitulado *O Sonho de Paraguassu* :

“Foi em um dia 1º de maio de 1535, há 442 anos passados, que no litoral sul da Bahia, próximo à ilha de Boipeba, naufragou um navio espanhol, que transportava colonos para o Brasil.

Sabedor do episódio, Diogo Álvares, o Caramuru, já então casado com a índia Paraguassu, batizada Catarina, dirigiu-se ao local do naufrágio a fim de socorrer os náufragos. Durante a ausência do marido sonhou Catarina que via um navio e na praia uma mulher de grande beleza e muito branca carregando nos braços uma criancinha, pedindo-lhe socorro. Pela manhã, ao acordar, Catarina mandou os índios que tinha a seu serviço, percorrerem a praia da Barra até o Rio Vermelho, os quais nada encontraram. O sonho se repete nas duas noites seguintes.

Quando voltou Diogo Álvares com alguns dos náufragos que havia conseguido salvar dos selvagens daquela região, contou a sua mulher a história do naufrágio. Catarina, após ouvir o relato do marido, disse-lhe que lá ficara uma mulher muito alva com uma criancinha nos braços, e passou então a lhe contar o sonho que havia tido três noites seguidas. Diogo Álvares logo envia ao local pessoas de sua confiança, que chegando lá, depois de muita procura, foram encontrar na choupana de um índio uma imagem da Virgem Maria, vindo a se saber que a referida imagem dera à praia resultante do naufrágio.

Trazida a imagem da Virgem, quando apresentada a Catarina esta a abraça banhada em prantos, dizendo ser a mesma mulher que lhe havia aparecido em sonhos. Ignorando a invocação da imagem, Catarina Álvares, já batizada, deu-lhe o nome de Nossa Senhora da Graça em atenção à prodigiosa Graça do aparecimento da Mãe de Deus em seus sonhos.

Frei Santa Rita Durão, em seu poema "O Caramuru", faz referência ao episódio nos seguintes versos:

Poz-lhe os olhos a Dama e transportada,  
Esta é, disse, é esta a Gran Senhora  
Que vi no meu doce sonho arrebatada!  
Aqui vos venho achar Mãe piedosa,  
No meio, disse, dessa gente infanda!  
Infanda como eu fui, se o vosso lume  
Não me emendara o bárbaro costume.  
Por santa invocação foi aclamada  
A Senhora da Graça, e com fé pura  
Foi desde aquele dia venerada  
Singular protetora da Bahia".

Diogo Álvares logo tratou de levantar uma Ermida onde coloca a imagem. Essa Ermida levantada no mesmo local onde se encontra a atual Igreja da Graça, foi doada com as terras adjacentes aos Frades de São Bento por escritura datada de 16 de julho de 1586, assinada por Catarina Álvares. A referida Ermida foi posteriormente demolida dando lugar à Igreja atual, que data de 1770, onde se encontram os restos mortais de Catarina Álvares, falecida em 26 de janeiro de 1592. A Igreja da Graça, portanto, na sua simplicidade, encerra um dos mais belos episódios do início da nossa História." (*Mensageiro*, 1º.-65-77).

Ao ensejo de uma de minhas viagens a Salvador, procurei conhecer e sobretudo sentir a Igreja da Graça, localizada na Barra, onde começou a cidade. Trata-se de sóbrio, porém belo espécimen da arte da época. Li, na parede da frontaria, e anotei a seguinte inscrição encimada por um brasão:

"O 1º. Congresso de História da Bahia tributa gratidão nacional a Diogo e Catarina Álvares Caramuru, primeiro casal cristão desta terra, onde o milagre do seu amor floresceu na Civilização — que assim começou — e na cidade que o imortaliza — 1549 — março — 1949".

No interior do templo, se encontra o jazigo da Paraguaçu, em cuja lápide se lê:



"Sepultura de D. Catharina Álvares Paraguassu Senhora que foi desta Capitania da Bahia a qual ella e seu marido Diogo Álvares Corrêa natural de Vianna derão aos Senhores Reis de Portugal: Edificou esta Capela de Nossa Senhora da Graça e a deu com as terras anexas ao Patriarcha S. Bento em o anno de 1.582".

Sobrevivera ella, de muito, ao marido que falecera aos 5 de outubro de 1557, segundo registro de Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão. Ei-lo:

"A este chamou também o Gêtio na sua lingua — Abatátá — que quer dizer homem de fogo; pela razão que se disse na mesma primeira parte pelo verem com muito espanto disparar hua escopeta, e sair della fogo; e só nos faltou escrever alli este nome, que depois achamos em hum manuscrito como também em hum caderno antigo dos obitos da Sé da Bahia o assento seguinte — Aos cinco dias do mes de Outubro de 1557 falleceu Diogo Álvares Correia. Caramuru, da Povoação do Pereira; foi enterrado no Mosteiro de Jesus. Ficára por seo testamenteiro João de Figueiredo seo genro; o cura João Lourenço, a folhas 70." (*Novo Orbe Serafico Brasilico*, 2<sup>a</sup>, I, p. 18-19).

Foi, outrossim, Fr. Antônio de Santa Maria Jaboatão quem, através do seu famoso *Catálogo Genealógico*, nos transmitiu excellentes noticias a respeito da descendência do patriarca baiano. Segundo elle, Diogo Álvares Correia, o Caramuru, "tão celebrado na tradição e história", teve vários filhos, ilegítimos e legítimos. Ilegítimos os nascidos da Paraguaçu, antes de casar-se com ella, bem como de outras ameríncolas. Legítimos os nascidos da Paraguaçu, após o casamento com elle — quatro apenas, todos do sexo feminino: Ana Álvares, Genebra Álvares, Apolônia Álvares e Grácia Álvares.

## 2. Da Bahia ao Cariri — Entrelaçamento com os Bezerra de Menezes

Pai de vários filhos, vindos à luz no litoral baiano, seria muito natural que descendentes de Diogo Álvares Correia penetrassem os sertões de dentro, rasgando fronteiras e alargando terras, colonizando, expandindo os currais e proliferando nos mais diversos recantos da região nordestina. Com exação, afirmou Pedro Calmon que os descendentes do Caramuru e da Paraguaçu se notabilizaram no devassamento do Nordeste.

O Cariri cearense, por exemplo, foi povoado sobretudo pela gente do rio São Francisco, donde, no decurso do Século XVIII, inúmeras famílias demandaram o mencionado rincão. E nume-

rosas aquelas, cujos membros levavam nas veias o sangue luso-tupinambá, originários que eram do Caramuru e da sua Paraguaçu.

Baianos chegaram ao extremo sul do Ceará, naquela centúria, de mistura com pernambucanos e colonos de procedência outras. E foram muitos. O autorizado pesquisador Pe. Antônio Gomes de Araújo relacionou mais de quatrocentos baianos, e o autor deste trabalho, mais de oitocentos pernambucanos, fixados naquela ubertosa gleba cearense. Entre estes, não poucos elementos da família Bezerra de Menezes.

Os Bezerra de Menezes, oriundos de Pernambuco, procediam de Antônio Bezerra Felpa de Barbuda (ou Antônio Martins de Barbuda) lusitano de Ponte de Lima, estabelecido naquela capitania, com sua mulher Maria de Araújo (ou Maria Martins Bezerra), em 1535. (A respeito de sua progenitura, leiam-se *Os Bezerra de Menezes*, de Dr. Eduardo de Castro Bezerra Neto, Dr. Vinicius Barros Leal e Gen. Raimundo Teles Pinheiro).

Um trineto desse casal — Antônio Bezerra de Felpa de Barbuda e Maria de Araújo — de nome Bento Rodrigues Bezerra, contraiu núpcias com a baiana Petronila Velho de Menezes, e foram os avós paternos de Joana Bezerra de Menezes (ou Joana Bezerra Monteiro), a tão conhecida matriarca dos Bezerra de Menezes do Cariri, tantas vezes enfocada em estudos históricos e genealógicos caririenses. Era casada com o sergipano capitão Antônio Pinheiro Lobo de Mendonça, descendente, em linha reta, de Diogo Álvares Correia, o Caramuru, e Catarina Álvares, a Paraguaçu, a quem volto a reportar-me.

Arrimado no *Catálogo* de Jaboatão e em dados arquivais, pôde o Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes elaborar o encadeamento genealógico, do Caramuru e a Paraguaçu a seus descendentes do Cariri.

Apresentemo-lo até a parte que nos interessa no momento:

1º. — Diogo Álvares Correia, o Caramuru, casado com Catarina Álvares, a Paraguaçu, pais de:

2º. — Apolônia Álvares, casada com João de Figueiredo Mascarenhas, pais de:

3º. — Grácia de Figueiredo, casada com Francisco de Barros, pais de:

4º. — Luísa de Barros, casada com Manuel Lobo, pais de:

5º. — Francisco de Barros Lobo, casado com Ana de Menezes, pais de:

6º. — Eusébia Teles de Menezes, casada com Miguel Álvares Campos, pais de:

7º. — Luísa Teles, casada com Antônio Pinheiro de Carvalho, sargento-mor, pais de:

8º. — José Pinheiro Lobo, sargento-mor, casado com Perpétua de Mendonça, pais de:

9º. — Antônio Pinheiro Lobo de Mendonça, capitão, casado com a há pouco referida Joana Bezerra de Menezes.

O Capitão Antônio Pinheiro Lobo de Mendonça e Joana Bezerra de Menezes, ora citados, sediaram-se, ainda na primeira metade do Século XVIII, no Engenho do Moquém, encravado em terras do atual município cearense do Crato, cujos primitivos proprietários foram os pais dela, os pernambucanos coronel João Bezerra Monteiro, (filho dos anteriormente mencionados Bento Rodrigues Bezerra e Petronila Velho de Menezes, e, portanto, tetravô dos aludidos Antônio Bezerra Felpa de Barbuda e Maria de Araújo), e Caetana Romão Romeira Rodrigues de Sá, (descendente de Luís Barbalho, o herói do Pernambuco "na luta vitoriosa contra o capitalismo internacional semita, então, aqui representado pelo holandês, protestante e agressor da Grande Pátria, latina e católica", di-lo o Pe. Antônio Gomes de Araújo).

### 3. *Prolongamentos*

No Engenho do Moquém, sítio ainda hoje encontrável com essa denominação, no município cratense, e ainda pertencente a membros da família, viram a luz do dia, no século XVIII, os filhos do capitão Antônio Pinheiro Lobo de Mendonça com Joana Bezerra de Menezes, não se sabendo, ao certo, quantos foram. (Lamentavelmente, os arquivos caririenses acham-se desfalcados de muitos de seus livros de registros, bem como de documentos, mormente mais antigos). O Pe. Antônio Gomes de Araújo, com base em fontes apodíticas, refere alguns. Já o Pe. Azarias Sobreira, estribado em notas manuscritas deixadas por seu pai, Pedro Lobo de Menezes, também deles se ocupou, incidindo embora em certos equívocos. Através dos arquivos sul-cearenses, tem-se notícia de cinco rebentos do casal, os quais passo a arrolar, apontando, a título de exemplo, alguns descendentes, em cujas veias flui o sangue de Diogo Álvares Correia, o Caramuru, bem assim o de Antônio Bezerra Felpa de Barbuda:

1º. — *Antônio*. Batizado aos 2 de abril de 1742.

2º. — *José Sotero Lobo de Mendonça*. Casado com Maria Gonçalves. Quanto à progênie do casal, consegui saber apenas, (pelo Livro de Registros Eclesiásticos — Batizados, Casamentos e Óbitos — da Freguesia de Nossa Senhora da Expectação do Icó, 1742-1800, fl. 151, v.), que houve um filho, José Eusébio Lobo de Mendonça, nascido na Freguesia do Crato, morador na Venda do Rio Salgado, atual Aurora, e casado no ano de 1800.

3º. — *Leandro Bezerra Monteiro*, brigadeiro. Figura de projeção na história política da Província do Ceará, em face de sua incontestada e decisiva participação na contra-revolução de 1817. Chefe político do Crato e um dos homens públicos de maior destaque no Cariri. As honras de brigadeiro foram-lhe conferidas em virtude de sua fidelidade à Monarquia. Faleceu na noite do dia 4 para o dia 5 de julho de 1837. Matrimoniado com Rosa Josefa do Sacramento, deles procedem os Pinheiros e Monteiros, bem como Bezerras de Menezes, do Crato e Juazeiro do Norte.

Este tem sido, quase exclusivamente, o ramo estudado da linhagem, em particular a prole do capitão-mor Joaquim Antônio Bezerra de Menezes, filho do casal, de quem trataram, entre outros, Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes, César Pinheiro Teles e o Gen. Raimundo Teles Pinheiro, descendentes todos do brigadeiro.

4º. — *Custana Perpétua do Nascimento Bezerra de Menezes*. Casou-se com Manuel de Sousa Pereira, alferes, natural da Paraíba, filho do português lisboeta Antônio de Sousa Pereira e Maria da Silva Correia, paraibana. Agricultaram, no Século XVIII, o sítio Porteiros, ainda hoje topável com esse nome, entre as atuais sedes municipais do Crato e Juazeiro do Norte, no vale do então rio Carité, depois Salgadinho. Deles promanam, entre outros, os Pereira Lobo, Lobo de Menezes, Lobo de Macedo e outros Lobo. Dentre os filhos do casal, destaco Rita Maria Bezerra, de quem descendo em linha direta. Era ela casada com o primo legítimo João Lobo de Menezes, capitão, natural do Crato. Tiveram filhos, dos quais registro Ana Maria do Carmo e Rita Perpétua do Sacramento.

A primeira delas, Ana Maria do Carmo, nupciou-se com José Gonçalves Pita, sendo pais de desessete filhos. Um destes, Pedro Lobo de Menezes, em avançada idade, contraiu matrimônio (2ªs. núpcias) com Carolina Augusta Sobreira, nascendo desse consórcio Mons. Azarias Sobreira Lobo, respeitável figura do clero, do magistério e das letras cearenses. Uma das filhas da mesma Ana Maria do Carmo, com seu citado marido, era Isabel Lobo de Menezes, que se casou com Bartolomeu da Costa. Estes foram bisavós maternos do Mons. José Francisco Ferreira Lobo, ex-vigário de Várzea Alegre e Iguatu.

A segunda, Rita Perpétua do Sacramento, contraiu núpcias com o sergipano Antônio Ferreira Lobo, imigrado no Cariri, ainda no Século XVIII, proprietário e domiciliado no sítio Buriti, hoje distrito de Muriti, município do Crato. Entre seus filhos, contraram-se Perpétua Mariana do Sacramento e Rosa Perpétua do Sacramento, casadas com dois irmãos, a primeira com Francisco Antônio de Macedo e a segunda com José Joaquim de Macedo, nascidos na então Freguesia de Missão Velha, filhos do português Joaquim Antônio de Macedo e da caririense Leocádia Paes Landim.

Da predita Perpétua Mariana do Sacramento com seu esposo, o inculcado Francisco Antônio de Macedo, advieram filhos, entre eles, Joaquina Perpétua do Sacramento, casada com o primo carnal Francisco Lobo de Macedo, coronel, pais do major José Joaquim de Macedo (Cazuza Macedo), que, com sua segunda mulher, Francisca Nogueira Sampaio (Chiquinha Macedo), foram genitores do Dr. Otacílio Sampaio de Macedo, clínico conceituado e jornalista combativo, diretor do semanário *Gazeta do Cariri*, da cidade do Crato, e de José Sampaio de Macedo, brigadeiro da Aeronáutica, bem como avós maternos dos intelectuais José Denizard Macedo de Alcântara e Nertan Macedo, ambos da Academia Cearense de Letras, e, ainda, do coronel-aviador José Hélio Macedo de Carvalho.

Da outra filha de Rita Perpétua do Sacramento e Antônio Ferreira Lobo, a supradita Rosa Perpétua do Sacramento, com seu marido, o mencionado José Joaquim de Macedo, sobreviveram onze filhos, consorciados todos, dentre os quais, farei referência, nesta oportunidade, a quatro apenas.

Um deles foi Manoel Joaquim de Macedo, casado com Ana Rita de Macedo, ascendentes dos Ribeiro de Macedo e Ribeiro Lobo. Era seu neto Clotário Ribeiro de Macedo, proprietário do Engenho Santa Rita entre a cidade do Crato e a vila de Muriti.

Outro rebento de Rosa Perpétua do Sacramento, com o marido, foi o capitão João Lobo de Macedo, casado com Senhora de Mendonça Barros, vulgo Sinhara, cratense como ele. Em 1866, transferiram-se do Crato para Lavras da Mangabeira, radicando-se, assim, neste município sul-cearense, um ramo da família. Do casal procedem os escritores Durval Aires e Joaryvar Macedo, ambos membros titulares da Academia Cearense de Letras, o Cônego José Edmilson de Macedo, atualmente exercendo as atividades na Arquidiocese de São Salvador da Bahia, os jornalistas profissionais Vicente Favella Filho e Amarílio Furtado de Aquino, bem como o poeta, historiador e crítico literário Dimas Macedo.

Em terceiro lugar, refiro, como filha do casal Rosa Perpétua do Sacramento — José Joaquim de Macedo, Rita Perpétua do Sacramento, consorciada com o cratense, da mesma família, coronel Antônio Ferreira Lobo, podendo ser citados como seus descendentes nucleares, entre os demais, Cícero Bezerra Lobo, antigo tabelião público no Crato, Mozart Sobreira Bezerra, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Frei Ambrósio Bezerra Lobo, religioso capuchinho, e Geraldo Lobo, engenheiro-agrônomo pela Escola de Barbacena, tabelião no Crato, jornalista e poeta, com livro publicado.

Por último, registro, como filho do mesmo casal, o coronel Francisco Lobo de Macedo, já mencionado, casado com a prima carnal, a supracitada Joaquina Perpétua do Sacramento, ancestrais, conforme já se disse, dos cratenses dr. Otacilio Sampaio de Macedo, brigadeiro José Sampaio de Macedo, prof. José Denizard Macedo de Alcântara, Nertan Macedo e coronel-aviador José Hélio Macedo de Carvalho.

5º. — *Maria do Amparo Bezerra*. Matrimoniada com Manuel Cabral de Melo. Casal de numerosa descendência. Dentre seus filhos destaco o sobredito capitão João Lobo de Menezes, consorciado com a prima legítima antes referida, Rita Maria Bezerra, filha de Caetana Perpétua do Nascimento Bezerra de Menezes, com seu esposo, o alferes Manuel de Sousa Pereira, citados.

Maria do Amparo Bezerra em referência, portanto, é também ascendente, em linha direta, do autor deste trabalho, como o é, outrossim, de todos esses descendentes, aqui ailstados, de sua irmã Caetana Perpétua do Nascimento Bezerra de Menezes.

Evidentemente, poderia alongar-me tanto quanto desejasse na descrição de prolongamento dos velhos troncos ora focalizados. Encerco, todavia, este conciso registro, julgando haver demonstrado, suficientemente, como corre, vigoroso e difuso, na *gens* do Cariri cearense o sangue de Diogo Álvares Correia, o Caramuru, e sua consorte Catarina Álvares, a Paraguaçu. Julgando, também, ter trazido, a contento, através destas informações, novos subsídios para melhor conhecimento dos Bezerra de Menezes do Ceará, originários de Antônio Bezerra Felpa de Barbuda e sua esposa Maria de Araújo.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SILVA, Alberto — A Sesmaria e a Residência de Diogo Álvares Caramuru na Bahia, in *Três Estudos de História*, Livraria Progresso Editora, Salvador-Bahia, 1955.

AZEVEDO, Thales de — Povoamento da Cidade do Salvador, 3ª edição Editora Itapuan, Salvador-Bahia, 1969.

EDELWEISS, Frederico — Diogo Álvares — Caramuru, in *Ensaio Biográfico*, Universidade Federal da Bahia — Centro de Estudos Baianos, Salvador-Bahia, 1976.

AVILA, Salvador de — O Sonho de Paraguassu, in *Mensagem*, Salvador-Bahia, edição de 1º-05-77.

JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria — *Novo Orbe Serafico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil*, Parte Segunda, Volume I, Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, Rio de Janeiro, 1859.

————— Catálogo Genealógico etc., in *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo LII, Parte 1ª, Rio de Janeiro, 1889.



- COSTA, Afonso — *Achegas Genealógicas segundo Jaboaão e Outros Linhagistas e Documentos Fiéis*, in *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Nº 61, Salvador-Bahia, 1935.
- ROCHA FILHO, J. Dias da — *Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro*, 2ª edição, Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, Fortaleza-Ceará, 1978.
- SOBREIRA, Pe. Azarias — *Minha Arvore de Família*, in *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo LX, Ano LX, Fortaleza-Ceará, 1946.
- BEZERRA NETO, Dr. Eduardo de Castro, LEAL, Dr. Vinicius Barros, e PINHEIRO, Gen. Raimundo Teles — *Os Bezerra de Menezes*, Tipografia Minerva, Fortaleza-Ceará. 1982.
- MENEZES, Geraldo Montedônio Bezerra de — *José Geraldo Bezerra de Menezes — Antepassados e Descendentes*, separata da revista *Verbum*, Tomo XXXII, Fasc. 1, março de 1977, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.
- ARAÚJO, Padre Antônio Gomes de — *Povoamento do Cariri*, Faculdade de Filosofia do Crato, Coleção "Estudos e Pesquisas", Volume VI, Crato-Ceará, 1973.
- *Piínio Salgado Fonsêca de Melo — Traços Genealógicos*, in MELO, Francisco Esmeraldo de, *Litrocínio em Cachoeira Paulista*, Artes Gráficas Vitória, Cachoeira Paulista-São Paulo, 1958.
- MACEDO, Joaryar — *Pernambuco nas Origens do Cariri*, Juazeiro do Norte-Ceará, 1981.
- *A Estirpe da Santa Teresa*, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-Ceará, 1976.
- Livros de Registros Eclesiásticos das Paróquias de Nossa Senhora da Expectação do Icó (Cúria Diocesana de Iguatu), Nossa Senhora da Penha do Crato e São José de Missão Velha (Cúria Diocesana do Crato).

---

## LANÇADO O NOVO LIVRO DE JOSÉ HELDER FRANÇA

Constituiu-se um brilhante acontecimento social e literário, em Crato, a noite de autógrafos, patrocinada pelo Instituto Cultural do Cariri, para o lançamento do novo livro do poeta cratense José Helder França.

A noitada aconteceu nos salões do Crato Tennis Clube e à mesa principal sentaram-se o dr. Raimundo Borges, o dr. Nirson Monteiro e o Presidente do ICC, J. Lindemberg de Aquino, que fez a apresentação do livro, dizendo da identificação de Helder França com as cousas do Crato.

O poeta, a seguir, recitou diversos versos de sua lavra, e o musico Correinha tocou musicas de pífaro. Eloi Teles comandou a parte artística, servindo-se um distinto coquetel. O poeta, a seguir, autografou dezenas de livros para as pessoas presentes, que prestigiaram essa noite de alegria e beleza espirituais, em 28 de Fevereiro de 1986, mais um tento do ICC.



# Aliança de Ouro S/A

---

AS MELHORES CONDIÇÕES DE PREÇO E PRAZO  
PARA VOCÊ ADQUIRIR MATERIAL DE  
CONSTRUÇÃO, ELETRIFICAÇÃO, IRRIGAÇÃO,  
TRATORES, IMPLEMENTOS AGRICOLAS,  
EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS, MÁQUINAS DE  
ESCREVER E CALCULAR, APARELHOS DE TELEX,  
MÓVEIS DE ESCRITÓRIO, ELETRODOMÉSTICOS,  
BICICLETAS, BALANÇAS

---

# Aliança de Ouro S/A

---

**5 LOJAS PARA MELHOR SERVIR**

---

JUAZEIRO DO NORTE

—

CEARÁ

# *Farmácia SABIN*

ABERTA DE 7 DA MANHÃ ÀS 10 DA NOITE

---

CÔMPLETO ESTOQUE DE MEDICAMENTOS E  
EFICIENTE SERVIÇO DE AMBULATÓRIO



TUDO COM PREÇOS REAIS, ATENDIMENTO  
RÁPIDO E EFICÁZ NO BALCÃO E A DOMICÍLIO

---

**RUA BÁRBARA DE ALENCAR Nº 858**

TELEFONE: 521-0290 — CRATO - CEARÁ

---

**SEJA BENVINDO À SUA FARMÁCIA E BOA SAÚDE**

# As Memórias de José de Alencar Bezerra

O Jornalista, poeta, compositor e escritor José de Alencar Bezerra, natural de Pio IX, Piauí, um dos mais assíduos e eficientes colaboradores do Instituto Cultural do Cariri e do movimento intelectual de sua cidade e do sul do Piauí, é uma surpreendente revelação de como o otimismo, a perseverança, a fé e a coragem, e o destemor podem evidenciar um ser humano.

Privado da visão, desde tenra idade, venceu por seu próprio esforço, com pertinácia e amor à vida. Teve em Madre Paula (Almerinda Saboia Bezerra) sua prima, atual Superiora da Congregação do Colégio Santa Teresa, em Crato, uma auxiliar eficiente para ensinar-lhe a vida prática, e a vencer o enorme abismo da cegueira. Frequentou a Escola Benjamim Constant, no Rio, e o Instituto dos Cegos, em Fortaleza, onde sempre se revelou uma formidável liderança.

Jamais esmoreceu.

Nascido a 22 de Agosto de 1916, filho de Vitalino Pereira de Maria Bezerra e Almerinda de Alencar Bezerra, o escritor Alencar Bezerra situa-se, hoje, no primeiro time dessa categoria mui rara no Brasil: a dos cegos que escrevem, compoem musicas e se correspondem com intelectuais. Apresenta prodigiosa memória, e acercar-se dele é receber salutar lição de otimismo e de alegria de viver.

Está em circulação seu livro de memórias. Verdadeiro repositório de fatos curiosos de sua vida, interessante e bem vivida. Impressões de fatos e pessoas, análise criteriosa dos homens e dos tempos. Tudo escrito com verve e com espírito de análise sociológica. Com acuidade e observação. E no livro, gostoso de se ler, perpassam marchinhas de carnaval, hinos cívicos, músicas folclóricas, hinos religiosos, dedicados a pessoas e lugares por onde Alencar Bezerra viveu intensamente esses quase 70 anos de existencia.

Trata-se de uma obra preciosa, otimista e simpática. São cento e trinta e duas páginas de intenso viver em meio a doces recordações. Um livro primoroso, lição de otimismo para todos, quando a síndrome da tragédia parece perpassar, permanentemente, sobre todo mundo.

Alencar Bezerra realiza uma obra de fôlego, leve, sucinta, distinta e amiga. Um livro coloquial, que vale a pena ser lido.

# “Conto Popular e Comunidade Narrativa”

Sob esse título, o Ministério da Cultura, a Fundação Nacional de Arte — FUNARTE e o Instituto Nacional do Folclore, lançaram o livro do autor cariense Francisco Assis de Sousa Lima. Foi trabalho altamente elogiado nos meios culturais e de pesquisa folclórica, no sul do país, que mereceu o Prêmio Silvio Romero de 1984.

No seu prefácio, o escritor Antônio Cândido, diz: “Este livro é um dos mais valiosos que tenho lido sobre o nosso conto popular. Deve-se destacar, inicialmente, a competência e a seriedade com que o Autor fez a sua investigação, a partir de um convívio simpático e profundo com o meio e os homens. Destaque-se, ainda, a apresentação bem ordenada e a linguagem sóbria, correta e clara, num terreno onde muitos cedem à tentação de complicar sem necessidade.

Do ponto de vista técnico, um dos méritos do livro é o uso muito operativo do conceito de “comunidade narrativa. Outro mérito foi ter escolhido como ponto de referencia uma região tão rica como o Cariri, cujo caráter, por assim dizer, sintetizador, explica a riqueza do material e favorece a investigação.

No Cariri vieram desaguar muitos rios da criação popular e avultou a figura do Pe. Cícero, que aparece aqui em muitas das suas funções, inclusive a que exerceu na configuração e na estabilização da comunidade de Juazeiro. Sobretudo, estimulando o artesanato, promovendo a variação das profissões e assim favorecendo a diferenciação dos grupos”.

No “resumo”, feito em inglês e português, no final do livro, explica-se que “este livro teve como objetivo o exame do conto popular ou tradicional, compreendido no interior de uma comunidade narrativa, este, por sua vez, definida pelo binômio contador-público. Teve lugar no Cariri, área-síntese do Nordeste brasileiro, foco de confluência do Ceará, de fluxos migratórios gerados nos estados circunvizinhos, em virtude da fertilidade do solo e da atração exercida pela figura do Pe. Cícero”.

Francisco Assis de Sousa Lima é valor bem genuíno do Cariri. Colaborador de ITAYTERA e do Instituto Cultural do Cariri, é cearense que já goza de merecido conceito no sul do país, onde exerce suas atividades, residindo na cidade de S. Paulo.

O livro enfeixa 37 informantes e 182 histórias de sabor nitidamente regional, enfocando a descaracterização da linguagem popular ante o avanço da civilização e estudos profundos do comportamento humano. Um grande livro.

# Cerâmica do Cariri S.A.



FABRICAÇÃO DE: LAJOTAS ESMALTADAS  
PISOS E REVESTIMENTOS  
CERÂMICOS

---

F Á B R I C A :

Barbalha (CE) Rodovia CE 96, Km 03

---

SEDE SOCIAL :

Crato (CE) Rua Monsenhor Esmeraldo, 647

TELEFONE: 521 - 0285

# **ANIMAQ** - equipamentos para escritório

---

**Organização ANTONIO ANISIO DE BARROS**

---

Máquinas de escrever e calcular, móveis de madeira e aço, fichários em acrílico, Caixas registradoras, refrigeradores, aparelho de ar condicionado, ventiladores e demais equipamentos para escritórios

# **ANIMAQ** - equipamentos para escritório

---

**R U A S ã O P E D R O N º 7 8 4**

---

**TELEFONES: 511-2556 e 511-2558**

**JUAZEIRO DO NORTE**

—

**CEARÁ**

## S O N H A N D O

Dandinha Vilar

*Andei por teu caminho. E os teus passos  
Apaguei com os meus na caminhada.  
Sentir o teu calor e em teus braços  
Esqueci o cansaço da jornada.*

*Ouvi a tua voz. E nos espaços  
Que me cercava pela longa estrada  
Sentí o teu perfume em teus abraços  
E encostei-me ao teu ombro inebriada.*

*Colhi as tuas flores e ao meu peito  
Aconcheguei-as carinhosamente  
Numa efusão de afetos, delirante...*

*Mas quando abri os olhos vi desfeito  
Todo o meu sonho. E achei-me simplesmente  
Na dor da solidão, de ti distante.*

## O C E A R E N S E

Dandinha Vilar

*Sertanejo da gleba do nordeste  
Bravo filho da terra de Iracema  
Tua vida é a história rude, agreste,  
Qual lamento evocável de um poema.*

*O trabalho feroz que te alucina  
Te ergue a fronte e torna a dor serena;  
E o esforço aturado que te anima  
Faz relutar afoito em dura pena.*

*Teu destino é sofrer qualquer agrura...  
Aceitar o conformismo da amargura  
Que o pranto torna em canto as tuas mágoas.*

*Na coragem sem par do peito ardente,  
Ou vives causticado ao sol tremente,  
Ou morres mergulhado sob as águas.*



## R A Z Õ E S

Dandinha Vilar

*Desde o principio em que foi feito o mundo  
Uma sentença existe e que não muda :  
Persiste o arraigado mais profundo  
Que o amor é cego e que a saudade é muda.*

*Passam-se os tempos e evolue a vida.  
Ha inovações e toda lei se estuda;  
Ninguém remove a instigação antiga  
Que o amor é cego e que a saudade é muda.*

*... Talvez se ame a quem não deva amarmos...  
E neste item com rigor me apego  
Vendo a razão por que o amor é cego!*

*E se sofremos por silenciarmos  
Do abandono a dor sobeja e aguda,  
Eis a razão por que a saudade é muda!*

## C A S A V E L H A

Dandinha Vilar

*Casa velha dos meus antepassados  
Alta e branca, espaçosa e arejada  
Que inda guardas os sonhos tão sonhados  
No topo da colina, abandonada.*

*Ao lado os jasmineiros recurvados  
Soltam pétalas das flores perfumadas  
Sobre os bancos, com o tempo desbotados  
Como as recordações ali guardadas.*

*Testemunha discreta e convivente  
Das gerações que ali se sucederam  
Alternando com a dor, felicidade.*

*Hoje és apenas a guardiã silente  
Das lembranças que ali adormeceram  
Embaladas ao canto da saudade.*

## C A N Ç Õ E S

Dandinha Vilar

*Cantam no mar as ondas revoltosas,  
E canta o vento a sibilar no espaço  
Balanceando as arvores frondosas  
Que na canção se estreitam num abraço.*

*O rio canta em vibrações chorosas  
As notas musicais do seu compasso.  
Cantam aves canções melódicas  
Sensações despertando a cada passo.*

*Tambem os sinos cantam de alegria!...  
Canta a mãe embalando o filho amado;  
E a poesia é a musa decantada...*

*Se faz canção a dor que nos crucia...  
Muda-se em canto o pranto derramado  
E a lagrima que nunca foi chorada!*

## O P A S S A R I N H O

Dandinha Vilar

*No momento em que o sol lá no nascente  
Sua luz esplendente o céu aflora  
Ele começa terna e suavemente  
Sua doce canção saudando a aurora.*

*Feliz, vem entoar diariamente  
Ao lado do meu quarto, junto à porta  
Nos galhos da pinheira, alegremente,  
Seus toques musicais que os ares corta.*

*Deixando o ninho quente, aconchegante,  
Solta no ar a musica vibrante  
Que abala em cheio o coração da gente.*

*Na sublime magia desta hora  
Ouvindo este cantar minh'alma chora  
Saudade que me vem do filho ausente.*

## P E R F I L

Dandinha Vilar

*Teus cabelos sedosos e nevados  
Pela neve dos anos transcorridos  
Relembra sentimentos do passado  
E segredos de amor não esquecidos.*

*Ha rugas no seu rosto. O olhar turbado  
Na lembrança dos sonhos revividos  
E o sorriso pálido e magoado  
Refletem ideais não conseguidos.*

*Como pôde tão bela criatura  
Com porte de rainha, meiga e pura  
Transformar-se num mito de desgosto?*

*— Amou demais. Porém não sendo amada  
Petrificou na alma espedaçada  
A imagem da dor que traz no rosto.*

## C R E D O S

Dandinha Vilar

*Creio te ver na estrela fulgurante  
No azul do espaço límpido, infinito;  
Na voz do vento, forte, estrepitante  
Na brisa leve de um frescor bendito.*

*Creio-te na montanha verdejante,  
No odor das flores, no calor do ninho;  
No tapete da relva rastejante  
E no doce trinar do passarinho.*

*Creio que estás na luz que me ilumina;  
No ar que me circunda e que respiro...  
No espelho do olhar perdido a esmo...*

*...Do meu pranto, na fonte cristalina...  
E na oração que eu rezo num suspiro  
Ajoelhada dentro de mim mesmo.*

## A V I A G E M

Dandinha Vilar

*Do nada eu vim, e aqui cheguei sozinho...  
Mas encontrei alguém que me esperava  
Que com amor cobriu-me de carinho  
E me deu tudo quanto eu precisava.*

*Tive passaros e flor no meu caminho!  
Belos dias de paz e de alvorada;  
Tive dores e prantos, tive espinho,  
Noites longas de ansia angustiada.*

*E prossegui viagem estrada afora...  
A multidões imensas tive acesso  
Passando pela vida, de mansinho.*

*Mas no dia final que for-me embora  
Muitos assistirão o meu regresso  
Enquanto eu, como vim, volto sozinho.*

## S A U D A D E

Dandinha Vilar

*Saudade é um pôr-de-sol agonizante...  
Tons roseos lá no céu se refletindo.  
O badalar de um sino alem, distante,  
E um véu de sombras sobre o chão caindo!*

*Murmúrios de um repuxo soluçante,  
Flor que desabrocha olores espargindo.  
Brancura de um luar extasiante  
Evocando lembranças, dolorindo.*

*É a estrela dalva caminhando lenta...  
É a voz do mocho iétrica, agourenta!  
É a luz de um cirio vacilante, ardente.*

*É da noite ao silencio na esplanada,  
De um violão a voz apaixonada  
Pisoteando o coração da gente.*

# **ORGAMAQ** - Org. Técnica de Máquinas Ltda.

---

De: **JOSÉ LOURENÇO DA SILVA**

Distribuidor exclusivo FACIT e SHARP para  
o Cariri (Televisores, máquinas calculadoras  
e de escrever)

---

Revendedor de Equipamentos para Escritório  
das Marcas OLIMPIA, DISMAC, REMINGTON

---

**RUA SANTA LUZIA Nº 269 (colchadão)**

TELEFONE : 511-1142

---

JUAZEIRO DO NORTE

— CEARÁ

# Cinquentenário da Igreja do Rosário

Não hesitaram os promotores das festividades deste Templo que tem a invocação sublime de N. S. do Rosário, em comemorar o seu cinquentenário com esta belíssima festa cujas solenidades nos deslumbram e nos alegram. Uma só cousa, porém, se há de estranhar, é que hajam escolhido para dono da palavra a quem lhe faltam prerrogativas para tão elevados desígnios. Já o grande orador sacro Vieira, falando sobre S. Inácio de Loyola, dizia que o melhor retrato de cada um é aquilo que escreve; o corpo se retrata com o pincel, a alma com a pena. Ficará assim muito mal retratado quem, com respeito, vos dirige a palavra.

Distinta assistência: Andaram muito acertados os barbalhenses, quando num gesto resoluto e franco, se congraçaram para não consentir que o cinquentenário desta igreja passasse despercebido. Bastou um apêlo do responsável pelos feitos desta Paróquia, para que o atendimento fosse total e absoluto. Uma idéia boa, um sentimento profundo, dormita sempre no subconsciente das almas privilegiadas e a virtude da solidariedade humana constitui a tônica das comemorações do cinquentenário deste Templo. Observamos que vivemos numa época de exaltação de espírito, de angústia de tempo, de inquietação dos povos, enfim, mas aparece sempre o milagre do lenitivo, surge sempre um faról indicando um norte, um medicamento para esses casos de stress, um porto seguro para ferrar o barco. Apesar desse clima tumultuado de todos os dias, paralelamente surge uma forma pacífica que remove e neutraliza efeitos. Assim é que uma coorte de damas da cidade, possuída dos requisitos necessários, se movimentou para equacionar o problema, tendo à frente o Vigário da Freguesia, o operoso Pe. Eusébio de Oliveira Lima e a devotada e incansável Maria Alacoque Sampaio. Vale confessar que não faltaram tampouco ajudas dos filhos de Barbalha que residam em outros pontos do País; foram solícitos ao nosso apêlo e generosos no atendimento. Convém assinalar ainda que dois grandes melhoramentos já haviam sido feitos anteriormente: a reforma da sacristia com a construção do primeiro andar e o magnífico piso da capela-mor, generosa oferta de Martinho de Luna Alencar. É de justiça também fazer-se menção da perfeítíssima Imagem de N. S. do Rosário que encanta e deslumbra os nossos altares, carinhosa oferta de d. Cosminha Sampaio a quem Deus conferiu a ventura de viver cem anos.

Para as comemorações do cinquentenário, foram feitos o

assentamento geral do piso, a limpeza externa e pintura do interior da igreja. Apresta-se assim, o Templo, dignamente ornado, para a memorável comemoração do seu cinquentenário. E para solenizar todas as festividades e para maior encosto desta noite de fé e de santas alegrias, aqui se encontra s. excia. D. Vicente de Araújo Matos, m. d. Bispo da Diocese do Crato, que veio emprestar excepcional brilho a estas solenidades e proporcionar maior júbilo aos diletos filhos desta cidade. Este nosso justo respeito e esta nossa grande admiração devidos ao Governador espiritual da Diocese são extensivos ao digno Secretário da Curia Diocesana — Monsenhor Raimundo Augusto, ao Pe. Murilo de Sá Barreto, Vigário do Juazeiro do Norte, aos demais padres da Região e à pessoas gradas que vieram com as suas presenças enaltecer a festa de N. S. do Rosário.

Distinta assistência: — Quero agora me reportar à primitiva idéia de ser erigida esta igreja com a invocação de N. S. do Rosário e num continuado exame, informar sobre a marcha da construção e por fim prestar justa homenagem aos pioneiros de tão louvável iniciativa. — A idéia da construção data de mais de cem anos. Nasceu entre homens de côr, gente simples e piedosa, congregada mais tarde na Irmandade de N. S. do Rosário. Esta idéia ficou vivendo apenas na mente dos modestos homens do povo e só pelos idos de 1860 é que se concretizou com a escavação dos alicerces os quais foram soterrados pelos sucessivos invernos. Com a extinção do elemento servil e conseqüente dispersão dos pretos, ficou novamente esquecida a idéia, surgindo mais tarde, abraçada pelo espírito empreendedor e esclarecido do Vigário da Paróquia — Pe. João Francisco da Costa Nogueira, que também como os outros, não pôde prosseguir. Ficou, então a construção parada durante sete anos. Coube ao Pe. Manoel Cândido dos Santos, Vigário da Paróquia, a iniciativa da construção com o lançamento da pedra fundamental em Junho de 1892. — O cinquentenário do dogma da Imaculada Conceição, miraculosa e divina inspiração de Pio IX preciosa pérola do Papado Romano foi a aurora refulgente da nova fase da construção. Em 1906, quando as paredes estavam em condição de receber o tecto, não resistindo à forteavernada, desabou a colunata central que formava a nave do templo. Reencetada a construção em 1907, deixa, então, a Paróquia, o Pe. Manoel Cândido, ficando a igreja coberta do lado do Sul, mas ainda sem torre. Novas energias irrompem, ainda despertadas pelo cinquentenário do dogma da Imaculada, e então, duas nobres e destacadas figuras colaboram com entusiasmo. — Antonio Corrêa Sampaio Filgueiras e José de Sá Barreto Sampaio. É de justiça tecer um hino de louvor e de reconhecimento a estes dois espíritos privilegiados que trabalharam denodada e desinteressadamente até que nova vicissitude — o movimento armado de 1914 fizesse parar os trabalhos. Só em 1918, retornam à construção os invictos e



beneméritos batalhadores — José de Sá Barreto Sampaio e Antonio Corrêa Sampaio Filgueiras, que prosseguem sem treguas até a benção da igreja cujo cinquentenário hoje comemoramos festivamente. E esta solenidade que nos encanta e nos anima, nesta hora de muitasa legrias — *mutatis mutandis* — éu ma repetição do que aconteceu há meio século, neste mesmo dia. Para um perfeito confronto com esta festa que maravilhosamente se desenha aos nossos olhares, ousamos, em traços gerais, narrar como aconteceram as solenidades da benção inaugural de cinquenta anos atrás. O Exmo. Sr. Bispo Diocesano — Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva que prometera assistir à solenidade, chegára de véspera em companhia do seu Secretário Pe. Joviniano Barreto e Clerigos Almeida Pita e Emídio Lemos, já se encontrando — os Padres Alboino Pequeno, Dr. Manoel Macêdo, Manoel Queiroz, Horácio Teixeira, José Ferreira e Raimundo Nonato Pita. Já ao raiar da aurora do grande dia, com ansiedade esperado, era grande o alvoroço e desusado o movimento de nossa população que se deslocava para a Praça do Rosário, ao espoucar de fôgos e repicar festivo dos sinos. Às 8 horas da manhã o exmo. Sr. Bispo, acompanhado do clero, Irmandades do S. Sacramento e de N. S. do Rosário, autoridades locais e grande massa popular saíam da Matriz aos sons da Banda de Música, para o novo Templo. Ao chegarem, o exmo. sr. Bispo, parou na fachada da Igreja, cujas portas conservavam-se fechadas e em frente à porta principal, cantou os salmos do ritual apropriados ao ato; prosseguindo, aspergindo água benta, em todas as portas, até a fachada principal onde então se abrem as portas.

Penetrando solenemente o Templo, s. excia., seguido do clero, indo ajoelhar-se ao altar, e benze nesta ocasião a imagem da Virgem do Rosário. Ato contínuo, celebra a primeira missa, assistida pelos reverendos padres. Às 10 horas começou a solenidade de uma missa cantada, oficiada pelo vigário da Freguesia, Pe. Antonio Jatahy de Sousa, acolitado pelos padres Joviniano Barreto e Alboino Pequeno. Ao Evangelho, pregou o Pe. Macêdo, que desenvolveu com muita eloquência o tema — “Quem constroi uma igreja faz obra de religião e patriotismo”. Às 18 horas — Te Deum solene em ação de graças oficiado pelo exmo. sr. Bispo, com assistência do clero. Às 19 horas recitação do primeiro terço pelo Pe. Macêdo, que prende e domina o auditório com a sua palavra exaltando a prática da oração do Rosário. No dia 3, missa solene pelo Pe. Macêdo, acolhido pelos padres José Ferreira e Horácio Teixeira, pregando ao Evangelho o Pe. Alboino. Ainda no terceiro dia, missa cantada pelo Pe. Queiroz, acolitado pelo Pe. Nonato Pita e Diácono Almeida Pinto. Ocupou a tribuna o Pe. Macêdo. Não podendo comparecer à Igreja do Rosário devido à chuva torrencial que caía, D. Quintino deu a benção do S. Sacramento na matriz de St. Antonio, encerrando desta maneira, a benção da igreja do Rosário.

O Boletim Arquidiocesano à página 431, traz os seguinte registro : "A benção ocorreu em dois de fevereiro". No interior notam-se obras de acentuada perfeição artística. O altarmor é a melhor obra de talhe que conhecemos no Ceará. Consignamos aqui com a nossa admiração, os nomes de Manoel Roque, de Santana do Cariri, mestre José de Freitas, Luiz Gomes e João Tijubina, desconhecidos, mas finos obreiros de cujas mãos saíram aqueles mimos de arte nacional em madeira. A igreja na situação atual custou cem contos de reis o que é um atestado eloquente da fé religiosa do povo barbalhense". — Depois de haver perlustado o documentário dos contextos e haurido o que ainda resta da documentação oral sobre a origem deste Templo, julgamos ser dever nosso, enaltecer as maravilhas de prodígios que envolvem o título Rosário, altamente honorífico de N. Senhora, sob cuja invocação nasceu esta igreja.

Vieira, em um dos seus sermões, sobre o Rosário diz : "Na oração menos perfeita fala o homem com Deus, na perfeita e perfeíssima fala o homem com Deus e Deus com o homem. O Rosário compõe-se de oração vocal e mental; vocal nas orações que reza, mental nos mistérios que medita : enquanto rezamos falamos com Deus; enquanto meditamos fala Deus conosco".

Momento muito feliz, ora significativa e muito grata aos nossos corações esta que vivemos agora, ao exaltar a figura do santo prelado e a dos dignos sacerdotes consubstanciados na fé e miraculados nos exemplos edificantes de bem servir ao próximo e de bem louvar a Deus. Comemoramos nesta cidade e festejamos de uma só vez, com muita alegria, duas grandes festas, ambas unidas, ambas inseparáveis pela sua finalidade : uma mais da terra do que do Ceu, representada por estas solenidades, por esta apoteose, por este encantamento com que traduzimos o fervor das nossas almas e o entusiasmo dos nossos corações; a outra mais do Ceu do que da terra, porque deste Templo, há meio século se evola para a morada suprema de Deus, o milagre da transubstanciação, a mudança da substância pão e vinho na substância corpo e sangue de Cristo. Assim, um profundo sentimento de gratidão e de amor nos faz volver as vistas para a Virgem Santíssima cuja imagem de rara perfeição e de raro esplendor dignifica os nossos altares. Salve Virgem mediadora universal da graça ! Recordamos que há quase dois mil anos, a mãe amantíssima de Jesus, na companhia do seu casto esposo, deixava o sossêgo amado de Betânia e em penosa peregrinação de Nazaré a Belém, buscava a cidade predestinada, conduzindo no ventre a glória do Universo, a Redenção dos povos, para que se cumprissem as profecias de Miquéias de que o Salvador do Mundo sairia de Belém. Já vinte séculos tombaram e nesta hora, sob a aclamação delirante dos católicos contemplamos a imagem de Nossa Senhora do Rosário sustendo nos braços e seu amantíssimo Filho. — Ho ! Pulcritudo semper antiqua et semper nova !

# AS ORIGENS DE MAURITI

O assunto em tela requer se façam as seguintes distinções:

1ª. — A origem do sítio Buriti ou Muriti que nucleou a vila e evoluiu para o município de Mauriti;

2ª. — A origem do topônimo Buriti aplicado ao sítio;

3ª. — A origem da vila que se fundou neste sítio e passou a ser a progressista cidade de Mauriti;

4ª. — A origem do topônimo dado à vila por ocasião de ser criado o município.

I — O que deu origem ao sítio Muriti ou Buriti, na linguagem travada dos tapuias, foi a Data de Sesmaria da Lagoa de "Quichesi", requerida em 23-06-1706, como se vê em Eusébio de Sousa — Tomo I — Ano I dos Anais do Arquivo Público do Estado do Ceará, vols. 01 a 14:

"Lagoa de Quichesi — Data e sesmaria de Rodrigo do Lago e o Coronel João de Barros Braga e seus companheiros, de três léguas de comprimento e uma de largura para cada banda, nos sertões do Cariri, principalmente em uma lagoa chamada Quichesi que fica do Rio Salgado para a parte do Sul, concedida pelo Capitão Mor Gabriel da Silva do Lago, em 23-06-1706. (nº 105, vol. 2º. — pag. 71)".

Em nota, Eusébio de Sousa esclarece que os companheiros de João de Barros Braga, nesta sesmaria foram: — "o Capitão Antônio Pereira da Cunha (o grifo é nosso), Coronel Leonardo de Sá, Cosme Pereira Façanha, Capitão Pedro de Sousa, Gaspar de Sousa, Maria Pereira da Silva, Gregório de Figueiredo, Simão Ferreira, o reverendo Frei Manuel de São Gonçalo, Serafim Dias, Antônio José da Cunha e o Padre Cristovam de Jesus Maria".

Este volume dos Anais do Arquivo Público do Estado do Ceará de onde extrai o registro de Sesmaria de Quichesi faz parte da seleta e opulenta Biblioteca do impenitente pesquisador Pe. Antônio Gomes de Araújo e lhe foi oferecido pelo não menos pertinaz investigador Mons. Francisco Couto, já tendo passado por mãos de outros estudiosos do assunto. Um destes argutos faiscadores deixou escrito, à mão, na margem deste registro, o seguinte: — Lagoa de Mauriti.

Dáí se conclui que João de Barros Braga, como grande açambarcador de terras que era, para depois revendê-las, tenha adquirido os direitos dos outros companheiros de requisição da Data e revendeu o sítio aos Mendes Lobato como consta em uma escritura original em poder do Dr. Teodorico Fernandes Teles Cartaxo, na qual se lê o seguinte:

"O Capitão João Mendes Lobato e Lira, herdeiro do Capitão Antônio Mendes Lobato, vende a Bartolomeu Pereira Dantas os sítios Muritizinho e Muriti Grande, os quais por sua vez foram havidos por compra ao Capitão João de Barros Braga".

Irineu Pinheiro registra resumidamente o feito em Efemérides do Cariri à página 38:

"1734 — 20 de outubro — O Coronel João Mendes Lobato e Lira, por si, seus irmãos e cunhados, vende os sítios Muritizinho e Muriti Grande a Bartolomeu Pereira Dantas, português. Estes dois sítios compreendiam quase todo o território do atual município de Mauriti e parte do de Milagres (não é tanto assim, dizemos nós). Processou-se a operação de compra e venda à sombra de um rancho em Missãonova do Cariri, "Ribeira do Jaguaribe, termo da Vila de S. José do Ribamar do Aquirás, Capitania do Ceará Grande". Presentes ao ato o comprador, o vendedor, o tabelião José Gomes de Melo e as testemunhas Manuel Nogueira de Lucena e Cipriano Dias. Os Lobatos adquiriram estas terras do Coronel João de Barros Braga. O preço por que Bartolomeu Pereira Dantas comprou os sítios atingiu a quantia de novecentos mil réis. Em 23 de agosto de 1754, vendeu ele por seiscentos mil réis a seu sobrinho Antônio Pereira da Cunha a metade do sítio Muriti Grande, "ribeira do Riacho dos Porcos nos Cariris Novos, termo da Vila do Icó, Capitania do Ceará Grande". As testemunhas foram o Capitão Mor Francisco Pinto da Cruz e o tenente Jacinto da Silveira de Carvalho, ambos moradores no mesmo Riacho dos Porcos. O escrivão foi Nicolau de Sousa Gusmão". Através desta efeméride verifica-se que, no espaço de 20 anos, se valorizaram muito os terrenos no Cariri".

Os originais destas escrituras estão em poder do Dr. Teodorico Fernandes Teles Cartaxo, como já se disse, e foram transcritos na revista "Região" do Crato — número 11 — Ano VI — 17 de junho de 1977.

Além destas escrituras, o Dr. Fernandes possui vários outros documentos de compra e venda de terras dos sítios Muritizinho e Muriti Grande nos seus primórdios e em nenhum deles se faz menção do topônimo "Podimirim" nem referência alguma a João Dantas Aranha e Caetano Dantas Passos. Isto porque tais senhores foram requerentes de terras na Data de sesmaria que deu origem à vila do Rosário que demora uma légua abaixo de Milagres e

que foi chamada de "Podimirim" pelo IBGE quando processou a reorganização da toponímia dos municípios e distritos na divisão administrativa do Ceará, por ter reconhecido que ali está realmente a Lagoa e o Riacho dos Porcos.

Segundo o notável tupinólogo Dr. Tomaz Pompeu Sobrinho, no seu trabalho "Topônimos Indígenas dos Séculos 16 a 17 na Costa Cearense", na Revista do Instituto do Ceará — Tomo LIX — ano de 1945, é permitido interpretar "podí" como porco e "mirim" pequeno; podimirim era o nosso caetetu. Lagoa ou Riacho Podimirim era Lagoa ou Riacho dos Porcos, formação linguística tupi que substituiu o termo tapuia "Quimami", nome primitivo que tinha aquele curso d'água. Afirma ele que os descobridores traziam consigo, como guias, índios tupis domesticados que iam trocando por expressões da sua língua as denominações já existentes no idioma dos índios que habitavam a região.

A tese é comprovada pelos termos das Datas de sesmaria requeridas pelos mesmos. João Dantas Aranha requereu primeiro uma Data em conjunto com o Capitão Bento Correia de Lima cujas terras se localizavam no trecho que fica abaixo do Rosário, hoje Podimirim. Depois o Aranha e o Caetano requereram outra na Lagoa e Riacho dos Porcos.

Esses termos de Datas de sesmaria se encontram em Joaquim Alves — "O Vale do Cariri" — Revista do Instituto do Ceará — Tomo LIX — Ano LX (1945) e em Eusébio de Sousa — Anais do Arquivo Público do Estado do Ceará — Tomo I — ano I (1933). Preferimos, porém, tirá-los de Efemérides do Cariri de Irineu Pinheiro que os registra assim:

Página 19 — "Se lermos a carta de sesmaria concedida em março de 1703 a Bento Correia de Lima e João Dantas Aranha vemos que os dois declararam ali terem eles sido os descobridores do Riacho dos Porcos, importante curso de água caririense, afluente do Rio Salgado".

Página 35 — "1703 — 21 de março. Concedeu o Capitão Mor Jorge de Barros Leite aos capitães Bento Correia de Lima e João Dantas Aranha três léguas de terras de comprido e uma de largo para cada banda do dito Riacho dos Porcos, pelo dito acima, tudo em rumo direito, principiando na barra dele".

O Riacho dos Porcos, acrescentamos, faz barra com o Rio Carás pouco abaixo de Missãovelha já perto da Ingazeiras. Daí para cima começa a Data requerida pelos dois.

Página 38 — "1723 — 25 de agosto. Douu o Capitão Mor Manuel Francês a Bento Correia de Lima "duas léguas de terra no riacho dos Porcos do Cariri a sul, por ele acima, começando no sítio que se chama Poço Comprido, etc". Continua Irineu: — "Este Poço Comprido é hoje uma localidade denominada Rosário



(atualmente Podimirim), uma légua abaixo de Milagres. Bento Correia de Lima, em 1735, erigiu a igreja de N. S. dos Milagres".

Eusébio de Sousa, em Anais do Arquivo Público do Estado do Ceará, registra a Data de sesmaria de João Dantas Aranha e Caetano Dantas Passos, assim:

"*Lagoa Podimirim* — Data e sesmaria do Capitão João Dantas Aranha e Caetano Dantas Passos de três léguas de terra no riacho e lagoa chamada Podimirim, hoje dos Porcos, concedida pelo Capitão Mor Jorge de Barros Leite, em 25-01-1704 (Nº 89 — vol. 2º. — pag. 35).

Esta Data é no riacho dos Porcos, e Mauriti, ou o sítio Buriti, não fica no riacho dos Porcos: É situado na ribeira do riacho dos Porcos, mas em afluente daquele riacho, como se sabe, o riacho do São Miguel.

São muitos os documentos referentes aos primórdios do sítio Buriti constantes do dossier do Dr. Fernandes Cartaxo organizado habilmente pelo seu avô Dr. Cartaxo, e em nenhum deles se fala em Podimirim.

Irineu Pinheiro em Efemérides do Cariri, página 166, registra a criação do Município de Mauriti: — "1890, 27 de agosto. Criado o município de Mauriti pelo Decreto nº 51, inaugurado a 21 de outubro do mesmo ano". Refere as várias fases por que passou o novo município: — extinção, restauração, e conclui afirmando: — "Primitivamente chamou-se Buriti".

Ele chega a esta conclusão porque, em todos os documentos primitivos do sítio, só deparamos com este topônimo.

Esta é que é a realidade e não era desconhecida do nosso povo mais antigo, especialmente dos que tinham alguns conhecimentos. Antônio Miguel Sampaio de Lacerda, por exemplo, proprietário da fazenda Vaca Brava, cidadão inteligente, esclarecido e bem versado, deu o seguinte testemunho ao Dr. Fernandes Cartaxo que o recolheu em seu documentário: — "A lagoa de Mauriti era chamada antigamente "Quichesi" e não "Podimirim" como dizem alguns historiadores. Referindo-se à Data da Tobaca de que faz parte a sua propriedade, concedida em 1738 ao Capitão Mor Francisco Pinto da Cruz, informa que esta Data tem como limites os sítios Mority Grande e Morityzinho (fonética ainda hoje vigorando entre o nosso povo simples).

Não há dúvida, portanto, de que o sítio Buriti teve origem na Data da Lagoa de Quichesi.

## II — *A origem do topônimo BURITI*

Buriti é um termo de origem indígena — mbirity — nome de uma palmeira que o célebre botânico Von Martius classificou "Mauritia Vinífera", da qual os índios extraíam um delicioso

licor. Mas a denominação do sítio em apreço com este topônimo não é devida à presença da formosa palmeira ali naquele local. Ao que estou informado, não me consta que tenha havido naquele vale nenhum espécimen da bela palmeira que autorizasse a aplicação do topônimo ao sítio. Como li alhures, quem deu nome ao sítio foi uma tribo de índios da nação tapuia e da família cariry que o ocupou e lá viveu até o advento dos primeiros colonizadores: — a tribo dos índios buritys.

### III — A origem da Vila que se fundou neste sítio e evoluiu para a cidade de Mauriti.

O povoado que se desenvolveu para a Vila de Mauriti, chamou-se Buriti Grande como é fácil ver nos livros de registros paroquiais de Milagres a que pertencia, a partir da sua fundação até a sua elevação a município autônomo em 1890. Encontram-se ali inúmeros registros de batizados e casamentos feitos na Capela do Buriti Grande.

A vila nasceu à sombra da Capela de Nossa Senhora da Conceição construída pelo Capitão Miguel Gonçalves Dantas de Quental, de 1870 a 1875. Seguiu o mesmo caminho na formação que tiveram comumente todas as vilas e cidades do Brasil.

O "CEARÁ" de Antônio Martins Filho e Raimundo Girão — 3ª. edição — 1966, falando a respeito da formação eclesiástica de Mauriti, assim se expressa: — "A Padroeira da sua Igreja é N. S. da Conceição. Este templo foi construído por Miguel Dantas, em virtude de um voto feito à Imaculada Conceição, para livrar-se da cólera morbus".

Está arquivada na Cúria Diocesana de Crato a escritura de doação do terreno para a construção da Capela do Buriti Grande adiante transcrita. E no livro de registro dos patrimônios das paróquias que faz parte do arquivo da mesma Cúria, quando se refere a Milagres, lê-se o que se segue:

a) Capela de Mauriti — Paróquia de Milagres, 50 braças em quadro de terra, no sítio Buriti Grande, do Distrito do Coité — Milagres. Escritura de doação por Miguel Gonçalves Dantas de Quental e sua mulher Ana Cordulina Cartaxo Dantas, de 06 de setembro de 1870. Tabelião Dionísio Eleutério B. de Menezes, depositada no cofre da Cúria com o nº 07.

b) Escritura complementar. Uma quadra de terra de 225 braças na povoação de Mauriti, patrimônio da Padroeira e da Capela pelos Snrs. Miguel Gonçalves Dantas, José Estrela Cabral Júnior, João Martins de Moraes, suas mulheres, e Da. Joaquina Tavares. Escrituras particulares legalizadas e depositadas no arquivo paroquial — Milagres.



*Explicação* — O terreno previsto para a ereção da igreja era vizinho à residência do doador, no sítio Dantas, numa faixa de terra comprida entre o brejal e uma serrota pedregosa postada em frente. O Pe. Ibiapina, vindo ali a convite, discordou do local julgando-o impróprio para uma futura cidade. O venerando Missionário e o Capitão Miguelzinho adentrando-se na mata fronteira, depararam com uma bonita planura que ele aprovou para a localização do templo. Posteriormente verificou-se que aquelas terras ainda estavam em comum. Eis a razão da escritura complementar com as assinaturas dos diversos detentores de direitos no sítio.

Transcrição da Escritura fundamental da doação da Capela do Burity Grande (Mauriti): — Doadores — Capitão Miguel Gonçalves Dantas de Quental e sua mulher Da. Ana Cordulina Cartaxo Dantas. Área — 50 braças em quadro; valor — quinhentos mil réis (500\$000); data — 06 de setembro de 1870.

“Escritura de Doação que fazem em suas terras o Capitão Miguel Gonçalves Dantas de Quental e sua mulher D. Ana Cordulina Cartaxo Dantas de um terreno com cinquenta braças em quadro, neste sítio Burity Grande, termo de Milagres, no valor de quinhentos mil réis para Patrimônio de uma Capela que vão edificar para Nossa Senhora da Conceição tudo como abaixo se declara:

Saibam quantos este público instrumento de Doação virem que sendo no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e setenta, aos 06 dias do mez de setembro no dito sítio Burity Grande, Distrito do Coité, Termo de Milagres, Comarca de Jardim, Província do Ceará, em casa de morada do Capitão Miguel Gonçalves de Quental e de sua mulher Da. Ana Cordulina Cartaxo Dantas, onde eu Tabelião, a seus chamados vim, aí por eles me foi dito perante as testemunhas presentes, que eram senhores e possuidores de um terreno com cinquenta braças em quadro, neste sítio Burity Grande do Distrito do Coité, Termo de Milagres, o qual doavam, nas suas terras no valor de quinhentos mil réis para Patrimônio de uma Capela que vão edificar para Nossa Senhora da Conceição e como de fato doado têm e que fazem de suas livres e espontâneas vontades sem constrangimento algum e desde já cediam, doavam e trespassavam à doada todo poder, usufruto, domínio, direito, ação e posse e renunciavam qualquer indulto ou privilégio que por ventura as leis lhes dêem e pedirem à Justiça deste Império os não admitissem a alegar ou provar qualquer direito contra esta sua doação. E neste ato por eles Doadores me foi dito entregue o bilhete do selo proporcional que o seu teor é o seguinte: número um, réis, quinhentos réis, pagou de selo proporcional quinhentos réis pela

Doação do Patrimônio pelo Capitão Miguel Gonçalves Dantas de Quental e sua mulher D. Ana Cordulina Cartaxo Dantas de uma parte de terra no sítio Burity Grande, no valor de quinhentos mil réis. Coletor interino Beserra de Menezes. Depois de escrita esta, toda lhes foi lida e por eles outorgada e por mim Tabelião em nome da donatária, assinaram os Doadores, como testemunhas o Doutor Antônio Joaquim do Couto Cartaxo, José Guedes Tavares de Maria. Eu Dionísio Eleutério Beserra de Menezes, Tabelião público a escrevi. — Miguel Gonçalves Dantas de Quental, Ana Cordulina Dantas, Antônio Joaquim do Couto Cartaxo, José Guedes Tavares de Maria. — Está conforme ao original ao qual me reporto em Cartório e dou fé. Milagres, 30 de outubro de 1919. O Escrivão Marcelino Leite de Araújo Lima. (Ortografia adaptada ao sistema ortográfico atual).

A construção da igreja durou de 1870 a 1875 e foi benta e inaugurada a 27 de maio deste último ano, dia em que foi batizada uma filha do doador — Maria Carolina — e mais 06 crianças dos sítios circunvizinhos. Daí em diante a capela ficou aberta ao público e funcionando regularmente, como se observa nos livros da escrituração paroquial de Milagres. Tornou-se certa a vinda mensal do Vigário para celebrar a santa missa, exercer outros atos religiosos, administrar o santo batismo a numerosas crianças e assistir a muitos casamentos. Não se verificaria isto se a igreja ainda não estivesse benta, pois esta é a norma do direito canônico.

Em 08-12-1875, dia da Padroeira, celebrou-se pomposa festa com a benção da bonita imagem de Nossa Senhora da Conceição trazida de Fortaleza pelo Capitão Miguel Dantas. Estas informações de que já tinhamos conhecimento, foram confirmadas pelos meus prestimosos amigos José Quintino, Epitácio e Epitânio Leite, mauritienses autênticos que sempre mantiveram viva a chama do ardente amor por seu torrão natal.

#### IV — Como foi dado à Vila o nome de Mauriti.

Etimologicamente o termo é derivado da elegante palmeira que Von Martius classificou *Mauritia Vinífera*. Mas a sua formação é anterior à existência da Vila.

O Decreto nº 51 de 27 de agosto de 1890 criou o município e deu à Vila o nome de Mauriti, numa homenagem justa e merecida que o Dr. Cartaxo, então Deputado Imperial, quis prestar ao seu particular amigo, o eminente político e herói da Guerra do Paraguai, Almirante Joaquim Antônio Cordovil Mauriti que contribuiu de maneira plena para a vitória do seu projeto que pleiteava a autonomia política da povoação criada por seu cunhado Capitão Miguel Dantas. Detalhe este que não é desconhecido de muitos mauritienses.

Estão aí as origens de Mauriti. A sua História será escrita por seus filhos da ala moça que estão ajudando a construí-la. Já são muitos os que têm condições de fazê-lo.

Por oportuno, relembro aqui o que deixei escrito no exórdio de um artigo por mim publicado na revista "REGIÃO", do Crato — nº 11 — ano VI — 17 de julho de 1977:

Quando Mauriti houver atingido o climax do seu desenvolvimento social, político, econômico e religioso; quando a instrução aí tiver despertado o progresso em todos os quadrantes das suas atividades humanas, e o seu povo, unido e forte, alcançar um nível de politização que o coloque em destaque ao lado das demais comunas irmãs, quando este progresso for realidade tangível e firme na área do ensino, da urbanização, das comunicações, da saúde, e se fizer sentir acentuadamente na indústria, no comércio, e na agropecuária, ele terá o seu historiador.

Este, então, escreverá a sua História feita pelos seus filhos, monumento sólido construído com amor e união, com trabalho e perseverança, verdadeira epopéia tecida de heroísmo e arrancadas cheias de bravura. História de um povo inteligente e culto que, no cumprimento do dever e para o triunfo do ideal de vencer, saberá colocar acima dos seus interesses particulares, o bem comum da terra e de sua gente; História de um povo dotado de espírito lúcido e de sentimentos altruísticos que vai marchar de mãos dadas, a fim de conquistar um brilhante porvir para a sua terra mãe.

Os jovens de hoje se preparem na escola do saber e do civismo, para construir esta História luminosa e bela do futuro; construir e escrevê-la. Registrem, nos seus diários, nos cadernos de apontamentos, as realizações louváveis e marcantes que mereçam perpetuidade; gravem as efemérides gloriosas que exaltarão mais tarde esse torrão querido, cantem as suas belezas e os seus valores, e deixem registrados nos seus fastos tudo que valia tiver para enfeixar na sua futura História.

O seu historiador também celebrará o seu passado de heroísmo e de glória. Por minha vez trago aqui a minha colaboração. Ofereço as pistas que o levarão no caminho da ciência de Heródoto. Minha tarefa é apresentar-lhe o fruto de algumas pesquisas sobre o passado a partir das origens do sítio Burity Grande.

# **Crac-Bom**

**Alimentos do Nordeste Ltda.**

FÁBRICA DE BISCOITOS,  
BOLACHAS E MACARRÃO

OS MELHORES PRODUTOS DA REGIÃO

---

# **Crac-Bom**

Uma indústria do grupo  
Elisio Gonçalves de Oliveira  
ajudando o Cariri a crescer.

---

AVENIDA PADRE CÍCERO, KM. 2

TELEFONE: (085) 511-2601 - JUAZEIRO DO NORTE-CE.

# LUNA S. A.

---

- AVICULTURA
  - MINERAÇÃO
  - FABRICAÇÃO E COMÉRCIO DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO
  - TRANSPORTE DE CARGA
- 

S E D E :

**AVENIDA PADRE CÍCERO, Km 2**

JUAZEIRO DO NORTE - CE.

---

# LUNA S. A.

---

parabeniza o Instituto Cultural  
do Cariri por mais um número  
de ITAYTERA.

# AÇÃO, REAÇÃO, TRANSAÇÃO

## INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado, se propõe analisar o panfleto de Justiniano José da Rocha — Ação, Reação e Transação, utilizando apenas os conceitos Revolução e Ordem.

O autor do texto, captou com sensibilidade esse período da nossa história, e traduziu os anseios da Revolução e Ordem emprestados ao momento.

Revolução e Ordem serão entendidos e reivindicados pela classe senhorial, e ou em raras ocasiões pelas massas populares, conforme os seus interesses do momento.

## Conceitos: Revolução e Ordem

O texto de Justiniano José da Rocha (ação, reação e transação) relata de maneira precisa, o jogo de forças da política imperial. Onde, o cenário é o império brasileiro (de 1822-1850) e a atuação é da classe senhorial, numa ciranda de ação, reação e transação, submetendo as outras forças, através dos mais diversos mecanismos.

Justiniano analisa sob a ótica da classe senhorial e nos transmite uma visão conservadora.

O primeiro momento (1822-1831) é de ação e luta democrática. A classe senhorial brasileira, tenta aliar-se a D. Pedro e de certa forma sente-se ludibriada pela presença dos portugueses junto ao governo. Verifica-se os chamados "ciúmes de nacionalidade" provocados pelo antagonismo crescente entre brasileiros e portugueses. Neste primeiro momento o imperador promulga a 1ª. constituição brasileira que apesar de outorgada, procura

atender aos interesses da classe dominante (classista), e garante a continuidade das relações entre senhores e escravos, o monopólio da terra, a integridade territorial e a hierarquia entre os "três mundos", para que haja a *manutenção da ordem*. O conceito de *ordem* aparece em outros momentos do texto, quando o governo sufoca as rebeliões, ou quando desenvolve o aparato militar, é o governo *impondo a ordem pública*, para a manutenção da hierarquia dentro da sociedade. Ou seja, a classe senhorial tentando definir acerca de influências do Estado na vida privada, tendo por base as associações políticas (que não aparecem em primeira linha).

As lutas democráticas, deste momento visam a ordem, cuja vitória será alcançada pelo esmagamento do absolutismo.

Há momentos em que D. Pedro dobra-se ao imperativo da ordem (ao abdicar a coroa portuguesa e a coroa do império brasileiro). Nessas ocasiões a luta lhe seria adversa. Os espíritos estavam predispostos, os ânimos acirrados contra o poder. A vitória se resumiria não em participar deste poder, mas em arruiná-lo. A *revolução* seria inevitável pois a classe senhorial tendo encontrado respaldo nos dias de julho de 1830, na França, ou nos inúmeros descontentamentos internos, desencadeia o movimento — a ação, a luta.

A revolução é entendida como tempo novo, como edificação de uma nova ordem social, pela perspectiva que oferece a classe senhorial, de participar pela 1ª. vez de fato, do poder. A vitória é a abdicção.

No segundo período de 1831 a 1836 dar-se-á a ação e o triunfo da classe senhorial, que sabidamente soube vencer e submeter as outras forças.

A abdicção de D. Pedro que representou o triunfo da revolução, surpreendeu a Nação brasileira, essa achou-se na manhã de 7 de abril, em perfeita anarquia: Os insurgentes, como diz Justiniano; pasmos da fácil vitória que lhes entrega o poder, não sabiam que destino dar-lhe. (01)

O momento se apresentou por demais delicado, e exigiu dos membros da representação nacional astúcia e energia para evitar a conflagração geral.

As forças que atuaram neste momento tiveram propostas diferentes por que viram na Revolução perspectivas diferentes. Assim os liberais encararam a revolução como o momento da independência efetiva, sob a forma republicana. A Revolução para estes, tinha o sentido de tempo novo o que caracteriza muito mais o pensamento liberal, do que o partido liberal. Também nas províncias, a revolução se apresentou como tempo novo, quer seja para os pobres (a massa que ainda se encontrava alienada ao processo político), quer seja para os nacionalistas que ansiavam pela concretização das suas aspirações democráticas.



A balaiada, a cabanagem e a sabinada são exemplos que ilustram o ideal de tempo novo, embora para alguns esta mudança seja mais instintiva (cujo alvo é a classe senhorial) do que resultante de uma consciência de classe.

Para os restauradores, representantes da direita conservadora brasileira (aliados aos portugueses), a revolução tinha realmente o sentido de *restaurar a monarquia, com a volta de D. Pedro*, recuperando o tempo perdido. (02) A classe senhorial responsável pelo triunfo da revolução, sentindo o perigo destas aspirações contraditórias e conturbadoras da ordem pública lança mão de medidas institucionais para submissão das outras forças. Como a Guarda Nacional e o código do processo criminal *são medidas repressivas*. Enquanto isto, o ato adicional apresenta-se investido de um *caráter conciliatório*, na tentativa de obter *consenso*.

A ordem pública se impôs como 1ª. necessidade de ação. "A democracia armou-se para defender a sociedade". (03) Os elementos desta sociedade aceitaram a hierarquia — não como produto social, mas como algo naturalmente produzido. O mundo do governo e também agora, o mundo da desordem buscarão a ordem.

O terceiro momento intitulado por Justiniano, como luta da reação abrange um período que se estende de 1836 a 1840, período em que a política brasileira percorre a mais caracterizada trajetória reacionária de sua história.

Após um período intenso de ação, em que a sociedade brasileira caminhou animada por violentas paixões, fruto da sua inexperiência, percebe num dado momento, a impossibilidade de prosseguir, sem *autoridade que proteja a ordem*.

O governo sente a necessidade de fortalecer-se, "para salvar a unidade brasileira", para reprimir as revoltas nas províncias e afastar a bárbara selvajaria que ameaça a civilização. (04) A revolta do Maranhão e do Rio Grande do Sul (exemplificam bem, o que foi exposto). O governo pouco pode fazer por lhe faltar meios ou por representar o pensamento liberal... essa visão, corresponde o pensamento da classe senhorial.

Para os insurgentes, os levantes têm outra explicação. Não se trata de "bárbara selvajaria" mas, em combater a política aristocrática e oligárquica das classes abastadas e alcançar numa outra dimensão — tempo novo e ordem. Entretanto por não terem organização e nem a devida unidade são submetidos a outras forças.

O povo que a tudo assiste e havia visto no poder o inimigo nato da sociedade brasileira, passa a aceitá-lo a invocá-lo como seu natural defensor. (05)

Os antigos restauradores desaparecem do cenário político, com a morte do imperador Pedro I.

É nesse momento que a sociedade brasileira, tendo esgotado todas as possibilidades de ação e impulsionada pelo "senso comum" hasteia a bandeira do regresso.

Essa sociedade passa a vivenciar uma nova concepção de revolução cujo objetivo é recuperar uma ordem perdida. E só seria "conseguida com uma melhor organização do poder, na restauração do elemento da unidade nacional e do elemento monárquico".

Urge portanto que se faça a restauração, não importando que os opositores do regime de ontem, sejam os restauradores do regime de hoje. O importante é restaurar uma ordem que se está perdendo (gerada principalmente pelo código do processo criminal). A antecipação da maioridade do jovem imperador se impõe como garantia da "boa ordem", fazendo com que os elementos da sociedade imperial, aceitem a hierarquia como algo naturalmente produzido.

A luta da reação ganha novos adeptos, entre eles os antigos opositores que tanto se distinguiram nas conquistas democráticas, atacaram o governo regencial e promoveram a maioridade.

É o regresso que vai pouco a pouco, se consolidando, para alcançar o 1º triunfo da reação monárquica com a Lei Interpretativa do Ato Adicional que abria caminho à maioridade antecipada — sendo como diz Tavares Bastos, "o ato mais enérgico da reação monárquica".

Saquaremas e Luzias (conservadores e liberais) desejam restaurar a ordem que se havia perdido, embora divergissem quanto a maneira de alcançá-la.

Segundo Bernardo Pereira de Vascellos: "Durante as lutas a sociedade corria o risco pelo poder, agora corre risco pela desorganização e anarquia". (06)

Urge portanto, eliminar o mundo da desordem, em benefício da ordem.

O quarto período, se caracterizou pelo triunfo monárquico do grupo Saquarema (1840-1852). Isso não significou que os conservadores estivessem sempre no poder, mas que suas idéias foram defendidas pelos seus opositores, de modo a dar continuidade a reação monárquica.

Os gabinetes que se seguiram com rara exceção "foram instrumentos mais ou menos voluntários, mais ou menos hábeis dessa reação". (Ação, Reação e Transação — Justiano José da Rocha). (06)

A obra revolucionária vai pouco a pouco restaurando a autoridade e a ordem em todo o império. Para isso, se fazia necessário agora, fortalecer o poder central, com a manutenção da hierarquia. No decorrer desse período a ação revolucionária

se encarrega dessa tarefa, através de triunfos sucessivos, foi assim, que o Conselho de Estado foi restaurado, o código do processo criminal foi reformado. "Firmou-se a doutrina de que os atos do poder moderador não podem ser discutidos pois são privativos da coroa, que é sagrada e irresponsável". (Ação, Reação e Transação — Justiniano José da Rocha). (07) E assim sucessivamente o poder vai sendo conquistado — triunfando a reação monárquica.

"Essa reação havia se efetuado de tal forma, como havia se efetuado a ação democrática; uma partira do medo e da suspeita contra o poder e o aniquilara; a outra do medo da turbulência e do horror ao tumulto e à anarquia, e aniquilara a liberdade" (Ação, Reação e Transação — Justiniano José da Rocha) (08).

A restauração se impõe como necessidade fundamental, para a *manutenção da ordem. Ordem que foi conquistada com a luta; ordem que ao tentar sufocar a liberdade se transformaria em ditadura.*

As lutas (ou a reação monárquica) continuam até o momento, em que uma nova luta convoca todos os cidadãos, a conciliação — ou melhor, a preservarem seus direitos e monopólios, a "manter a ordem e difundir a civilização — faces complementares dos processos de construção de um Estado e de constituição de uma classe". (09)

Defrontamo-nos com o período da Transação, última etapa do texto que ora analisamos — Esse último momento é de calma reflexão. As rivalidades que tantas lutas e ódios haviam suscitados foram esquecidas.

A classe senhorial como um todo, encontra a *ordem através de um consenso*. O poder espontaneamente deve desarmar-se e adaptar-se a nova situação. Esta exige cautela e compreensão para o momento que a sociedade brasileira estava vivendo. É um momento singular onde o *sentido de Revolução desaparece* e, onde o autor do texto, apela para o patriotismo brasileiro.

Ideais ou pontos de vista, foram abdicados em defesa da ordem e da conciliação. Urge que sejam confrontados e analisados, para certificar-se quais as bandeiras liberais que interessam "as necessidades públicas, quais as que, sem perigo, dão ao elemento democrático algum quinhão na organização política do país; cumpre que o que é do povo seja restituído ao povo". (10)

Justiniano por fim, apela para a proficuidade desta etapa de transação — onde o patriotismo brasileiro é suscitado, evitando-se os excessos de uma nova reação democrática e os extremos da ordem social.

Espera o autor do texto que as eleições de 1855 ocorram num clima de conciliação e a nação brasileira, possa caminhar para os grandes destinos que a esperam.

Passados tantos anos que esse panfleto ora analisado, foi escrito, se fosse possível Justiniano continuar escrevendo a História do Brasil — Verificaria que os episódios da nossa história, como uma ciranda, continuam a produzir, momentos de intensa ação, reação e transação. Em todos eles, mesmos nos mais recentes, encontramos a “classe senhorial” brasileira ditando o jogo daquilo que considera a manutenção da “boa ordem e a difusão da civilização”. Para isso essa classe (senhorial ou empresarial) provoca ou produz golpes e lutas, objetivando *restaurar ou produzir tempo novo* — Contanto que ela possa preservar monopólios e defender seus interesses.

Quanto ao povo, as classes populares, continuam alienados do processo político do país e ainda incapazes de fazer prevalecer seus interesses.

Nas raras ocasiões em que o povo tentou se sublevar, impondo uma nova *ordem*, para alcançar *tempo novo*, ou não havia alcançado ainda maturidade política, ou foi esmagado nas suas pretensões pela classe dominante. Essa fez a Ordem e a Revolução coincidir com seus interesses e ideais.

## C O N C L U S Ã O

O Texto de Justiniano José da Rocha foi bem elaborado e o autor demonstrou uma grande sensibilidade para perceber a vida política do país.

O grupo do qual fazia parte Justiniano, foi vitorioso dentro do texto e na vida real. A classe senhorial é pois, a grande vencedora, e é ela que dita todas as regras do jogo.

Percebemos no texto, o embrião do ideal federalista, a luta pela liberdade e pela democracia... Mas percebemos principalmente, que em 1º. lugar para o autor do texto, estava o senhor da Terra ou seja, o poder.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. Rocha, Justiniano José da. Ação, Reação e Transação. In: Magalhães JR., Raimundo. Três Panfletários do Segundo Reinado. São Paulo, Nacional.
02. Silva, Francisco de Assis, Bastos, Pedro Ivo de Assis. História do Brasil. Edit. Moderna.
03. Rocha, Justiniano José da. Ação, Reação e Transação. In: Magalhães Jr., Raimundo. Três Panfletários do Segundo Reinado. São Paulo, Nacional.
04. .... op. cit.
05. .... op. cit.
06. .... op. cit.
07. .... op. cit.
08. .... op. cit.

# Pe. Vieira Lança em CRATO GRAMÁTICA DO ABSURDO

Na Biblioteca da Faculdade de Ciências Econômicas do Crato, na noite de 3-12-85 o Pe. Antônio Vieira, conhecido sacerdote, jornalista e escritor cearense, fez o lançamento do seu mais recente livro — GRAMÁTICA DO ABSURDO, uma análise estrutural e humorística do que é a gramática e suas implicações na vida do estudante e do cidadão.

A solenidade foi presidida pelo Prof. Ely Menezes, Diretor da Escola, e o Autor foi saudado pelo Jornalista J. Lindemberg de Aquino, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, que fez a apresentação do mesmo, e de sua nova obra.

Pe. Vieira, em palavras repassadas de emoção e entusiasmo, lembrou seus tempos em Crato, onde foi seminarista, onde foi padre, onde foi professor, e onde foi vigário de São Francisco, iniciando-se, aqui, no jornalismo. Disse deve ao Crato a sua formação, o seu embasamento cultural e cívico, e traçou um hino de louvor à Princesa do Cariri.

O Autor, por mais de uma hora, autografou esse livro e os demais, de sua autoria, que conduzia consigo, demorando-se em palestra com os universitários presentes. A nova obra do Pe. Vieira tem prefácio do escritor Joaryvar Macedo, Secretário de Cultura do Estado e foi editada na Imprensa Oficial.

- 
09. Roloff, Ilmar. Tese — Tempo Saguarema.
  10. Rocha, Justiniano José da. Ação, Reação e Transação. In: Magalhães Jr., Raimundo. Três Panfletários do Segundo Reinado. São Paulo, Nacional.
  11. Júnior, Caio Prado. Evolução Política. Edt. Brasiliense, 7ª. ed. 1971.

## BIBLIOGRAFIA

- ROCHA, Justiniano José da. Ação, reação, transação. In: MAGALHÃES JR., Raimundo. Três Panfletários do Segundo Reinado. São Paulo, Nacional, 1956. (Col. Brasileira, V 286, p. 136-216).
- FAORO, Raymundo. Os donos do Poder — Formação do Patronato Político Brasileiro. Editora Globo, Vol. I e II, 5ª ed., Porto Alegre, 1979.
- JÚNIOR CAIO, Prado. Evolução Política do Brasil e Outros Estudos. Editora Brasiliense, 7ª ed., 1971.
- SODRÉ, Nelson Werneck. Formação Histórica do Brasil. Editora DIFEL, 11ª edição, 1982.
- ROLOFF, Ilmar. Tempo Saguarema. Tese a ser publicada.

# UM EMINENTE VULTO ESQUECIDO NO CRATO

O "Roteiro Biográfico das Ruas do Crato", apreciado trabalho do escritor conterrâneo J. Lindemberg de Aquino, está incompleto. Nele não consta, nem poderia constar, dando nome ainda mesmo a uma das menos importantes ruas desta cidade, a figura do cratense ilustre que foi o Dr. Gustavo Horácio de Figueiredo.

O Álbum do Seminário do Crato, publicado em 1925, quando das comemorações dos 50 anos de fundação do venerando educandário, estampa em destaque o clichê do insigne homem público com a seguinte legenda:

"Dr. Gustavo Horácio de Figueiredo — Formou-se em Direito e faleceu como juiz de Aracaty. Casou-se com D. Maria Gomes de Figueiredo de cujo matrimonio lhe nasceram o dr. Elisio Gomes de Figueiredo e d. Lilia Gomes de Figueiredo Rolim" (página 67).

O Barão de Studart, no Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense, registra no volume primeiro, página 362:

"Gustavo Horácio de Figueiredo (Bel.) — Filho de Te. Cel. José Antonio de Figueiredo e Da. Ignacia de Figueiredo, nasceu no Crato. Diplomou-se na Faculdade de Direito do Recife, foi juiz municipal de orphãos dos termos de Jardim, Milagres e Porteiras, Barbalha e Missão-Velha (Portaria de 22 de Setembro de 1890), juiz substituto de Barbalha (Portaria de 22 de Junho de 1891), e juiz de direito da comarca de Aracaty (Portaria de 9 de Julho de 1892), cargo em que falleceu. É autor de uma *Planta da cidade do Crato*, cujo original faz parte da minha Colleção devendo-o eu a um obsequio do autor, que fê-la acompanhar de uma descripção topográfica da cidade. A planta não traz data, mas creio ser de 1882.

O "*Correio do Cariri*" publicou a Descrição Topográfica do Crato por Horácio de Figueiredo, fazendo a seguir interessantes notas. Vem transcripta na Revista do Instituto do Ceará, 2º semestre de 1906. A publicação do jornal Cratense é mais ou menos a Descrição com que me brindou o ilustre magistrado".

Como se vê dos tópicos transcritos, esse ilustrado caririense foi, sem dúvida, um dos filhos mais eminentes do Crato, não somente porque ocupou cargos de assinalado relevo na magis-



tratura cearense, como também porque se interessava, ao mesmo tempo, pelo progresso da sua terra e ainda pelos problemas em geral do nosso próprio Estado como um todo. Trabalho por certo de inestimável valor o da planta desta cidade, tanto que mereceu então o comentário encomiástico do Barão de Studart e foi transcrito na Revista do Instituto do Ceará, com publicação inclusive no *Correio do Cariri*, que à época circulava no Crato, como anotou o notável publicista dos nossos fatos.

Por outro lado, marcante foi a atuação do Dr. Gustavo Horácio de Figueiredo nas negociações em torno da célebre pendência de limites entre o Estado do Ceará e o do Rio Grande do Norte, a chamada Questão dos Grossos. Como representante do Ceará a sua participação foi brilhante e decisiva a nosso favor, do contrário as lindes do vizinho Estado teriam se estendido até à foz do Rio Jaguaribe, perdendo o Ceará uma extensa faixa do seu território.

O prestimoso cidadão, além do mais, deixou ilustre descendência neste município, destacando-se o saudoso médico Dr. Elisio Gomes de Figueiredo e dona Lilia Gomes de Figueiredo Rolim, esposa do Dr. José Gonçalves de Sousa Rolim, de veneranda memória nesta cidade.

Os senhores edis, tão prodigos em distribuir títulos de cidadania e prestar outras homenagens a filhos desta e de outras terras, portadores certamente de incontestáveis merecimentos, não deveriam também deixar no olvido cratenses de ilustração reconhecida como o Dr. Gustavo Horácio de Figueiredo.

Mas ainda é tempo de o Crato prestar, por sua representação política, as homenagens a que fez jus esse eminente vulto da nossa história.

---

## MAIS ELOGIOS À "REVISTA ITAYTERA"

Sob o título ITAYTERA, 1985 — o escritor Antenor Gomes de Barros Leal escreveu o seguinte: "Outra vez chega-me às mãos, por gentileza do nosso ilustre amigo, historiador, General Raimundo Teles Pinheiro, mais um exemplar, o n.º 29, da revista ITAYTERA. Não escondo a satisfação de te-la comigo e tem sua razão pela riqueza dos trabalhos, fruto da capacidade intelectual dos seus autores.

Lendo-a não sei o que mais admirar, se a Comissão da Revista, se a Comissão de Ciências, Letras e Artes, se a Comissão de Sindicância. Em verdade, uma vez que uma não pode prescindir de outra, razão porque ITAYTERA se apresenta de forma infundível do que é bom e necessário para a grandeza do Ceará e do Instituto Cultural do Cariri, de vez que todos os trabalhos



# Preciosos amigos e colaboradores do ICC

Na presente edição da revista ITAYTERA não poderíamos deixar de mencionar o estímulo e as ajudas financeiras recebidas pelo Instituto Cultural do Cariri, que garantiram, até agora, a sua sobrevivência.

Dentre os que nos prestaram preciosa colaboração figuram:

Dr. Mauro Benevides, ex-Presidente do Banco do Nordeste; Capitão Ariovaldo Carvalho, Diretor do BANDECE; Dr. Humberto Macário de Brito, ex-prefeito do Crato; Dr. Herbert Felício Aragão, cratense, presidente do CDL de Fortaleza; Jornalista José de Alencar Bezerra; Deputado Raimundo Coelho Bezerra; Orestes Costa; Dr. José Nilo Alves de Sousa; Bento Diniz Leite; Dr. José Newton Alves de Sousa; Dr. Caio Teles; General Raimundo Teles Pinheiro; Banco Industrial e Comercial; Alfredo Pequeno de Arraes Alencar.

Convém salientar, ainda, as ajudas da SUDEC, da Secretaria de Cultura do Estado (Joaryvar Macêdo) que imprimiu, pela Imprensa Oficial, o número passado da ITAYTERA e nos remete, sempre, muitos livros) os deputados Hildo Furtado Leite, Mauro Sampaio, Ossian de Alencar Araripe, Manoel Gonçalves, Leorne Belém, senador Virgílio Távora, senador José Lins.

O escritor Tomé Cabral doou à Biblioteca do ICC mais de 500 livros de sua Biblioteca, preciosa doação.

A todos, o nosso reconhecimento.

**ITAYTERA**

30 ANOS de Cultura  
na Zona Sul do Ceará

revelam a vontade férrea do Presidente João Lindemberg de Aquino de dar o merecido destaque à sua ITAYTERA. Que depois de lida fica em primeiro plano para nossas consultas e reflexões.

Enfim, para dar testemunho de minha admiração pelos que fazem a revista, verdadeiros líderes da inteligência do Ceará, autografo esta apreciação, que tem apenas uma pretensão: frisar o elevado valor conseguido e atingido por Itaytera".

# FALECE EM CRATO AOS 79 ANOS PE. IRINEU LIMAVERDE SOARES

Padre Irineu Limaverde Soares nasceu em Santa Fé, município do Crato, em 6 de janeiro de 1906.

Foram seus pais Antonio José Soares e Maria Limaverde Soares.

Iniciou seus estudos religiosos no Seminário da Prainha, em Fortaleza. Ordenou-se a 6 de dezembro de 1936 na capela de Santa Fé, em Crato.

Começou o seu apostolado na Arquidiocese de Fortaleza, como vigário de Icapui, distrito de Aracati, em 2 de março de 1937. Vigariou, ainda, as paróquias de Boa Viagem em 4 de janeiro de 1938; de Trairi, em 25 de março de 1938; de Aracoíaba, em 15 de fevereiro de 1942; de Arquiraz, em 15 de fevereiro de 1943; pela 2ª. vez assume Trairi, em 20 de junho de 1945 e Boa Viagem em 15 de fevereiro de 1952. Por último vigareou Senador Pompeu em 1º. de março de 1958, permanecendo até 10 de abril de 1959.

Padre Irineu regressou ao Crato sendo recebido por Dom Francisco de Assis Pires, que o nomeou por provisão, Cooperador Rural da Paróquia de Nossa Senhora da Penha, em 15 de junho de 1959. Foi vigário Econômico de Umari, de 30 de janeiro de 1971 a 24 de janeiro de 1973 e vigário substituto de Araripe com residência em Potengi. Capelão da igreja do cemitério do Crato e do Abrigo Jesus Maria José.

Foi professor titular de geografia do Ceará, do Cariri e do Nordeste, da Faculdade de Filosofia do Crato, de 1º. de setembro de 1973 a 15 de outubro de 1976.

Naquela escola de nível superior recebia visitas de renomados pesquisadores que vinham a procura de conhecimentos geográficos sobre a Serra do Araripe, da qual era profundo conhecedor.

Lecionou ainda geografia na Escola Técnica de Comércio e no Colégio Madre Ana Couto.

Padre Irineu Limaverde Soares era figura das mais conhecidas e estimadas da cidade, homem simples, alegre e de vasta cultura; mas estranhamente modesto. Sua morte aconteceu em um dos leitos do Hospital São Francisco de Assis às 13:20 do dia 27 de abril de 1985. Seu corpo, logo em seguida foi levado para a capela do Abrigo Jesus Maria José, onde foi velado por familiares e amigos. Na manhã seguinte, após celebração, foi conduzido por grande acompanhamento para o cemitério local, sendo ali sepultado no jazigo da família Limaverde.

## Ao Mons. Montenegro no Jubileu de Ouro de sua Ordenação Sacerdotal

*Ontem, mil e novecentos e trinta e cinco  
Mais um jovem pastor recebia o cajado  
E ovelhas dispersas de um grande rebanho  
E, sentindo na hora a responsabilidade  
Ajoelhando-se, ora: "Meu Deus, meu Senhor  
Ajudai-me na fé a seguir vossos passos  
Ajudai-me a vencer as cruéis tentações  
E que eu possa cumprir esta bela missão"*

*Passaram-se os dias, os meses, os anos  
Com zelo e bondade na trilha do Bem.  
Sufocando, abafando, matando desejos  
Com força afastando as cruéis tentações  
Mesmo quando elas vinham de forma sutil  
No sorriso, no olhar, no sussurro manhoso  
Dos lábios maldosos de lindas mulheres.*

*E o povo contente seguia seus passos  
— Sacerdote querido e honesto e bondoso,  
Que além de cuidar de seu grande rebanho  
Procurou no trabalho, outra bela missão:  
Educar, instruir, iluminar os caminhos  
Guiar seus alunos na trilha do bem,  
Do saber, da justiça, das belas ações!*

*Hoje, mil e novecentos e oitenta e cinco  
Monsenhor Francisco Holanda Montenegro  
Pára e olha o seu grande caminho  
E, humilde, não vê meio século de lutas  
E, humilde, não vê meio século de glórias!*

*Comovido se prostra diante de Deus  
E repete: "Meu Deus, meu Senhor e meu Pai,  
Terei eu percorrido os vossos caminhos?  
Muito longe de ser, como o apóstolo Paulo  
Terei eu combatido, por vós, bom combate?  
Por vós terei sido constante na fé?"*

*"Bondoso Jesus, se erre, perdoai-me  
E humilde vos peço, assim mesmo sem mérito,  
Confiando somente na vossa bondade:  
Dai-me um dia, Senhor  
A coroa da justiça  
Que sempre sonhei".*

# PE. MIGUEL COELHO

## Notas Biográficas

O Padre Miguel Coelho de Sá Barreto viveu apenas 39 anos, sendo 17 anos de sacerdócio religioso, já que se ordenara aos 22 anos de idade, precisamente em 30 de Novembro de 1892.

Era filho de Barbalha onde nasceu no Sítio Riacho do Meio, de propriedade dos seus pais: Luiz Coelho Sampaio e Gertrudes Perpétua de Sá Barreto.

Apesar de sua breve existência, notabilizou-se como orador sacro e poeta, latinista e professor do antigo Seminário São José, do Crato, célula mater da cultura regional!

Os que o conheceram dizem-no haver sido um sacerdote virtuoso, um cidadão íntegro, um intelectual nato, um homem de cultura multifásica, sendo intransigente defensor do celibato religioso.

Foi Vigário de Jardim nos últimos anos do século passado e nos primeiros anos deste século e onde hoje é nome de sua principal rua, exatamente aquela que passa pela calçada da Matriz de Santo Antônio, cujo púlpito tantas vezes ouviu o seu verbo flamante e arrebatador.

Por outro lado, ainda hoje existe em Jardim o chamado "Cruzeiro do Século", numa das fraldas da Chapada Araripe, lado norte na direção de Porteiras, por ele fincado em pedestal de alvenaria na passagem do século XIX para o século XX após maratona cívico-religiosa da Matriz de Santo Antônio até o cume da Chapada ao som de cânticos sacros.

O seu célebre sermão saudando o novo século fez época por sua beleza e os mais velhos sempre o comentavam com elogiosas referências.

De sua produção poética "A Dama da Fonte" é, certamente, o poema de maior beleza, segundo dizem.

Pena é que a falta de meios publicitários na época não haja registrado nada do que ele produziu que ficou guardado apenas pela tradição oral.

Nasceu ele em 6 de Maio de 1870, falecendo em 15 de Abril de 1909 na freguesia de Granito, sertões de Pernambuco, onde fora tentar recuperar-se de insidiosa doença cardíaca em fazenda de sua família confiante nos salutares áres do sertão.

Foi sepultado em Barbalha, na Capela de São João ainda hoje existente no sitio aprazível que lhe serviu de berço e onde passou a infância.

Era de espírito conciliador e pacifista, embora muito determinado nas posições que tomava.

Pouco ou quase nada ficou escrito de sua passagem pela terra e todos estes dados foram conseguidos através de narrativas de pessoas mais velhas, sobretudo ligadas a ele por laços de família.

Juntei-os todos para pereniza-los nas páginas de "Itaytera", certamente o mais sólido repositório da memória do Cariri!

Pelos dados que soube da doença do Padre Miguel Coelho, deve ele ter falecido de Cardiopatia Chagástica, cujo diagnóstico não foi feito por ser impraticável naquela recuada época.

Havendo sido criado na zona rural de Barbalha onde o "barbeiro" sempre existiu abundantemente, dificilmente morreria de doença cardíaca comum, tão moço, aos 39 anos de idade, sem haver sido de Cardiopatia Cragástica.

É uma hipótese que faço fundamentado nos seus padecimentos cardíacos, sobretudo dispnéia e edemas, culminando tudo com o óbito prematuro em um homem bem alimentado e de destaque social.

Aliás, conquanto a Doença de Chagas haja sido descoberta no Brasil por Carlos Chagas somente em 1909, já existia há muito tempo no mundo, pois até o célebre naturalista Darwin, autor da Teoria de Evolução das Espécies, faleceu chagástico, segundo pesquisas feitas.

Com os poucos dados disponíveis, foi este o modesto retrato três por quatro que me foi possível pintar do culto e virtuoso sacerdote Padre Miguel Coelho de Sá Barreto, certamente um nome barbalhense para a história do Cariri.

Suas últimas palavras no leito de morte foram estas que atestam a grandeza de sua fé: "Morro sem haver ofendido à Maria Santíssima"!

*Itaytera :*

*A expressão cultural de um  
povo que se afirma.*

# Calou-se o "Sabiá" Piononense

Milton Bezerra de Alencar, um jovem poeta piononense interrompeu precocemente a sua vida vítima de um desastre de automóvel em Recife, onde morava.

Transcrevo por sintetizar bem o que foi o seu convívio entre nós, o pensamento de seu cartão de luto. Nasceu em 08-02-38 — Pio IX-Piauí, e faleceu em 05-04-86 — Recife-Pernambuco:

A alegria do seu viver ressurgirá em cada sorriso,  
para que sua memória seja eterna.

x x x x x

Sua lembrança perpetuará entre os que com ele conviveu.  
E só o tempo poderá atenuar a dor de tanta saudade.

x x x x x

Marcou com carinho e afeto os caminhos que percorreu  
entre os seus.

Sua vida foi uma mensagem de solidariedade, alegria e beleza. Quando voltei ao Nordeste para tomar parte na primeira semana ruralista no Piauí em 1956, encontrei Milton no Hotel Freitas, em Teresina. Era um companheiro solidário e bom, à noite íamos para a pensão de Dona Paiá Leitão, onde residiam estudantes de Pio IX, ele alegrava todos nós com a sua voz bonita e o sonoro violão. Tinha tudo para tentar o rádio; voz afinada, bom compasso e ritmo, dedilhando bem o violão, mas gostava do lar e como pai de família responsável, tinha de trabalhar para sustentar a família, e não podia se dedicar a shows artísticos, como fazem os que querem se dedicar ao mundo do disco.

Suas poesias: — "MEU QUERIDO PIAUÍ", foi uma linda canção que ele compôs, quando estava em férias em Pio IX.

— Boêmio, Juarez o líder de nossa família em Recife, com as brincadeiras de Milton, e no dia de sua morte, chorando dizia:

— Que saudade que nos deixa, o nosso Boêmio!

— O Janga e Boa Viagem, são descrições de praias do Recife.

Transcrevo aqui suas poesias!

## "MEU QUERIDO PIAUÍ"

Sou de lá daquela terra  
Pio IX, onde nasci  
Me orgulho de ser um  
Dos filhos do Piauí  
Onde a natureza é bela  
Povo bom só tem ali  
Gente de simplicidade  
Foi nascer no Piauí.

É grande a minha saudade  
Quando tenho de partir  
Não esqueço um só momento  
Do meu lindo Piauí.  
Oh! que terra, clima e povo  
Como iguais eu nunca ví  
Pra minha felicidade  
Fui nascer no Piauí.

Sei que moro noutras terras  
Mas de ti nunca esqueci  
Até breve noutras férias  
Meu gostoso Piauí  
Vou contar em outras partes  
Tudo bom que tem aí  
Confia pois no teu filho  
Meu querido Piauí —

*(Milton Bezerra de Alencar)*

### 10a. REGIÃO RATIFICA: QUARTEL "GENERAL RAIMUNDO TELES PINHEIRO"

O General Raimundo Teles Pinheiro recebeu do General de Divisão Francisco Batista Torres de Melo, Comandante da Décima Região Militar, o seguinte ofício:

"Tenho a honra de comunicar a V. Exa. que este Comando concordou com a proposta feita pelo Exmo. Sr. Prefeito Municipal do Crato, para que o Tiro de Guerra daquela cidade passasse a denominar-se TIRO DE GUERRA GENERAL RAIMUNDO TELES PINHEIRO.

Este ato significa o reconhecimento do povo caririense a um dos mais cultos e mais valorosos filhos do Crato, que, pela sua carreira militar, em mais de 50 anos, destacou-se pelo reto cumprimento do dever e amor à Pátria; como escritor e jornalista enveredou pelo lado da pesquisa histórica, produzindo obras preciosas de repercussão em todo o território nacional; e, ainda, por ter projetado e propagado a cidade do Crato com inestimáveis serviços prestados à sua comunidade.

Nesta oportunidade, congratulo-me com V. Exa. e renovo os meus protestos de alta estima e consideração".



"B O Ê M I O"

Eu sou boêmio  
Porque a vida quis assim  
Muita gente por aí  
Vive a falar de mim  
E como eu sou  
Não olho a vida de ninguém  
Que viva as suas prá lá  
Que eu vivo a minha também.

x x x x

Não sou culpado  
De gostar da boemia  
Ai de algum  
Se não fosse a orgia  
A solidão maltratava  
E o violão não se ouvia  
Até a lua chorava  
Seria a vida vazia.

x x x x

Não me arrependo  
De dizer coisas assim  
Eu sou boêmio  
Sei que falam mal de mim  
Eu sou boêmio  
Amigo do violão  
Juntos nós fazemos guerra  
Contra a negra solidão.

---

A M O R A D A D E D E U S

Correia Coelho

*Em fantasioso e alto pensamento,  
Voei, célere, pelo espaço afora.  
Percorri, ávido, todo o firmamento,  
Numa aventura revivida agora.*

*Lá pelos céus tudo é encantamento:  
Luzes!... Lindas estrelas a toda hora.  
E não desfaleci um só momento  
No achar o meu destino, sem demora.*

*Meu sonho era ver de Deus sua morada,  
Num esforço tenaz, sobre-humano,  
Mas já agora transformado em nada,*

*Porque senti que Deus, em gesto lhano,  
Abdicou qualquer outra pousada:  
Pois vive dentro de cada ser humano!*

## R E A L I S M O

Correia Coelho

*No dogmatismo da minha fé,  
Sinto a vida em toda sua plenitude.  
Sigo o seu caminho tal como ele é :  
Ora ventura... Ora vicissitude...*

*Subo e desço qual a onda na maré,  
Num balanço sistemático e rude,  
À procura de ficar sempre de pé,  
Sem jamais querer mudar de atitude.*

*Ao passado se alguém não dá guarida,  
Tenho do seu viver outro sabor,  
Com a saudade que não foi sentida*

*E a lágrima que não se derramou,  
Aí então não há história em sua vida,  
Nem na sua alma o sentimento do amor.*

### "O J A N G A"

Lá vou eu prá o Janga  
Sentir de perto a beleza  
Contemplar o infinito  
Ver aquele mar bonito  
Plantando na natureza

Ali sim, faz bem  
E numa noite enluarada  
Prá quem gosta de folia  
Se esquece do outro dia  
E vai até de madrugada

É a terra das cirandas  
E de belos coqueirais  
São lindas aquelas bandas  
Mergulhar naquelas ondas  
É coisa boa demais

E assim diz o poeta  
Com toda motivação  
Que tem praias, acredita  
Mas que não são tão bonitas  
Como a do meu Janga não.

Erê, erê, erê, erê, erá  
Erê, erê, erê, erê, erá.

## "B O A V I A G E M"

Boa Viagem prainha mimosa  
Bonita e famosa para a gente ver  
Boa passagem da tua avenida  
Dá gosto a vida  
Digo assim porque

A gente chega lá muito cedinho  
E já tem o carinho  
Mas que puro ar.  
Boa Viagem eu te digo ainda  
Que não há coisa mais linda  
Que essa beira mar

Cair molhado e deitar na areia  
Olhar quanta sereia por ali passar  
A gente fica com água na boca  
Que a coisa não é pouca para se olhar

Depois é que a gente ver direito  
Que o bom já nasce feito  
É se acostumar.

B : Boa Viagem eu te digo ainda  
I } Que não há coisa mais linda  
S | Que essa beira mar.

---

## MUSEU DA RAPADURA: UMA NOVA TENTATIVA

A instituição do MUSEU DA RAPADURA, em Crato, é velho sonho do Instituto Cultural do Cariri, tendo por finalidade preservar, para a história, aspectos da produção rapadureira caririense, que formou um verdadeiro ciclo em nossa economia agrária.

O Museu iria manter todos os utensílios utilizados num engenho de rapadura, com as explicações de sua utilização, além de secção própria com a vasta bibliografia canavieira e rapadureira, quadros, objetos de arte, Banco de dados, tudo o que se referir à rapadura ou tenha sido publicado sobre ela.

Como a rapadura foi fator importante na vida do Cariri cearense por mais de um século, nada mais justo do que preservar sua memória, utilizando um dos velhos engenhos desativados do Crato, para isso, e localizando ali esse novo polo cultural de significativa importância.

# Thomaz Osterne de Alencar S.A.

---

---

O MAIOR EMPÓRIO DE ELETRODOMÉSTICOS,  
E UTENSÍLIOS PARA O LAR

---

DUAS LOJAS EM CRATO — DUAS LOJAS EM  
JUAZEIRO DO NORTE

E AGORA UMA FABULOSA LOJA SÓ DE ARTIGOS  
PARA PRESENTES, EM CRATO.

---

VENHA VISITAR-NOS, CONHECER NOSSO  
SORTIMENTO, VER A QUALIDADE DOS  
NOSSOS PRODUTOS.

---

MATRIZ EM CRATO :

**RUA DR. JOÃO PESSOA Nº 399-419**

TELEFONE : 521-1304

# ÍNDIOS CARIRIS

Os Cariris (Kiriris-Sabuças de Ehreneich) estendiam-se do Paraguçu ao Itapicuru e aí foram encontrados, desde os primeiros tempos da colonização. Senhoreavam, a princípio, o litoral nordestino, onde ainda os viram os portugueses. O nome Cariri, no dizer de Porto Seguro, significa TRISTONHO; CALADO.

Abrigaram-se à sombra das matas da Borborema, dos Cariris Velhos e Novos, fixaram-se junto ao leito de alguns rios, como o Jaguaribe, o Acaraú, o Assu e Apodi, etc. Ao que se supõe, teriam chegado a esta região, vindos do norte, como era tradição entre eles, e o nordeste. Na opinião de Capistrano de Abreu, eram originários de um "lago encantado", como diziam, que deve ser o Rio Amazonas. O caminho provável, mais ajustado às condições de vida e à sua cultura neolítica, teria sido curso navegável dos rios caudalosos, no nosso entender o próprio Amazonas e o Tocantins e, sendo expulsos da beira-mar pelos Tupi-nambás e Tupiniquins, ganharam o sertão.

Os índios Cariris, que deram nome à microrregião onde está situado o Crato, foram os seus primeiros habitantes. Eles se estabeleceram no sopé da Serra do Araripe — um verdadeiro oásis em meio ao sertão bravo — viram chegar os primeiros colonizadores do último quartel do século XVII.

Permaneceram na costa, por exceção, "de Camocim até além da Paraíba" os tremembés, que eram do tronco Cariri, "amantes e plantadores de cajueiros".

Muitos Cariris prosseguiram sua migração que só foi detida pelas águas caudais do rio São Francisco, imensa estrada líquida, difícil de ser transposta. Assenhorearam-se da vasta região entre este rio, na Bahia, e o Itapicuru, no Maranhão.

O sistema de vida primitivo entre os aborígenes Cariri era quase idêntico ao de qualquer outro de grupo Jê ou Tupi. No Vale Caririense, onde muitas tribos se aboletaram em zonas ubérrimas, com extensos brejos e água abundante nos sopés do Araripe, a existência tinha de ser mais amena para os selvagens, sem necessidade de nomadismo constante do ameríndio que vivia na caatinga ressequida dos sertões limítrofes.

Os indígenas do Cariri, pertencentes todos ao grupo do mesmo nome, cultivavam milho, feijão, plantavam algodão e

Pela nota de João Brígido, captada na tradição e documentos ainda bem vivos, em Crato, e no Cariri, entre 1854 até 1864 vimos também que o indígena teve logo seu aprendizado em ofícios, muito provavelmente de carpinteiro, ferreiro e pedreiro, mostrando assim que mesmo antes da contribuição do elemento negro, naqueles misteres, já o Cariri se apetrechava para um trabalho especializado. O mecânico não passava do ferreiro, preparado a dar assistência aos primeiros engenhos do Cariri, em sua parte de metal e fabricação de facas, etc.

Os índios Cariris tiveram tomadas as suas terras, no Crato, por decisão injustíssima do então Governador de Pernambuco, José Cezar de Menezes, em 1779.

Ditas terras lhe haviam sido doadas em 1743 pelo capitão-mor Domingos Álvares de Matos e sua mulher, Maria Ferreira da Silva. Era ela filha do capitão Antonio Mendes Lobato, de Penedo, Alagoas.

O executor da sentença foi o ouvidor José da Costa Dias Barros, e o histórico crime foi condenado pela pena valente do historiador Antônio Bezerra.

Segundo Capistrano de Abreu, os Cariris eram de uma resistência terrível, talvez a mais persistente que os povoadores encontraram em todo o país. Mas muitos deles foram dizimados, outros expulsos e os que restaram foram incorporados à civilização dos brancos.

Para domá-los, foi preciso que os atacassem "no rio São Francisco, no Jaguaribe, no Parnaíba, por gente de São Paulo, da Bahia, de Pernambuco, da Paraíba, do Ceará".

Diz Capistrano que talvez dos índios Cariris tenha sido herdada a cabeça chata comum aos habitantes de algumas regiões do nordeste.

O povo guarda até hoje uma lenda associada à presença do índio no Cariri. Contam que o bravo índio Cariri, ao deixar as regiões do lado Cearense da Serra do Araripe, acossado pelos brancos, tapou o quanto pôde as nascentes do sopé da serra. Um dia ele voltará, abrindo as fontes tapadas que inundarão toda a cidade do Crato. Levava consigo apenas a imagem antiga de Nossa Senhora da Penha, que já existia na capela dedicada à Santa, no tempo da Missão do Miranda.

#### BIBLIOGRAFIA :

- BNB — Crato Texto — Fátima Moraes  
Roteiro Biográfico das Ruas do Crato — J. Lindemberg de Aquino  
História do Cariri — Volume 1 — J. de Figueiredo Filho  
História do Cariri — Volume 3 — J. de Figueiredo Filho

Trabalho apresentado no Concurso realizado pela Secretaria de Educação e Cultura do Município do Crato.

# **Indústria de Bolsas J. M. Ltda.**

---

FÁBRICA DE BOLSAS E CINTOS DE COURO  
DE ALTA QUALIDADE.



**RUA SANTA ROSA Nº 948 - A**

TELEFONE: 511-0507

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ



# **Indústria de Bolsas J. M. Ltda.**

---

UMA INDÚSTRIA QUE ACOMPANHA O  
CRESCIMENTO E PROGRESSO DO CARIRI



# AS SURPRESAS DO CRATO

Entra-se na cidade sem nenhuma novidade. Casinhas alinhadas de um lado e do outro, como em qualquer cidade do interior nordestino. Quando colocamos os pés fora do ônibus, sentimos ainda aquele cheiro do Ceará, já detectado ao entrarmos no estado (como cheira o ar do Ceará!). As pessoas apressadas e barulhentas do Recife dão lugar a rostos tranqüilos e educados. Precisávamos pedir várias vezes para os cratenses repetirem o que falavam, pois os nossos ouvidos habituados ao barulho já não sintonizavam o som baixo e moderado usado por eles.

No hotel, que não ostenta nenhuma estrela, encontramos asseio, ótima comida e o proprietário ("seu Pedro") que ainda usa o encurvar-se como maneira de cumprimentar. Os jovens de hoje nem sabem como é galante e agradável esse tipo de tratamento — encontrei-o no Crato, depois de muitos anos — ...

Quando começamos a passear pela cidade, vem o impacto! Gostaria de entender de etnografia para saber de onde vem aquela pele branca (quase não há morenos), cabelos pretos variando para o loiro e olhos cinza-esverdeados. Praticamente não houve miscigenação por aquelas bandas. O tipo citado predomina. O outro e o caboclo acobreado, de feições duras que mais parecem esculturas andantes, também falam baixo.

Observando a natureza, temos a impressão de que quando Deus estava enxugando o dilúvio abriu alguns dedos de Sua formidável e poderosa mão e por eles escapuliram porções de terras e pedras que formaram o relevo geográfico ímpar daquele lugar. Lá o horizonte só deixa de ser serra para ser céu.

É uma pena que naquele processo não tenham ficado os milhares de peixes que escorreram para a pitoresca e generosa cidade de Santana do Cariri. Lá, ao contrário dos outros lugares, os peixes não vivem na água: eles repousam, há milênios, fossilizados nas pedras cor-de-areia conhecidas como folhelhos.

É ainda cedo para sairmos da hospitaleira Crato... Voltemos lá para um encontro com os personagens que fizeram a sua história. Estamos passando agora em frente ao sítio do coronel Nelson de Franca Alencar que caracteriza a coragem e a ousadia dessa gente.

Lampião enviou um emissário para dizer ao coronel que mandasse cem contos de réis senão invadiria a terra. O coronel

deu a resposta própria do macho lutador que guarda o que é seu: em casa tenho em dinheiro somente cem contos e em jóias mais de duzentos contos; se for homem venha buscar. Abro um parêntese aqui para louvar o zelo que Lampião tinha pelas vidas dos seus homens. Ele desistiu e rumou por outros caminhos...

Continuando, damos uma parada numa casa de estilo simples, até humilde, com um título pomposo escrito numa placa afixada à parede de taipa: "Orquestra Lírica Padre David Moreira". Ao entrarmos deparamo-nos com um quadro que chega a comover até às lágrimas: adolescentes e crianças de até 06 anos, descalços e vestindo (alguns) somente calção, nos recebem com a música "Jesus alegria dos homens", de J. Bach. Essa maravilha de orquestra é composta por crianças, filhos de bóias-frias e trabalhadores rurais. Vendo-os lembrei-me de uma frase ouvida alhures: eles são flores do lodo. Sim, mas nem por isso deixam de ter o seu perfume, que inunda a pequena sala através dos acordes musicais. Os menininhos flautistas, compenetrados lendo as partituras, ressaltam a verdade doída do analfabetismo. Mais da metade dos músicos-revelação não sabe ler. Crianças, que serão (?) profissionais no amanhã que está próximo, castradas no seu direito de ser gente porque aos políticos não interessa quem não tem idade de votar... Os músicos-revelação são mantidos graças ao esforço titânico do padre Ágio, irmão daquele que deu o nome à orquestra — David Moreira. Padre Ágio recebe donativos da população para compra dos instrumentos — alguns usados por dois meninos que alternam-se — e para repor na família do músico o salário que ganharia se estivesse na roça. Alguém, que não faz questão de aparecer mas que faz questão de amar o próximo, está movimentando-se junto ao governo francês para arranjar aparelhamento odontológico para as crianças, pois alguns "musiquinhos" foram obrigados a deixar a orquestra por não terem dentes que facilitassem o apoio do bocal. É isso aí, gente: quem não tem cachorro caça com gato. Se não tem brasileiro, francês serve e é bem vindo...

Voltando ao centro da cidade, que serenamente repousa nas suas tradições, vamos encontrar o ex-dono da grande loja Nova Aurora que agora contenta-se com seu pequeno bar e nos recebe oferecendo saboroso cafezinho. Conta-nos em versos satíricos como pôde saber quem era e não era seu amigo quando, por esses volteios da vida, perdeu os seus bens. Os olhos do "seu" Antero Macedo brilham de malícia e beleza enquanto ele desfia os seus altos e baixos. É a fibra do sertanejo que se supera após cada seca e planta apostando na esperança de chuvas.

De regresso ao hotel, no meio do nosso caminho, está uma casa de jardins bem cuidados e que guarda entre as suas flores uma flor maior que se dá ao luxo de burlar o tempo para conservar em seus olhos cinza a pureza e a simplicidade daquela que deve ter sido a linda jovem Maria Benigna de Alencar Arraes,

chamada carinhosamente pela população de Dona Eibi. Mulher apegada às tradições de privacidade doméstica, não aparece. Não busca para si reconhecimentos por aquilo que realiza através dos anos. Amante da natureza, mandou arborizar a cidade de Araripe por sua própria conta. Queria ver o verde e embaixo dele a sombra refrescante e acolhedora. Entusiasta das tradições cratenses, ajuda como pode.

Encontrei, gozando de sua hospitalidade, o grande Patativa do Assaré. Tive também a oportunidade de conhecer o excepcional "Conjunto Folclórico Irmãos Aniceto", conhecido como Banda Cabaçal do Crato.

Só sabe como é gostoso ouvir Patativa do Assaré, quem vai lá. Só sabe como é vibrante e máscula a dança dos facões, executada pela Banda Cabaçal, quem vai lá. Só sabe como é cheiroso o Ceará, quem vai lá.

**CONFIRAM!**

---

MARIA DAS DORES CAVALCANTI é Membro da Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras. — ANÁPOLIS-GOÍÁS.

---

## COMISSÃO MUNICIPAL EM DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Importante sugestão foi lançada pelo Presidente do Instituto Cultural do Cariri, Jornalista J. Lindemberg de Aquino: a da criação da Comissão Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico de nossa cidade, e da região.

O que resta do patrimônio histórico local está sendo, paulatinamente, destruído, por força do progresso material, e pela incúria das autoridades, bem como pela inexistência de leis e de órgãos próprios do Município que cuidem do setor.

A iniciativa mereceu o melhor acolhimento de parte de todos os círculos culturais do Crato e da região.

---

## ICC PREENCHERÁ ESTE ANO AS CADEIRAS VAZIAS

É pensamento do Instituto Cultural do Cariri fazer, ainda neste ano, o preenchimento de todas as Cadeiras vazias, nas Seções de Letras, Ciências e Artes.

Os nomes dos titulares para as Cadeiras de Ciências e Artes estão em fase final de aprovação. Vários convites já foram feitos a intelectuais e artistas locais e da região, para se habilitarem a essas Cadeiras, que serão preenchidas em sessões várias, com a leitura de trabalho do recipiendário, sobre seu Patrono.

O Instituto Cultural pretende incrementar esse setor, dando maior vida e dinamismo às suas atividades internas.

# **Indústria de Calçados GRADVOHL Ltda.**

---

EXCLUSIVIDADE EM ARTIGOS DE COURO

- MATERIAL DE PROTEÇÃO (AVENTAIS, LUVAS, MANGAS E PERNEIRAS)
  - BOLSAS SOCIAIS E ESPORTIVAS
  - CAPANGAS E BOLSAS DE VIAGEM
- 

# **Indústria de Calçados GRADVOHL Ltda.**

---

**AVENIDA PADRE CÍCERO Nº 2015**

TELEFONE : 511-3807

JUAZEIRO DO NORTE

—

CEARÁ

---

EMPRESA COLIGADA AO CURTUME  
PADRE CÍCERO LTDA.

## UMA LONGA EXISTÊNCIA PLENA DE REALIDADES

Juazeiro do Norte, a cosmopolita cidade cearense, despertou para suas atividades humanas, sob o som plangente do humilde sino de um campanário, que, na sonoridade do seu eco, evocava os filhos desta gleba a participarem dos afagos sublimes da fé cristã. E ainda continua esculpindo no coração dos juazeirenses, o amor e o sentimento de gratidão que honram não só a Deus, mas a todos que procuram com o seu trabalho dignificante e construtivo, elevar bem alto, o conceito desta próspera cidade.

Os juazeirenses, aqueles que vislumbram a grandeza e o progresso desta nossa Juazeiro do Norte, sentem com um pesar imenso, o desaparecimento prematuro da grande educadora cearense, Professora Amália Xavier de Oliveira, que deixou um vácuo imenso no meio social, educacional e intelectual da nossa terra, onde pontificavam as suas virtudes excelsas-morais e cristãs, o seu trabalho operoso, a sua inteligência invulgar, a sua ação administrativa de capacidade realizadora.

É justo o reconhecimento daqueles que receberam a luz bendita da instrução, emanada da clarividência do seu idealismo, da sua luta tenaz pelo desenvolvimento da cultura nesta terra boa e fecunda, mas, pobre de obreiros que se dediquem de corpo e alma à cruzada bendita da educação.

Cabe a todos que esgotaram o nétar sagrado da instrução e da cultura, em alto brado, bendizer os feitos meritórios desta educadora modelar, que se impôs no conceito dos seus conterrâneos, pelo brilho das suas virtudes cívicas e pelo aprimoramento da educação da juventude cearense.

Nenhum juazeirense, por mais obtuso que seja a sua mente, desconhece o lastro de realizações brilhantes no campo da educação cearense, promovidas e realizadas por esta heroína do ensino profissionalizante, cujos luminares da sua inteligência aprimorada, se transformou no ideal perene da formação intelectual e profissional, na fase áurea do RURALISMO NACIONAL.

A sublimidade desta mestra admirável transformou os fácies desta Juazeiro do Norte, formando uma elite de educadores, que simbolizam o alto sentido da civilização juazeirense, que na dinâmica de um estudo acurado, na formação da personalidade e na validade da perfeição individual, tornam-se verdadeiros alicerces

na construção da intelectualidade, desta imensa população que se espalha em todos os recantos desta Jerusalém Brasileira.

O seu valor é inestimável. As preciosidades mais raras, a perdem o seu encanto e o seu fascínio, diante da magnitude desta grande perceptora, que, sem favores, representa uma das maiores glórias da educação cearense.

Como foi bela, a digna missão tão nobre desta querida mestra, de saudosa memória. Exemplo de brasilidade e de amor aos que lhes foram confiados e receberam da sua inteligência privilegiada, a hóstia viva da instrução, o calor das suas qualidades morais, as primícias da formação cristã, que dadivosa e espontaneamente ofereceu, sem regatear esforço e sacrifício.

A posteridade terá de colocar num panteon de reconhecimento, os seus méritos. Vislumbrará através dos seus rastros luminosos, que esta grande juazeirense foi um satélite que se despreendeu do sol, refulgindo com os seus raios cintilantes a clarear o destino dos seus devotados discípulos. Pedaco de luz brilhante, nas trevas da vida cultural da Méca Cearense, patenteada pelo dom sublime da sua vocação de mestra e de singular educadora.

Sua existência na longa trajetória de 80 anos e 80 dias, bem vividos a serviço da comunidade cearense, se estatizou, na visão ampla das suas destacadas realizações, como educadora e como escritora, que pomposamente atingiu o cume da montanha da vida, perpetuando-se no coração dos seus coestaduanos, que venceram a sua memória e sentem o vácuo de tão grande perda.

A Professora Amália Xavier de Oliveira, ao enfexar as páginas memoráveis da sua existência preciosa, deixa na alma dos seus alunos, o perfume de sua bondade, os ensinamentos úteis e indispensáveis ao êxito das suas realizações na vida material e a doçura das suas lições de fé, que exemplificou pela sua integral obediência à religião Católica que professou desde os primórdios de sua infância.

Esta página, emoldurada com as lágrimas quentes da saudade, presta uma homenagem póstuma, àquela que doou expressivamente o coração ardoroso e a alma sedenta de amor de Deus, pela pureza dos ensinamentos básicos de uma educação sadia e útil, na formação da personalidade de tantos rebentos, que lhes foram confiados para fornecer-lhes o brilho luminoso da moral cristã e cívica.

Num rápido momento, a Professora Amália Xavier de Oliveira fechou os olhos e paralizou o coração, deixando-nos uma recordação infinda, que só as nossas preces, num hino de gratidão, poderão conter as lágrimas que suavemente se desprendem da nossa face angustiada, pela perda de tão insigne e devotada mestra.



 **SULCEPA**

**Cia. Sul-Cearense de Papéis**

REGOZIJA-SE  
PELO LANÇAMENTO  
DO

**30<sup>o</sup>**

NÚMERO  
DE

**Itaytera**

SINAL DO  
VIGOROSO ESFORÇO  
DOS  
INTELECTUAIS CONTERRÂNEOS !



# VIII FESTIVAL DO FOLCLORE

II SEMANA DO FOLCLORE

CRATO - CEARÁ

- 1985 -

## ABERTURA

DIA 22-08-85 - 15:00 h

DEBATE: Folclore - Realidade e Fantasia  
Eloi Teles de Moraes

LOCAL: Centro de Estudos Supletivos

DIA 23-08-85 a 29-08-85

Programas - Radiofônicos  
Palestras nas Escolas  
Apresentações Folclóricas

DIA 31-08-85 - 15:00 h

JECANA (Corrida de Jegue)

Pau de Sebo, Corrida de saco, Cabo de Guerra

LOCAL: Centro de Estudos Supletivos

19:00 h

Apresentação Folclórica

Reizado, Maneiro Pau, Emboladores, Irmãos Aniceto

LOCAL: Praça da Sé

## P R O M O Ç Ã O

Clube dos Amigos do Folclore

Centro de Estudos Supletivos

Secretaria de Educação e Cultura da PMC

Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)

# PE. DAVID MOREIRA

Exmo. Senhor Presidente do INSTITUTO CULTURAL  
DO VALE CARIRIENSE

Senhores membros desta instituição

Senhores convidados

Minhas senhoras, meus senhores:

Escolhido, pela unanimidade desta Casa, para ser o ocupante da Cadeira 29, que tem como Patrono o Pe. David Augusto Moreira, a primeira reação de minha parte foi de dúvida e temor.

Dúvida sobre se, realmente, mereceria eu figurar em tão augusta Casa, onde pontificam as maiores inteligências desta terra abençoada por Deus — que é o Juazeiro — e temor de não corresponder à confiança que os novos consócios depositaram em mim, ao me elegerem.

Devo dizer-vos, todavia, que o convite muito me envaideceu e me enobreceu.

Agradeço ao consócio RAIMUNDO ARAUJO a iniciativa de propor o meu nome para participante deste Instituto.

E agradecer aos que acolherem a sua proposição, numa unanimidade que orgulharia qualquer um.

Aqui vim para ajudar, para trabalhar unido a todos, pois entendo que a regionalização é a maneira mais segura, mais sábia e mais coerente de trabalharmos, para valorizar o Cariri e fazer valer os seus direitos.

Nunca me prenderem as peias de um municipalismo vazio e inconsistente. Sempre prestigiei todas as cidades da região, comparecendo aos seus eventos, participando, ajudando, difundindo, colaborando. Os que me conhecem, sabem que sou sincero ao fazer a presente afirmação.

Acredito que o Cariri será tão forte quanto mais séria for a união dos seus filhos, na busca dos objetivos comuns.

O Instituto Cultural do Cariri, que presido atualmente, e o Instituto Cultural do Vale Caririense, onde hoje ingresso, teem missão comum de lutar pela valorização da cultura do sul do Estado. Ao se darem as mãos, estão comprometidos com o futuro.

Estou aqui para selar este comprometimento.

Meus senhores: Cabe dizer-vos alguma coisa sobre o meu Patrono, o Pe. David Moreira. É o que vou fazer agora.

Meus senhores:

Acredito já haver dito muita coisa sobre o meu Patrono nesta Cadeira 29, que o Instituto Cultural do Vale Cariense homenageia — preservando a sua memória.

Muito ainda se poderia dizer e analisar sobre essa personalidade extraordinária que foi esse cearense, infelizmente tão pouco conhecido das novas gerações.

Ele foi uma cerebração que transitou pela vida térrea como um meteoro passa nos céus.

Deixou, todavia, memória imperecível, pela luminosidade do seu espírito de escol, enriquecida, ainda, por sua inata bondade, sua permanente disposição de servir ao próximo, sua caridade, sua honestidade profissional, seu feitiço moral, sua grandeza espiritual.

Repousam seus restos mortais na sepultura coletiva da União do Clero, no Cemitério S. João Batista, em Fortaleza.

Podem-se dizer que o Pe. David desceu para o túmulo, mas este se abriu para a História, e, no dizer do compositor Luiz Gonzaga Junior, que se acopla perfeitamente à sua pessoa, a sua vida "foi um sôpro do Criador, numa atitude repleta de amor".

Muito obrigado !

---

(Discurso de J. LINDEMBERG DE AQUINO, na noite de 5 de Maio de 1985, em Juazeiro do Norte, quando de sua posse na Cadeira nº 29, do INSTITUTO CULTURAL DO VALE CARIENSE)

---

#### DEPOIMENTO DE JOARYVAR MACEDO, SECRETÁRIO DE CULTURA DO CEARÁ:

"Inteligência privilegiada, apreciável talento, portador de elevados conhecimentos, sobremodo na área das ciências, era o Pe. David de uma simplicidade e humildade encantadoras.

Extraordinário o seu pendor para a arte musical, tocava vários instrumentos. Compôs inúmeras músicas para hinos.

De uma compleição débil, predisposto para a astenia, sempre enfermo, no fim da existência, confessou-se no recinto do Colégio.

Uma queda provocou-lhe grave fratura, passando a andar de muletas. Não obstante, continuou ministrando aulas no Diocesano, onde residia, suportando com admirável paciência, todos os achaques.

Veio a faltar no dia 12 de Agosto de 1972, na Capital do Estado..."

---

Joaryvar Macedo, na Revista do Jubileu de Ouro do Colégio Diocesano, 1977, p. 15.

Um dos aspectos mais positivos da vida do Pe. David Moreira foi o pendor do ilustre sacerdote para a música. Era de se admirar como um matemático frio e calculista e um cientista acostumado a lidar com a metafísica e os fatos irrecorríveis da ciência pura, pudesse ter um espírito voltado para a beleza da música e a suavidade maravilhosa dos sons.

Aos dez anos deslocou-se de Farias Brito, com seus familiares, para Assaré, onde o progenitor foi maestro da Banda de Música daquela cidade sertaneja. Admirou-o a comandar aqueles instrumentos e a tocar, em casa, pequeno órgão que lhe havia presenteado o venerando Pe. Joaquim Sóther de Alencar, instrumento de fabricação francesa. Foi nesse pequeno órgão que David Moreira aprendeu a se familiarizar com a música. Rapidamente aprendeu teoria musical e a solfejar.

Ingressando no Seminário do Crato em 1925, encontrou ali um órgão, um pouco maior, francês, igualmente, onde o Pe. Lauro Pitta dava aulas de música aos seus alunos. Acercava-se, diariamente, dessa aula, e um dia o Pe. Lauro lhe disse:

— Menino, isso aqui você só aprenderá quando galinha criar dentes...

Ressabiado com a resposta, e aborrecido com a incredulidade do mestre para seus pendores musicais, nas primeiras férias que teve, dois meses, dedicou-se exaustivamente a conhecer e a tocar música de órgão, tomando aulas de seu Pai. Dois meses foram suficientes. Reaberto o Seminário, o seminarista David experimentou tocar no órgão daquele educandário, num dia de solidão. E tocou tão maviosamente que pouco a pouco dele foram se acercando os seminaristas, o Reitor, e o Professor, Pe. Lauro Pitta. E ele, tocando o órgão, disse com os olhos brilhando de felicidade, para o Pe. Lauro:

— Veja, Padre, a galinha já criou dentes!...

A esta altura já tinha ele diversas composições de sua autoria.

No ano seguinte, sendo Reitor da Casa o Pe. Joviniano Barreto, era o Pe. David o organista oficial do Seminário!

No decurso da década 1925-1935, dedicou-se ao estudo da flauta e clarinete, em que se tornou um virtuoso. Era mais uma etapa, no reino da música, que vencera, mediante seu entusiasmo e sua perseverança, ajudado por rara Inteligência.

Ao assumir a Direção do Colégio Diocesano, teve, ali, aulas de Violino, com o alemão José Békler, da ordem franciscana, que vinha sempre passar férias no Crato, e que depois entrou para o clero secular. Aperfeiçoou-se extraordinariamente em violino.

Quando ensinou no Liceu do Ceará, estudou música com o professor Edgar Nunes e com um mestre paulista que se demorava em Fortaleza. E quando fraturou uma perna, ficando, praticamente imobilizado, aprendeu a tocar violão e cítara clássica. Por último, dirigindo o Instituto S. Luiz, em Parnaíba, aprendeu a tocar saxofone, formando pequena orquestra, que dirigiu, naquele educandário. Excusado dizer que compunha quase todas as peças que aquela orquestra tocava.

Sob o pseudônimo de A. Lussy, o Pe. David Moreira compôs muitas músicas, centenas delas. Compôs quase todos os hinos das paróquias da Diocese do Crato atendendo a pedidos dos seus vigários. Muita cousa se perdeu. Muitas composições ficaram pelas paróquias, sem lhe devolverem, e sem ele ter cópias.

Não ligava para isso.

Dele conhecemos dois tangos, também duas valsas, o hino do centenário do Crato em 1953, o Hino do Seminarista, vários dobrados, várias cantatas, várias "elegies", a clássica Cantata Vapores de Sonhos, a Sonata Sonho Azul, uma música para aulas de ginástica, uma cantata Oriental Noturno, o Hino do Instituto S. Luis de Parnaíba, e orquestrações diversas de músicas de outros autores, além de inumeráveis músicas sacras.

Seu irmão, o Pe. Ágio Moreira, está reunindo a produção musical do Pe. David para fazer um Album.

Rica de sons, maravilhosa pela inspiração, dulcíssima pela beleza, a obra musical do Pe. David, que tocava perfeitamente vários instrumentos, mostra aos pósteros como ele foi grande nesse aspecto de sua vida, e como se entregou, apaixonadamente, aos ritmos e sons da música, que dominava perfeitamente e que elegeu companheira de sua vida de asceta.

## PE. DAVID — O MATEMÁTICO

A matemática foi uma das paixões do Pe. David.

Conhecia-lhe profundamente os meandros e com ela brincava à vontade.

Para ele, a matemática não oferecia segredos.

Perante a lousa, traçando equações e teoremas, sua mão deslisava ágil como a mente, e em poucos momentos tinha as soluções devidas, embasbacando os alunos.

Nada, na matemática, era segredo para a inteligência privilegiada e o cérebro atilado do Pe. David.

Tudo se desenvolvia a contento no vasto campo dos Teoremas e Equações, fossem essas últimas de 1º grau, irracionais, exponenciais ou trigonométricas.

Utilizava as progressões com a mesma facilidade com que manejava os cálculos integral e diferencial, ou manejava os números complexos, séries, determinantes, limites, e logarítimos.

A geometria plana e espacial não lhe causava nenhuma indecisão, era um ás na álgebra linear e na álgebra boleana, penetrava na Teodoria dos conjuntos com a mesma facilidade com que percorria as séries infinitesimais, o estudo das regras, as coordenadas e cartesianos.

O seu luminoso espírito englobava tudo na ciência matemática, com a mesma desenvoltura com que tocava as cordas de um violino.

Esse aspecto de matemático que possuía o Pe. David o destacava como o primeiro entre os melhores mestres dessa ciência, em nossa região. Nunca houve, para ele, na matemática, problema insolúvel.

Dominando perfeitamente essa ciência exata, não foi poucas as vezes que foi consultado por mestres experimentados da matéria, que lhe levavam problemas.

Aprender matemática com o Pe. David era muito mais fácil, pela maneira fácil, rápida, incisiva e consciente com que ele sabia manter na cabeça dos seus alunos toda a beleza e a grandeza desse ramo de ensino.

## O C I E N T I S T A

O Pe. David Moreira era um cientista nato.

Apaixonado pelas fórmulas da física e da química, fazia milagres com o seu laboratório.

Era de vê-lo, noite a dentro, às vezes até alta madrugada, a misturar ácidos e reagentes químicos — varando as horas despreocupadamente, como que numa busca incessante de soluções, desvendando naquela sala os mistérios da natureza, consultando livros e tratados científicos, tirando as suas próprias conclusões...

O seu Laboratório — ou o do Colégio Diocesano — era o mundo mágico em que ele se recolhia, tirando dali resultados espetaculares com aquele espírito meticoloso, de investigador profundo, perfeitamente identificado com os sais, os graís, os componentes químicos, os álcoois, as pipêtas, as tubulações, os minérios e os ácidos.

Não raras vezes o nascer bruxoleante do dia o encontrava inteiramente imerso nesse trabalho, e somente dava conta de si quando o chilrear dos passarinhos começava a invadir as árvores e os telhados próximos...

No outro dia, nas aulas de química, um mundo mágico, de fórmulas coloridas, de vidros ferventes, e de cheiro ativo, era aberto, para os alunos.

O Pe. David dava aulas ao vivo, misturando as diferentes fórmulas e mostrando as conclusões, para uma plateia jovem extasiada com o seu saber científico, a profundidade de suas dissertações, as maravilhas de suas experiências, o extraordinário poder de síntese, a fantástica maneira de transmitir, como um didata dos mais avançados.

Eram aulas agradabilíssimas, e embora o assunto fosse um tanto árido, ele sabia transformar a matéria num encanto todo especial, e deixava a cada um o desdobramento das fórmulas, pelas quais se obtinham essências, cheiros e sabores — tudo num mundo mágico daquela simples sala do Colégio.

Era um espírito iluminado, voltado para os grandes ideais científicos, e entendia que no dia em que o homem dispusesse a ciência ao alcance da paz, da medicina, dos alimentos e do conforto humano, haveria de raiar um novo horizonte para a humanidade.

Acompanhava com curiosidade o progresso das ciências, pela leitura de órgãos especializados de universidades, e centros científicos do mundo inteiro.

Tivesse vivido num país avançado, em que os estudiosos merecem tudo dos governos, por certo seu espírito teria se extravasado, abeberando-se em mais saber, com o que o mundo certamente lucraria com o seu imenso cabedal científico.

==Oco==

Sobre essa faceta do Pe. David Moreira, vejamos o depoimento de o seu ex-aluno, o famoso advogado e criminalista, Dr. Aglêzio de Brito:

“Misturando em tubos de ensaio substâncias as mais diversas, vezes em experiências didáticas, outras em experiências científicas, o Pe. David Moreira, saudoso mestre cratense, conseguiu os resultados mais curiosos desde colorações estranhas até odores artificiais de frutas as mais variadas.

Dizem que a ciência, por suas comprovações materiais e exatas, afasta o homem dos mistérios de Deus.

O Pe. David Moreira contrariou essa assertiva.

Professor de química, pesquisador incansável das reações e transformações da natureza, durante toda a sua vida no Colégio Diocesano do Crato, fez do laboratório existente naquela Escola, um verdadeiro Mosteiro, onde as suas pesquisas, as suas aulas de química, unia Deus à Ciência, numa imanência irrefutável; aquele, sempre como justificativa desta, e como razão primeira e última da criação, transformação e reações das suas experiências científicas”.



## DEPOIMENTO DO MONSENHOR FRANCISCO MONTENEGRO

Sobre o Pe. David escreveu Monsenhor Francisco Montenegro, que com ele privou e o conheceu bem:

"Pe. David Augusto Moreira — inteligência privilegiada, talento apreciável, portador de elevados conhecimentos, sobretudo na área das Ciências

Extraordinário o seu pendor para a arte musical.

Mestre exímio, educador dos mais ilustres, era o Pe. David de uma simplicidade impressionante e de uma humildade encantadora. Consagrou sua vida inteira a serviço dos outros.

No início de sua vida sacerdotal, exerceu os cargos de Professor e Prefeito de Disciplina do Semnário S. José, de Crato. Foi o primeiro vigário de sua terra natal, Farias Brito. Professor do Liceu do Ceará e capelão do Colégio dos Irmãos Maristas de Missão Velha.

Aqui nesta Casa (Colégio Diocesano do Crato) viveu este grande mestre mais de 15 anos. Foi o 3º Diretor do Colégio. Durante os 3 anos que passou na Direção da Escola — 1935 a 1937 — deu continuidade, em todo o vigor da expressão, à obra de seus predecessores, elevando o nome deste Estabelecimento de Ensino, conhecido em toda a Região do Cariri e em todo o Estado do Ceará.

Continuou seu apostolado no magistério, fazendo de sua cátedra um centro de atração dos seus alunos. Matemática era uma de suas especialidades. Seus alunos, no Colégio davam preferência às suas aulas e diziam, entre eles: "Quem não aprender com o Pe. David pode ir embora, porque sua vocação é a enxada!" Ele possuía o segredo de ensinar e transmitir as cousas mais difíceis, numa linguagem ao alcance de todos.

Durante o período em que dirijo este Colégio, há 43 anos, foi também no tempo em que o Pe. David ensinava Matemática — que ouvi os alunos, em sua quase totalidade, afirmarem, no recreio: "A matéria mais fácil de aprender é a matemática do Pe. David".

Quando da implantação do Curso Colegial — 2º Ciclo — confesso que só me animei a conseguir a licença para o funcionamento desse curso, depois que o Pe. David me garantiu que viria me ajudar no magistério. Assumi a responsabilidade de Matemática, Física e Química do 2º Ciclo e fez do Laboratório de Ciências do Colégio a sua residência. Ali vivia, dia e noite, construindo as aulas práticas do Laboratório, a ponto de, certa vez, o Prof. Lauro de Oliveira Lima, Inspetor Seccional, numa de suas visitas de inspeção, ter testemunhado "de visu" o seu trabalho e ter dito, numa de suas reuniões em Fortaleza: ➡

—“Encontrei UM MESTRE no interior do Ceará, que sabe ensinar a ciência como ela deve ser ensinada. MESTRE com M maiúsculo, que os professores da capital deveriam conhecer para aprender dele a metodologia mais moderna do ensino das Ciências. Este Professor é o Mestre Pe. David Augusto Moreira, que honra, com a sua docência, o magistério não só do Ginásio do Crato, mas do Ceará e do Brasil”.

#### D A D O S   B I O G R Á F I C O S

Nascimento : 19 de Janeiro de 1910 — Naturalidade : Farias Brito, Ceará.

Filiação : Dr. Augusto Moreira (Farmacêutico) e Raimunda Moreira.

Cursos : 1º e 2º graus, Seminário São José, do Crato. Superior de Filosofia e Teologia : Seminário Maior de Fortaleza e Seminário Diocesano do Crato.

Ingresso no Seminário : 1º de Março de 1925 — Conclusão do curso menor e curso maior : 30 de Novembro de 1933. Ordenação sacerdotal . 24 de Fevereiro de 1934, em cerimônia na Sé Catedral do Crato.

#### F U N Ç Õ E S :

Professor e Prefeito de Disciplina no Seminário Diocesano do Crato : 03 de Março de 1933 a 20 de Novembro de 1935, onde ensinou grego, latim e música.

Diretor e Professor do Ginásio Diocesano do Crato : 1935 a 1937, onde ensinou Ciências e Matemática.

Diretor e Professor do Instituto S. Luis, em Parnaíba, Piauí, de 1941 a 1945. Ali organizou uma Orquestra clássica.

Professor do Liceu do Ceará, em Fortaleza. De 1939 a 1941.

A primeira missa, ele a celebrou a 25 de Fevereiro de 1934, em sua cidade natal, Farias Brito. Exerceria o ministério, como primeiro vigário de sua cidade natal, de 1938 a 1939.

Em 1946 viria a desenhar e fazer a planta, com os cálculos, da futura Matriz de Farias Brito, e juntamente com o vigário dali, no momento, seu irmão, Pe. Agio Moreira, lançou a pedra fundamental e iniciou os alicerces da mesma.

Retornara no ano anterior, 1945, ao Ceará, por ter abalado seu estado de saúde. De 1946 a 1947 residiu em Altaneira, como Capelão.

De 1947 a 1950 foi Capelão do Juvenato S. José, dos Maristas e auxiliar do Pe. Francisco das Chagas, que fôra seu colega de Seminário — isso na cidade de Missão Velha.

Em 1950 voltaria a lecionar no Colégio Diocesano e Seminário S. José, abrangendo as matérias Física, Química, Matemática e Biologia — e em 1959 comemorou festivamente o seu Jubileu de Prata Sacerdotal, no Seminário São José.

Em 1965 quebrou uma perna e se submeteu, no Recife, a duas operações. Nunca mais deixaria de mancar.

Em 1970 terminou sua carreira de professor, aposentado pelo INPS.

No mesmo ano passou a residir em Fortaleza, onde viria a falecer, no Hospital do Pronto Socorro, em 12 de Setembro de 1972, em consequência de asma que se tornou crônica e cardíaca.

## Mãe de Juazeiro

Ela se enfeita  
de flores,  
de cores;  
de dores  
no rosto,  
que saltam  
dos olhos  
sem cores;  
de dores sem fim,  
de finada esperança  
na trança da vida;  
de fé  
no veio da terra,  
de certeza da lida  
renhida.

Fina flor do campo,  
da luta  
sem jaça.  
Beleza de porte,  
espantalho tão forte  
que tange a tristeza da sorte;  
e agradece,  
em prece,  
o sacrificio  
da festa  
que em festa  
seu ser recebe.

E nem percebe  
que é sua  
a vitória  
e a gloria  
de ser;  
e desnuda,  
se acusa, faltosa.  
Enquanto vem  
de si a festa,  
e o que resta é o seu nome.



## Fraterno Cotidiano

Mulé pra lá,  
Muié pra cá,  
pois foi;  
menina malina, cresceu  
se pôs moça.  
Casada, é mulher;  
mãe de filho,  
solteira, não é.  
Que tolice.  
Pois é.

E enquanto o "destino"  
quiser  
é assim;  
menina malina, muié;  
solteira, se é  
virgem,  
casada, mulher.

Juazeiro do Norte, maio/86

## CIDADÃO JUAZEIRENSE

Do poema "ODE A LONDRINA", do livro de poemas da primorosa poetisa CORA CORALINA — denominado "POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS" — tirei essas estrofes que lhes vou ler porque se adaptam a história de Juazeiro do Norte:

"Homens pioneiros  
chegaram de longe,  
cheios de fé.

.....

"Vanguardeiros.

.....

"Homens vieram,  
mulheres, meninas.  
Casadas, solteiras.  
Alvas. Morenas. Cafusas.  
Mescladas.

"Unidos (homens, mulheres, meninas)  
criando a riqueza".

.....

A Juazeiro chegaram,  
assim,  
homens,  
mulheres,  
crianças,  
trazendo consigo uma coisa em comum:

FÉ,  
ESPERANÇA  
e CORAGEM PARA TRABALHAR.

Vieram,  
chegaram,  
s'aboletaram nas ruas,  
nas casas que o seu guia lhes aconselhou construir  
e morar.  
E trabalhar,  
trabalharam,  
resaram a seu modo,  
procriaram  
e encheram a cidade de gente nova que assimilaram  
uma nova mente.

E prosperaram,  
venceram,  
e fizeram esta cidade grande e diferente.  
E seus filhos mandaram às cidades grandes,  
ou às capitais,  
para aprender,  
para conhecimentos especiais adquirir,  
e de lá voltaram doutores  
para ajudar esta cidade crescer,  
se expandir.

Meus amigos, ouvintes, esta cidade — JUAZEIRO DO NORTE — da qual, de agora em diante, serei cidadão, de há muito é minha estimada. Digo-o sinceramente.

Admiro Juazeiro do Norte:

— nos seus artezãos que modelam madeira, barro ou gêsso — Mestre NOZA, SEU MANOEL, CICERA-DO-BARRO-CRU, ou naqueles que, nas ponta-de-rua e na ladeira do Horto, tecem chapéus de palha, esteiras, abanos;

— nos cantadores de emboladas, sestilhas e outros tipos de versejar espontaneamente — PEDRO BANDEIRA, seus irmãos, Expedito Sebastião;

— nos autores de literatura de cordel que contam e cantam fatos, estórias, assuntos do momento;

— nos que fazem xirogravuras — STENIO DINIZ e ABRAHÃO BATISTA;

— no poeta mordáz, satirico — MOZART DE ALENCAR;

— na professora AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA, uma das pioneiras do ensino normal rural no Ceará;

— no farmacêutico e politico JOSÉ GERALDO DA CRUZ, um dos maiores colaboradores do Pe. Cicero;

— em JOSÉ BEZERRA DE MENEZES, agricultor, politico, que soube orientar seus descendentes no sentido de se tornarem líderes e politicos influentes;

— em MANOEL BALBINO, homem simples, trabalhador, honesto, bom amigo;

— no PERÚSIO MACÊDO, engenhoso, construtor de relógios para torres de igrejas, pai do padre Macêdo;

— em MANOEL GERMANO, por sua capacidade de trabalho, pioneirismo, honradez, que soube, também, orientar os filhos que hoje são religiosos, industriais, professores universitários;

— em ZUILA MORAES, fundadora de estabelecimentos destinados à menores excepcionais e outros carentes, e sua equipe;

— nos seus comerciantes e industriais engenhosos; ➡

— nos seus homens e mulheres simples, trabalhadores, cheios de fé, ricos de esperança aos quais se deve a força de Juazeiro;

— em fim, no celebre e singular líder Pe. CICERO ROMÃO BATISTA.

Srs. Vereadores — especialmente PEDRO BANDEIRA e ANTONIO BEZERRA, autores do projeto me concedendo o título de cidadão de Juazeiro do Norte, companheiros rotários de Juazeiro, Crato e Barbalha aqui presentes, colegas bancários que aqui se encontram, senhoras, senhores, meus irmãos juazeirenses: o meu muito obrigado! Podem continuar contando comigo, com o meu trabalho.

Sou homem que adota um ideal: o de SERVIR.

(Discurso pronunciado na Câmara Municipal de Juazeiro do Norte, CE, na sessão solene de 03 - 06 - 86).

---

## P O E M A D A E S P E R A N Ç A

*Edvan Pires*

"Eu tenho um encontro com Deus:

José onde estão tuas mãos  
que EU enchi de estrelas?

— Estão aqui, neste balde  
de juçaras e sofrimentos"

*José Sarney*

— José, onde estão tuas mãos  
que EU enchi de estrelas?

— Estão aqui Senhor, agora menos cheias.

Avaramente sem querer rete-las,  
Parcialmente joguei-as na amplidão,  
Umás se foram em forma de prudência,  
Outras, de esperança para o coração.

Os mansos olhando o firmamento,  
Na certa hão de vê-las,  
E quando elas frutificarem  
Fartura, paz, justiça, alento,  
Poderão melhor compreende-las.

Quando minha missão tiver cumprida,  
Mostrar-TE-ei os talentos recebidos.  
Quero multiplica-los, enobrecendo a vida,  
Jamais vê-los dispersos, divididos.

Juazeiro do Norte, dez/1985.

# CRATO ANTIGO

Eu hoje senti saudade  
Da minha terra querida  
Lá onde fiz amizade  
Onde vivi minha vida  
Saudade de sua lua  
Saudade da minha rua  
Saudade de tudo enfim  
Saudade do clima quente  
Saudade daquela gente  
Que já faz parte de mim

Senti saudade do Crato  
Da cidade onde nasci  
Lugar feliz e pacato  
Coração do Cariri  
Senti saudade das feiras  
Da rua das Laranjeiras  
De sua água gostosa  
Que minha sede não mata  
Da rua Rabo da Gata  
Também da rua Formosa

Eu recordo calmamente  
Enquanto o verso rabisco  
Da Capelinha da gente  
Do meu santo São Francisco  
Onde aos domingos eu ia  
Com muita fé e alegria  
Onde com gosto rezava  
Pedindo felicidade  
Eu até sinto saudade  
Daquela esmola que eu dava

Esta saudade não cala  
Conversa com a minha dor  
Recordo a rua da Vala  
Ladeira do Matador  
E no tempo de menino  
O açude de "seu" Lino  
Onde ia a meninada  
Saudade "dêste tamanho"  
Saudade também do banho  
Lá no Pôço da Escada

Saudade do Crato amigo  
De um tempo que não mais vem  
Saudade do Crato antigo  
Que inda hoje quero bem  
Daquela Crato pequeno  
Saudade do "Mais ou Menos"  
Onde bebia cachaça  
Saudade de Joaquim Prêto  
Que vigiava o corêto  
Localizado na Praça



Do ébrio Zé das Canetas  
Cantando pelas serestas  
Saudade mil das retretas  
Que para mim eram festas  
Que tempo fenomenal  
Da Banda Municipal  
Perfilada e harmoniosa  
Que há tempos foi batizada  
E ainda hoje chamada  
Como "BANDA FURIOSA"

Que tempo bom do passado  
Daquele Crato risonho  
Do meu Crato sem pecado  
Tudo era amor, era sonho  
Daquele Crato feliz  
Que no Quadro da Matriz  
A gente ouvia sermão  
Ai como eu sinto saudade  
Daquele tempo em que o frade  
Ganhava mais atenção

Saudade da luz escura  
Do poste feito de trilho  
Da feira da rapadura  
Das velhas vendendo milho  
Do "papagaio" da "raia"  
Do carro de Pedro Maia  
Das moedas de derréis  
Dos dramas lá do Cassino  
Quando eu era menino  
E xingava "Seu Moisés"

Saudade do Futebol  
Sem ajuda e bem precário  
Do tempo do "Penarol"  
No campo do Seminário  
Que a gente com jogo e briga  
Bola feita de bexiga  
Fazia time excelente  
Não tinha juiz nem mestre  
Na "Vazante dos Silvestre"  
Fazia o campo da gente

O brilhar dos pirilampos  
Sentindo as noites escuras  
Na praça Siqueira Campos  
Faziam luz com ternuras  
Que prazer a gente tinha  
Nas "voltas" lá na pracinha  
Todo o passado restauro  
Da mijada escondida  
Quando vinha da avenida  
No "Bêco do Padre Lauro"

A festa da Padroeira  
Que calor de animação  
O levantar da bandeira  
O concorrido leilão  
Oh! quanto sinto saudade  
Daquela rivalidade  
No meio das brincadeiras  
Tudo tinha mais valor  
Eu até toquei tambor  
No bloco das "Enfermeiras"

E meditando hoje fico  
Relembrando com emoção  
Bar Central de Zé Eurico  
Ponto de reunião  
Café, merenda e bilhar  
Onde ficava a esperar  
Muita gente como o quê  
Para ouvir, num dia tal  
No rádio do Bar Central  
Notícias da B. B. C.

E continuo a lembrar  
As coisas que muito amei  
O velho Grupo Escolar  
Onde primeiro estudei  
Dona Áurea, impertinente  
Brigava muito com a gente  
Apesar de zeladora  
Gostava de Dona Cila  
Mas temia Dona Lila  
A mais dura diretora

E tudo vem de mansinho  
Para escrever no papel  
Sanfoneiro Zé Nequinho  
Lá no "Café de IZABEL"  
Mestre Neco fogueteiro  
No Cariri o primeiro  
No meu tempo de menino  
Como eu achava isso bom  
Tempo em que CLETO MILFONT  
Discursava no Cassino

A relembrar me demoro  
A minha terra natal  
Recordo "Seu Deodoro"  
Festas do Bar Ideal  
Onde aprendi a dançar  
Onde tentava fumar  
Me engasgando com fumaça  
Bebendo cerveja quente  
Onde provei aguardente  
Onde dançava de graça

Com a lembrança já fraca  
Tento encurtar a distância  
Relembro o "Fundo da MACA",  
Onde, vivi minha infância  
Tinha lá, no quarteirão  
A Usina de Algodão  
Tomando a rua, o formato  
Fundo da Maca, divina  
Onde o apito da Usina  
Marcava as horas do Crato

A Ponte da Batateira  
A Ladeira da Matança  
Motivo de brincadeira  
No meu tempo de criança  
Relembro as ruas de outrora  
Com outros nomes agora  
(Não sei porque esta falha)  
Rua da Cruz, na estrada  
Rua da Pedra Lavrada  
Rua do Fôgo e da Palha

Vou me lembrando de tudo  
Do meu tempo de menino  
"Estevo", "Mané Buchudo"  
"Gato" "Puliça" e "Josino"  
Todos gostavam do "gole"  
"Chico da Luz", "Mané Mole"  
O bloco dos "Deodatos"  
Tinha repentes com graça  
Quando bebiam cachaça  
Pelas bodegas do Crato

Oh! como sinto saudade  
Daquele Crato atrasado  
Cheio de felicidade  
De Cabaçal e Reisado  
Me lembro quando à tardinha  
Eu ia olhar a "lapinha"  
Que tinha lá no "Pimenta"  
Jesus a mula e o boi  
Na arte de dona Enoi  
Que o Crato ainda comenta

Também ficou na história  
Os testes de sabatina  
A trôco de palmatória  
Batendo em muita mão fina  
E muita gente aprendeu  
E nunca mais esqueceu  
O ABC do passado  
Dona Vicença Garrido  
Deixou o Crato instruído  
Naquele tempo atrasado

Bolo de Dona Maroca  
Brincadeira do "Chicão"  
O "figo" com tapioca  
Lá na Praça da Estação  
"Seu Hormínio", do cinema  
As comidas de "Canena"  
Servindo café amargo  
Gonzaga de Melo e o xote  
Senen tocando serrote  
E os bonecos de "seu Argo"

Tudo me vem de repente  
Vejo Zé Pinto ao Trombone  
Vejo Agenor, o "tenente"  
Abelha e o saxofone  
O mestre Chico Baião  
A bodega de Dão João  
Onde sentia leite  
O grande mestre Benício  
E o velho Joaquim Patrício  
Com seu tijolo de leite

Vejo o gordo João Toscano  
Cantando sem ter fadigas  
Tomando cana e cinzano  
Cantando modas antigas  
No programa raridade  
Lá na "Hora da Saudade"  
Que era uma maravilha  
Tudo ali era bem certo  
A voz de Vicente Terto  
A voz de Maria Emília

Me lembro da meninada  
Daquela turma todinha  
Que aperreava a coitada  
A pobre da "Baixeirinha"  
O cinturão de Tandor  
Bodega de Zé Honor  
Onde o prego era fiel  
Recordo a turma da praça  
Contando estória de caça:  
Mentiral do Mizael

E tudo me vem à mente  
Me provocando um sorriso  
Fortificando o repente  
Dando brilho ao improviso  
São boas recordações  
Momentos de emoções  
Do meu viver bem vivido  
Dentro em mim guardo o retrato  
De tudo que ví no Crato  
Este meu Crato querido

Com muita garra e audácia  
Tento descrever assim:  
Me recordo da Farmácia  
Do grande Dr. Rolim  
E tudo me vem bem perto  
O "Café de João Gualberto"  
À grande "Casa Abraão"  
As marchinhas de Audízio  
Quiosque de seu Anfrízio  
Lá na praça da estação

O velho Zeba, alfaiate!  
Ninguém esquece jamais  
Um general no combate  
Na luta dos carnavais  
Animava com bravura  
O Clube da Rapadura  
Quando eu era menino  
Meu velho pai, um gigante,  
Naquela luta incessante  
Ao lado de Balduino

A Pensão de Hermes Lucas  
A feiura de Ramiro  
Seu Sá e suas sinucas  
Fecho os olhos e admiro  
Embora nada mais tendo  
Inda hoje vou vivendo  
Pois me foi um tempo bom  
E agora é que alguém se assusta:  
A velha Maria Augusta  
Zé Alves e Odilon

De tantas coisas me lembro  
E a tudo dou importância  
E com saudade relembro  
Tudo que ví na infância  
Essas belezas do Crato  
Que com saudade retrato  
Não me saem da memória  
E esse peito bem meu  
É um verdadeiro museu  
Do que ficou na história

## JURAMENTO EM VERSOS

*Pedro Bandeira*

Prometo, no exercício  
das funções e de meu grau  
respeitar sempre os principios  
distinguindo o bom do mau.  
Principios de honestidade  
onde se vê a verdade  
patrocinando o Direito,  
realizando a justiça  
faz da razão uma missa,  
da vida um sermão bem feito.

Preservando os bons costumes  
serei escravo das normas  
sem ter rancor nem ciúmes  
nem medo de plataformas.  
Respeitarei a inocência  
curvado a Oniciência  
do grande Deus que é quem há de  
me dar força e me ajudar  
para eu nunca faltar  
à causa da humanidade.

Prometo sentir saudade  
depois deste juramento,  
fruto do meu sentimento  
convertido em lealdade.  
Adeus toda Faculdade  
do continuo ao Diretor.  
Sessenta meses de amor,  
cinco anos, dez semestres.  
Jesus abençoe os mestres  
que me fizeram doutor.

Este poema está encaixado no convite da turma que cola grau neste Julho, na Faculdade de Direito do Crato.

## **Algumas Considerações Relativas à Catequese dos Brancos no Brasil Colonial**

### **Segundo as Cartas dos Padres da Companhia de Jesus ( 1549-1568 )**

Em 1549, com a chegada do primeiro Governador Geral Tomé de Souza, instala-se no Brasil o "sistema" de Governos Gerais. Entre as muitas funções a ele atribuídas, a metrópole, através dos "Regimentos", deixa transparecer claramente a preocupação do monarca D. João III relativas ao problema religioso na sua colônia. Diz o documento: "Porque a principal razão que me moveu a mandar povoar as ditas terras do Brasil, foi para que a gente delas se convertesse à nossa santa fé católica" (1).

"A gente das ditas terras do Brasil" era, nesta época, composta por três raças diferentes: os índios, os negros escravos trazidos da África e, os brancos portugueses.

Contudo, até aquela data, sob o ponto de vista religioso, esta "gente" vivia praticamente ao abandono. Na verdade, o clero secular então existente na colônia, pouco se interessava com o assunto. Além de reduzido, trilhava ele uma vida irregular nada conforme às exigências de seus ministérios (2). Nestes termos, imperavam na colônia o roubo, a poligamia, a concubinação, vícios e desrespeitos de toda ordem aos quais frequentemente se referem as cartas dos primeiros Jesuítas (3).

É neste quadro de abandono religioso em que vivia a colônia que em 1549 também chegam os Padres da Companhia de Jesus. O problema chama a atenção destes missionários e, seus escritos, revelam a surpresa diante do fato.

Como instituição fundamentalmente criada para a propagação dos princípios e valores da moral católica, empreendem eles um trabalho de evangelização junto aos índios, aos negros e aos brancos, cujo objetivo outro não era senão a reconstrução dos costumes segundo estes princípios e estes valores.

Embora endereçada a todos, consideraremos neste artigo apenas alguns aspectos da obra de evangelização que estes missionários desenvolveram junto aos colonos brancos. Tais considerações se limitam ao período 1549-1568. Limitamo-nos a este período porque é do nosso interesse analisarmos o assunto à luz das próprias cartas produzidas pelos Padres Jesuítas durante este período.

Em termos históricos, a evangelização dos colonos brancos do Brasil pelos Jesuitas tem seu início antes mesmo do desembarque deles na colônia. Com efeito, segundo escreve o Padre Manuel da Nóbrega em sua primeira carta enviada aos 10 de abril de 1549 a Portugal, na armada em que viajavam ele e seus confrades se deram ao cuidado de confessar todos os que se destinavam ao Brasil. "Confessa-se toda a gente da armada, escreve Nóbrega já na Bahia, porque a que vinha nos outros navios determinamos de os confessar na nau" (4). É a obra de evangelização dos brancos que tem seu início antes dos inicianos tocarem o solo colonial.

Nesta mesma correspondência, Nóbrega informa que tão logo desembarcaram iniciam os Padres da Companhia seus trabalhos de catequese junto a estes colonos: "Eu prego ao Governador e à sua gente... o Padre Navarro à gente da terra (os índios)... e o Irmão Vicente Rijo (Rodrigues) ensina a doutrina aos meninos cada dia" (5).

A partir deste texto podemos já identificar dois mecanismos utilizados no Brasil pelos Jesuitas tendo em vista a catequese dos brancos: o púlpito (pregação) e a escola (ensino).

Dentro do discurso da Companhia, no Brasil, estes dois mecanismos sempre caminharam harmonicamente integrados. Onde os inicianos instalam uma escola eles constroem uma igreja; onde eles implantam uma missão, aí edificam uma instituição escolar. Evangelho e escola, ensino e pregação evangélica são assim mecanismos de uma ação integrada onde o valor maior é a difusão da Fé.

Em termos essencialmente pastorais, promovem os Jesuitas a evangelização dos brancos indo aos hospitais, visitando as prisões, percorrendo os engenhos, indo às cidades, vilas e povoados, instalando Confrarias, pregando nas igrejas, administrando os Sacramentos e utilizando as missões volantes (6).

Trata-se de uma mensagem evangélica onde a pregação, o ensino, o conselho e a advertência ocupam largo espaço. Contudo, quando estes procedimentos se revelam ineficazes, não hesitam os missionários em utilizar penalidades severas como, por exemplo, impedir o ingresso de muitos colonos brancos às igrejas (7) ou proclamá-los "separados da comunhão da Igreja" (8).

Em termos estritamente pedagógicos, a escola como veículo integrado à catequese constitui igualmente uma arma posta à serviço desta evangelização. E, neste particular, quer nos parecer que os Padres da Companhia sabedores das resistências dos adultos à transformação moral de seus costumes, lançam mão de uma estratégia que produziu bons resultados: a doutrinação da juventude. Em outras palavras, trata-se de alcançar a reforma dos costumes a partir de elementos ainda não completamente contaminados pelos adultos. Condições que não cabem aqui discutir,

favoreceram a eficácia desta estratégia nela depositando os Jesuitas as esperanças de transformação moral da colônia (9).

A catequese dos brancos se processa igualmente dentro dos aldeamentos indígenas, instituições coordenadas pelos Padres da Companhia. Com efeito, dizem as cartas, por ocasião dos "jubileus" solenemente celebrados no seio destas instituições, os colonos brancos aí se encontram à convite especial dos Jesuitas (10). Nestas oportunidades, evidentemente, a mensagem evangélica chega também aos colonos brancos e, segundo as mesmas cartas, alguns deles auxiliam os Jesuitas pregando aos índios.

Todavia, a partir de 1567, a ação pastoral dos Padres da Companhia junto a estes colonos é reduzida. Em carta endereçada ao Visitador Inácio de Azevedo, enviado ao Brasil, o Superior Geral Padre Francisco de Borja comunica: "Desobrigue-se a Companhia de todos os encargos das almas, nas igrejas, nos hospitais, nas Confrarias... e, claramente se diga aos Bispos e ordinários que por aí residem que saibam compreender que tais encargos não é da nossa competência" (11). Em outra carta, do mesmo ano e enviada ao mesmo Visitador, o Superior Geral volta ao assunto lembrando que os Padres da Companhia devem se abster de atividades pastorais junto aos brancos até mesmo aquelas relacionadas à administração dos Sacramentos do Batismo (12) ou do Matrimônio (13).

Esta diretriz do Superior Geral vem reforçada através das "Resoluções" deixadas pelo Visitador aos Padres Jesuitas do Brasil. Determina o Visitador que nas cidades, nas igrejas, nas paróquias ou povoações onde padres seculares exercem seus ministérios os da Companhia devem se abster dos mesmos ministérios (14).

Que razões levaram os Superiores maiores dos Jesuitas a tais restrições? Somos de parecer que três motivos se encontram na base deste problema. Em primeiro lugar, o interesse dos Superiores em fazer respeitar o regime religioso metropolitano então em vigor na colônia. Por este regime, a catequese dos brancos era da competência dos padres seculares, cabendo aos Jesuitas particularmente a catequese indígena. Em segundo lugar, este direcionamento dado à ação evangelizadora dos Jesuitas do Brasil (o cuidado especial dos índios), vem expresso implicitamente no próprio texto dos "Regimentos" de Tomé de Souza, antes referidos. Em terceiro lugar, se poucos eram os Padres da Companhia para atenderem aos índios, conclui-se que o atendimento aos brancos constituía uma pulverização do programa básico que lhes era confiado pela metrópole. Podemos ainda associar a estas razões um provável interesse dos Superiores da Companhia em delimitar claramente o raio de ação de seus missionários na colônia. Sobre o assunto, lembra o historiador Serafim Leite que ao Brasil os Jesuitas não foram enviados aos brancos, mas particularmente enviados para exercerem seus trabalhos junto



aos indígenas (15).

Evidentemente, malgrado as diretrizes dos Superiores maiores e o regime metropolitano em vigor, o estado de abandono em que viviam os colonos brancos em matéria de catequese justificava o programa que junto a eles desenvolveram os Padres da Companhia.

Nesta obra de evangelização vale lembrar que se de um lado alguns colonos constituíram sérios obstáculos aos Jesuítas (e não só estes colonos, como o próprio clero secular, da época), outros prestaram ajuda substancial. Entre os colaboradores diretos desta obra, as cartas citam, por exemplo, o nome dos colonos Gonçalo Alvares (16), Martim Afonso Tibiriça (17), Caramuru (18), Simão da Gama (19), os Governadores Tomé de Souza (20), Duarte da Costa (21) e Mem de Sá (22). A este apoio, soma-se aquele dos Reis de Portugal, D. João III, D. Catarina e D. Sebastião que governaram o país durante o período histórico considerado neste estudo.

Estes são alguns dos aspectos que desejávamos evidenciar concernentes à catequese dos brancos, no Brasil, realizada pelos Padres da Companhia de Jesus.

#### NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Passagem dos "Regimentos" do Governador Tomé de Souza, citados por Serafim Leite — *Monumenta Brasiliae*, vol. I, Via dei Penitenzieri, Roma, 1956, p. 5.
- (2) Sobre o assunto, ver *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. I, p. 270, 285, 290, 454; Vol. II, São Paulo, 1954, p. 214, 230; Vol. IV, Roma, 1960, p. 415.
- (3) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. I, p. 119, 285, 290, 371, 438.
- (4) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. I, p. 110.
- (5) Idem, idem.
- (6) Sobre estas atividades ver *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. I, p. 110, 120, 185; Vol. II, p. 238, 436; Vol. III, Roma, 1958, p. 566 e Vol. IV, p. 72, 78, 312, 422.
- (7) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. I, p. 120.
- (8) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. II, p. 116; ver também Vol. I, p. 120, 121.
- (9) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. I, p. 181, 268; Vol. II, p. 121, 133, 147, 365, 432.
- (10) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. II, p. 62; Vol. III, p. 419; Vol. IV, p. 58.
- (11) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. IV, p. 378.
- (12) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. IV, p. 380.
- (13) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. IV, p. 488.
- (14) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. IV, p. 378.

- (15) Serafim Leite — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Instituto Nacional do Livro (Rio de Janeiro) e Livraria Portugália (Lisboa), 1943, Tomo II, Volume II, p. 253.
- (16) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. III, p. 454.
- (17) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. I, p. 204.
- (18) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. III, p. 550, 551, 555, 556.
- (19) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. I, p. 409.
- (20) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. IV, p. 84.
- (21) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. I, p. 115, 196, 198, 264, 351, 457.
- (22) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. II, p. 218, 268.
- (23) *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. III, p. 51, 431.
- (24) Sobre o apoio destas autoridades políticas de Portugal e da colônia ver *Monumenta Brasiliae*, opus cit. Vol. I, p. 423; Vol. II, p. 37, 57, 153, 358, 423; Vol. III, p. 517-518; Vol. IV, p. 101-102, 449.

---

Aécio Feitosa. Professor Adjunto da Universidade Federal e da Universidade Estadual do Ceará. Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica, 1984).

---

## “Instituto Cultural do Vale Caririense” Comemorou Aniversário

No dia 22 de Setembro de 1985 foram comemorados os 11 anos do Instituto Cultural do Vale Caririense. Trabalhos presididos por Dr. Antonio Renato Casemiro, e na mesa estiveram Ilda Ribeiro de Souza, ex-cangaceira do Grupo de Lampião, que fez o lançamento do seu livro — CANGACEIRA DE LAMPIÃO — Dr. Manoel Lacerda, D. Eneida de Figueiredo Araripe, Pedro Bandeira de Caldas e o Presidente do ICC, J. Lindemberg de Aquino.

Foram lançados 3 livros — SILA, CANGACEIRA DE LAMPIÃO, de D. Ilda Ribeiro de Sousa (apresentadores, Raimundo Araujo e Aldenor Benevides) UM VERNACULISTA E UM POETA, de Joaryvar Macedo, apresentado por Manoel Lacerda, e 50 ANOS DE SAUDADE, de Pedro Bandeira, apresentado pelo Autor e Renato Casemiro.

D. Eneida Araripe leu sua tese de Mestrado sobre a decadência da indústria rapadureira caririense.

Houve, ainda, uma série de comemorações festivas, assinalando a passagem do grato evento.

# NATAL: Convite ao Desarmamento...

*Sarah Cabral*

Nasceu o "Príncipe da Paz".

Na luz de uma estrela, ontem  
um rumo a seguir.  
Na luz de um cometa, hoje,  
uma decisão a tomar.

Ontem, como hoje,  
o mundo aspirava  
libertação,  
ordem, justiça e  
respeito entre as nações.

Entre Roma e Genebra,  
dois mil anos separam os povos  
que, agora, se unem  
num só pedido:  
d e s a r m a m e n t o !

"Embainha tua espada, Pedro"  
e, em linguagem moderna,  
diria ainda o Mestre:  
"violência gera violência"!

Quando APENAS DOIS  
se reúnem para decidir  
o destino de bilhões,  
eis um mundo esvasiado de valores!

Onde, os outros?

"Levanta-te Sião,  
reveste-te de tua força!"

Jerusalém, levanta,  
desata a cadeia do teu pescoço"!

Hoje, o grito é o mesmo,  
o mesmo anseio  
por uma força que desarme,  
por um desarmamento que liberte!

Uma voz se levanta, forte!  
Um novo Pedro,  
lição aprendida,  
missão a cumprir,  
surge recomendando  
que se embainhem as espadas!

Ao pé do presépio,  
hoje,  
a oração é de Fé,  
de Esperança, mas,  
de "cobrança" também,  
a este menino,  
Grande Rei dos povos:

Do presépio ao Calvário,  
Tu prometeste presença  
até a consumação dos tempos

"Pai do futuro século",  
faz presença neste momento  
de decisões e  
prepara o século que vem!

"Anjo do Grande Conselho",  
vai a Genebra  
e participa da cúpula  
que ora decide  
os destinos da humanidade!

Vai, tira a arma  
da mão do homem!  
desarma os espíritos e as mentes  
e prepara este homem  
para entender o novo mundo,  
neste limiar de uma nova era!

Agora, tu, homem  
para o século que vem,  
cumpre também tua tarefa!  
Promove, em ti mesmo  
um desarmamento total,  
e sê livre  
para entender, nos outros,  
as intenções,  
os comportamentos!

Que "desarmamento",  
palavra de ordem  
na consciência dos povos,  
seja, hoje e sempre,  
nas pessoas e nas nações,  
sinónimo de:

esperança,  
segurança,  
vida,  
amor,  
PAZ!

# TENTATIVA DE MIGRAÇÃO

---

Chuvvas chuvendo,  
rios sêcos correndo,  
açúdes enchendo,  
milho e feijão nascendo,  
gado engordando.

Mesmo assim,  
tentei migrar.  
E rumo oeste seguí  
— qual novo pioneiro —  
comigo levando :

— sonhos,  
— esperanças.

Alcancei Goiás.  
E por Goiás perlustando,  
a procura de um sitio pra ficar,  
encontrei :

terras férteis,  
promissoras,  
apascentadas,  
com grandes áreas lavradas,  
de grãos semeados  
e gente cortez acolhendo.

e dei com  
artistas plásticos,  
jornalistas,  
cratenses já goianos,  
companheiros rotarianos,  
governo governando.

Passei por boiadas de miles bois,  
rios correndo sem nunca estancar,  
árvores altas,  
de centenas de anos,  
copadas,  
verdes.

E tudo isto me encantou.

Mas,  
como o destino do nordestino  
é vaguear,  
perambular,  
indo e voltando,  
voltando e indo,

logo a saudade me assaltou,  
a vontade de tornar  
me assediou.

Vencido,  
regressei,  
ao Cariri cheguei

e  
daqui,  
não sairei,  
nem no último "pau-de-arara".

Cra-Ju-Bar, 15 - 06 - 86

*Jefferson de Albuquerque*

# Banco do Brasil :

## 50 Anos em Crato

Sintetizar o que representa o Banco do Brasil, que completa 50 anos em Crato, no dia 1º de Setembro de 1986, é, positivamente, muito difícil.

Um Banco voltado para o desenvolvimento.

Um Banco que ajudou o comércio, a indústria, que se fez presente em todas as Exposições do Crato, até agora, que estimulou a pecuária, que estimulou as empresas.

Um Banco com atuação marcante, com seus funcionários, durante meio século, trabalhando pela cidade e pela região, participando de entidades e instituições, lutando lado a lado com o povo cratense e caririense, pelo progresso.

Um Banco cuja filosofia de ação jamais mudou, e que hoje se volta também para a Micro-Empresa, sistematizando sua política de atuação na zona rural, através dos Conselhos de Desenvolvimento Comunitário.

Banco do Brasil — o Banco de todos.

Do dia a dia, de cada momento, de cada hora.

Eis uma ligeira síntese do Banco do Brasil em Crato, em 50 anos de vivência em nossa cidade, preparada por Jéfferson de Albuquerque e pelo Gerente Bartolomeu Siqueira de Araujo.

Ressaltem-se, como fatos históricos, que a vinda do BE para o Crato se deveu aos esforços da Associação Comercial, cujo Presidente, na época, era o Dr. Antonio Fernandes Teles.

O primeiro cheque foi emitido por Dom Francisco de Assis Pires, Bispo Docesano do Crato. Era o início de uma longa jornada. Que vem até hoje.

# História de um Grande Banco

Em 31 de agosto de 1936, na zona sul do Ceará havia uma só agência bancária — Banco do Cariri S.A. Na época, recebimentos e pagamentos através do Banco do Brasil S.A. eram feitos pelo seu correspondente, em Crato, pela sociedade comercial ALVES TEIXEIRA & Filhos.

No dia primeiro de setembro daquele ano, então, foi instalada em Crato a segunda agência do Banco do Brasil no Ceará. Com a inauguração desta agência pode-se afirmar começou novo tempo não só para o Cariri, como para mais 34 municípios: Fronteiras, Picos e Pio Nono (Piauí); Araripina, Bodocó, Exú, Granito, Ipubí e Ouricuri (Pe); Altaneira, Araripe, Assaré, Aurora, Barro, Barbalha, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaguá, Cedro, Iara, Jardim, Jatí, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Penaforte, Porteiras, Potengi, e Santana do Cariri (Ce).

No dia da instalação da agência de Crato, governava o Ceará o Cel. Felipe Moreira Lima. O Banco do Brasil S.A. era presidido por Leonardo Truda. O inspetor regional, José Arraes de Alencar.

Os primeiros funcionários da agência foram: FERNANDO COSTA SOUZA (gerente), Moysés Augusto Santa Maria (contador), Adauto Miranda (caixa), Tomé Cabral dos Santos (escriturário) e Luiz Matos Franca (contínuo).

Em 1937, continuava a agência com 6 funcionários: Francisco Assis Rodrigues (2º Gerente), Moysés Augusto Santa Maria (1º contador), Adauto Miranda (1º Caixa), Hélio Caluosi River Cardoso (2º caixa), Tomé Cabral dos Santos e Mozart Gomes Rolim (escriturários).

Em 1965, com o desenvolvimento das transações bancárias da agência, esta contava com 152 funcionários. Depois, começou o desmembramento do território dela e o número de funcionários baixou para 78. Hoje, com a sua jurisdição reduzida aos municípios de Crato e Nova Olinda, tem, apenas 64.

Durante os seus 50 anos de atividades, a Agência do Crato teve 16 gerentes: Fernando Costa Souza, Francisco de Assis Rodrigues, José Bonifácio de Souza, Flávio Valente Pinheiro, Tomé Cabral dos Santos, Moacyr de Araújo Mota, José Esmeraldo Barreto, Amarílio Gonçalves Tavares, Antonio Levi Epitácio, Carlos Alberto de Moura Pernambuco, Inspetor Eduardo Rodrigues Duarte, Henrique Martins Durans, José Maurício de Oliveira Lima, Pedro Ivo de Oliveira, Benedito Fernandes Portela e Bartolomeu Siqueira de Araújo (este o atual gerente).

A agência funcionou, primeiro, no prédio sito na Praça Siqueira Campos, depois, na Praça Juarez Távora e, agora, no edifício de 5 andares na rua Bárbara de Alencar.

50 Anos  
de  
atuação no Crato  
1936-1986

*Meio século ajudando a Região do Cariri, no seu processo de desenvolvimento econômico.*

*Meio século ajudando ao Crato a se projetar e a se firmar como polo de progresso.*

*É uma vida toda!*

*Por isso ele está a merecer a gratidão, as homenagens e o reconhecimento desta comunidade a que tem servido como instrumento maior na construção do seu futuro.*

*Trabalho que continua.*

*Sem interrupção. Sem canseiras.*

*Sempre com a vista e o pensamento voltados para o alto.*

*Vencendo sempre.*



**BANCO DO BRASIL S. A.**  
O País conta com esta força.



# Í N D I C E

Meio Século em Impressos . . . . .	2
<b>EDITORIAL</b> . . . . .	<b>3</b>
Correspondência Recebida . . . . .	4
Teatro cearense perde Waldemar Garcia . . . . .	5
Mons. Edmilson fala sobre ITAYTERA . . . . .	7
Pe. Francisco Limeira (Notas biográficas) . . . . .	8
Governo cria incentivos para investimentos . . . . .	9
Genealogia de parte da Família Arraes . . . . .	13
Origens e Fundação da cidade de Milagres . . . . .	47
Um Abolicionista do Cariri . . . . .	61
Antonio Duarte Junior . . . . .	62
Os Desequilíbrios Regionais e seus Efeitos sobre a Economia Nordestina . . . . .	69
Centenário do Cel. João Augusto . . . . .	73
Zuleika Pequeno de Figueiredo . . . . .	77
A Guarda Nacional . . . . .	81
Jonathas Serrano, um mestre . . . . .	87
Revista Itaytera, ressonância nacional . . . . .	93
Aderson Siebra: outro poeta bissexto . . . . .	97
O Sangue do Caramuru no Cariri Cearense . . . . .	111
As Memórias de José de Alencar Bezerra . . . . .	123
Dandinha Vilar (Sonetos) . . . . .	127
Cinquentenário da Igreja do Rosário . . . . .	133
As Origens de Mauriti . . . . .	137
Ação, Reação, Transação . . . . .	147
Um Eminente Vulto Esquecido no Crato . . . . .	154
Pe. Miguel Coelho — Notas biográficas . . . . .	159
Calou-se o "Sabiá" Piononense . . . . .	161
Índios Cariris . . . . .	167
As Surpresas do Crato . . . . .	171
Uma longa existência plena de realidades . . . . .	175
Pe. David Moreira . . . . .	179
<b>CRATO ANTIGO.</b> . . . .	<b>191</b>
Algumas Considerações Relativas à Catequese dos Brancos no Brasil Colonial . . . . .	196
Natal: Convite ao Desarmamento . . . . .	201
Tentativa de Migração . . . . .	202
Banco do Brasil: 50 anos em Crato . . . . .	203



Comércio de Veículos Crajubar S/A

Premiada 3 vezes consecutivas com a Distingção  
Empresarial — da FORD DO BRASIL S. A.

Veículos novos e usados  
com os melhores preços  
e  
COM MUITO MAIS FACILIDADES

---

Venha visitar os nossos stands e conhecer  
toda a consagrada Linha FORD

---

**AVENIDA PADRE CÍCERO, Km. 2 — (Triângulo)**

TELEFONES : 511-1824  
511-1543  
511-1444

---

TELEGRAMA : "CRAJUBAR"

JUAZEIRO DO NORTE

— CEARÁ

# Banco Industrial e Comercial S.A.

---

O BANCO AMIGO QUE NASCEU NO CARIRI  
PARA SERVIR AO CARIRI, AO CEARÁ E AO BRASIL



Resolva todos os seus negócios bancários e todos  
os seus pagamentos pelo BIC — e conte com a  
certeza de excelente atendimento e mais — rapidez,  
eficiência e pontualidade



## **BIC** - o BANCO onde tudo é mais fácil

---

AGÊNCIA EM CRATO:

RUA BARBARA DE ALENCAR Nº 836/844



FONES: 521-0244 — 521-2550 — 521-2455

C R A T O

—

C E A R Á